

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

LARISSA IONE

LORDS OF  DELIVERANCE

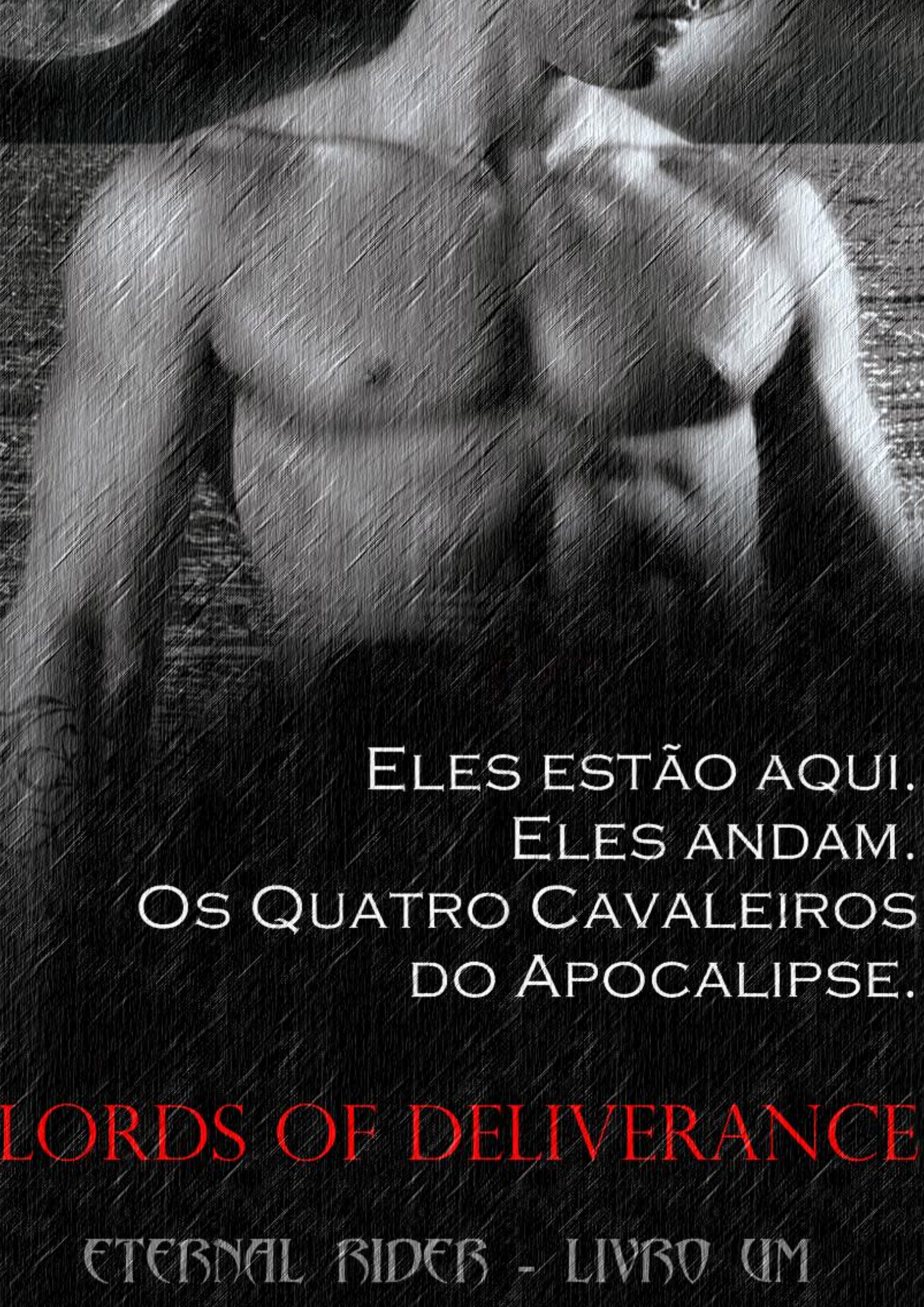
ETERNAL RIDER



ETERNAL RIDER



LARISSA IONE



ELES ESTÃO AQUI.
ELES ANDAM.
OS QUATRO CAVALEIROS
DO APOCALIPSE.

LORDS OF DELIVERANCE

ETERNAL RIDER - LIVRO UM

SINOPSE:

O nome dele é Ares, e o destino da humanidade repousa sobre seus poderosos ombros. Se ele cair nas forças do mal, o mundo cai junto. Como um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, ele é muito mais forte do que qualquer mortal, mas nem mesmo ele pode lutar para sempre contra seu destino. Não quando seu próprio irmão trama contra ele.

No entanto, há uma última esperança. Dotada de uma qualidade que outros seres humanos não podem - ou não querem - entender, Cara Thornhart é a chave para a segurança deste cavaleiro e a sua desgraça. Mas envolver Cara vai se provar uma coisa traiçoeira, isso está além do enlouquecedor e perigoso desejo que se apodera deles no momento em que se encontram. Mas para deter a eterna escuridão, o preço poderia ser assombroso: a vida de Cara.

PROLOGO

Seu nome era Lilith, e ela era uma succubus má. Seu nome era Yenrieth, e ele era um anjo bom.

Depois de centenas de anos seduzindo humanos, Lilith ficou entediada. Então, voltou sua atenção para Yenrieth, o derradeiro desafio. Ele resistiu. Ela perseguiu. Ele resistiu um pouco mais. Isso continuou por décadas, até que o inevitável aconteceu. Ela era, afinal, bela, e ele gostava de seu vinho um pouco demais.

Ninguém sabe o que aconteceu com Yenrieth após a sua noite de paixão, mas nove meses depois, Lilith deu à luz quatro crianças, três meninos e uma menina. Ela os chamou de Reseph, Ares, Limos e Thanatos. Lilith manteve a menina, Limos, com ela em Sheoul, e plantou os machos no mundo humano, trocando-os pelos bebês de famílias ricas, poderosas.

Os meninos tornaram-se homens, nunca suspeitando da verdade sobre suas origens. Pelo menos, não até que demônios se levantassem, espalhando terror e procurando usar os filhos de Lilith contra os humanos. Limos escapou de Sheoul, encontrou seus irmãos, e revelou a verdade sobre sua ascendência.

A esta altura, os irmãos tinham visto suas terras e famílias destruídas por demônios, e, cegos pelo ódio e pela necessidade de vingança, as crianças de Lilith incentivaram (de forma manipuladora e à força, às vezes) humanos a ajudá-los a travar violentas e intermináveis batalhas contra as abominações do submundo.

Isto não foi bem recebido no reino celestial.

Zachariel, um anjo do Apocalipse, liderou uma legião de anjos para a Terra, onde eles se encontraram em batalha contra hordas de demônios. Quando a terra e as águas correram vermelhas de sangue, e os humanos não podiam mais sobreviver na terra envenenada, Zachariel fechou um acordo com o diabo.

As crianças de Lilith seriam punidas por lançar a humanidade à beira da perdição em sua tentativa egoísta de vingança. Porque tinham quase provocado o fim dos dias, eles foram declarados os guardiões do Armagedon. Defensores ou instigadores; a escolha cairia sobre seus ombros.

Cada um deles recebeu um Selo, e com cada Selo veio duas profecias. Se eles protegessem seus Selos de quebrar até que a profecia estabelecida pela Bíblia viesse a acontecer, eles iriam salvar suas almas – e a humanidade.

Mas se permitissem que os Selos fossem quebrados prematuramente, como escrito no Daemonica, a bíblia demônio, eles se

tornariam maus, e seriam para sempre conhecidos pelos nomes Peste, Guerra, Fome, e Morte.

E assim nasceram os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.



Seis Meses Atrás...

— Mmm... Eu amo a história de como você veio à existência. Não te dá arrepios quando ouve isso?

Ares, sentado no bar em um pub subterrâneo, tentou ignorar a fêmea atrás dele, mas o bico dos seios contra suas costas e o deslizar das mãos delicadas de sua cintura até suas coxas internas não eram fáceis de dessintonizar. Seu calor queimava direto através de sua armadura de couro duro.

— Yeah. Arrepios. — Algum idiota lia a legenda em voz alta da placa que estava pendurada na parede toda a vez que ele estava aqui... O que era frequentemente. A taverna, mantida em negócios principalmente por Ares e seus irmãos, era sua segunda casa, era até mesmo conhecida como os Quatro Cavaleiros, e, na maior parte, demônios machos derretiam para o segundo plano ou corriam para fora da porta traseira quando Ares chegava. Sábio. Ares desprezava

demônios, e isso combinado com o seu amor por uma boa luta, levava a... *Coisas ruins...* Para assecclas do inferno.

Mas o sexo oposto era um pouco mais corajoso - ou talvez mais excitado. Fêmeas demônios, metamorfos, lobis e vamps apareciam 24/7¹ na esperança de pôr suas mãos, patas, ou cascos em Ares e seus irmãos. Inferno, Ares não podia balançar o pau sem acertar uma. Normalmente, ele era um pouco mais receptivo a bebida, jogos de azar, e malícia em geral, mas alguma coisa não parecia certa hoje. Ele estava no limite. Inquieto.

Ele nunca estava assim.

Estava até mesmo em perigo de perder o jogo de xadrez que estava jogando com o rechonchudo barman rosado Oni, e Ares não tinha perdido qualquer jogo de estratégia em... Bem, nunca.

— Oh, Guerra. — A demônio Sora fêmea, Cetya, correu a língua ao longo do topo de sua orelha. — Você tem que saber que isso nos deixa quente.

— Meu nome — disse entre dentes, — é Ares. Você não quer estar por perto no dia em que eu me tornar Guerra. — Ele moveu sua torre, tomou metade de sua cerveja inglesa, e estava prestes a sinalizar por outra, quando a mão da fêmea caiu entre suas pernas.

¹Aqui se refere á 24 horas/7 dias da semana

— Eu ainda gosto mais de Guerra. — Sua voz era um trinado sedutor, seus dedos eram ágeis enquanto procuravam a abertura na sua virilha. — E Peste... Um nome tão sexy.

Apenas um demônio acharia que "Peste" era um tesão. Ares colocou a mão vermelha dela para longe. Ela era uma das companheiras de cama regulares de Reseph, uma das centenas de groupies dos Cavaleiros que se chamavam Megiddo Mount-me's². Elas até se classificavam de acordo com quem era seu Cavaleiro favorito; as groupies de Ares gostavam de serem chamadas Fomentadoras. *Fomentadoras da Guerra.*

O barman fez um movimento tolo com seu cavalo, e Ares escondeu um sorriso em sua caneca.

A fêmea, que parecia um diabo dos desenhos animados, traçou uma unha longa, negra sobre a tatuagem de garanhão no antebraço de Ares. — Eu amo isto.

O cavalo era tanto uma parte dele quanto seus órgãos, quer Batalha estivesse em sua pele ou debaixo dele, e Ares enrijeceu com a sensação de ambos, o braço e o couro cabeludo, sendo acariciados. Qualquer contato com o glifo enviava um choque de sensação para as partes correspondentes do corpo de Ares, o que podia ser uma verdadeira dor na bunda. Ou podia ser inapropriadamente agradável...

²Monte Megido, segundo a Bíblia, é o lugar onde vai acontecer a batalha do Armagedom

Ares girou sua caneca pelo comprimento do topo do bar e deslizou sua rainha em uma posição marcante. Triunfo cantou através dele, preenchendo aquele espaço em sua alma que estava sempre com fome de vitória. — Xeque-mate.

O barman amaldiçoou, Sora riu, e Ares ficou de pé. Com quase 2,10 metros de altura, ele diminuía a demônio, mas isso não a intimidou, e ela grudou todo o comprimento de seu corpo, de minissaia e regata, nele. Sua cauda açoitava o piso salpicado de feno, seus chifres negros rodavam como antenas parabólicas pontudas, e se o olhar dela ficasse mais quente suas bombachas³ iam ficar realmente desconfortáveis.

Ele desprezava a reação de seu corpo aos demônios, nunca tinha verdadeiramente se aquecido com fêmeas que não parecessem ser humanas, pelo menos.

Alguns rancores duravam toda a vida.

— Estou saindo daqui. — Apesar do golpe de xadrez, sua inquietação estava se tornando uma coceira debaixo de sua pele, da forma como fazia quando uma guerra global se intensificava. Ele precisava voltar à caça de uma ex-companheira de cama dele, uma demônio chamada Sin que tinha começado uma praga lobisomem - ou, *warg*, como gostavam de ser chamados. Ares e seus irmãos só recentemente determinaram que ela era a chave para uma profecia

³É uma peça de roupa, *uma calça curta e larga*, usada pelos gaúchos, e que teve origem com os samurais (Japão).

que, se viesse a acontecer, iria quebrar o Selo de Reseph e transformá-lo na verdadeira coisa que Cetya queria: Peste.

Sin tinha que morrer antes que uma guerra civil lobisomem eclodisse.

Incapaz de permanecer parado por mais tempo, ele lançou um marco⁴ Sheoulin de ouro ao barman de três olhos. — Uma rodada para a casa.

Com um aperto firme, ele desalojou a demônio-velcro e saiu a passos largos da taverna e para o perpétuo crepúsculo. Ar abafado, quente, que recendia a enxofre encheu seus pulmões, e suas botas afundaram no terreno esponjoso que definia a região do Rio-Seis de Sheoul, o reino demônio no núcleo da Terra.

Batalha se contorceu em sua pele, impaciente para correr.

— Saia. — Ares comandou, e um batimento cardíaco depois, a tatuagem em seu braço se tornou neblina, ampliando e solidificando em um gigante garanhão baio sangue. Batalha o cutucou com o nariz em cumprimento - ou, mais provavelmente, por cubos de açúcar.

— Você esqueceu isto.

Sempre pronto para viver de acordo com seu nome, Batalha mostrou os dentes para a Sora, que estava na porta da taverna, o rabo

⁴Marco é a antiga moeda usada pelos países latino-germânicos durante a idade média, pode ser de prata ou de ouro.

enrolado no cabo de uma adaga, que ela balançava de brincadeira. O convite descarado em seu sorriso sensual disse a ele que ela mesma arrancara a arma de Ares, mas ele sabia disso. Ele não deixava armas para trás.

É claro, ele nunca tinha armas levantadas, também. A fêmea era boa. Realmente boa. E mesmo que não fosse normalmente afim de demônios, tinha que admirar o seu talento. Nenhuma surpresa que Reseph gostasse tanto desta. Talvez Ares fizesse uma exceção à sua regra de *sem-demônios-que-parecem-demônios...*

Sorrindo largamente, ele começou a ir até ela... E parou subitamente.

Os cabelos na parte de trás do seu pescoço formigaram em advertência. Com um grito furioso, Batalha empinou-se, e de fora da floresta de árvores sombreadas um cão infernal do tamanho de um búfalo saltou através do ar. Ares olhou no lado esquerdo do animal, buscando - e não encontrando - a cicatriz irregular que teria identificado a criatura vil como uma que Ares vinha caçando por milhares de anos. Decepção o balançou ao mesmo tempo em que ele empurrou a Sora para fora do caminho, um movimento estúpido que quase o colocou entre mandíbulas estalando.

Ares e seus irmãos eram imortais, mas mordidas de cão infernal eram veneno para os Cavaleiros, provocando paralisia, e então o sofrimento *realmente* começava.

Ele mergulhou para o chão quando Batalha atacou com um casco poderoso, enganchando o outro animal nas costelas e enviando-o rolando para a porta da taverna. O cão se recuperou tão rapidamente que o golpe de Batalha poderia muito bem ter sido uma picada de *pulga*, e mirou a Sora, que se embaralhava para trás em suas mãos e joelhos. Seu terror era palpável, como pequenos chicotes na pele de Ares, e ele tinha uma sensação de que esta era a primeira experiência dela com um cão infernal.

Inferno, que jeito de ter *aquela* primeira vez.

— Hey! — *Distraia*. Rolando para seus pés, Ares sacou sua espada. *Provoque*. — Eu estou aqui, seu mestiço pedaço-de-merda. — *Termine*.

Antecipação brilhou nos olhos vermelhos do cão infernal quando ele se virou, se transformando em um borrão de tinta do mal. Ares encontrou-o de frente, com cento e trinta e cinco quilos de peso blindado por trás de seu golpe. O satisfatório ruído de aço encontrando osso rasgou o ar. Um tremor de impacto disparou acima dos braços de Ares, e um jato maciço de sangue esguichou do peito do cão.

Um rosnado de gelar o sangue saiu da garganta do cão quando ele lançou um contra-ataque surpreendentemente eficaz, batendo uma pata enorme no peito de Ares. Garras varreram seu *peitoral*, e ele voou para trás, parando em uma coluna de pedra de convocação. Sentiu a parte superior do seu corpo ficar dolorida, e em seguida, o cão infernal estava sobre ele, sua mandíbula a um milímetro da jugular de Ares.

Hálito fétido queimou os olhos de Ares, e saliva espumosa, pungente, gotejava em sua pele. As garras da besta dilaceraram sua armadura, e levou cada grama da força de Ares para impedir o cão de arrancar sua garganta. Mesmo com Batalha batendo no corpo do canino, a criatura fez o seu maldito melhor para obter um bocado de carne.

Tão duro quanto podia, Ares enfiou a espada na barriga do animal e empurrou a lâmina para cima. Enquanto a besta gritava de dor, Ares rolou, torceu, e trouxe a espada ao redor em um arco desajeitado.

Desajeitado ou não, o golpe cortou a cabeça do cão de seus ombros. A coisa caiu no chão, contorcendo-se, vapor assobiando de seu pescoço escancarado. O solo esponjoso bebeu o sangue antes que pudesse formar uma poça, e centenas de dentes enegrecidos brotaram da terra, prenderam no corpo do cão, e começaram a mastigar.

Batalha relinchou com diversão. O senso de humor do cavalo sempre estivera empoleirado na força com os corvos.

Antes que a terra pudesse reivindicar a besta, Ares limpou a lâmina em seu pelo, agradecendo repetidas vezes a quem quer que estivesse ouvindo que o cão não o tivesse mordido. O horror de uma mordida era interminável - a paralisação não impedia a dor... Ou a capacidade de gritar. Ares sabia disso em primeira mão.

Ele franziu o cenho quando um pensamento se formou. Os caninos vis eram predadores, assassinos, mas eles geralmente caçavam em bandos, então por que este estava sozinho?

O que estava acontecendo?

Ares olhou de relance para a porta da taverna. Sora desaparecera, estava provavelmente disparando tiros de demonfire⁵ no bar, e hey, não era bom que ninguém se incomodara em sair e ajudar. Mas, novamente, nenhum demônio em seu juízo perfeito voluntariamente se enroscaria com um cão infernal, sem importar quanto amor que ele tivesse pelo combate – e a maioria dos demônios *amava* combater.

Luz piscou, e a vinte metros de distância em um bosque de árvores negras, retorcidas, um Harrowgate convocado tremeluziu à existência. Harrowgates normais eram portais permanentes através dos quais as criaturas do submundo poderiam viajar, mas os Cavaleiros tinham a capacidade de convocá-los à vontade, o que facilitava ataques surpresa e fugas rápidas.

Ares embainhou sua espada quando Thanatos emergiu, lançando sombras ameaçadoras onde não deveria haver nenhuma. Ambos, ele e sua pálida montaria parda, Styx, pingavam sangue coagulado, e as narinas do garanhão borbulhavam com sangue.

⁵demon=demônio/ fire=fogo.demonfire=fogo de demônio.

Não era uma visão incomum, mas o timing era coincidência demais, e Ares amaldiçoou enquanto se balançava para cima de Batalha. — O que aconteceu?

A expressão de Thanatos escureceu quando assimilou o animal morto. — A mesma coisa que aconteceu com você, aparentemente.

— Você ouviu falar de Reseph ou Limos?

Os olhos amarelos de Thanatos faiscaram. — Eu estava esperando que eles estivessem aqui.

Ares lançou sua mão, moldando um Harrowgate. — Eu vou para Reseph. Você checa Limos. — Ele não esperou a resposta de seu irmão. Ele esporou Batalha pelo portão, e o cavalo de guerra saltou seus grandes cascos descendo em uma plataforma rochosa que tinha sido polida por séculos de vento forte e tempestades de gelo.

Este era o refúgio de Reseph no Himalaia, um labirinto gigante de cavernas esculpidas profundamente nas montanhas e invisíveis aos olhos humanos. Ares desmontou em um movimento suave, suas botas atingiram a pedra com rachaduras gêmeas que ecoavam infinitamente no ar rarefeito.

— Para mim.

Instantaneamente, o cavalo de guerra se dissolveu em uma nuvem de fumaça, que torceu e se estreitou em uma gavinha que

envolveu a mão de Ares e se instalou em seu antebraço na forma marrom-acinzentada de uma tatuagem de cavalo.

Ares invadiu a entrada da caverna, e não tinha dado uma dúzia de passos quando uma corrente elétrica de alarme de 10 mil volts disparou acima de sua espinha.

Hora de dançar.

Ele já estava a toda velocidade quando sacou a espada, o som metálico da lâmina limpando sua bainha como o sussurro de uma amante durante as preliminares. Não importava que ele tivesse acabado de se envolver com um inimigo; ele amava uma boa batalha, ansiava a liberação da tensão que o atingia com a força de um orgasmo de corpo inteiro, e ele há muito decidira que preferia lutar a foder.

Embora tivesse que admitir que depois de uma briga boa, descontraír com uma fêmea exuberante, sensual não poderia ser ruim. Talvez ele voltasse para a taverna depois disto e encontrasse uma *Fomentadora da Guerra*, afinal.

Adrenalina bombeando ardentemente em suas veias, Ares tomou uma curva fechada tão rápido que teve que derrapar em uma mudança de direção, e então ele irrompeu pela porta de entrada para a área de estar principal de Reseph.

Seu irmão, mão ao redor de um machado ensanguentado, estava parado no meio da sala, que estava pintada em um revestimento

fresco, gotejante de sangue. Reseph estava arquejando, seus ombros caídos, cabeça baixa, cabelo loiro-branco ocultando seu rosto. Ele estava imóvel, seus músculos travados rígidos. Atrás dele, um cão infernal jazia morto, e no canto, um cão muito vivo soltou um rosnado de cascalho, sua goela escancarada alinhada com dentes afiados como navalhas.

— Reseph.

O irmão de Ares não moveu um músculo.

Porra. Ele tinha sido mordido.

A besta balançou sua cabeça felpuda na direção de Ares. Olhos vermelhos brilharam com sede de sangue quando reuniu suas patas traseiras sob ela. Ares calculou a distância até o alvo em um milissegundo, e em um movimento rápido lançou uma adaga que empalou o cão infernal no olho. Ares usou sua vantagem, levantando sua espada em um balanço horizontal que pegou a criatura na boca, cortando sua mandíbula fora completamente. O cão uivou de agonia e fúria, mas Reseph já o ferira e, enfraquecido, ele tropeçou e caiu, permitindo a Ares uma oportunidade de correr sua lâmina diretamente através do seu coração negro.

— Reseph! — Deixando a espada empalada no animal, Ares correu para seu irmão, cujos olhos azuis estavam selvagens, vidrados de dor. — Como eles entraram?

— Alguém — Reseph gemeu, — teria que tê-los... Enviado.

Essa parte estava se tornando clara. Mas muitos poucos seres podiam manipular ou controlar um cão infernal. Então se alguém tinha enviado as bestas, ele estava falando sério sobre colocar Ares e seus irmãos - e talvez Limos também - fora de serviço.

— Você deveria se sentir especial. — Ares disse, com uma leveza que não sentia. — Você teve dois cães infernais, e eu só tive um. Quem você teria irritado? — Gentilmente, Ares passou os braços ao redor do peito de Reseph e baixou-o para o chão.

Reseph sugou uma respiração gorgolejante. — Ontem à noite... Meu... Selo.

Ares ficou frio até o núcleo, e com mãos trêmulas, arrancou a camiseta de Reseph para expor a corrente em torno de seu pescoço. O Selo pendurado nela estava inteiro, mas quando ele espalmou a moeda de ouro, uma vibração, densa com malevolência, disparou pelo seu braço.

— A praga warg... — Reseph falou entre dentes cerrados e respirações ruidosas. — Pior. Isto não... É... Bom.

Não é bom era um eufemismo. Enquanto Ares segurava o medalhão, uma linha fina o dividiu ao meio. Ao redor deles, a caverna começou a tremer. Reseph gritou quando seu Selo rachou em duas partes.

A contagem regressiva para o Armagedom tinha começado.



— O primeiro Cavaleiro do Apocalipse foi solto.

Sargento de Primeira Classe Arik Wagner, um dos dois representantes da unidade paranormal do Exército dos EUA, o R-XR, perdeu um passo enquanto marchava o comprimento da sala de conferência dentro da sede de Berlim dos Aegis. As duas agências trabalharam de forma independente durante décadas, mas recentemente juntaram forças para combater a cada vez maior ameaça do submundo. Arik nunca aceitava informações dos Aegis levemente, mas ainda teve que percorrer as palavras de Kynan através de seu cérebro um par de vezes antes de poder dar sentido à situação, muito menos acreditar.

Enquanto inalava uma respiração trêmula, ele se concentrou em marchar sem cair de cara enquanto deslizava olhares para Kynan e os outros onze Anciões que estavam sentados ao redor da mesa de conferência. Era óbvio que alguns já estavam por dentro da notícia, mas os outros... Não tanto, se o choque e medo em suas expressões fossem qualquer indicação. O choque era esperado; foi o medo que colocou Arik no limite. Os Aegis eram uma antiga organização de

combate a demônios que resistira aos cenários de fim-de-mundo repetidas vezes, viram seus líderes assustados... Perturbador como o inferno.

— Droga. — Regan, uma mulher deslumbrante, de pele bronzeada que era jovem demais para ser de alguma forma chamada de “Anciã,” sacudiu seu longo rabo de cavalo por cima do ombro e brincou com as pontas escuras, um hábito para o qual Arik sabia que ela recorria quando estava nervosa.

O parceiro normalmente imperturbável de Arik, Decker, perdera toda a cor em seu rosto e estava agora encostado no batente da porta para manter seu grande corpo ereto. — Quando? Como?

— Eu só descobri esta manhã. — Os olhos azuis escuros de Kynan faiscaram quando ele empurrou a Daemonica, a bíblia demônio, para o centro da mesa e abriu-a para expor uma página perto do final. — É tudo sobre esta passagem. *Ela de sangue misto que não deveria existir, carrega consigo o poder de espalhar praga e peste. Quando batalha irrompe, conquista é selada.* — Tensão colocou linhas em seu rosto quando ele olhou ao redor da mesa. — *Ela de sangue misto é minha cunhada, Sin. Ela começou a praga que se espalhou pela população lobisomem e levou ao conflito que eclodiu entre as espécies um par de dias atrás. Como a profecia indica, quando a batalha irrompe, conquista é selada.* A batalha warg é o que quebrou o Selo do Cavaleiro.

Arik manteve a rotina de desgastar o tapete, suas botas de combate batendo como tiros abafados. — Então está dizendo que esta é uma profecia demônio?

Houve uma longa pausa antes de Kynan emitir um sinistro “Sim,” em sua voz de cascalho. Ele tivera sua garganta quase arrancada por um demônio de volta em seus dias de Exército, e usava as cicatrizes e voz destruída como um emblema de honra.

— Como a profecia demônio é diferente da profecia humana? — Decker tinha recuperado alguma cor, o que era bom, porque com seus olhos cinza-azulados e cabelos loiros, ele parecera um cadáver reanimado.

Kynan, em jeans desgastados e camiseta cinza apertada, relaxou em sua cadeira e cruzou as mãos sobre seu abdômen. — Aparentemente, se a profecia de Daemonica ocorrer, os Cavaleiros irão abraçar suas metades demônios e virar puro mal. Se a profecia da Bíblia vier a acontecer, os Cavaleiros irão assemelhar-se a seu pai anjo e lutar ao lado do bem.

Isso parou Arik em seu caminho. — O quê? Os Cavaleiros *são* maus. Você já leu o Livro das Revelações? Eles deveriam inaugurar o fim dos dias, com doença, guerra, fome, e morte.

— Essa é a interpretação mais comum das passagens da Bíblia. — Um dos Anciãos seniores, Valeriu, que por acaso também era distantemente relacionado com Arik por casamento, tamborilou os

dedos no tampo da mesa de carvalho. — Mas alguns estudiosos, inclusive eu, pensam que os Selos dos Cavaleiros serão quebrados pelo próprio Jesus, e os Cavaleiros irão liderar o caminho para o fim dos dias, mas isso não é necessariamente uma coisa ruim.

— Claro que não. — Arik arrastou as palavras. — Cada Apocalipse é uma festa. Traga sua própria cerveja, pretzels, e armas semiautomáticas. — Regan lançou lhe um olhar irritado. Aparentemente sarcasmo não era apreciado na sede Aegis. Não era apreciado no R-XR tampouco, mas principalmente porque Arik ainda estava no canil⁶ por desertar alguns dias antes em vez de revelar a localização de sua irmã lobisomem. — Então, o que o primeiro Selo quebrado significa para nós? Podemos repará-lo? Impedir que os outros se quebrem?

— Eu não sei. — Kynan soltou um suspiro frustrado. — Nós vamos ter que cavar fundo por teorias, profecias, qualquer migalha de informação que pudermos arranjar.

Merda, Arik ia precisar de uma bebida forte depois disto. — Não sabemos o que vai fazer com que o próximo Selo quebre?

— Tudo o que temos é o que a próxima linha da profecia diz. — Valeriu folheou a pilha de papel na frente dele e tirou uma única página. — *O erro de um anjo acarretará Guerra, e a morte dela quebrará sua espada. Mas sejam cautelosos, o coração de um cão ainda pode derrotar.*

⁶ De castigo.

Arik passou a mão sobre seu corte de cabelo militar, e não era um momento estranho para notar que ele precisava de um corte. — O que diabos isso deveria significar?

— É sobre o segundo Cavaleiro, Guerra. — Valeriu empurrou os óculos para cima do nariz. — Nós não entendemos tudo isso, mas acreditamos que o *agimortus* de Guerra é um Não-Caído.

Um Não-Caído... Um anjo caído ligado à terra que ainda não tinha entrado em Sheoul e se tornado irreversivelmente mau. Interessante. — Espere. — Arik balançou a cabeça. — *Agimortus*?

— Sim. — Valeriu disse. — Um gatilho para quebrar um Selo. Pode ser uma pessoa, um objeto, ou um evento.

— O Selo de Peste foi quebrado por um evento. — Kynan explicou. — Sin era um *agimortus* cujas ações colocaram em movimento um evento que desencadeou a quebra do Selo. Matá-la antes da praga que ela começou para levar à guerra teria *impedido* o Selo de quebrar. Mas acreditamos que o *agimortus* de Guerra é uma pessoa. Matar este ser vai *quebrar* seu Selo.

Arik fez uma pausa em sua marcha. — Se você sabia sobre a primeira profecia, que Sin era um *agimortus*, por que você não a matou?

Kynan inalou uma respiração trêmula. Sin era irmã de seus melhores amigos - melhores amigos demônios. — Em retrospectiva, é óbvio. Mas na altura, nós não sabíamos. Estávamos perto demais para isso.

— *Você* estava perto demais para isso. — Regan se levantou, seu corpo alto e curvilíneo atraindo o olhar apreciativo de Arik. Não que estivesse interessado — ele gostava de suas mulheres um pouco mais suaves e menos eu-vou-matar-você-onde-você-está — mas ela o fez lembrar que ele não tinha visto nenhuma ação de colchão em um longo tempo. Duro ficar com alguém quando você tinha que mentir sobre tudo, desde o seu nome, ao seu trabalho, à sua história de vida inteira.

Manchas vermelhas coloriram as bochechas de Kynan. — Yeah. Eu estava. Eu tinha lido a profecia um milhão de vezes, então deveria ter visto que ela era o *agimortus* assim que a praga começou. A coisa que precisamos lembrar é que as profecias *são* obscuras por uma razão.

Arik considerou tudo o que tinha sido dito. — A profecia menciona cães. Cães *infernais* teriam alguma coisa a ver com algo disto?

As sobrancelhas escuras de Ky se juntaram. — Por quê?

— O R-XR tem recebido um número incomum de relatos de avistamentos de cães infernais.

Os Guardiões trocaram olhares, e Val finalmente disse: — Temos notado um aumento nos avistamentos também. Nossos Guardiões encontraram mais na última semana do que em todo o ano antes. — Antes que Arik pudesse perguntar, Val balançou a cabeça. — Não sabemos por quê.

— Okay, então temos que encontrar uma maneira de impedir o Selo de Guerra de quebrar. E quanto aos outros Cavaleiros? Os Selos podem ser quebrados fora de ordem?

— De acordo com o Daemonica, o Selo de Peste tinha que quebrar primeiro, mas os outros podem quebrar em qualquer ordem. E isso fica pior. — Val disse miseravelmente, e oh, alegria, tudo isto de alguma forma ficava *pior*. A bebida de Arik ia ser dupla. Com uma bebida fraca depois. — Se quaisquer dois Selos quebrarem, os outros vão cair também, sem qualquer gatilho. Uma vez que todos os quatro Selos forem quebrados, estaremos até o queixo no Armagedom.

Arik sentiu seus pensamentos sendo dispersos como confete em um vendaval. Ele tinha tantas perguntas, e tinha a sensação de que não havia de perto respostas o bastante. — Estamos olhando para a quebra iminente dos outros Selos? Ou isto é algo que poderia continuar por séculos?

— Tecnicamente, poderia continuar. — O olhar de Regan estava sombrio, sua voz rouca sinistra. — Mas Peste sendo solto é ruim o suficiente. Por todo o mundo, doença está brotando, fontes de água estão contaminadas com bactérias, e há atividade demoníaca muito

maior do que o normal. Nós realmente queremos isso continuando por séculos?

Val clareou a garganta. — Está escrito que a destruição de um Selo enfraquece os outros. Em efeito, faz com que ocorram eventos que irão acelerar a quebra dos outros Selos. Um objeto necessário para quebrar um Selo, por exemplo, pode ser encontrado depois de milhares de anos escondido. E, sem dúvida, Peste, como puro mal, está ativamente tentando quebrar os Selos de seus irmãos. Os Cavaleiros são os seres do submundo mais poderosos na existência, ao lado do próprio Satanás. Eles virtualmente governarão a Terra se a Batalha Final for a favor do mal.

— Isso é simplesmente ótimo. — Arik resmungou. — Então, qual é o plano? Soa como se precisássemos conter ou matar esses Cavaleiros, para que se os seus Selos não quebrarem, eles não possam causar estragos, ou precisássemos trabalhar com eles para impedir mais algum Selo de quebrar.

— Nós não sabemos se eles *podem* ser contidos ou mortos. — Regan empurrou sua caneca de café sob o dispense de café. — Não sabemos de perto o bastante sobre qualquer coisa.

— Vou ver o que meus parentes sabem e podem descobrir. — Kynan disse. — Eles têm uma perspectiva única sobre conhecimento demoníaco.

— Excelente ideia. — A voz de Regan estava mais cheia de açúcar do que o seu café. — Obtenha demônios para ajudar.

— Precisamos de toda a ajuda que pudermos obter. — Kynan uniu as mãos atrás da cabeça e contemplou a pintura medieval atrás de Arik, uma descrevendo uma batalha entre anjos e demônios. — E precisamos da ajuda dos Cavaleiros.

— Isso é sábio? — Decker perguntou. — Nós realmente queremos nos tornar acolhedores com esses caras? Se eles são maus, nós não queremos estar no seu radar.

Kynan balançou a cabeça. — De acordo com as histórias Aegis, eles costumavam trabalhar de perto com a gente.

— Por que eles pararam?

— Estupidez moderna. Por volta da época da Idade Média, os Aegis ficaram um pouco fanáticos com religião. Inferno, Os Aegis estão por trás das perseguições de bruxas. Houve uma enorme mudança no pensamento, que levou à crença de que tudo sobrenatural é do mal, incluindo os Cavaleiros. — Kynan deu a todos um olhar severo. — Foi apenas no último par de anos que nós começamos a retornar ao caminho original.

Arik reprimiu um sorriso ante a última frase anexada, agressiva de Kynan. Embora tenha encontrado muita resistência por parte dos Anciãos, Kynan era largamente responsável pela nova posição dos

Aegis sobre criaturas do submundo. Não só era casado com uma meio-demônio, mas também carregava sangue de anjo em suas veias. Em seguida, havia o fato de que ele fora encantado por anjos e estava destinado a desempenhar um papel na Batalha Final, e Ky não tinha medo de usar seu status para conseguir que os Anciãos vissem as coisas do seu jeito.

— Então, basicamente, — Arik disse rispidamente, — precisamos pedir a ajuda de caras que podem guardar rancor contra Os Aegis e que têm o poder de inaugurar o fim do mundo.

O sorriso de Kynan foi pura diversão retorcida. — Bem-vindo à vida cotidiana do Aegis.

CAPÍTULO



UM

“Guerra é o inferno.”

— *William Tecumseh Sherman*⁷

“Somente aqueles que nunca deram um tiro, nem ouviram os gritos e os gemidos dos feridos, é que clamam por sangue, vingança e mais desolação. A guerra é o inferno.”

“Sherman foi totalmente a minha vadia.”⁷

— *Guerra*

Dias atuais...

Ares, também conhecido como Guerra, segundo dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse para grande parte do mundo humano e

⁷*Sherman serviu como general durante a guerra civil americana.*

demônio, sentava-se montado em seu garanhão, nos arredores de uma aldeia sem nome na África, seu corpo e mente vibrando com energia. Uma batalha se desenrolava aqui; dois *comandantes militares* locais, seus cérebros devastados por uma doença transmitida por insetos, estavam em confronto sobre a pouca água tinha se acumulado no fundo do poço da aldeia. Ares vagara pela área por dias, atraído às hostilidades como um viciado em drogas à heroína, incapaz de forçar-se a se afastar até que o sangue parasse de fluir. Era um ardil 22⁸, porém, porque sua própria presença aumentava a violência, alimentando a luxúria de sangue de cada humano em um raio de oito *quilômetros*.

Maldito Reseph.

Não, não Reseph. Não mais. O mais descontraído e brincalhão dos irmãos de Ares, o irmão que tinha unido a todos ao longo dos séculos, tinha ido embora por seis meses. Agora ele era Pestilence, e com o nome e transformação vieram poderes profanos que ameaçavam a humanidade. Pestilence estava vagando pelo mundo, causando infestações de doenças, insetos e roedores, e más colheitas em massa, com nada mais do que uma mordida ou um toque do seu dedo e um pensamento. Conforme os desastres se espalhavam, mais guerras como esta estouravam, e Ares era atraído para as batalhas e para longe de sua tarefa mais premente - localizar Batarel, o anjo caído que segurava o destino de Ares em suas mãos.

⁸ *Ardil 22* ou é um filme de guerra americano, adaptado do livro homônimo de Joseph Heller. Quer dizer uma situação onde todas as alternativas convergem e se anulam, gerando um paradoxo, uma falta de soluções possíveis.

Como a atual detentora do *agimortus* de Ares, se Batarel morresse, o Selo de Ares quebraria, desencadeando Guerra sobre a Terra.

Perseguida incansavelmente por Reseph, assim como por qualquer demônio que quisesse dar início ao Apocalipse, Batarel tinha desaparecido, o que, infelizmente, deixava Ares incapaz de protegê-la.

Mas então, mesmo se Ares a encontrasse, sua capacidade de defendê-la era limitada, graças a um adendo divertido de sua maldição, que o levava a enfraquecer na proximidade do portador de seu *agimortus*.

A batalha diante dele finalmente começou a diminuir, e o alto elétrico que mantivera Ares refém aliviou, substituído pelo torpor habitual. Mulheres e crianças tinham sido abatidas, as poucas cabras que tinham sobrevivido à praga foram levadas para alimento, e porra, esta era apenas uma das dezenas de cenas semelhantes que estavam acontecendo neste continente apenas.

Sua armadura de couro rangeu quando ele apertou seu pingente, fechou os olhos, e se concentrou. Ele deveria sentir um zumbido distante através do Selo, alguma pista sobre a localização de Batarel.

Nada. De alguma forma, Batarel tinha mascarado sua vibração.

Uma brisa quente soprou o fedor de sangue e entranhas através da terra ressequida, despenteando a juba preta de Batalha contra seu pescoço marrom-avermelhado. Ares deu um firme tapinha na besta. — Terminamos aqui, garoto.

Batalha deu patadas no chão. Os humanos não viam nada disso, não contanto que Ares permanecesse dentro do *khote*, um feitiço que lhe permitia viajar de forma invisível ao redor do mundo humano, mas a compensação é que ele se movia como um fantasma, incapaz de tocá-los. Reseph curtira saltar do *khote* para piscar para os humanos e fazê-los surtar. Ao contrário de Ares, a presença de Reseph não havia afetado humanos. Exceto as fêmeas. Reseph tinha definitivamente tido um jeito com *elas*.

Ares não olhou de novo para os resquícios macabros do conflito. Em vez disso, ele convocou um Harrowgate, e Batalha saltou através dele, trazendo-os para a entrada da *torre de menagem*⁹ de seu irmão Thanatos na Groenlândia. O antigo castelo, protegido por magia elementar que o tornava imperceptível aos olhos humanos, levantava-se da paisagem escarpada, estéril como uma baleia rompendo.

Ares desmontou, descendo no gelo duro. — Para mim.

O cavalo de guerra se assentou na pele de Ares, e ele andou a passos largos para a mansão ricamente decorada, afastando com um aceno de mão os vampiros que tinham servido Thanatos por séculos se curvando e tentando agradar. Ele encontrou seu irmão na academia,

⁹a torre principal de uma fortaleza

batendo o inferno para fora de um saco de pancadas. Como de costume quando estava em casa, Thanatos usava calças pretas de treino, nenhuma camisa, e uma bandana preta por cima do cabelo fulvo, na altura dos ombros. Com cada soco, suas tatuagens dançavam em sua pele profundamente bronzeada, dos ossos quebrados, sangrando pintados em suas mãos, para as várias armas que decoravam seus braços, para as representações de morte e destruição em suas costas e peito.

— Thanatos. Preciso de sua ajuda. Onde está Limos? Ele franziu a testa para a mancha escura no chão atrás de seu irmão. — E o que é isso?

— Uma succubus.

Than limpou o suor da testa com as costas da mão.

— Reseph enviou outra para me seduzir.

— Ele não é mais Reseph.

A voz de Ares ressoou no ar frio como uma avalanche se soltando.

— Chame-o do que ele é.

Mais fácil falar do que fazer, já que Ares ainda não tinha se acostumado a isso tampouco.

Os pálidos olhos amarelos de Thanatos perfuraram os quase pretos de Ares.

— Nunca. Podemos tê-lo de volta.

— Selos não podem ser restaurados.

— Encontraremos uma forma.

O tom de Than foi duro, decisivo. Ele sempre fora tão intransigente quanto à morte que ele representava.

— Temos que matá-lo.

Ao redor de Thanatos, sombras giravam, se movendo mais rápido quanto mais agitado ele se tornava. Ele sempre tinha sido o mais veloz dos quatro deles para atacar, mas então, milhares de anos de celibato fariam isso com um cara. Era também por que ele vivia no meio do nada; um lampejo de temperamento poderia matar cada coisa viva no reino humano a quilômetros de distância.

— Você não se lembra de como Reseph estava sempre viajando pelo mundo para encontrar as mais doces maçãs para nossos cavalos? Como ele nunca vinha sem trazer um presente? Como, quando algum dos nossos servos era ferido ou adoecia, ele procurava pela medicina e cuidava para que recuperassem a saúde?

É claro que Ares lembrava. Reseph podia ter sido um playboy irresponsável com as fêmeas, mas com aqueles que considerava família, ele tinha sido atencioso e prestativo. Ele tinha até mesmo se preocupado com seus dois Vigilantes quando eles não surgiam a cada poucos meses. Reaver, um anjo que representava o Time Céu, e Harvester, um anjo caído que jogava pelo Time Sheoul, dificilmente precisavam da preocupação de Reseph, mas ele sempre ficava aliviado ao vê-los.

Tinha sido desse jeito desde que seu Vigilante Sheoulin original tinha feito mais do que simplesmente “vigiar” os Cavaleiros. Eviscerator sofrera por meses antes de morrer de uma maneira condizente com o seu nome por revelar o material utilizado na marcação do *agimortus* de Limos sem permissão.

— Nada disso tem qualquer relevância na nossa situação atual.

— Ares disse.

— Não vamos matá-lo.

Não havia nenhum ponto em discutir. Não só eles não tinham as ferramentas necessárias para pôr fim ao seu irmão, mas Than nunca iria ceder sobre o assunto, e a mandíbula de Ares ainda latejava da última vez que tinham debatido isso. Não era como se Ares *quisesse* matar Peste, mas também não ia deixá-lo liderar a investida para o Armagedom.

— Então você preferiria ver a profecia de Daemonica ser aquela que vem a acontecer?

As profecias dos humanos, embora variassem, ainda favoreciam humanos na Batalha Final e deixavam espaço para os Cavaleiros lutarem ao lado do bem. Se a profecia dos demônios reinasse, o mal teria todas as cartas.

E o mal distribuía do fundo do baralho¹⁰.

Than deu ao saco de pancadas um último golpe de nocaute. — Eu não sou um tolo, irmão. Estive caçando os asseclas de Reseph, e eu consegui... Convencer... Um deles a conversar.

— Convencer, torturar, tanto faz.

Ares cruzou os braços sobre o peito, as placas de couro duro de sua armadura estalando umas contra as outras. — Então, o que você aprendeu?

— Que eu preciso encontrar um assecla que esteja a par de mais informações.

Than resmungou.

— Mas eu descobri que Reseph enviou equipes de demônios para procurar Deliverance¹¹.

¹⁰Dar as cartas do fundo do baralho é uma forma de trapacear em um jogo de cartas, então aqui ele quer dizer que o mal seria desonesto.

— Então precisamos vencê-lo nisso — Ares disse.

Thanatos agarrou uma toalha do banco de pesos e enxugou o rosto. — Estivemos procurando a adaga desde 1300 sem nenhum sucesso.

— Então olharemos com mais atenção.

— Eu te disse...

Ares interrompeu seu irmão. — Ter Deliverance não significa que temos que usá-la. Mas é melhor tê-la e não precisar do que o contrário. Se Res - Pestilence - localizá-la primeiro, vai se certificar de que nunca colocaremos as mãos nela.

Thanatos andou a passos largos em direção a Ares, e Ares se preparou para a batalha. Não importava que eles fossem irmãos; Ares vivia para lutar, e mesmo agora a sua adrenalina estava cantando em seu sangue, obliterando aquela maldita dormência.

— Quando conseguirmos a adaga, — Than grunhiu, — *eu* vou ficar com ela.

Frustração colocou uma borda na voz de Ares, proque droga, *ele* queria a posse de Deliverance. Era a única coisa que poderia matar Pestilence, era *a* arma para a guerra das guerras, e como qualquer bom

¹¹ No original, Libertação.

comandante, ele queria o controle completo sobre seu arsenal. — Nós vamos discutir isso quando a tivermos.

— Sobre — veio uma voz profunda e divertida da porta, — o que vocês dois estão discutindo agora?

Ares girou para Reseph, que estava parado na porta, sua armadura manchada escorrendo uma substância negra das *junções*. Ele segurava uma cabeça decapitada de fêmea em sua mão enluvada.

O estômago de Ares despencou para seus pés. — Batarel. Ele bateu pela moeda ao redor de seu pescoço. Alívio que não estava quebrada colidiu com fúria e confusão e a necessidade de chutar o traseiro de seu irmão.

Foi uma confusão verdadeiramente divertida de que-porra.

— Obviamente — Reseph disse, — desde que você não está ostentando novas presas brilhantes que fazem todas as damas quentes, seu Selo não foi quebrado. O anjo caído idiota transferiu o *agimortus* para outra pessoa.

Reseph deixou cair à cabeça do anjo caído idiota no chão. O corpo de Batarel deveria ter se desintegrado após sua morte, o que significava que ela tinha sido morta ou em uma estrutura construída por demônios ou encantada por Aegis, ou em terras pertencentes a seres sobrenaturais.

No braço de Ares, Batalha se mexeu em agitação, suas emoções ligadas às de Ares. — Onde você a encontrou? — Ares disse rangendo os dentes.

— Vadia covarde, estava escondida em um Harrowgate. — Reseph disse, o que explicava por que Ares não tinha sido capaz de senti-la. — Tive que enviar *ratos-espinhosos* infernais para encontrá-la.

Claro. Reseph podia se comunicar e controlar vermes e insetos, o que ele usava para espalhar praga e peste por toda a população humana. E, aparentemente, ele os usava como espiões.

Thanatos se moveu em direção ao seu irmão, seus pés descalços silenciosos sobre o chão de pedra. — Para quem Batarel transferiu o *agimortus*, Reseph?

— Nenhuma ideia. — Reseph sorriu um verdadeiro sorriso gato-que-comeu-o-canário, revelando suas "novas presas brilhantes." — Mas vou saber em breve. Talvez depois que eu deixar romper algumas novas pragas. O tipo legal, com furúnculos e incontinência. — Ele abriu um Harrowgate, mas pausou antes de entrar. — Vocês todos deveriam parar de lutar contra mim. Eu tenho o apoio do próprio Lorde das Trevas. Quanto mais vocês protelarem o inevitável, mais aqueles com quem vocês se preocupam sofrerão.

O Harrowgate estalou fechado e, amaldiçoando, Ares girou, dirigiu seu punho no saco de pancadas, e droga, o que ele não daria

para que aquilo fosse o rosto de Pestilence agora mesmo. Reseph nunca tinha sido cruel ou insensível, tinha vivido com medo de sucumbir ao seu lado mal. E se *ele* era tão mau assim agora que seu Selo tinha sido quebrado... Ares estava ferrado.

— Dê-me sua mão.

Ares virou-se para Thanatos, que lhe entregou os olhos de Batarel. Apenas os olhos. E uma orelha.

Ares parara de estar enojado por seu dom há muito tempo atrás. Fechando a palma da mão em torno deles, ele deixou a visão vir.

— O que você vê? — Than perguntou.

— A espada de Reseph. — A enorme lâmina enchera a visão de Batarel, a última coisa que ela tinha visto. Ares esperou enquanto as visões trabalhavam no sentido inverso, até... *Lá*. A orelha de Batarel vibrou, e áudio juntou-se aos visuais. — Um macho loiro. O nome é Sestiel. Ele está gritando. Ele não quer o *agimortus*.

— Duh. Quem iria querer uma mosca em seu traseiro?

O *agimortus* não era uma mosca, exatamente, mas yeah, tornava quem quer que o hospedasse um alvo para a lâmina de Peste. Estranho, porém, que o hospedeiro era macho. A profecia estava errada? Tinha mudado?

Um dos servos vampiros de Than se apressou para limpar os restos de Batarel, e se curvou diante de Ares. — Posso tirar essas partes de corpo de você, senhor?

Tão educado. É claro, a maioria dos seres eram bastante puxa-sacos dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Provavelmente sábio. Não, não provavelmente. Definitivamente.

Bajule agora, mundo, porque uma vez que os Selos quebrassem, seria hora de se curvar.



Nada de bom jamais veio de uma batida às três horas da manhã, e enquanto Cara Thornhart se embaralhava pelo corredor até a porta da frente, ela teve uma sensação muito, muito ruim.

As pancadas tornaram-se mais urgentes, cada golpe na madeira chutando seu coração em um ritmo gaguejado.

Respire Cara. Respire.

— Thornhart! Abra essa porra! — A voz arrastada era familiar, e quando ela colocou o olho no olho mágico na porta, imediatamente

reconheceu o homem de pé em sua varanda como o filho de uma de suas ex-clientes.

Ross Spillane também era um dos muitos delinquentes desempregados de vinte e poucos anos com seis filhos de seis mulheres diferentes. Aparentemente, a única farmácia na cidade não vendia preservativos.

Cara arregaçou as mangas do seu pijama de flanela e encarou as duas fechaduras de segurança, a corrente, e a fechadura normal da porta. Um lampejo de terror deslizou por sua espinha. Ela morava no campo, no meio do nada, e enquanto duvidava que Ross fosse o assassino do machado, sempre teve um sexto sentido confiável, e neste momento, ela estava sentindo problemas.

Ou talvez você esteja apenas sendo paranoica. Sua psicóloga havia dito que era normal ter momentos de pânico, mas isso tinha sido há dois anos. Ela não deveria ser capaz de abrir a porta sem tremer como um coelho assustado até agora?

— O que está errado, Ross? — ela chamou, porque ainda não podia se forçar a trabalhar nas travas.

— Abra a maldita porta! Eu fodidamente atropelei um cachorro.

Um cachorro? Porcaria. — Eu não estou praticando mais. Leve-o para a clínica.

— Não posso.

Não, claro que ele não podia. Ross soava bêbado, e o veterinário da cidade só acontecia de ser casado com a chefe de polícia da cidade. O veterinário também era um bastardo corrupto que cobrava demais, tomava atalhos com cuidado e materiais, e tinha sido conhecido por recusar ajuda a qualquer animal que fosse rude o suficiente para estar doente ou ferido após o horário de expediente.

— Droga, Thornhart. Eu não tenho tempo para isto.

Ajude o cachorro. Engula isso, e ajude o cachorro. Suor umedecia suas têmporas e palmas das mãos enquanto ela virava todas as fechaduras e abria a porta. Antes que abrisse todo o caminho, Ross empurrou o canino preto como breu em seus braços, jogando-a de volta um passo.

— Obrigada. — Ele começou a descer as escadas da varanda.

— Espere! — Desajeitadamente, ela deslocou o peso do cão, que tinha que ter uns bons trinta quilos. — Você não devia dirigir.

— Tanto faz. É uma milha.

— Ross...

— Morda meu traseiro bonito — ele murmurou, enquanto descia a passagem de cascalho em direção a sua caminhonete Ford velha.

—Hey!— Ela não podia pará-lo, ela sabia disso, mas ele tinha uma passageira, uma pequena loira que parecia que ainda poderia estar no ensino médio. —Sua amiga pode dirigir?

Ele abriu a porta do lado do motorista e jogou as chaves para a garota. — Yup.

Conforme ele tropeçava ao redor da frente da caminhonete, e a garota saltava, Cara perguntou — Por que você me trouxe o cachorro? — *Subtexto: Por que você não deixou o cachorro morrer na beira da estrada?*

Ross parou, enganchou os polegares nas presilhas do seu cinto, e baixou os olhos para suas botas de cowboy. Quando ele falou, Cara teve que se esforçar para ouvi-lo. — Nenhum vira-lata jamais me apunhalou pelas costas.

Cara encarou. Vai entender. Ela sempre fora duramente julgada por pessoas que não a conheciam, e ela tinha acabado de ir e fazer a mesma coisa com outra pessoa.

Então Ross bradou, deu um tapa na jovem loira em seus Daisy Dukes¹², e cuspiu um punhado de tabaco no chão, mais uma vez reforçando um estereótipo, mas hey... Pelo menos ele gostava de cachorros.

Cara fechou a porta, desajeitadamente trancando-a, e carregou o flácido pacote de pelos para uma sala que ela tinha firmemente trancado há dois anos.

— Droga. — Sua maldição acompanhou o ranger de dobradiças não utilizadas enquanto ela abria um pouco a porta com seu ombro. O ar viciado recendia a falha, e não importava o quão duro ela tentasse vestir sua calcinha de garota-grande e ser corajosa, suas mãos ainda tremiam quando ela colocou o cachorro em cima da mesa de exame e acendeu a luz.

O pelo preto do cachorro estava empapado de sangue, e uma pata traseira estava torcida desajeitadamente, a ponta quebrada de um osso perfurando a pele. O cachorro precisava de um veterinário de verdade, não dela. Não alguém que curava através de *vibrações* que mesmo ela às vezes duvidava que fossem reais. A única experiência médica física que ela tinha era como uma técnica em veterinária, e isso fora há oito anos, quando ela tinha sido uma adolescente trabalhando na clínica de seu pai.

Ela deu meia-volta antes de ir longe demais por essa estrada escura, vestiu luvas, e quando virou de volta, retrocedeu. O filhote -

¹²Nada mais é do que aquela sua calça jeans velha que você resolveu cortar e fazer um shortinho bem curto e justo.

pelo menos, tinha as características arredondadas, fofas de um jovem filhotinho apesar de seu tamanho - estava olhando para ela. E seus olhos estavam... vermelhos.

Sangue, isso tem que ser sangue. O que não explicava o brilho misterioso atrás das íris.

— Hm... hey, companheiro.

Os lábios do filhote descolaram de dentes extremamente afiados, extremamente *grandes*. De que raça era a coisa? Parecia um cruzamento entre um lobo e um pit bull, talvez com um pouco de tubarão-branco jogado no meio, e por seu melhor palpite, tinha aproximadamente quatro meses de idade. Exceto que ele era do tamanho de um *husky siberiano* totalmente crescido.

E esses dentes. Esses olhos.

Havia uma base militar nas proximidades, e desde o dia que tinha se mudado para esta cidade rural da Carolina do Sul, ela ouvira rumores de experimentos, de criaturas estranhas que o governo estava criando. Pela primeira vez, Cara considerou a possibilidade, porque este cachorro não era... Natural.

O filhote se moveu na mesa, ganindo de dor ao menor movimento, e de repente, não importava de onde tinha vindo ou se era uma criação de laboratório, uma mutação genética, ou um alienígena

do espaço sideral. Ela odiava ver um animal com dor, especialmente quando havia tão pouco que ela poderia fazer.

— Hey. — ela sussurrou, estendendo a mão. O filhote a considerou cautelosamente, mas ele permitiu que ela acariciasse seu rosto. E sim, era um *ele*. Ela não tinha que olhar... Ela só sabia. Ela sempre fora capaz de sentir coisas sobre animais, e embora as vibrações provenientes desta criatura fossem estranhas... Desarticuladas... Ela ainda estava recebendo-as.

Lentamente, para não assustar o cachorro, ela deslizou as mãos pelo seu corpo. Agora mesmo, o máximo que ela podia fazer era triagem, mantê-lo vivo até que pudesse levá-lo ao Dr. Happs. O babaca só colocaria o cão para dormir se ninguém pagasse por seu atendimento, o que significava que Cara teria que escolher entre pagar as contas do veterinário e pagar sua hipoteca.

Seus dedos mergulharam em uma ferida de perfuração, e o filhote gritou de dor, seu corpo tremendo. — Sinto muito, garoto. — Deus, era um buraco de bala. Alguém devia ter atirado no cachorro antes que ele fosse atingido pela caminhonete de Ross.

Choramingando, o filhote se contorceu de miséria, e Cara sentiu sua dor todo o caminho até a medula. Literalmente. Era parte do que a fazia diferente de todos que ela conhecia este talento que tinha sido tanto uma bênção quanto uma maldição.

Ela jurara nunca usar sua habilidade novamente, mas ver o cachorro sofrer era demais. Ela tinha que fazer isso, sem importar o quão duro sua mente estivesse gritando contra.

— Okay — ela murmurou, — vou tentar algo. Apenas aguento firme.

Fechando os olhos, ela colocou ambas as mãos sobre o corpo dele, as palmas das mãos pairando a uma polegada de seu pelo. Ela se forçou a relaxar, a se concentrar até que suas emoções e energia se concentrassem na cabeça e no peito. Ela nunca fora formalmente treinada nas artes da cura espiritual ou energética, mas isto sempre tinha funcionado para ela.

Até que isso tinha matado.

Ela balançou a cabeça, limpando seus pensamentos. Gradualmente, um formigamento condensou e expandiu dentro dela, até que pulsou com seu próprio batimento cardíaco. Ela visualizou a energia como um brilho púrpura que fluía de seu peito e para suas mãos. O filhote se acalmou, sua respiração desacelerando, seus choramingos diminuindo aos poucos. Ela não podia consertar ossos quebrados ou órgãos rompidos, mas podia diminuir o sangramento e controlar a dor, e este pobre cara precisava de tudo o que ela tinha.

A energia se construiu, vibrando através de todo o seu corpo como se estivesse ansiosa para ser solta.

Exatamente como tinha feito *naquela noite*.

A memória rasgou através de seu cérebro como um tiro de espingarda, arremessando-a de volta no tempo para a noite quando seu dom tinha se deformado em algo sinistro e surgido não em um cachorro, mas um homem. Os olhos cheios de terror dele tinham inchado enquanto sangue jorrava de seu nariz e orelhas. Seus gritos tinham sido silenciosos, mas os de seus camaradas não tinham.

Pare de pensar! Seu poder cortou, apagado por seu medo. A sala rodou e suas pernas vacilaram, totalmente casa maluca¹³ de carnaval. Sem a diversão. Um lamento arrancou-a do transe, e ela tropeçou para a antiga arca onde guardava todos os suprimentos médicos tradicionais que tinham pertencido a seu pai.

— Desculpe, garoto — ela falou com *voz rouca*. — Nós vamos ter que fazer isto da maneira antiquada. — Ela não tinha ido para a escola veterinária, mas trabalhara com seu pai por anos, e sabia malditamente bem que este cachorro ia morrer se ela não agisse.

Tão rapidamente quanto suas mãos trêmulas conseguiram controlar, ela carregou um carrinho com ferramentas e suprimentos e o rolou até o cachorro, que estava deitado parado, sua respiração mais trabalhada do que tinha sido apenas momentos antes. Na área da ferida de bala, a carne estava inchando rapidamente, e quando ela olhou mais de perto, ela engasgou. Diante de seus olhos, o músculo e a pele estavam morrendo. Se ela mesma não tivesse visto o progresso,

¹³Casa maluca em inglês é funhouse, que literalmente é casa de diversão, por isso o “sem a diversão”.

teria estimado que a ferida tinha supurado por uma semana. Gangrena se instalara, e o fedor de carne morta preenchia a sala.

— Meu Deus. — ela respirou. — O que está acontecendo?

Com medo de perder sequer outro segundo, ela agarrou o bisturi e esperou que o cachorro não mordesse, porque isto ia doer.

Cuidadosamente, ela fez uma pequena incisão no local do buraco de bala. O filhote choramingou, mas permaneceu imóvel enquanto ela limpava pus e sangue e depois espalmava a pinça. — Fique parado, baby.

Cara prendeu a respiração e rezou por uma mão firme. *Faça isso. Faça isso agora...*

Ela encaixou a pinça na ferida, encolhendo-se ao som de esguicho do metal passando através de carne podre. Embora ela não tivesse convocado seu poder, um gotejamento que ela não conseguia parar correu por seu braço e para sua mão. *Não entre em pânico.* De alguma forma, ela manteve o foco até que sentiu a pinça colidir contra a bala. Apesar de o cachorro ganir quando ela agarrou o projétil, ele não se moveu... ou mordeu.

Tão gentilmente quanto possível, ela tirou a bala. Estranho... Era prata. Ela colocou a pinça na bandeja, pegou as ataduras, e voltou-se para o cão.

E guinchou.

O filhote estava de pé na mesa de exame, cabeça erguida e língua pendendo para fora como se tivesse estado alegremente brincando em um parque e não a minutos da morte. O único sinal de que ele já tinha sido ferido era sangue opaco em seu pelo e reunido no chão e na mesa.

Perdendo o equilíbrio da impossibilidade da situação, as pernas de Cara cederam debaixo dela, e o chão frio levantou-se para encontrar seu corpo. Seu crânio estalou no azulejo, e a próxima coisa que ela sabia, o filhote estava ao seu lado, seus olhos carmesins brilhando. Sua língua lambuzou todo o rosto e a boca dela, e oh, yuck, sua saliva tinha gosto de peixe podre. Fracamente, ela o afastou, mas ele voltou e pousou seu corpo pesado em cima dela.

Ele arfou, sua respiração tão tóxica que funcionava como sais aromáticos, e ela sufocou mesmo enquanto se tornava alerta.

— Ugh. — Ela arquejou, acenando com a mão na frente da boca dele para repelir seu fedor. — Temos que fazer algo sobre a sua halitose do inferno. — Deus, ela estava falando como se isto fosse real.

Não era. Não podia ser. Ela provavelmente ainda estava em sua cama, e isto era um sonho.

Subitamente, Halitosis estava de pé, agachado sobre ela, um grunhido vibrando seu peito largo. Não um grunhido normal,

tampouco. Era esfumaçado, serrilhado, algo que ela esperaria ouvir de um dragão. Ou um demônio. *Bizarro*.

A porta explodiu aberta em um choque de lascas, e quatro homens entraram em fila.

Um grito brotou em sua garganta, mas se instalou ali, bloqueado pelo terror. *De novo não, de novo não*. Memórias da invasão de casa que arruinara sua vida colidiram com os eventos atuais, e ela congelou, tão paralisada que seus pulmões não conseguiam expulsar sua respiração presa.

Houve um tiro, um rosnado... e então gritos horríveis. Sangue espirrou no chão, nas paredes, nela... e ela saiu de sua paralisia para lutar para ficar de pé.

O filhote atirou um dos homens no chão, suas garras — que de alguma forma tinham se estendido como as de um gato — rasgando o peito do homem enquanto os outros dois o cortavam com estranhas armas brancas.

Cara examinou a sala por uma arma dela própria, absolutamente qualquer coisa. Ela se lançou para uma pesada jarra de vidro de bolas de algodão, mas retrocedeu por um flash de luz explosivo, cegante. Um bonito homem loiro apareceu no meio da sala. Chamas irromperam das pontas de seus dedos quando uma bola de fogo capotou no ar, explodindo em uma rede de ouro que desceu sobre Hal, que caiu em um emaranhado por baixo dela.

— Não! — Ela mergulhou para o cachorro, mas alguém a agarrou por trás. O homem-cachorro ficou louco, uma massa de dentes e garras enquanto lutava para sair da rede.

Maldições voaram, e alguém disparou um tiro no recém-chegado, que levou a bala no peito com menos reação do que se tivesse sido picado por uma abelha. Ele recolheu a rede, com ela, e em outro raio de luz, ele se foi.

O homem apertou os braços em torno de Cara, e um dos homens mancou na direção dela, seu braço esquerdo pendendo, com o rosto manchado de raiva. — O que você é?

Ela piscou. — O-o que?

— Eu disse: — ele rosnou, — *o que você é?*

— Eu não entendo.

Sua mão chicoteou para fora tão rápido que ela não a viu até sua bochecha arder do golpe. — Que tipo de demônio você é? — ele gritou, sua saliva pulverizando o rosto dela.

Oh, Deus, estes homens eram loucos. Toda esta situação era louca. Esta era Loucolândia, e ela era a rainha.

— Por que... — Ela sugou uma respiração irregular e tentou manter a calma. Não era fácil quando o homem segurando-a em um aperto de tornozelo contra ele estava espremendo o ar para fora de seus pulmões. — Por que você pensaria que eu sou um demônio? — Talvez eles fossem fanáticos religiosos, como os que a acusaram de praticar bruxaria antes que ela aprendesse a esconder o seu dom de cura.

Sua teoria foi totalmente destruída quando o terceiro cara, aquele que tinha estado de joelhos ao lado do homem morto no chão, levantou-se e pegou a bala que estivera alojada no cachorro. Ele a estendeu para ela. — Porque — ele disse, em uma voz assustadoramente calma — apenas um demônio iria curar um cão infernal.

CAPÍTULO



DOIS

Cão infernal?

Estas pessoas eram insanas. — Era só um cachorro.

— Sério? — O ruivo, sardento com a bala, que a lembrava vagamente de Carrot Top¹⁴, falou em uma voz enganosamente suave. — E o cara que piscou dentro da sala e levou o *cachorro* era apenas um homem?—

Ela abriu a boca para responder, mas o que poderia dizer? O cara tinha desaparecido do nada. — Eu... o que mais ele seria?

— Oh, talvez um demônio. Como você.

¹⁴ *comediante americano, e Carrot quer dizer Cenoura*

Mantenha-os falando. E calmos. Excelente plano na teoria, mas quem ia mantê-la calma? Falsa coragem deu a ela uma voz, pelo menos.
— Quem são vocês?

Aquele que a golpeará sacou uma arma de lâmina dupla estranha, em forma de S, de um arnês em seu peito, e segurou a extremidade de ouro no pescoço dela. — Você é tão estúpida assim, ou está apenas jogando desse jeito?

— Garcia. — Carrot Top colocou a mão no ombro do portador da arma. — Olhe para ela, homem. Ela está aterrorizada. Ela não sabe quem somos.

— Estúpida então. — Garcia arrastou a ponta da lâmina na garganta dela, e ela sentiu uma picada e uma gota quente. — Eu sei que você já ouviu falar dos Guardiões.

— Guardiões?

Ele girou a arma e arranhou a extremidade de prata pelo outro lado de sua garganta, provocando outra picada, outra gota. — Os Aegis? Você sabe, matadores de demônios?

Seriamente? Estes caras tinham problemas. Talvez eles tivessem jogado RPGs demais. Ou estivessem drogados.

— Eu não sou... — Ela se interrompeu para limpar a garganta da rouquidão. Não limpou o terror, entretanto. — Eu não sou um

demônio. Sou humana. O cachorro foi atropelado por um carro. E levou um tiro... — Ela parou de falar quando Carrot Top afastou sua jaqueta, revelando uma pistola em um coldre.

— Sabemos.— O cara segurando-a falou em seu ouvido, sua respiração quente e voz fria enviando um frio abaixo de sua espinha. — Nós somos aqueles que atiraram no filho da puta e depois rastreamos o caipira que o trouxe aqui.

— Então, por que você pensaria que eu sou um demônio? Eu não fiz nada além de pegar o cachorro do homem que o trouxe para mim.

— Eu já te disse. Cães infernais curam rapidamente, mas não tão rapidamente assim. — Garcia franziu a testa para sua estranha arma dourada e prateada. — Nenhum desses metais te afeta. Nós podemos tentar outra coisa.

Não a afeta? Ela tinha dois fluxos de sangue escorrendo de sua garganta, muito obrigado. Ela percebeu que ela devia ter falado em voz alta quando Garcia a esbofeteou no rosto. Sua boca sempre a colocara em apuros.

— Cara — Carrot Top disse, sarcasmo enlaçando sua voz. — Aqui está um pensamento. Ela pode ser humana. Uma bruxa ou xamã ou alguma assecla de demônio. Então, duh, metal nenhum a afetaria.

Loucoloucolouco...

Garcia pareceu considerar isso, mas ela não tinha ideia se o que Carrot tinha dito era uma coisa boa ou ruim para ela. — Que tipo de magia você usou para curar o cão?

Isso ela não podia explicar. Porque mesmo que apenas um gotejamento tivesse acidentalmente escapado dela, o que ela tinha feito para o cachorro *tinha* sido magia. Magia do mal. Oh, algumas pessoas de mente mais aberta chamavam de dom, e alguns explicavam que o que ela fazia era na verdade uma forma intensa de Reiki¹⁵. Tanto faz. Ela nunca encontrara qualquer literatura que fizesse referência a força do poder que ela exercia.

Quando ela não disse nada, Garcia balançou a arma na frente de seu rosto. — Podemos fazer você falar.

Profundamente dentro dela, o dom que ela desprezava começou a fluir por suas veias. *Respire... Mantenha o foco...*

Mais uma vez, Carrot colocou uma mão restringindo no ombro de Garcia. — Você conhece as regras. Se ela é humana ou de base humana, precisamos chamar um supervisor.

— Foda-se isso. As novas regras *mais suaves, mais gentis* são para *abraçadores de árvores*.

¹⁵ É uma técnica que auxilia nos tratamentos da medicina tradicional, mas não elimina a necessidade de um encaminhamento ao médico quando for necessário. O Reiki é uma das terapias alternativas reconhecidas pela Organização Mundial da Saúde.

— Idiota. — O cara a segurando se deslocou, abaixando o calcanhar em seus pés descalços, e ela mordeu um grito de dor ao mesmo tempo em que seu poder pulsava nas paredes de seus vasos, querendo sair. — *Abraçadores de árvores são ambientalistas.*

— Você sabe o que eu quero dizer. Fodidos simpatizantes de demônio. — Garcia deu um sorriso largo para ela. — Mesmo se ela não seja um demônio, ela está trabalhando com eles. O que a torna não melhor do que eles, e jogo justo.

Seus pulmões ficaram mais apertados enquanto sua respiração tornava-se trabalhada com alguma séria histeria. — Por favor — ela sussurrou. — Apenas vão. Eu não vou contar a ninguém sobre isto. — *Fracote.* Yeah, mas ela teria que se chutar sobre isso mais tarde.

Se ela sobrevivesse.

Uma pessoa poderia ter sorte suficiente para sobreviver à mesma coisa duas vezes?

— Ir? — Garcia nivelou a ponta da arma esquisita contra a pele sensível logo abaixo de seu olho esquerdo. — Não até obtermos algumas respostas.

Cara encolheu-se, mas sua cabeça bateu no peito do cara que a segurava, e ela congelou antes que a lâmina perfurasse seu globo ocular. Formigamentos se espalharam por seus dedos. Sua mão se

levantou, quase por conta própria, para tocar Garcia. *Não!* Querido Deus, o que ela tinha estado prestes a fazer?

Tinha que haver outra maneira, mas ela tinha que pensar rápido. Esses caras iam matá-la, e não sem causar-lhe um lote inteiro de dor primeiro.

O telefone, revestido de poeira e pendurado na parede atrás de Carrot, entrou em foco. Se ela pudesse chegar a ele... O que? Eles iriam matá-la antes que ela pudesse discar o 9, muito menos o 1-1. Ainda assim, ela tinha que tentar. *Dê-lhes o que eles quiserem, dentro do razoável.* A voz de seu instrutor de autodefesa foi um sussurro em seu ouvido e uma bem-vinda injeção de aço em sua espinha.

— Eu vou contar o que vocês quiserem, — ela disse, embora não tivesse certeza do quanto ela quis dizer isso - ou o quanto ela realmente sabia. — Apenas me soltem. — Ela se contorceu no aperto do homem, reprimindo um grito quando ele esmagou o punho em seu esterno para sossegá-la.

— Oh, você vai nos contar tudo, — Garcia disse. — Você não precisa de seus olhos para falar.

— Garcia! — Carrot adiantou-se como se para parar seu camarada, e ela tirou vantagem da interrupção.

Recordando o conselho do instrutor, que equivalia a *chute seu atacante nas bolas e corra como o inferno*, ela levantou um joelho,

pegando Garcia na virilha, e ao mesmo tempo, bateu o cotovelo para trás, afundando-o na barriga do cara atrás dela. Seu grunhido não foi de perto tão satisfatório quanto à maneira como Garcia se dobrou, mas deu a ela uma chance de mergulhar para a porta.

— Porra, — Garcia arquejou. — Peguem-na!

Braços se fecharam em torno dela, e Carrot a girou de costas para o homem em quem ela tinha dado uma cotovelada, que não foi de perto tão gentil em seu tratamento desta vez.

Outro flash de luz inundou a sala, e o pesadelo ficou um lote inteiro pior.

De pé onde o cara que desapareceu com Hal estivera estava um homem enorme com uma armadura de couro, seus olhos de ébano duros, sua expressão intransigente. Em sua mão estava uma espada, tão longa quanto ela era alta. Tão aterrorizantes quanto os três *matadores de demônio* eram, este estranho os deixava comendo poeira. Ela na verdade encolheu-se contra o homem que a segurava, como se ele pudesse - ou fosse - ajudá-la.

O cara grande de armadura pareceu avaliar a situação em menos tempo do que levou para o coração dela bater. Ele se moveu como uma víbora, chicoteando seu braço enorme para fora e derrubando Garcia e Carrot do outro lado da sala. Quando o homem atrás dela a empurrou de lado, o cara armadura-de-couro golpeou com um punho fechado, acrescentando o corpo de seu captor à pilha.

Cara nem sequer teve tempo para gritar. Ou correr. Ou desmaiar. Em um único passo largo o recém-chegado estava na frente dela. Ela se afastou, mas foi bloqueada pela mesa de exame. Ele a espreitou, sua presença esmagadora, como se fosse o dono do próprio ar, e ela teve que lutar por cada respiração.

— Você, — ele disse em uma voz impossivelmente profunda, escura, — tem algumas explicações a dar.



Malditos Aegis idiotas.

Ares geralmente apoiava seus esforços, havia, no passado, lutado ao lado deles nas batalhas contra demônios. Mas os matadores de demônios tendiam a pensar que qualquer coisa que eles não entendiam era do mal.

Ele deu uma olhada nos três Guardiões - não, quatro. Um estava morto. Os vivos lutaram para ficar de pé, dor torcendo suas expressões e assassinato brilhando em seus olhos. A fêmea humana estava apoiada contra uma mesa de exame, seu terror um odor tangível que estava misturado com o cheiro de seu sangue, do sangue dos Guardiões, e... De cão infernal.

Mas não havia nenhum sinal de Sestiel, o anjo caído que Ares que rastreara até esta mesma sala, e agora, de repente, Ares não podia sentir o anjo de jeito nenhum.

Ele aferiu a situação, decidiu que não era necessário matar o Aegi, mas precisava saber o que tinha acontecido aqui. Era crítico que ele encontrasse Sestiel antes de Reseph, mas o fato de que o anjo caído poderia estar em posse de um filho da puta de um cão infernal era uma complicação adicional; as bestas agiam como um equipamento de interferência de radar, e enquanto Sestiel estivesse perto do cão, Ares seria incapaz de localizá-lo.

Então havia um outro, pior cenário a considerar — que Sestiel não estava em posse de um cão infernal, mas sim que um cão infernal estava em posse *dele*. O que significava que Ares precisava recolher cada migalha de informação que poderia conseguir da fêmea humana, e ele conseguiria suas respostas de um jeito ou de outro.

Muito ruim para ela. Agarrando o braço dela, ele a puxou para ele, abriu um portal, e atravessou o véu cintilante, despreocupado com o fato de que os humanos surgiam mortos do outro lado de um Harrowgate. Nope, uma das vantagens legais de um Harrowgate convocado era que os humanos podiam viajar com os Cavaleiros. Não que isso acontecesse frequentemente. Não, desde que eles romperam com Os Aegis.

Uma brisa salgada morna o atingiu quando eles saíram, seus pés descendo sobre rocha e areia marfim. A noventa metros de distância

estava sua mansão grega, uma ampla estrutura branca que ficava no topo de uma ilha no Mar Egeu. A ilha era desmapeada - invisível aos olhos humanos e a tecnologia - e Ares tinha morado aqui por três mil anos, desde o dia em que ele a tinha tirado do demônio que a construía. Era um lugar excelente, especialmente desde que ele trouxera padrões e confortos modernos.

Mas eles não iam para dentro.

Ele girou a mulher em torno de modo que ela estava de costas para o mar, seus pés descalços perto da beira do penhasco. — Quem é você? — Ele agarrou seus ombros firmemente, seus dedos cavando na parte superior do pijama de flanela azul salpicado de pinguins. Ela usava pijamas de *pinguins*.

— P-por favor... — O vento açoitava seu cabelo loiro-areia em seu rosto, e algum impulso esquisito o fez querer afastá-lo.

Ele resistiu. — *Quem é você?*

— Eu não sou... Não sou um demônio. — Sua respiração serrava para dentro e para fora dela tão violentamente que ele meio que esperava que ela desmaiasse.

— Qual é o seu nome?

Ela piscou como se não entendesse a pergunta, e quando ele repetiu, ela finalmente murmurou, — Cara. É Cara. Eu não sou um demônio. Juro, não sou um demônio.

— Você continua dizendo isso. — Ele inalou, mais uma vez capturando o cheiro amargo de seu terror, mas também, o tom fraco, esfumaçado de cão infernal. Ela estivera em contato direto com um. — Por que você estava lidando com um cão infernal? Você foi atacada?

Um minúsculo guincho veio dela, como se medo tivesse fechado sua garganta. Cães infernais podiam fazer isso com uma pessoa. Mas ele não tinha tempo para mimar uma fêmea delicada através de seu trauma. Ele precisava de conhecimento, e precisava agora.

Ele estalou os dedos na frente do rosto dela, assustando-a para fora de seu transe histérico. — Os Aegis a salvaram?

— Os homens? Eles... eles tentaram matar o filhote.

Ares não conseguia decidir se ela era um pouco... Lenta... Ou estava apenas assustada demais. Talvez ambos. Mesmo assim, ela deveria estar um pouco mais agitada em sua presença, e ele se perguntou o que estava acontecendo com isso. Ele tomou uma respiração profunda e falou lentamente, mesmo que não tivesse tempo ou paciência para esta merda — Sim, eu tenho certeza que eles tentaram matá-lo. É o trabalho deles.

— Matar cachorros?

— Cachorros *demônio*. Você sabe, cães infernais?

— Isto não é real, — ela sussurrou. — Eu quero ir para casa... — Ela balançou a cabeça, recuando selvagemmente. — Não, não para casa! Aqueles homens estão lá. Isto não é real...

Merda. Ele estava perdendo-a. Antes que ela pudesse entrar em um colapso completo, ele a apertou pelos ombros e inclinou-se para espreitar diretamente em seus olhos. Que eram da cor exata do mar abaixo quando o sol o atingia perfeitamente. Azul cristalino com manchas de verde e ouro. Deslumbrante.

— Ouça-me. Preciso saber se você viu um outro homem naquela sala. Longos cabelos loiros. Angelical.

Ela assentiu, o olhar de olhos arregalados trancado no seu como se estivesse com medo de desviar o olhar. Como se ele fosse uma corda de salvamento e se ela soltasse, mergulharia em um abismo de insanidade.

— Onde está Hal?

— Hal?

— O cachorro.

Ela tinha nomeado o cão infernal? As coisas eram maldosas pra *caralho*, vorazes, com tesão... De repente uma suspeita afundando fez seu estômago despencar. O cão tinha lhe dado um Beijo do Inferno. Nah. Eles nunca, *jamaiz* faziam isso aos humanos.

E ainda... Ele se inclinou, e conforme se aproximava, o odor do medo e da besta davam lugar a um aroma mais feminino. Ela tinha um cheiro limpo, como um prado de primavera, com suaves nuances florais. Seu pênis se sacudiu, o bastardo estúpido. A mulher estava aterrorizada, humana, e possivelmente acorrentada a uma das mais vis criaturas que já tinham sido geradas em Sheoul.

— O-o que você está fazendo?

Ele não respondeu. Ele tocou os lábios nos dela. Um ofego chocado escapou dela, e droga, ela tinha um gosto doce. Havia um fraco sabor de menta de pasta de dente em sua respiração, e quando acariciou sua língua pelos lábios de cetim dela, ele pegou o revelador formigamento entorpecente do beijo do cão infernal. O que explicava por que ela não era combativa com ele — pela ligação com Cara, o cão a trouxera para o mundo sobrenatural. Ela ainda era humana, mas com... Aprimoramentos.

Ele deveria ter se retirado, então e ali, mas sua boca era suave, seu corpo maduro com curvas, e ele não tinha beijado uma mulher — uma mulher humana de verdade — em milhares de anos. Cabeça nadando, ele a puxou contra ele. Isto era inesperado, incrível...

Dor súbita e aguda lanceou sua virilha. Ele praguejou rangendo os dentes, dobrou-se, e agarrou suas bolas, que ela tinha rachado com seu joelho.

— Bastardo! — Cara deu seguimento a isso esmagando aquele joelho assassino dela em seu nariz.

Enquanto ele recuava de surpresa que ela o pegara fora de guarda, ela tentou passar por ele, mas estava perto demais da borda do penhasco. Seu pé escorregou, e seu grito agudo cortou quando o chão caiu de debaixo dela.

Filho da! — Ares mergulhou, derrapou de barriga e mal enlaçou a mão dela quando ela desapareceu sobre a lateral. Pedras e sujeira romperam debaixo dele enquanto ele lutava para se segurar. Um pedaço gigante de terra desmoronou sob seu peito e, de repente, ele estava pendurado por seus quadris, sua alavancagem perdida, e em cerca de dois segundos, eles iam cair.

Ondas colidiam nas rochas abaixo, as plumas de espuma disparando para cima como se tentando agarrá-los, arrastá-los para baixo até uma sepultura de água. Bem, sepultura para ela, talvez. Ares meramente sofreria em agonia até que se regenerasse.

— Batalha, — ele chamou através de dentes cerrados. — Saia!

Cara se segurava desesperadamente a sua mão, mas enquanto observava a fumaça se desenrolar de seu braço, ele pensou que ela

poderia realmente soltar. O tufo rodou por cima de seu ombro, e então ele ouviu um bufo, sentiu a mordida do garanhão reprimir sua panturrilha. Pressão agonizante disparou pela sua perna, mas a armadura dura impediu os dentes do cavalo de guerra de rasgarem em sua carne.

Batalha arrastou-o para trás, e Cara com ele. Ele puxou-a sobre a borda e rolou com ela para a segurança, indo descansar em cima dela. Por um momento, ela encarou, seus olhos arregalados, assombrados nadando com descrença.

Então, tudo foi para o inferno.

Gritando, ela esmurrou-o com os punhos e levantou a cabeça para mordê-lo. Ele recuou, mal evitando seus dentes, e quando Batalha pisou um enorme casco ao lado da cabeça dela em um aviso protetor, seus gritos se aprofundaram, tão cheios de terror cru que Ares sentiu as vibrações em seu peito.

— Okay, — ele murmurou. — Cara, acalme-se...

Mas não havia nenhuma calma para ela, e ele sabia disso. Ela tinha sido empurrada para além da razão, além de sua capacidade de lidar, e a única coisa que ele poderia fazer por ela agora era nocauteá-la ou voltar no tempo.

Bem, ele poderia arrancar seus globos oculares e se plugar em suas visões, mas tão impiedoso como ele poderia ser, ele preferia usar

medidas drásticas somente se necessário e, se possível, apenas contra outros guerreiros. O que significava que se algum Aegi ainda estivesse na casa dela, eles iam experimentar um pequeno tudo-é-justo-na-guerra.

Infelizmente para Cara, ela não ia escapar incólume tampouco. Se ela estava ligada a um cão infernal, ele precisava dela. A besta viria a ela, quer fisicamente ou no mundo dos sonhos, e ele poderia levar Ares a Sestiel. Cara seria a isca para a armadilha de Ares. Tudo o que ele tinha a fazer era devolvê-la a sua casa e esperar.

— Batalha, para mim. — Ares jurava que Batalha rosnou antes de se enrolar ao redor de seu braço novamente, o que, é claro, fez Cara iniciar uma nova rodada de gritos. Apertando o braço ao redor dela, ele convocou um portal, os rolou para dentro dele, e surgiu na grama verde, suave fora da casa dela.

Antes que ela pudesse renovar sua histeria, ele acenou com a mão na frente do rosto dela. Sua expressão ficou frouxa, seus olhos vidrados. Ele levou um minuto para reajustar suas memórias... ele não podia criar novas, mas podia apagar os eventos mais recentes. Ser um Cavaleiro vinha com alguns truques bem legais.

Uma vez que terminou, ele a carregou para a casa dela. O lugar recendia a sangue e cão infernal, e embora parecesse que o Aegi tinha ido, ele não se arriscou. Silenciosamente, ele a deitou no sofá e realizou uma varredura dos aposentos. Tudo limpo. Um desastre, mas limpo. Os Guardiões tinham danificado a porta dos fundos, provavelmente

quando invadiram, e antes de reunirem os seus mortos e partirem, eles tinham passado por algumas de suas gavetas e armários. Sangue estava salpicado por toda a sala onde ele encontrara Cara, alguma espécie de consultório veterinário. Ela estaria confundida como todo o inferno amanhã quando acordasse.

Bem... Inferno, ele podia pelo menos dar-lhe uma explicação razoável para a perda de memória. Ele furtou em torno da cozinha até que teve sorte na forma de um copo pequeno e uma garrafa empoeirada de vodca. Depois de despejar o conteúdo na pia, ele molhou uma toalhinha e retornou para ela.

Ela estava enrolada de lado, seu longo cabelo cobrindo o rosto. Em algum ponto, ela tinha derrubado papéis da mesa de café - principalmente contas vencidas, do que ele poderia dizer. Por um longo momento, ele olhou para ela, se perguntando se ele deveria deixar cair à armadura que ajudava a protegê-lo não só de armas, mas de emoções fortes. O couro duro, formado a partir da pele de demônio Gerunti, era um dos favoritos de várias raças de demônio que ganhavam a vida como comerciantes de escravos, assassinos e mercenários, nenhum dos quais poderia permitir-se fraqueza de qualquer tipo - e emoções eram fraqueza. Mas Ares aprendera há muito tempo que às vezes um guerreiro ganhava uma perspectiva única perdendo a armadura.

Quando você entendia o que seu inimigo estava sentindo, você entendia como feri-lo de forma mais eficaz. Ou, em circunstâncias

como esta, se você se deixasse ver o mundo como o seu alvo via, você poderia rever sua estratégia para tirar proveito da situação dela.

Jogando as contas de lado, ele passou de leve as pontas de seus dedos sobre a cicatriz em forma de crescente apenas sob sua mandíbula do lado esquerdo do pescoço, e sua armadura derreteu, deixando-o de calças do exército pretas e uma camiseta preta. Essas eram suas roupas todos os dias, as que ele se sentia mais confortável. Mas por alguma razão, ele se sentia nu agora, como se precisasse da armadura de couro.

Para quê? Proteção contra a fêmea humana dormindo?

Ele balançou a cabeça para limpá-la. O fode-mente ¹⁶ de Pestilence realmente devia estar bagunçando com ele.

Cara se mexeu, levantando seu rosto ligeiramente arredondado para ele. Seus olhos estavam inchados, e uma contusão dolorosa com a forma de uma mão marcava sua bochecha. Raiva que ele não teria sentido se ele estivesse blindado fez sua pele ficar quente.

Aqueles Aegis filhos da puta. Ele deveria ter tomado o tempo para despedaçá-los. Ares entendia a necessidade de crueldade: Guerra não era agradável, e Os Aegis estavam engajados numa missão para salvar a humanidade. Mas torturar não combatentes, especialmente

¹⁶ gíria inglesa que se aplica a algo ou alguém que intencionalmente tenta desestabilizar, confundir ou controlar a mente de outra pessoa por meio de manipulação mental e emocional.

mulheres, não estava no manual de campo. Não quando havia maneiras muito mais fáceis e melhores para obter informações.

Ele silenciosamente os amaldiçoou enquanto usava golpes suaves, leves para limpar as manchas de sujeira do rosto e das mãos de Cara. Ele demorou em seus dedos. Finos, fortes, com unhas quadradas cobertas com esmalte claro. Ele sempre teve uma queda por mãos bonitas, e as imagens floresceram em sua mente, umas impróprias envolvendo o toque dela em seu corpo. Ele sentia que ela teria um toque leve, suas carícias tentativas, e por alguma razão, isso o atraía.

Algo diferente, ele supôs. Seu pau concordava com a coisa algo-diferente, e ele se moveu para abrir espaço em suas calças enquanto terminava com suas mãos, virando seu anel de ouro no mindinho ao redor para que minúsculo rubi estivesse no lugar correto. Tão feminino, como tudo sobre ela. Mesmo seus pijamas, embora não as coisas mais sexies que ele já tinha visto, a faziam parecer mais suave, mais frágil, e ele amaldiçoou Os Aegis mais uma vez enquanto usava a toalhinha para enxugar as listras de sangue que haviam secado em sua garganta. As feridas em si, obviamente feitas por uma lâmina afiada, tinham selado, e graças à ligação com o cão infernal, estariam curadas dentro de horas. Assim como seus hematomas e arranhões. Mas ele não podia ter certeza de quão completa a limpeza de mente tinha sido, e não podia fazer nada sobre as manchas de terra e grama em seu pijama.

Quando a última gota de sangue e sujeira tinha sido esfregada, ele se retirou — e congelou quando sua mão disparou para agarrar seu

pulso. Seus olhos estavam abertos, mas faltava-lhes o terror que ele esperaria ver em alguém que tinha acabado de acordar para um estranho pairando sobre ela.

Ela ainda estava dormindo.

Ela o puxou, arrastando-o mais perto, como se quisesse conforto, ou proteção.

— Shh. — Ares alisou seus dedos pelo cabelo dela e usou o polegar para fechar seus olhos e, em poucos segundos, ela estava roncando graciosamente. Ele ligou a TV no caso de ela ser o tipo de adormecer enquanto assistia, e permitiu-se um sorriso enquanto acenava com a cabeça em uma despedida silenciosa.

Depois de trancar suas portas e janelas, ele voltou para o consultório veterinário. Alcançando sob sua camisa, ele espalmou seu Selo, na esperança de localizar Sestiel. Nada.

Normalmente, este seria o ponto em que Ares amaldiçoaria furiosamente. Mas ele tinha um ás na manga, na forma dessa pequena fêmea humana. Dando uma última olhada nela, ele abriu um portão e piscou para fora de lá.

Mas ele voltaria.

CAPÍTULO



TRÊS

Pestilence sempre gostou do México. Quando tinha sido Reseph, ele e Limos tinham festejado por dias em várias cidades, de armadilhas turísticas a vilas remotas onde os habitantes locais tinham chamado-os de *brujos*¹⁷, vendo-os como tipo mágicos, muito embora ele e sua irmã nunca revelaram nenhum de seus segredos... Exceto por suas longevidades. Reseph e Limos tinham visitado as vilas por décadas, tinham conhecido muito dos idosos quando eram bebês.

Agora ele estava em pé no centro de uma daquelas montanhas de vilarejo, observando como o último dos moradores, um homem de vinte anos ou algo assim, se contorcia em seus pés, tentando desesperadamente sugar o ar através de sua traqueia estreita.

— Bom trabalho. — Pestilence olhou por cima do ombro para Harvester. A fêmea anjo caído, uma dos dois Cavaleiros Vigilantes, estudou a obra de Pestilence com um olho crítico. — Quanto tempo

¹⁷ Bruxos

levou para que essas pessoas percebessem que você não estava aqui para trazer presentes a eles?

— Não muito. — Quando Pestilence chegou, as crianças vieram correndo, esperando doce, e os adultos tinham começado a preparar uma festa digna de um Rei. Reseph nunca tinha aparecido sem oferendas para a comunidade de agricultores pobres, de presentes de animais à caixas de remédio, à livros e sapatos para as crianças. Então quando ele disparou a primeira flecha no primeiro coração, chocou e congelou toda a população.

Até que ele agarrou uma garota adolescente, afundou suas presas em sua garganta, e injetou uma linha de febre hemorrágica demoníaca que se espalhou pelo vilarejo em questão de minutos. O cara em seus pés foi o último a morrer, seu gorgolejar final veio enquanto seus olhos dissolviam em sua cabeça.

Harvester ajoelhou perto do corpo e arrastou seu dedo pela lama formada na terra pelos vazamentos dos fluídos corporais do homem. — Isso é o que, sua quarta praga no México sozinho? — a expressão do anjo caído estava escondida por seu longo cabelo negro, mas Pestilence pôde ler o desagrado no conjunto duro dos ombros de Harvester. — Todas pequenas, vilas isoladas. Assim como na África, China, Alaska.

— Eu vou acertar as populações maiores em breve. — Pestilence disse, incapaz de manter uma nota de defesa fora de sua voz. — Eu tenho um plano.

Harvester desenrolou em todos seus um metro e noventa e oito centímetros, chegando a ficar olho com olho com Pestilence. — Mentiras. Você está acabando com tudo que lembre a você de sua vida antiga. Punindo os humanos por sua bondade. — O anjo zombou. — Agora que o seu Selo está quebrado, você precisa colocar seu traseiro em marcha enquanto o submundo está inchado com o momento.

— Não supõe-se que você e Reaver tenham que ser imparciais?

Ela bufou. — Dificilmente. Cada um de nós está aqui apenas para garantir que a outra parte jogue justo. Reaver quer parar esse Apocalypse, e eu quero vê-lo começar. Eu posso não ser capaz de ajudar você diretamente, mas eu posso trabalhar nos bastidores, e eu certamente posso incentivar você. — Ela estudou suas unhas pintadas de preto. — Eu também posso ficar puta com as suas brincadeiras. Há uma conversa sobre adicionar mais Vigilantes para manter um olho em você e nos seus irmãos agora, e eu não planejo dividir meu trabalho com ninguém, então mova-se.

— Não estou trabalhando nisso. Eu abati Batarel

— Não antes de ela transferir o agimortus de Ares — Pestilence agarrou a túnica de Harvester e puxou-a tão perto que as respirações se misturavam. — Eu tenho meus servos caçando a Unfallen até os confins da terra. Eu abati seis nos últimos dois dias. Dezenas entraram em Sheoul para escapar de mim. Mesmo se eu não encontrar Sestiel em breve, ele não terá ninguém para transferir o agimortus.

Era uma droga que o agimortus não poderia ser transferido para os Anjos Caídos que entraram em Sheoul e foram de uma linha Unfallen na ponta dos pés a um Verdadeiro Caído do mal. Um verdadeiro caído provavelmente sacrificaria sua vida para quebrar o Selo de Ares. A pele de Harvester cresceu manchada, injetada com veias escuras, e seus olhos verdes agitaram com listras de rubi. Asas negras semelhantes a couro subiram das costas. — Tolo — ela cuspiu. — Os agimortus podem ser transferido para um ser humano. Se Sestiel ficar desesperado, ele tem bilhões de hospedeiros em potencial à sua disposição.

— E você não mencionou isso antes... Por quê? — Ele disse entre dentes.

— Isso — ela disse, — não é para você questionar. — Suas asas levantaram ainda mais altas e amplas, o efeito sem dúvida calculado para fazer Pestilence tremer em suas botas ante sua maldade impressionante. Como se pudesse.

Ele se perguntou o quanto de força seria necessário para rasgar uma asa de um anjo caído. — Espero que ele *realmente* transfira o *agimortus* a um ser humano. Eu posso matar um homem tão facilmente como uma mosca. — Ele apertou seu punho, recolhendo o tecido da túnica de Harvester e transformando-o em um laço. — Não será tão agradável quanto matar um anjo caído, no entanto. — Ela assobiou. — De vocês quatro, você sempre foi meu favorito, pelo menos. Eu tinha certeza de que uma vez que o seu Selo quebrasse e se tornasse

Pestilence, você deixaria de ser um esbanjador e iria colocar algum esforço em fazer um nome para si mesmo. Claramente, eu estava errada.

Pestilence rangeu os dentes. — Tenho a intenção de provar a mim mesmo para o Lorde das Trevas como o mais digno de meus irmãos. Quando a Terra e Sheoul se tornarem um, eu *terei* a primeira escolha dos reinos. — Sim, estava escrito que após o Apocalipse, o reino demoníaco iria transbordar para o humano, e todo o kit e kaboodle¹⁸ seria então dividida em quatro quadrantes, com diferentes quantidades de água, comida, terra e populações de humanos e demônios. O Cavaleiro que provasse ser o melhor seria o primeiro a escolher e transformar sua região em um paraíso de miséria e prazer.

Pestilence seria esse Cavaleiro.

Harvester sorriu suas presas brilhando molhadas. — Você não pode realmente acreditar nisso. Ares vai ganhar, assim como ele ganha tudo.

Com um rugido, Pestilence bateu o anjo caído para o lado de um dos barracos. O impacto abriu um buraco através da madeira, e ambos cambalearam para dentro do prédio. — Eu não estou permitido a matar você — ele rosnou, empurrando-a contra uma viga de apoio. — Mas eu posso fazê-la desejar estar morta.

¹⁸ Kaboodle é uma derivação grafia da palavra Inglês "caboodle", ou seja, um grupo, grupo, muito, pack ou conjunto de coisas ou pessoas

— A verdade dói, não é? — Ela chicoteou uma asa cheia de veias em torno de suas costas e afundou a ponta com garras na parte de trás do pescoço dele. A dor subiu pela espinha e ricocheteou em torno do interior do seu crânio, mas ele não lhe deu a satisfação de um som. — Você sempre teve ciúmes de Ares.

Nem sempre. Não foi até depois que o Selo de Reseph rompesse que o *grande Ares* tinha entrado em sua pele. Ares tinha sido um comandante magistral como um ser humano. Ares nunca havia perdido uma batalha. Ares era o original do Deus grego com o mesmo nome. Blah porra blah.

Era a vez de Pestilence. Ele estava indo ferir Ares onde importava – aqueles servos que ele se preocupava tanto. Inferno, sim, Pestilence ia fazer um nome para si mesmo. Ele seria o mais temido dos Cavaleiros. Muito depois que o Apocalipse terminasse, seu nome seria pronunciado com reverência. Com admiração. Com *medo*.

Ele chegou por trás das costas e pegou na asa de Harvester. Com uma torção de pulso, ele estalou os ossos em sua asa. Ele cortou seu grito rasgando sua garganta com os dentes. Sangue derramado por seu peito, revestindo-o com o calor pegajoso.

Não, ele não poderia matá-la. Isso era contra as regras. Mas ele poderia parar muito perto disso.

E ele poderia ter certeza de que os contos iniciais de seu reinado de terror vieram de um relato em primeira mão.



Ajude-me.

A voz veio para Cara como se ela flutuasse em um quarto escuro e frio, seu corpo uma sombra enevoadada. Abaixo dela, um cão uivou de dentro de uma gaiola, seus cintilantes olhos vermelhos observando cada movimento seu. Ela se aproximou, sem saber como, já que ela estava pendurada no ar, mas em qualquer caso, ela estava de repente olho no olho com o canino.

Encontre-me.

Ela começou. A voz veio do cão. Não uma voz real, mas mais como um pensamento dentro da sua cabeça.

— Quem é você?

Eu sou seu. Você é minha.

Minha? Seu? Isso foi tão estranho. Ela colocou seu rosto perto da gaiola, estranhamente sem medo da criatura dentro. Era claramente um filhote de cachorro, mas algo sobre ele irradiava poder letal e perigoso. Sua pele era tão negra que parecia absorver a pouca luz que entrava na sala por trás de persianas fechadas em uma única janela pequena, e seus dentes pareciam como se eles devessem estar dentro

da boca de um tubarão do que a de um cão. Ela procurou por uma tranca... Cadeado, uma *porta* na gaiola... Mas não encontrou nada, exceto símbolos estranhos gravados nas barras. A gaiola inteira localizada dentro de um círculo pintado no chão de cimento. — Como eu solto você?

Você deve me achar.

Então... Este sonho coisa-de-cão era um pouco estúpido. — Eu já te encontrei.

No outro mundo.

Ele definitivamente não estava bem da cabeça. *Diz a pessoa que fala com o cão.*

— Quem colocou você aqui?

Sestiel.

Quem era Sestiel? Ela flutuou e olhou em torno do que parecia ser um porão. As paredes foram construídas com camadas de pedra, sugerindo construção mais antiga. Ela derivou de um conjunto de prateleiras empoeiradas, que mantinham apenas algumas latas sem rótulos, um lápis quebrado, e um frasco de vidro meio cheio de líquido claro. Estranhamente, o frasco não estava empoeirado. Ela estendeu a mão, só para passá-la através da garrafa e das prateleiras.

Talvez este não fosse um sonho. Talvez ela fosse um fantasma. Mas como é que ela morreu? Sua memória era um buraco negro.

Uma batida distante a assustou, e ela virou-se para o cão. — O que foi isso?

O que foi o quê?

A batida veio de novo, uma batida monótona, cada vez mais alta, e ela se sentiu sendo puxada em direção ao som, seu corpo esticando como caramelo. Algo suave embalava seu corpo, e luz corria de seus olhos. Ela piscou, seu entorno veio em foco, e sentou-se.

Sua sala de estar. Ela estava em sua sala, no sofá. O sonho estranho desapareceu, substituído pela confusão da vida real. Ela obviamente caiu no sono em seu sofá, mas... Porque estava um copo e uma garrafa vazia de vodka em sua mesa de café? Ela não bebia, nem uma gota, desde o arrombamento de dois anos atrás. Aprendeu que a vida era frágil, cheia de surpresas, e ela não queria que nenhum de seus sentidos ou reflexos fossem entorpecidos por qualquer coisa, incluindo medicamentos ou álcool.

Desconforto rolou pela sua espinha quando passou as mãos sobre o rosto. Sentia a pele suave, e como arrastou seus dedos até a boca, o mal-estar dobrou. Seus lábios estavam inchados, inflamados.

Como se ela tivesse sido beijada.

Uma súbita imagem de um homem incrivelmente enorme segurando-a contra ele surgiu em sua cabeça, e uau, tinha que ter sido parte de um sonho, porque ninguém era tão grande. Ou bonito. Uma visão desdobrou-se em sua mente, dele baixando a boca perfeitamente em forma para a dela. Ela quase podia sentir a sua língua quente acariciando seus lábios, e era tão real que seu corpo ardia quente.

A propagação agradável espalhou-se sobre sua pele, mas quando os cabelos da parte de trás do pescoço formigavam, de repente ela passou de estranhamente excitada para se sentir como se alguém estivesse olhando para ela. Esquecendo os lábios inchados e o homem ideal, ela chicoteou a cabeça ao redor, mas não havia ninguém lá. Maldição, ela estava cansada desta paranoia, mas que não a impedia de digitalizar todos os cantos duas vezes.

Ciente de que não havia ninguém no quarto, ignorou a sensação persistente de que os olhos estavam sobre ela para se concentrar na TV, que estava tocando algumas notícias recentes sobre um surto de malária mortal na Sibéria. Desde que Sibéria não era exatamente um ponto para malária, a doença foi um grande negócio, feito maior pelo fato de que os especialistas nunca tinham encontrado esta estirpe particular.

"O surto siberiano é apenas uma das dezenas de estranhas ocorrências de pragas altamente letais que atingem populações em todo o mundo", a âncora estava dizendo. "Os líderes religiosos em todos os lugares estão citando profecias do fim do mundo, e os cientistas estão aconselhando as pessoas a usar o senso comum. Como um pesquisador

da Organização Mundial da Saúde diz, "As pessoas falaram sobre Armagedon durante o último surto de gripe suína. E antes disso, foi à gripe aviária. O que nós estamos vendo é a natureza se rebelando contra produtos químicos de controle de insetos e antibióticos". A expressão do jornalista era sombria quando ele olhou para a câmera. *"E agora vamos para a península balcânica, onde crescentes tensões..."*

Cara desligou a TV. Parecia que recentemente a notícia era de todo ruim cheia de doenças, guerra e pânico crescente.

Ela se levantou, sentindo um pouco vacilante... Que diabos? Seu pijama estava sujo, como se tivesse rolado em torno de um curral. Duas cores diferentes de terra manchavam seu pijama, e havia manchas de grama em suas mangas. E o que era o sangue... Em sua parte superior?

Coração batendo descontroladamente, ela bateu-se para baixo, inspecionando por lesões, mas a não ser por uma torção no pescoço, ela provavelmente poderia culpar o sofá irregular, ela se sentia bem.

Se perder sua mente pode ser considerado *bem*.

O som de um motor de veículo invadiu a cacofonia de seus pensamentos confusos. Grata pela distração, ela afastou as cortinas pesadas da janela da frente. O jipe do carteiro afastou-se, o que explicava o que a tinha acordado. Ela foi até a porta, aliviada de que todas as fechaduras estavam no local. Mas ainda assim, por que ela estava imunda? E se ela tivesse se tornado sonâmbula? E se durante o sono ela bebeu uma dúzia de goles de vodka?

Cafeína. Ela precisava de cafeína para descobrir isso. As teias de aranha em seu cérebro pareciam estar pegando todos os seus pensamentos e enredando-os para que eles não pudessem formar uma explicação coerente para nada disso.

Ela trabalhou as fechaduras, tendo o cuidado de verificar o olho mágico antes de desprender a corrente, e em seguida, pegou a caixa com elástico do correio que o carteiro tinha deixado. As cartas acabaram por ser contas. Muitas delas, e todas elas com boletos amarelos ou rosas no interior.

Bem, água corrente e eletricidade eram luxos, não eram?

A caixa, contendo seu único prazer – café gourmet – ela deixou fechada. Ela teria que enviá-lo de volta. Agora que havia sido demitida de seu trabalho de meio-período na biblioteca, ela já não podia pagar, mesmo que uma coisa pequena, não com as contas se acumulando, sem perspectivas de emprego na pequena cidade, e nenhum comprador para a casa em vista. Diabos, ela poderia ter que desistir até mesmo das coisas genéricas de padaria. Estremecendo com o pensamento, ela lançou a correspondência sobre a mesinha ao lado da porta, virou as fechaduras, e arrastou-se para a cozinha, esperando que as poucas colheres de café que tinha deixado pudessem ser esticadas em um pote cheio. Mas, quando ela virou a esquina para o corredor, parou abruptamente.

A porta de seu escritório estava aberta.

Ela não tinha entrado lá, desde quando parou sua prática. Oh, Deus, o que ela tinha feito em seu sono? Uma sensação de ansiedade silenciosa brilhava através dela enquanto se arrastava pelo corredor até a porta aberta.

Ela havia feito muito mais do que beber vodka e rolar no chão enquanto dormia.

Caixas de suprimentos estavam espalhadas no chão, derramando o seu conteúdo para fora. A substância escura que parecia suspeita como sangue seco estava respingada nas paredes e agrupadas sobre os azulejos, e quando ela entrou totalmente dentro do quarto, deu uma longa olhada no mobiliário tombado e armários destruídos.

O que aconteceu aqui, *e de quem é esse sangue?*

E por que, querido Deus por que, ela se sente como se alguém estivesse olhando para ela.



Espionagem pode normalmente ser considerada uma habilidade. A menos que você fosse um ser sobrenatural que poderia sair em um *Khote*. Então, sim, Ares não sentia exatamente como se estivesse fazendo nada, além de ser um voyeur¹⁹, como hoje a população diz.

¹⁹ Quem gosta de espionar pessoas

Mas ele não poderia exatamente sair do ar e perguntar o que Cara sonhou na noite passada. Não quando ela descobrisse a bagunça em seu escritório veterinário. Ela pode parecer calma, mas parecia como se a cor tivesse sido drenada de seu rosto, e quando saiu do quarto, ela tropeçou.

Ares quase saiu de seu *Khote* para pegá-la.

Idiota. Ele observou-a marchar pelo corredor até a cozinha, onde fez o café, serviu-se de uma tigela de cereal genérico em flocos, e comeu com movimentos mecânicos e precisos. Ela tinha que saber que seu pijama estava sujo de terra e sangue seco, mas isso não a perturbou. Chocante. Definitivamente.

O lado dele endurecido pela batalha queria dizer a ela para sair dessa. *Para crescer e superar isso, soldado.* Mas o outro lado dele queria... O quê? Confortá-la? Dobrá-la em seus braços e sussurrar coisas doces e sentimentais em seu ouvido?

Fodido Idiota. Ele passou o dedo sobre a garganta, e sua armadura encaixada no lugar. Tinha sido tolice vir aqui sem isso.

Ares tinha sido educado para ser um guerreiro – e ele tinha sido um muito bom, tinha aprendido a arte da guerra com o humano que ele acreditou ser seu pai, que aperfeiçoou o instinto com o qual ele nasceu, graças a sua mãe demônio e pai um anjo de batalha.

Mas depois, quando os Selos foram repartidos de acordo com "melhores – e piores ajustes" para cada irmão, ele foi fornecido com uma enorme dose de especialidade em instabilidade.

O desejo de lutar uma boa batalha sempre esteve lá. Sem culpar *isso* na profecia estúpida.

Hora de chutar o seu próprio rabo e fazer o que precisava ser feito. O destino de toda a humanidade repousava sobre seus ombros, e se ele traumatizasse uma pequena fêmea humana para salvar o mundo, que assim seja.

Ele estava prestes a descer o khote quando Cara pegou o telefone, discou, e disse em voz monótona — Larena, é a Cara. Eu preciso saber o que sonhar com um cão preto significa. Ele estava uivando, em uma gaiola. E se o nome Sestiel significa alguma coisa para você, também ajudaria. Obrigada.

Enjaulado? Isso significava que Sestiel estava na posse do animal, e não o contrário. Ele estava esperando se ligar a ele? Mesmo que os anjos caídos pertencessem a um pequeno punhado de seres que poderiam domar cães do inferno, agora que o animal estava ligado a Cara, ninguém mais poderia controlá-lo, domá-lo, ou vincular-se com ele. Sestiel não deve estar ciente de que suas esperanças para um protetor do cão infernal, pelo menos deste cão específico, foram frustradas.

Mas as esperanças de Ares ainda estavam vivas. O cão poderia ser o que ele queria, e o sangue de Ares cantou com expectativa de que ele possa finalmente ter a sua vingança. Que Cara se tornaria danos colaterais não importava, e Ares tinha a sensação de que, mesmo quando ele tirou a armadura, a aversão com a besta superava em muito qualquer picada de consciência que ele teria para as consequências com a humana.

Cara desligou e caminhou para o quarto, claramente no piloto automático. Curioso, ele seguiu, e quando ela começou a tirar a roupa, ele decidiu que aparecer agora poderia não ser uma boa idéia.

Ele tinha sido criado durante um tempo em que a nudez não era dada um segundo pensamento, e ele raramente pestanejava em um corpo nu. Claro, como qualquer homem de sangue quente, no calor do momento ele apreciou uma mulher nua, mas levou um inferno de muito mais do que a simples nudez pra agitar seu lombo mesmo só um pouco.

E ainda, quando Cara tirou o pijama, ele definitivamente se encontrou agitado.

Como se sentisse que estava sendo observada, ela inclinou para longe dele, mas tarde demais. Seus seios fartos e altos e os mamilos rosa escuro já foram gravados em sua memória. E ele teve que admitir que a visão por trás era tão tentadora.

A pele de Cara estava pálida, como se ela não passasse muito tempo fora, mas para além de algumas sardas, era impecável, leitosa e suave, e ele tinha um desejo intenso de tocá-la, ver se era tão flexível e aquecida quanto parecia. Seus músculos tonificados flexionando com cada movimento – ela era mais forte do que parecia, como suas bolas ainda sensíveis podiam atestar.

Curvando-se, ela empurrou para baixo seu pijama e roupas íntimas, e Ares, que tinha sempre preferido batalha do que sexo, que se entediou de sexo porque não oferecia nenhum desafio, nada de novo... Quase engoliu a língua. Ele era um homem que gostava de seios, mas Cara tinha uma bunda *boa*.

E não era, cobiçar uma mulher que ainda estava sofrendo de choque real, um porra de nobre. Não que ele já tenha se afirmado como nobre.

Ela caminhou até o banheiro, e de novo, como se ela pudesse sentir a sua presença, ela fechou a porta. E a trancou.

Através da madeira frágil, ele ouviu o início do chuveiro, e apesar dele poder lançar um Harrowgate para entrar no banheiro, ele teve uma idéia melhor. Convocou um portal para levá-lo ao seu reduto grego, se trocou para calças cargo cáqui e um branco de linho abotoado que ele deixou fora da calça. Ele queria parecer casual e não ameaçador, e por meio segundo ele mesmo considerou se jogar em sua sandália de couro. Nenhum homem parecia um chuta traseiros de sandálias.

Mas elas também não foram feitas para estribos de sela, e ele queria estar preparado para montar, então no final ele empurrou seus pés em um par de botas de combate, pegou um maço de dinheiro americano, e achou que estava bem. Ele percebeu que tinha alguns minutos de sobra antes que Cara terminasse de tomar banho, então ele olhou para o e-mail, na esperança de informações ou fofocas de seus espiões e fontes do submundo. Qualquer informação sobre a localização de Pestilence, suas atividades, movimentos... *Qualquer coisa...* Poderia ser uma grande descoberta.

— Há um novo surto de meningite em Uganda e uma peste bubônica irrompendo nas Filipinas.

Ares apertou a ponte de seu nariz entre o polegar e o indicador antes de disparar um olhar irritado a Reaver. O anjo loiro amava aparecer nas salas sem aviso prévio. Ele estava na porta do escritório de Ares, com os braços cruzados sobre o peito largo, seus olhos azuis safira brilhando com intensidade.

Ares digitou no site da CNN. — Não fez a notícia ainda.

Reaver balançou as sobrancelhas. —O DBS²⁰ sempre escava todo mundo.

Ares foi tentado argumentar que o submundo muitas vezes teve o seu dedo no pulso de más notícias antes do chamado *Sistema de*

²⁰ Sistema de Radiofusão Divino

Radio difusão Divino de Reavers fez, mas não valia o seu tempo. Anjos não gostavam de admitir que os demônios sempre tinham um em cima deles. Então, novamente, Reaver não era a sua auréola de costume. O cara passou algum tempo como um anjo caído, e ele trabalhou no hospital demônio, Underworld General, por anos antes de ganhar suas asas de volta. Por causa disso, ele teve uma perspectiva única sobre demônios, e ele ainda permanecia amigável com alguns deles.

Estranho.

— Tenho certeza que Thanatos está avaliando os surtos por sinais das mãos de Reseph.

Thanatos, como o Cavaleiro que se tornaria Morte deveria ter seu Selo quebrado, foi naturalmente atraído por cenas de mortes em massa, assim como Ares foi atraído a batalhas de grande escala. Eles muitas vezes assombraram as mesmas cenas.

— E o que você está fazendo?

Ares recostou-se na cadeira, esticando as pernas compridas e cruzando-as na altura dos tornozelos. — Você sabe, você seria muito mais útil se talvez – aqui está uma ideia romântica – ajudasse.

— Você conhece as regras. — Sim, sim. — As regras são fodidas.

— Isso é o que eu amo sobre vocês, do tipo guerreiro. — Reaver demorou. — Você é tão articulado.

— Nós não precisamos ser. Nossas espadas falam mais alto que as palavras.

O anjo apenas balançou a cabeça. — Encontrou o portador de seus *agimortus* já?

— Continuo recebendo breves vibrações através do meu selo, mas por enquanto eu sigo a liderança, ele está desaparecido novamente. Você sabe onde ele está?

— Ele está se escondendo até mesmo de mim.

— Você não me diria se soubesse. — Ares rosnou. — Mas eu tenho o nome dele. Sestiel toca um sino?

— Sestiel? — Reaver esfregou o queixo, pensativo. — Ele caiu algumas centenas de anos atrás. Ele sucumbiu às tentações humanas e negligenciou seus deveres muitas vezes. Da última vez que ouvi, ele estava tentando ganhar o seu caminho de volta para o céu.

— Com quem ele sai?

Reaver fez uma bola de luz dourada aparecer na palma da mão, saltando levemente. Ares odiava quando ele fazia isso - um deslize da Illum Celestial, e toda a ilha estaria envolta em luz vinte quatro horas por dia, sete dias na semana.

— Você está familiarizado com Tristelle?

Ares assentiu. A fêmea Não-caída tinha estado ao redor tanto quanto Ares podia se lembrar, aparentemente contida para andar na linha entre o bem eo mal.

— Sestiel vem tentando redimi-la por décadas. — Reaver piscou. — E não, esta informação não vai *ajudá-lo*, uma vez que é de conhecimento comum.

Excelente. Tristelle pode ser capaz de fornecer alguma pista sobre o paradeiro de Sestiel.

Seu couro cabeludo formigava, e Harvester tomou forma ao lado de Reaver, que deixou a luz sair enquanto olhou de cima a baixo. — O que aconteceu com você?

— Não é da sua conta — ela retrucou, e... *Okaaay*. O Observador do mal tinha sido sempre irritada, mas suas reclamações eram geralmente expressas com sarcasmo. Mas então, em dois mil anos, ela tinha sido um Observador, ele nunca tinha visto ela assim... Surrada.

Retira isso. Não apenas surrada, mas *espancada*. Suas asas negras, também destruídas a dobradas contra suas âncoras, caídas tão baixo que se arrastavam no chão, com a cabeça pendurada, como se seu pescoço doesse, e Ares jurou que por apenas um segundo, seus olhos pareciam assombrados. A coisa era, anjos se curavam rapidamente, assim que seja lá com o que ela tenha se emaranhado

tinha que ter sido de poder igual ou maior – e havia muito poucos seres em qualquer categoria.

Reaver atirou um sorriso apertado para ela. — Humilhada alguém finalmente deu o que você merece?

Estranhamente, Harvester não atirou o fogo de volta. Em vez disso, ela se mudou para a tela do computador, ainda mostrando o site da CNN. — Os governos humanos estão mantendo a maioria das obras de Pestilence quietas. Você já reparou?

Ares tinha notado. Ele também notou como ela estava favorecendo sua perna esquerda.

— Por que você está aqui de qualquer forma? — Ele olhou para Reaver. — Isso vale para você também.

— Porque eu posso dizer o que Pestilence tem feito até agora — disse Reaver. — Ele tem provocado mini epidemias por todo o mundo e matado todos os Não-caídos que ele pode encontrar. Eu acho que ele está frustrado que não pode localizar Sestiel.

Talvez, mas Reseph nunca tinha sido de cabeça quente. Quando Ares, Thanatos, e Limos tinham estado completamente furiosos com alguma coisa, Reseph sempre tinha sido o único a entrar e acalmá-los todos. Talvez se transformando em Pestilence tinha mudado isso, mas Ares não pensava assim. Não, ele era mais esperto do que isso. Se Ares

estivesse no lugar de Reseph, ele iria cortar as rotas de fuga de Sestiel, não perderia tempo em vingança mesquinha...

— Eu sei o que ele está fazendo. Ele está tirando qualquer um que poderia se tornar o *agimortus*. — Ares amaldiçoou. — E ele está usando as epidemias para prendê-los.

As asas de Harvester se contrairam. — Como assim?

— Os não-caídos são atraídos para o sofrimento — Reaver refletiu. — Anjos são sempre, e não caídos não são exceção. Eles esperam que, confortando os moribundos, eles possam ganhar o seu caminho de volta para o céu.

Ares estudou o mapa gigante do mundo na parede. Pinos alfinetados marcavam as obras conhecidas de Pestilence. O otário estava correndo para fora da sala. — Pestilence está montando armadilhas. É o que eu faria .

A porta do escritório se abriu, e Vulgrim, um dos servos demoníacos Ramreel de Ares, entrou com uma bandeja de chá gelado, que colocou sobre a mesa. Depois que Vulgrim saiu, Reaver prendeu outra localização no mapa. — Vamos apenas esperar que Sestiel não entre em pânico e faça algo estúpido se ficar sem opções para a transferência.

— Estúpido? — Harvester pegou um copo da bandeja do jeito que ela sempre fez, como se estivesse com medo que alguém pegasse

isso antes que ela conseguisse. — As únicas outras espécies que podem ser um *agimortus* são humanos.

Filho da – Ares se empurrou de volta da mesa. — Talvez você poderia ter mencionado isso antes? Você sabe, como cerca de dois mil anos antes? — Ele amaldiçoou, não esperando por ela ou Reaver para dizer algo idiota como, *você sabe as regras*. — Os seres humanos são frágeis. Fáceis de matar. Se um deles pega a *agimortus*...

— Isso não é o principal problema. — disse Reaver.

— Ser fácil de matar soa como um maldito problema grande para mim. Então, o que mais está lá?

— Os seres humanos não são supostos para hospedá-lo. Isso vai matá-los. Um ser humano teria, no máximo, 48 horas para viver. — Harvester sorriu, e foi quase um alívio vê-la de volta sendo sinistra. — E FYI²¹? Pestilence sabe. Espere que ele intensifique o assassinato dos Não-caídos, assim Sestiel é forçado a usar um ser humano. E depois assista o seu mundo desmoronar, Cavaleiro.

²¹ FYI" é comumente usado em e-mail, mensagens instantâneas ou mensagens de memorando, normalmente no assunto da mensagem, para sinalizar a mensagem como uma mensagem informativa, com a intenção de comunicar ao receptor que ele / ela pode estar interessado no assunto, mas não é necessário para executar qualquer ação.

CAPÍTULO



QUATRO

Reaver estava sozinho diante da casa de Ares olhando cegamente para o distante bosque oliva, sua impotência o consumindo. Há tantas malditas regras quando se é um anjo, e Reaver era mais conscientes do fato que a maioria.

Ele quebrou uma rigorosa regra Celestial uma vez e pagou o preço, passou um par de décadas como um anjo caído. Então, durante uma batalha quase-apocalíptica um par de anos atrás, ele se sacrificou para salvar a humanidade, e ganhou suas asas de volta.

Por um tempo, ser totalmente alado e não mais desprezado pelos seus irmãos celestiais havia sido incrível. Ele era um anjo de batalha, um dos guerreiros de Deus, e passava os dias abatendo demônios. Ele também foi designado como o Observador *bom* dos Cavaleiros. Isto foi legal também, mesmo que ele fosse forçado a lidar com Harvester em uma base regular. Observador era uma posição de prestígio, e Gethel, a anjo que anteriormente fora atribuída, não parecia se importar de sair da rotação do trabalho.

Reaver não sabia por que lhe fora dada a tarefa, mas agora, com um novo apocalipse no horizonte, ele estava começando a suspeitar que se tratasse de um teste. Um teste para se certificar de que poderiam confiar que ele não quebraria as regras, não importasse o quanto às coisas ficassem terríveis para o mundo humano.

Deixando para trás o cheiro da salgada brisa morna, Reaver se transportou para o covil de Reseph no Himalaia. Era difícil pensar no Cavaleiro descontraído como Pestilence agora, especialmente quando Reaver caminhava através da caverna e via os restos da vida de Reseph: grandes puffs, um liquidificador de margaritas, sacos de batatinha abertos, e roupas espalhadas pelo lugar.

Reaver vagou pela caverna, em busca de qualquer evidência de que Pestilence estivera aqui recentemente. Ratos do inferno do tamanho de marmotas corriam debaixo de seus pés, suas bocas escancaradas forrada com várias linhas de dentes que pareciam agulhas, suas línguas bifurcadas e negras sacudindo no ar. Estes eram os pequenos espiões de Peste, e eles deveriam reportar de volta para ele que Reaver estivera aqui.

Mas não se Reaver pudesse evitar.

Sorrindo tristemente, Reaver fez um gesto largo, e poder zumbiu por ele, criando uma onda invisível de fogo sagrado. Os ratos se desintegraram, seus gritos sibilantes ecoando nas paredes. Fogo sagrado era incrível. Pena que não era sempre que funcionava.

Ainda assim, como um anjo, ele possuía um arsenal de armas à sua disposição. Os Cavaleiros também, e se pudessem localizar Deliverance, eles teriam duas armas em uma... Porque a adaga tinha um uso que eles nem sequer conheciam. O problema era, nem ele ou Harvester podiam revelar o que sabiam. Fazer isto seria uma violação da lei divina. E Reaver nunca iria quebrar uma regra de novo-mesmo que não fazê-lo significasse o fim do mundo.

Reunindo seus pensamentos, ele circulou pela sala, tentando encontrar uma maneira de ajudar Ares, Thanatos e Limos sem realmente estar ajudando. Eles estavam correndo contra o tempo, e ele não precisa ler todos os sinais celestes, bíblicos e proféticos para saber isso. Ele sentia no tremor sacudindo sua alma.

Tremor. Com o cenho franzido, ele parou de andar, mas choques de impacto continuavam a subir rapidamente por suas pernas. A densa malevolência engrossou o ar, o solo se moveu por baixo dele, e subitamente pedras choviam do teto. Ele olhou para cima quando uma fenda enorme rasgou através da rocha, e, em seguida, a caverna inteira desabou para dentro. Uma pedra do tamanho de uma poltrona reclinável caiu, batendo no ombro de Reaver. A dor foi como um raio incandescente de agonia enquanto ele convocava toda a sua concentração e se transportava para fora de lá antes que fosse esmagado e enterrado pela eternidade dentro de uma montanha.

Abrindo suas asas no céu acima da serra, ele examinou a área, imediatamente se concentrando na fonte das vibrações sinistras... E o colapso violenta da caverna.

Harvester.

Rosnando, ele mergulhou para ela, atingindo-a enquanto ela estava no pico de uma montanha próxima. Ela gritou enquanto ambos caíam pela face gelada do penhasco, chegando ao fim em um emaranhado de pernas e asas.

— Escória demônio! — ele rosnou, enquanto envolvia a mão em torno de sua garganta.

Seus olhos verdes queimaram carmesim, e as unhas se tornaram garras que ela bateu no rosto dele. — Qual é o seu problema?

Ele apertou, tirando satisfação no suspiro por ar. — O que, você pensou que eu ficaria feliz por você tentar me encaixotar em pedra para sempre?

Ela piscou, e por um momento, quase pensou que ela não soubesse do que ele estava falando. Então, ela afundou suas garras profundamente em seu ombro arruinado, e a dor que varreu através dele foi suficiente para fazê-lo balançar e afrouxar seu aperto.

Ela ficou de pé em um instante, sua bota esmagando as costelas dele. — Se eu o quisesse fora do caminho, você não teria saído de lá.

Sabe o que é ser esmagado e incapaz de morrer? Oh, isso mesmo, você não sabe, porque, mesmo que tivesse acontecido com você, não se lembra, não é?

A vadia. Ele não tinha ideia de como ela sabia sobre sua perda de memória, mas ela amava alfinetá-lo sobre como ele não conseguia se lembrar de sua vida além dos acontecimentos que levaram à sua queda. Oh, ele *sabia* coisas sobre o Céu, história e pessoas, mas ele não conseguia se lembrar dos detalhes de sua existência antes de conhecer Patrice Kelley, a mulher que eventualmente o convencera a quebrar uma regra tão fundamental que o fez ser expulso do Céu.

Nem podia qualquer outra pessoa. Mesmo os registros Akáshicos, o banco de dados Celestial definitivo que continha o conhecimento de *tudo*, não revelava nada. Era como se Reaver tivesse sido apagado.

— Isso foi apenas um aviso. — Harvester continuou, sua voz um ronronar profundo. Ela estava gostando disso. — Seu amor por quebrar regras é bem conhecido. Nem pense em encontrar brechas para ajudar os Cavaleiros. — Ela sorriu, mostrando presas. — Veja, eu tenho alguns contatos Celestiais, e vou garantir que da próxima vez que você cair, não haja redenção. Apenas fogo e dor.

Com um aceno delicado, ela se transportou, deixando Reaver sozinho sobre o gelo, sagrando e tremendo. Ele não podia se dar ao luxo de cair novamente. Fazer isso significaria ignorar o terreno entre

estágios e ir direto para Sheoul, Não passe direto, não colete duzentos dólares.²²

Então, não, Reaver não iria quebrar regras. Mas iria encontrar uma maneira de retribuir a Harvester. E quando a Batalha Final chegasse, ela seria o primeiro demônio que destruiria.



Harvester se transportou para seu apartamento luxuoso na região Horun de Sheoul... E gritou. Gritou até sua garganta ficar sensível. Gritou até seu escravo de sangue, um enorme lobisomem chamado Whine, tapar os ouvidos e cair de joelhos.

Quando sua voz finalmente acabou, ela deu algumas inspirações calmantes, serviu-se de uma dose de vinho de medula Neethul, e virou de uma vez. O licor escandalosamente caro, feito pelos traficantes de escravos de demônios, queimava como fogo líquido e então se assentava em sua barriga como um pedaço de carvão. A agonia durava apenas um momento, e então vinha a recompensa, vários minutos de êxtase orgástico tão intenso que ela precisava se apoiar em Whine enquanto estremecia através do prazer.

²² Forma de dizer para alguém não fazer qualquer coisa sem instrução ou que é obrigado a obedecer sem questionamentos, utilizando frases do jogo Banco Imobiliário.

Quando acabou, ela se afundou próximo a ele, em parte porque suas pernas não a aguentariam, e em parte porque ela precisava para se alimentar. Silenciosamente, porque ele não estava autorizado a falar, a menos que ela lhe pedisse, ele inclinou a cabeça para o lado, expondo sua jugular. Os grilhões em torno de seus tornozelos retiniam enquanto ela se movia para afundar as presas em seu pescoço, e lhe ocorreu que as correntes dela podiam ser invisíveis, mas ela era tanto uma prisioneira de seu destino quanto ele.

A frustração a deixou mais bruta do que normalmente seria com Whine, e ele dava um pulo com cada um dos viciosos puxões em sua veia. Mas maldito seja, os dois últimos dias foram um inferno... Sem trocadilhos. Sua fúria e sede de vingança foi o motivo de ter destruído a caverna dele. Ela precisava contra-atacar, mesmo se o golpe fosse um menor.

O problema? Reaver. Ela não sabia o anjo bem feitor estava nas cavernas quando fez a montanha desmoronar. Ela poderia ter lhe dito a verdade quando ele a atacou, mas ele não teria acreditado nela, e o pior, lhe restaria tentar explicar por que queria demolir a antiga residência de Pestelence em primeiro lugar.

E agora, se Reaver não mantivesse sua boca fechada, Pestilence iria descobrir que fora ela que destruiu sua caverna.

Ela estremeceu, lembrando-se de como, depois que ele terminou com ela naquela vila mexicana, ele agachara sobre seu corpo nu e quebrado e sussurrou asperamente em seu ouvido.

Isso foi apenas uma prova do que vou fazer com você na próxima vez. Você responde a mim agora, e não o contrário. Lembre-se disso. Irrite-me novamente, e eu vou rasgar um novo buraco no seu traseiro, e então fodê-lo. E isso será apenas as preliminares.

Oh, ela o odiava. Agora mesmo, ela e Reaver não podiam fazer muito mais do que monitorar as atividades dos Cavaleiros e reportar de volta a seus chefes, e qualquer coisa que faziam para ajudar ou qualquer informação que forneciam precisavam ser apuradas primeiro pelos ditos chefes. Informações tais como a *agimortus* de Ares poder ser transferida para humanos... Este petisco fora aprovado para revelação ontem. Por que, ela não sabia. Ela aprendera há muito tempo que ela, juntamente com quase todos os outros seres no universo, eram nada mais do que uma peça do jogo.

Agora ela só precisava descobrir como jogar. Porque por mais aterrorizada que ficara nas vezes ao longo dos milhares de anos que estivera em Sheoul, não era nada em comparação com o quanto amedrontada ela estava agora. O Armagedon estava logo virando a esquina, e pela primeira vez, ela não tinha certeza se sua vida no inferno seria pior se o mal perdesse... Ou se ganhasse.

CAPÍTULO



CINCO

Ainda pressionado pela conversa com Reaver e Harvester, Ares bateu na porta da frente de Cara e esperou. E esperou. Logo que levantou o punho para bater novamente, ouviu passos, e então um abafado: — Quem é?

— Meu nome é, ah, Jeff. — Esse era um nome humano comum, não era? — Eu queria checar o cão que deixei ontem à noite. — Ela não se lembraria do cão, graças às deleções de memória dele, mas seria interessante ver como ela lidaria com isso.

Silêncio. Mais silêncio. Então, finalmente, vieram os cliques metálicos das múltiplas fechaduras sendo manipuladas. A porta abriu com um rangido, mas apenas tanto quanto a corrente permitiria. Essas correntes eram ridículas. Qualquer homem de tamanho normal poderia forçar a porta, e Ares não era normal. Ele poderia quebrá-las com seu dedo mindinho.

— Cão?

Deixe-à vontade. Sorria. Crie explicações para tudo o que parecia estranho esta manhã. — É. Você sabe, o cão ferido que eu trouxe para você ontem à noite.

Os olhos dela queimaram no que ele suspeitava poder ser reconhecimento. Ele esperava o inferno que não. Suas limpezas mentais podiam não ser tão eficazes quanto as de Than ou Limos, ela podia realmente substituir memórias, mas elas ainda davam trabalho. Talvez o vínculo com o cão do inferno tivesse afetado sua capacidade.

— Quem é você? — ela perguntou. — Você não é daqui.

— Estou pensando em me mudar para cá. Estou com uns primos na cidade até encontrar um lugar. Eles me disseram que você era veterinária. — Ele esperava que tivesse entendido esse detalhe direito, e que todas as coisas no escritório fossem realmente dela.

— Eu não sou. — disse ela com um estranho nó em sua voz. — Não de verdade.

O que isto deveria significar? Ele enfiou as mãos nos bolsos e tentou não parecer ameaçador. Deveria ter colocado os chinelos. — Olha, o cachorro não é meu, por isso, se ele morreu, você pode me dizer. Eu pensei que poderia pagar pelos cuidados com ele e me desculpar por acordá-la e deixá-lo no seu gramado. Eu não achei que você iria abrir a porta para um estranho no meio da noite.

— Sim, obrigada. Hum... Temo que o cão não tenha resistido. Sinto muito.

— Está tudo bem. Não achava que ele resistiria. Ele estava sangrando muito. — Ele puxou um pacote de dinheiro do bolso. — O que eu lhe devo?

Cara olhou para o dinheiro como se fosse comida e ela estivesse morrendo de fome. Lembrando-se das contas em sua mesa de café, ele se preparou para um pedido ultrajante. — Você não me deve nada — ela suspirou, surpreendendo-o como a merda. — Obrigada por vir.

Ele encolheu os ombros. — Eu aprecio por você ter tentado. — Ele enfiou o dinheiro no bolso e se lembrou do que ela dissera ao telefone. — A coisa mais estranha. Eu sonhei com esse maldito cachorro na noite passada. Ele estava em uma gaiola, uivando como se quisesse me dizer algo. — Ele se virou, deu um passo para fora da varanda, e sorriu quando ouviu o barulho da corrente na porta.

—Espere. Você... Sonhou com um cão? Um cão preto? O cão que você me trouxe?

Ele girou de volta. — É. Por quê?

— Porque — ela disse suavemente, — eu sonhei também. — A porta abriu mais com um rangido, mas ela ainda estava por trás e dei uma espiada ao redor, como se estivesse usando-a como um escudo. — No meu sonho ele estava em um porão. No seu também?

Ele arregalou os olhos, fingindo surpresa. — É. Do que mais você se lembra?

Relutância inundou sua linguagem corporal, a maneira como ela segurou a porta com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos e o lábio inferior, inquieto. — A gaiola estava no centro de uma espécie de grande círculo. Com símbolos.

Glifos de restrição para impedi-lo de se transportar da gaiola e de gritar por ajuda por sua matilha — Havia símbolos na gaiola, também?

Ela assentiu, os cabelos molhados caindo para frente para esconder seu rosto. Ele queria que ela saísse de trás da porta para que pudesse ver o que ela estava usando. Não que isso importasse. Mas ela parecia do tipo jeans e moletom, e ele queria ver se estava certo. Isso, e adoraria saber como seu traseiro extremamente belo aparecia através da roupa.

— Então, ambos sonhamos a mesma coisa — ela pensou alto. — O que você acha que isso significa?

— Não tenho ideia. Mas com alguma sorte, não vamos sonhar com cachorros enjaulados novamente esta noite. — Era uma mentira, porque precisava que ela sonhasse. Neste ponto, apenas ela poderia levá-lo para Sestiel.

— Isso seria ótimo. — Ela tinha um tom musical e tranquilizador em sua voz, e Ares se viu esperando que ela continuasse falando. — Ei, você tem um número de telefone onde eu possa contatá-lo? Hum, você sabe, no caso de eu tiver alguma dúvida sobre o cão ou alguma coisa?

Besteira. Ela não teria perguntas sobre o cão. Mas ele estabelecia uma conexão com ela, lhes deu um terreno comum na forma de um mistério, e qualquer ser humano normal iria querer resolver por que dois completos estranhos teriam exatamente o mesmo sonho.

Ele, disfarçadamente, pescou uma nota de cem dólares do bolso e a colocou sob um cartão com seu número de celular. Por que, ele não tinha certeza, exceto que sabia que ela precisava do dinheiro e ele tinha muito.

Ela finalmente saiu de trás da porta, e ele permitiu-se um longo e lento passeio visual por seu corpo abaixo. O inferno que sim, ele estava certo sobre suas roupas, e o liso moletom cinza de tamanho grande e o jeans muito gasto ficavam ótimos nela. Ela possuía quadris feitos para uma boa pegada, coxas destinadas a esmagar um homem entre elas, e sensuais e delicados pés que travariam apertadas por trás das costas desse macho. Ele apostaria sua bola esquerda que ela tinha tornozelos sensíveis.

— Obrigada. — Ela pegou o cartão, mas fez uma careta para o dinheiro. — Eu disse...

— Pegue. Se você não o fizer, vou deixá-lo em sua varanda com outra nota de cem. — Ele poderia fazer isso de qualquer maneira. E porra, quando ele se tornou uma instituição de caridade ambulante de coração mole? Talvez quando ele a conferira por sexo e todo o seu sangue foi drenado de sua cabeça.

Ela lhe ofereceu um sorriso tentativo e hesitante que elevou sua temperatura em alguns graus. Ele quis colocar sua boca sobre aqueles lábios suculentos, e maldito seja se ele não queria fazê-lo novamente. Fora a primeira vez que provara uma mulher em muito tempo, e ele queria mais.

— Obrigada. — Ela rabiscou seu número de telefone em um pedaço de papel e entregou para ele. Ele garantiu que seus dedos roçassem os dela, um demorado, porém inocente, toque que fez os lábios dela em uma suave e surpresa inalação de ar.

Suas mãos estavam tão malditamente macias. Ele não tinha dúvida de que ela seria suave em todos os lugares.

— Sinta-se livre para me ligar a qualquer hora. — Ele fingiu um sorriso tímido. — Talvez algum dia pudéssemos sair para tomar uma bebida ou jantar?

Coisa errada a dizer, porque ela deslizou para trás, mais profundamente dentro da casa. — Eu, uh, eu não acho que seria uma boa ideia, mas obrigada.

— Você é casada? Tem namorado? Namorada? — Todas as coisas boas para saber, já que ele teria que se envolver um pouco mais em sua vida em algum momento, se quisesse informações dela. Ele não precisava de interferência ou perguntas de um amante ciumento.

— Não. — ela disse, e a resposta lhe agradou mais do que deveria. — Eu apenas não estou me sentindo social.

Ele precisava saber o que havia acontecido com ela para deixá-la tão relutante em aceitar sua oferta. Com certeza, ele era um estranho, mas nenhuma mulher jamais resistiu a seus avanços. Um dos poucos pequenos benefícios que recebeu de sua mãe demônio do sexo era um irresistível magnetismo sexual que apenas súcubos podiam resistir. Mesmo as mulheres humanas que se tornaram violentas em sua presença se atiravam sobre ele. Elas apenas faziam isso ao mesmo tempo em que queriam matá-lo.

A resistência de Cara estava relacionada com um trauma... As evidências estavam em seu jeito e fala, mas, principalmente, estava em seus olhos. O que colocara essas sombras torturadas ali?

Foda-se, não havia nada que Ares pudesse fazer sobre isso de qualquer maneira. Ele começou a descer as escadas novamente. — Se você mudar de ideia, você tem meu número.

Ela franziu a testa para baixo para o cartão que ele lhe dera. — Onde você mora?

— Grécia. — Ele lhe lançou uma piscadela, e jurou que ela corara. — Se você quiser visitar, tenho muito espaço. Você iria adorar. Areia branca, mar azul... É tão bonito que você vai jurar que esteve lá antes.

Porque esteve.



Cara observou Jeff se afastar, sua barriga vibrando loucamente, as palmas das mãos suando em torno do cartão e dinheiro, mas, para variar, não foi medo que a deixou tão nervosa. O homem era hipnoticamente lindo... E sem dúvida, ele era a pessoa a beijando no estranho sonho/memória que ela teve.

Assim, mesmo que não se lembrasse dele trazer o cachorro para ela, claramente, suas células cerebrais tomaram notas detalhadas. Você simplesmente não podia esquecer completamente um cara que se elevava a quase dois metros de altura e irradiava confiança, poder e sexo. Oh, sim... Sexo. Ela podia não ter feito sexo em anos, mas se lembrava, e o instinto feminino lhe dizia que uma noite com Jeff seria melhor do que todas as outras noites de seu passado combinadas.

E o cheiro dele, o perfume masculino e picante que emanava dele poderia muito bem ter sido um afrodisíaco. O senso comum lhe

dizia que ela deveria estar aterrorizada, mas seus hormônios estavam tentando vencer seu medo à força.

Um arrepio de apreciação a remexeu quando ela olhou o procurando, incapaz de arrancar os olhos de sua marcha graciosa e cadenciada. Suas calças cargo marrom clara abraçavam sua bunda em um ajuste obscenamente agradável, e seus músculos das costas formaram uma sinfonia de movimento sob a camisa. Na luz do sol, seu cabelo castanho brilhava com reflexos avermelhados, e ela só podia imaginar o número de mulheres que correram os seus dedos por essas mechas desarrumadas enquanto arqueavam sob aquele corpo espetacular.

O arrependimento era um caroço amargo em sua garganta que nenhuma tentativa de engolir iria limpar. O homem mais gostoso que já viu havia lhe proposto um encontro, e ela reagiu como se ele tivesse se oferecido para matá-la. Seria realmente tão ruim aceitar? Talvez encontrá-lo em algum lugar público, de modo que ela teria seu próprio veículo e não haveria pressão?

Como se Jeff sentisse seus olhos nele, ele desacelerou, e seu coração se lançou em uma velocidade superior. Em um movimento agonizantemente sem pressa, ele virou a cabeça para olhar sobre o ombro para ela, um longo cacho de cabelos caindo sobre a testa e um olho. Seus olhares se encontraram. Entrelaçaram-se. Consciência a inundou em uma correnteza quente e líquida de oh... Meu... Deus. Homem algum jamais havia a afetado assim, especialmente não com apenas um olhar.

A boca subiu em um sorriso arrogante e sensual, como se soubesse o que ela estivera pensando... *Esoubesse* que ele poderia dar a ela o que ela nunca teve antes. Doce menino Jesus, ela quase engasgou com a própria língua.

E o que no mundo ela estava fazendo em pé na sua porta comendo com os olhos um completo estranho quando precisava estar... O que, *não* pagando as contas?

Antes que ela se fizesse ainda mais de idiota, começou a fechar a porta, e então piscou. Jeff desaparecera. Ela não tinha visto um carro, e sequer considerara que ele poderia caminhar de volta para cidade, e agora ele... Se foi.

Debite na conta com todas as outras estranhezas.

Sim, bom plano, exceto que Jeff explicara quase tudo. O cão, as manchas de grama, o sangue.

Mas isso não explicava por que ela bebera tanta vodka que não conseguia se lembrar de nada disso. Ou por que ambos sonharam a mesma coisa.

Ou que ela fizera com o corpo do cão que tinha morrido, ou ela o teria colocado em um dos canis próximos à casa, e eles estavam vazios.

Pelo menos a sensação de que alguém a estava observando não estava mais com ela, mas Cara ainda sentia o zumbido desagradável de medo deslizando sobre sua pele. Algo acontecera na noite passada para fazê-la beber, mas o quê? Ela nunca se entregara para a bebida, e se a morte de seu pai e a noite do arrombamento não a fizera se entregar, nada faria.

Ela fez o seu melhor para não pensar muito sobre o mistério da noite passada ou Jeff e seu corpo incrível enquanto limpava seu escritório. Quando terminou, ela se afundou como se desossada no sofá, onde a televisão passava as notícias de sempre. Doenças misteriosas estavam surgindo subitamente como incêndios, a água em pelo menos quatro rios e três lagos se tornou poluída com organismos venenosos e seis países declararam guerra um ao outro, completamente do nada. O governo dos Estados Unidos estava tentando decidir o quanto envolvido queria se manter, e os militares estavam se preparando para o possível desdobramento.

O mundo estava indo para o inferno em uma cesta de piquenique²³, como seu pai teria dito, mesmo enquanto fazia as malas em preparação para sair com grupos de resgate de animais para zonas dilaceradas pela guerra.

Batendo a mão sobre o controle remoto com mais força do que necessário, ela desligou a TV. Ela costumava amar a caixa idiota, comprara um home theater top de linha da Sony quando possuía dinheiro. E ambição. Quase tudo em casa, na verdade, era “do melhor”.

²³ Expressão americana que se refere a uma situação que segue rumo ao desastre sem grande esforço ou com muita pressa.

Seu desejo de sucesso e nunca se contentar fora uma fonte de orgulho para ela.

Mas tudo morrera há dois anos, juntamente com o intruso.

Entorpecida, ela se arrastava para o quarto, onde se enrolou em sua cama. No momento em que sua cabeça atingiu o travesseiro, o sono a tomou.

Ajude-me!

— Hal!

Cara balançou a cabeça. Esfregou os olhos. Perguntando a si mesma se deveria estar tão consciente como estava de que isto era um sonho. Mais uma vez, ela estava flutuando em torno do porão escuro com o cão enjaulado, mas desta vez, tudo era mais familiar. Ela até sabia que o nome do filhote era Hal. Abreviação de Halitose.

Encontre-me.

E, novamente, o animal parecia estar um latido de distância de um cachorro. — Eu te encontrei.

Os olhos vermelhos de Hal brilharam ainda mais, e seus pelos se eriçaram. Ele parecia um monstro pré-histórico pronto para rasgar através do tecido da realidade e destruir tudo em seu caminho. *Vá.*

— Eu acabei de chegar aqui...

Ela interrompeu, cegada por uma luz brilhante e o súbito aparecimento de um familiar homem loiro. Quando ele a viu, seus olhos se arregalaram, e ele se lançou. A mão dele roçou seu braço quando ela se desvencilhou.

Vá! Se ele pegar você, você ficará presa aqui sem o seu corpo. Vá pelo teto!

Sem seu corpo? Okay, isso não soava bom. O mundo ficou turvo e seu corpo pareceu se quebrar enquanto ela disparava para cima e passava por pedra, cimento e madeira, e, de repente, ela estava fora, na luz ofuscante do dia, e a casa de que acabado de sair estava trás dela.

Onde estava ela?

Ela teve que pular para fora do caminho de um veículo... Um veículo dirigindo do lado errado da estrada. Com uma placa estranha... Ela flutuou um pouco mais abaixo na estrada até uma placa que dizia Newland Park Drive, o que não lhe disse nada.

Ela continuou ao longo da calçada, e então, como se tivesse atingido uma parede, não podia seguir mais longe. Ela podia ver além de onde estava, mas não conseguia se mover. Ela poderia ir para trás, mas não para frente.

Encontre-me ou ambos morreremos.

A voz desesperada de Hal soou por cabeça e, de repente, ela estava em sua casa, em sua cama, e não onde estivera naquele sonho. Desta vez, não se sentou ao redor em confusão. Ela pulou da cama e correu pelo corredor até seu quarto de hóspedes, onde o seu computador antigo zumbia baixinho. A cadeira rangeu quando ela se sentou, e então estava indo atrás do Google com uma vingança.

Newland Park Dr. Bem, esta busca resultou em cerca de um milhão de resultados, alguns dos quais eram úteis, embora muitos apareceram como estando em York, Inglaterra. Dedos estalando, ela foi para o Maps, e então digitou Newland Park Dr. Reino Unido.

Seu coração quase parou quando um mapa de satélite apareceu na tela. Era o bairro que tinha visto. Ela nunca estivera na Inglaterra em sua vida, mas reconhecia a rua, as casas. Newland Park Drive era longa, e ela não conseguia ampliar o suficiente para localizar a casa de que saíra em seu sonho, mas esta era definitivamente a área onde estivera. Ela se perguntava se Jeff sonhara a mesma coisa. Talvez ela devesse ligar para ele.

Encontre-me ou ambos morreremos.

Ela olhou para a tela, seu cérebro repetindo o sonho que parecia tão real. Tinha que ter sido real. Não havia outra forma de que ela pudesse ter tais detalhes explícitos sobre Newland Park Drive em sua cabeça.

Então ela se tornara psíquica ou estava se comunicando com um cão estranho que não se lembrava de ter tratado.

Que de alguma forma chegara à Inglaterra em questão de horas.

As coisas que faziam sentido se misturavam com o impossível, até que ela se sentiu como se sua sanidade mental estivesse sendo esticada o suficiente para romper.

Encontre-me ou ambos morreremos.

CAPÍTULO



SEIS

— Diga-me que você sabe onde está Sestiel. — Pestilence ficou em uma ponte que atravessava o Rio Inferno na região Terror de Sheoul e encarou o cão infernal cicatrizado - um dos maiores fodidos cães que ele já tinha visto. Baba pendia em uma grossa corda de sua boca escancarada e formava uma poça a seus pés. Repugnante.

Servindo como tradutor estava um membro vampiro do Carceris - carcereiros de demônio - que mantinha canis dos cães para rastrear demônios. Ele ficou perigosamente perto da borda da ponte de pedra, sem dúvida preparado para saltar para fora do caminho do perigo se o cão - ou Pestilence - decidisse não jogar limpo. — Comensal do Caos ainda está buscando Sestiel e Ares, conforme seu acordo.

Comensal do Caos. Nome estúpido para um cão infernal. Não que Pestilence fosse dizer nada. Ele podia odiar os bastardos, mas não era um idiota. Ele ainda era vulnerável às suas mordidas, e não estava

prestes a colocar-se em risco de paralisação e dor potencialmente infinitas.

— Nosso acordo era ele incapacitar ou Ares ou Sestiel, e ele não incapacitou nenhum.

O cão infernal rosnou, e debaixo de suas patas enormes, lajes de basalto da ponte começaram a fumegar. As criaturas eram extremamente voláteis. Até o vampiro andou lentamente para trás.

— Caos indica que houve uma complicação. — O vampiro deslocou seu peso um par de vezes. — Ele e sua prole estavam perseguindo Sestiel. O Aegis interrompeu... — Ele franziu a testa. — Não estou certo que esteja traduzindo isto direito, mas acho que o filhote de Caos foi ferido, e Sestiel o capturou.

— Então é assim que Sestiel está se mascarando. — Pestilence refletiu. — Ele próprio tem um cão infernal.

— Parece que sim. Caos não pode senti-lo. Mas ele quer o coração de Sestiel entre suas mandíbulas. Ele vai ter dois pelo preço de um - vingança por sua prole, e o Selo de Ares quebrado. Eu acho que ele quer ver Ares arruinado tanto quanto você.

Pestilence duvidou disso, mas tomaria o que ele pudesse ter.

— Encontre Sestiel, seu cão sarnento. — Pestilence, disse. — Encontre-o, e quando eu matá-lo, vamos ter o seu filho de volta.

O vampiro ergueu a cabeça, ouviu e acenou. — Ele quer o que você prometeu a ele.

— Yeah, yeah, eu deixarei você ter Ares por trinta dias. — Pestilence sorriu. — Ele será todo seu.

Pestilence não conseguia pensar em nada pior. Ele preferiria passar um ano sendo esfolado vivo e tendo os olhos arrancados mais e mais do que passar uma única hora sendo profanado e comido por uma matilha de cães infernais. Enquanto observava Caos se desmaterializar para fora da ponte, Pestilence sorriu. Como Reseph, ele tinha sido repellido por tortura. Como Pestilence, ele ansiava por isso.

Ele definitivamente teria que aparecer na festa-de-cortes-e-golpes-em-bando do cão infernal na qual Ares era o convidado de honra.



O Templo de Lilith.

Era um templo que Ares raramente visitava, mas ele estava em uma caçada, e ele tinha sido informado que encontraria sua caça aqui.

Exceto que “ele foi informado” poderia ser mais precisamente declarado como Ele tinha matado um falso anjo, uma espécie de demônios que fingiam serem anjos a fim de desencaminhar humanos, e reunido visões dos olhos do demônio.

Ares desceu os degraus para a caverna secreta enterrada profundamente nas Montanhas Zagros, os sons de cânticos e sexo já alcançando seus ouvidos e despertando seu pau. Não que isso demorasse muito - a maldita coisa já estava estimulada de ouvir a mensagem de voz de vinte-e-quatro-horas-por-dia de Cara antes que ele pisasse no Harrowgate para chegar até aqui, e Ares era, afinal, metade demônio de sexo. Ele definitivamente não era imune à energia sedutora desprendida por múltiplos atos eróticos. Inferno, o próprio templo era literalmente infundido com sexo, das gravuras pornográficas nas paredes, aos feitiços lançados por feiticeiros durante orgias enquanto o santuário estava sendo construído. Todos que entravam experimentavam excitação imediata que se intensificava a cada passo para dentro da câmara principal.

Este foi o segundo templo construído para sua mãe. O primeiro, originalmente erigido para adorar Lilith como uma deusa de proteção, havia caído nas ruínas da antiga Suméria. Yep, ela tinha enganado humanos por centenas de anos, absorvendo sua adoração, dádivas, e sacrifícios. Ela era uma verdadeira obra de arte, sua mãe.

O templo em que Ares estava entrando agora a reconhecia pelo que ela era: a primeira succubus e uma vadia seriamente perversa.

Nos séculos passados, as pessoas tinham deixado dádivas de alimentos no templo original. Ironicamente, antes de Ares aprender a verdade sobre sua existência, ele tinha ido com seu irmão humano, Ekkad, adorar Lilith. Ekkad havia pedido proteção para Ares e sua família. Ares tinha solicitado proteção para seu exército, não porque ele não acreditasse que sua família precisasse de ajuda da deusa, mas porque Ares verdadeiramente acreditava que ele sozinho poderia salvá-los. Ekkad tinha rido, chamando Ares de um soldado até os ossos. Ekkad, cujos próprios ossos haviam sido torcidos do nascimento, deixando-o aleijado e necessitando da proteção de Ares apesar do fato de que Ekkad tinha sido ágil de mente e um dos mais brilhantes homens que Ares já conhecera.

A defesa de Ares a Ekkad tinha começado em uma idade precoce - Ares tinha cinco anos de idade quando implorara a seu pai para deixar o recém-nascido bebê viver, quando o homem estivera determinado a afogar a criança deformada. Ares tinha continuado a defender seu irmão ao longo dos anos, ganhando surras quando demonstrava carinho demais, porque importar-se com alguém afetava o julgamento.

Isso tinha se provado verdadeiro na maneira mais horrível, e nem mesmo milhares de anos poderiam limpar a dor de perder seus filhos e Ekkad. O amor de Ares tinha lhes custado suas vidas, e nem um dia se passava em que ele não se arrependia de sua decisão de mantê-los perto, em vez de mandá-los embora.

Ares atingiu a câmara principal em um baque de botas que fez todos reunidos em torno da estátua de tamanho real de Lilith se voltarem para ele. A maioria das duas dúzias de adoradores era de humanos envolvidos em atos sexuais feitos como oferendas a Lilith, e enquanto ele caminhava a passos largos em direção a sua presa, o efeito colateral de sua presença criou raízes. Sempre começava com insultos verbais entre os humanos, mas logo iriam se intensificar em lutas sangrentas. Quanto mais tempo ele permanecesse com os humanos, pior a luta se tornaria, até que ninguém fosse deixado de pé.

Sem dúvida, sua mãe ficaria divertida vendo sexo e morte ocorrendo em seu templo.

— Ares. — Tristelle, uma fêmea Não-Caída, empurrou o humano macho ajoelhado entre suas coxas. Menos do que entusiasmado com a rejeição e sentindo os efeitos da proximidade de Ares, o humano lançou-se para outro homem, pegando o cara no rosto com seu punho carnudo. Tristelle não pareceu notar, puxando seu roupão preto fechado quanto se apressava em direção a Ares. — Eu estive oferecendo à sua mãe por dias, rezando para ela colocar Pestilence nos eixos e parar o Apocalipse em sua trajetória.

— Pelo amor de Deus. — Ares correu a palma da mão sobre o rosto. — Minha mãe *quer* que o Apocalipse comece. Ela teria sacrificado você bem aqui em seu santuário, e os seus adoradores teriam usado o seu sangue como lubrificante.

Ares deu passagem quando duas mulheres envolvidas em uma briga violenta quase colidiram com ele. — Venha para fora ou estas pessoas vão destruir umas as outras.

— Você se importa com estes insetos?

O fato de que ela tinha chamado os humanos de insetos provavelmente explicava por que ela não tinha ganhado seu caminho de volta para o Céu. Concedido, eles eram adoradores de demônio, então... Yeah, insetos... Mas anjos deveriam trabalhar no pressuposto de que todos os humanos eram resgatáveis. Ares sabia melhor.

— Não. — Ele começou a subir as escadas. — Mas é difícil conversar quando sangue está fluindo à sua volta. — Além disso, todo o seu corpo tremia com o desejo de lutar contra um par dos maiores machos, um dos quais era um *ter'taceo*, um demônio em pele humana.

— Como você sabia que eu estava aqui? — ela perguntou, enquanto eles saíam para a luz da lua sob o céu do Iraque.

— Lembrei-me de sua tendência a forçar falsos anjos a te servirem. Não foi difícil localizar alguém que tinha recentemente sido seu escravo. — Ele girou em torno e agarrou seus braços. — Você sempre jogou por ambas as equipes... Trabalhar para ter suas asas de volta enquanto puxa o saco de Lilith na esperança de ganhar um lugar a seu lado deveria inserir você em Sheoul.

Ela engasgou em ultraje. — Eu nunca iria. Como você ousa.

— Cale-se. Estou longe de ser estúpido. Agora, me diga por que você está realmente aqui. Você não se importa com o Apocalipse. Humanos não significam tanto assim para você.

Medo genuíno piscou em seus olhos. — É o seu irmão — ela admitiu. — Pestilence está rasgando em pedaços a comunidade de Não-Caídos para prevenir outra transferência de seus *agimortus*. Muitos têm entrado em Sheoul e se tornado Verdadeiros Caídos assim eles não podem mais carregar o símbolo e ele não vai destruí-los. Precisamos de sua mãe para dizer a ele para parar de nos matar.

Dizer a ele para parar. Como se fosse assim tão fácil. Tristelle devia saber disso, também, e este era um movimento Ave Maria²⁴ se ele já tivesse visto um. — Você está desperdiçando seu tempo, mas não está desperdiçando o meu. Diga-me onde posso encontrar Sestiel.

— Eu não sei...

Ares a agarrou pelas lapelas do roupão e bateu-a contra a entrada da caverna. — Diga-me.

— Ele me fez prometer.

²⁴Um passe Ave Maria no futebol americano refere-se a qualquer passe muito longo para frente feito em desespero, com apenas uma pequena probabilidade de sucesso.

Ares a soltou. — Então eu não posso te ajudar. Quando meu irmão vier arrancar seu coração pela boca, dê a ele meus cumprimentos. — Ele abriu um Harrowgate.

— Espere! — Tristelle deu um passo na frente dele. — Eu não posso te dizer exatamente onde Sestiel está, mas ele mencionou Albion.

— *Grã-Bretanha* — ele murmurou. Anjos estavam sempre chamando os locais pelos seus nomes antigos... Ares não tinha ideia de por que eles não podiam alcançar os tempos modernos. Mas não podia ser uma coincidência que Cara tivesse mencionado voar para a Inglaterra no correio de voz. Droga. Ele desejou ter recebido sua mensagem mais cedo, mas estava passeando ao redor do globo e Sheoul em locais remotos que tinham tornado impossível obter um sinal de telefone celular.

— Sim, lá. Ele tem um cão infernal para mascarar sua localização, mas disse que não pode permanecer com ele o tempo todo. Ele tem sido parte do movimento para deter você.

Ares franziu a testa. — Deter-*me*?

— Não você especificamente. Todos vocês. — Ela puxou seu roupão mais firmemente à sua volta. — Alguns meses atrás, antes do Selo de Reseph quebrar, todos vocês foram atacados por cães infernais, não foram?

Ele enrijeceu. — Sim.

Seu olhar disparou nervosamente em torno deles. — Sestiel é o responsável. Ele e um par de outros Não-Caídos. Eles sentiram o problema no tecido do mundo, e quando o demônio, Pecado, começou a praga lobisomem, Sestiel formou um plano para tornar todos vocês imóveis. Ele enviou os cães infernais atrás de todos vocês.

— De modo que se os nossos Selos quebrarem, não seríamos capazes de causar estragos no mundo. — ele murmurou, mais para si do que para Tristelle. Tanto quanto ser paralisado por cães infernais por toda a eternidade teria sido uma droga, Ares tinha que dar crédito a Sestiel. Tinha sido um bom plano, e um que poderia ter dado ao ex-anjo seu lugar no Céu se tivesse funcionado. — Ele vai tentar esse curso de novo?

— Talvez.

Ares correu sua mente por dúzias de cenários, e sim, agora que Sestiel tinha um cão infernal em sua posse, ele poderia usar isso como alavanca para ganhar a cooperação do bando do animal. Se assim fosse, ele teria que visitar o único círculo de invocação fora de Sheoul que era dedicado a cães infernais.

Parecia que a Ilha de Páscoa seria a próxima parada de Ares.

Batalha chutou impacientemente no braço de Ares. *Você terá sua luta logo, companheiro.* — Quantos de vocês restaram?

— Uma dúzia, talvez. — ela disse. Uma *dúzia*? Jesus. Pelo menos cem devem ter sido mortos ou consagraram suas almas para Sheoul. Tristelle olhou fixamente para ele com olhos suplicantes. — Você disse que pode ajudar?

— Eu menti.

Pânico drenou a cor de seu rosto. — O que podemos fazer?

— Rezar. — Ares fez um gesto para a entrada do templo de Lilith. — E desta vez, não perca seu tempo rezando para um demônio.



Sangue escorria em gordos riachos pelos braços e pernas de Sestiel. Sua garganta havia sido cortada, seu torso esfolado aberto. Nenhuma das feridas iria matá-lo, mas a morte estava chegando para ele não obstante.

O som de cascos retiniu dolorosamente dentro de sua cabeça, como se alguém estivesse batendo um martelo contra seu crânio. Sestiel tropeçou na superfície rochosa da montanha onde ele tinha se lançado após Pestilence encontrá-lo na Ilha de Páscoa. Ele esperara encontrar Tristelle no Templo de Lilith, mas de acordo com um adorador, ele tinha acabado de perdê-la.

Ele avançou lentamente ao longo de uma borda inclinada, rezando para Pestilence não segui-lo, mas ele sabia melhor. Pestilence tinha tirado sangue, e seu garanhão demônio poderia agora localizar Sestiel onde quer que ele fosse, mesmo se estivesse agarrado ao filhote de cão infernal em seu porão.

Enfraquecido pela batalha e a perda de sangue, Sestiel perdeu o apoio de seus pés e caiu pelo penhasco. Ele apanhou ar, e por um momento prolongado, sem peso, ele podia fingir que ainda tinha asas. Quase podia senti-las se estendendo em um arco gracioso atrás dele como membros fantasmas.

Mas anjos expulsos do Céu tinham suas asas cortadas, e a menos que ele se redimisse, penas fantasmas eram tudo o que ele tinha. Havia outra forma de obter asas, mas completar sua queda entrando em Sheoul, o reino demônio que os humanos chamavam de inferno, nunca tinha sido uma opção. Sestiel podia ter caído, mas sua fé no bom e sagrado não seria abalada.

Ele se agarrou a esse pensamento quando atingiu o chão, o impacto estalando ossos e arrancando um grito de agonia de seus lábios. Ele mal conseguia respirar, mas arrastou-se até um pedregulho e usou as fendas como apoio para as mãos para se levantar.

Ele não podia falhar. Tinha que cumprir um serviço final para a humanidade. Para seu Senhor.

Mas, graças a Pestilence e seu exército de asseclas, Sestiel estava quase sem Não-Caídos para transferir o *agimortus*, e agora ele não podia dispor do tempo que levaria para caçar um dos poucos remanescentes. O que deixava apenas humanos como hospedeiros. Humanos, que morreriam poucas horas depois de recebê-los.

Era possível, no entanto, que se o humano tivesse sido sobrenaturalmente aprimorado, ele iria ser mais forte, durar mais tempo sob a carga dos *agimortus* da vida sendo drenada.

Enquanto ainda tinha tempo, ele fechou os olhos e engoliu o frasco minúsculo de sangue que tinha tirado do cão infernal depois de se lançar para o porão onde ele mantinha o filhote e viu o espírito desencarnado da fêmea humana fugindo, um sinal claro de que ela estava unida à besta. Seu intestino se torceu enquanto o veneno entrava em seu ventre, mas consciência filtrou através da náusea, vaga e distante. A mulher humana, Cara... Ele podia senti-la...

Luz piscou diante dele, e os cascos em sua cabeça tornaram-se um trovão furioso em seus ouvidos. Vestido com a armadura maçante que rangia enquanto seu cavalo de guerra branco galopava, Pestilência soltou uma flecha.

Sestiel cambaleou para o lado, mas a flecha ajustou o percurso como um míssil guiado e o perfurou no coração.

— Você pode correr, mas só vai morrer cansado. — O grito do Cavaleiro ecoou da montanha e trouxe pedras e pedaços de terra

chovendo. — Isso é um ditado militar humano, mas é tão apropriado, não acha?

A visão de Sestiel nadou enquanto um garanhão baio sangue saltava para a cena através de um véu de luz, seu cavaleiro guiando a besta com nada exceto a pressão de seus joelhos e coxas musculosas. *Ares*. Em uma mão, ele trazia um escudo gigante de madeira e ferro, e em seu outro punho ele apertava uma espada. Raiva ardia sem chamas em seus olhos de ébano.

— Recue, irmão! — A voz de *Ares* era um rugido gutural. Ele girou a cabeça para Sestiel. — Vá. Agora!

Os dois garanhões se enfrentaram, e *Ares* balançou sua grande lâmina, mas Sestiel não esperou por perto para ver o que aconteceu.

Invocando seu último suspiro de energia, ele se lançou para longe, oferecendo uma oração silenciosa pela pobre alma que estava prestes a receber sua dádiva.

CAPÍTULO



SETE

Então esta era York.

Cara sempre quis conhecer a Inglaterra, mas não assim.

Para financiar a viagem, convenceu o Dr. Happs a comprar todo o seu equipamento veterinário. Então deixou uma mensagem para Jeff de que ela poderia estar em uma busca impossível, mas que estava seguido para a Inglaterra para encontrar a fonte de seus sonhos.

Agora ela estava vagando pela cidade murada, tendo acabado de jantar. Era tarde demais para iniciar a pesquisa pela casa em Newland Park, mas não estava pronta para voltar para a B&B²⁵. Em vez disso, decidiu por um pequeno passeio. Que era por que, quando viu pela primeira vez o homem ensanguentado com a flecha empalada em seu peito, tirou uma foto. Mas enquanto o belo ator louro tropeçava no meio da famosa Rua Micklegate de York, algo lhe pareceu estranho.

²⁵ Bed and Breakfast.

Ele parecia muito semelhante ao homem que vira em seu sonho, aquele que tentou agarrá-la quando ela estava no porão com Hal. Ainda mais estranho, ninguém ao redor dela parecia notá-lo. O denso nevoeiro sufocava as luzes da rua e a escuridão caíra, mas não estava *tão* escuro assim.

Segurando o celular de forma mais apertada, ela deu um passo atrás, alarme crescendo enquanto o homem chegava mais perto. Em um movimento desajeitado, mas rápido como um raio, ele avançou e agarrou sua camisa. Medo a invadiu, sufocante e frio como o gelo enquanto ele batia com a palma da mão contra seu peito. Uma sensação de queimação quase a despedaçou, mas ela não podia gritar durante a dor.

De alguma forma, ela se desvencilhou e bateu com o punho no rosto dele. Como se ele não pesasse mais do que seus próprios quase sessenta quilos, ele voou para trás alguns metros, bateu no pavimento, e derrapou até um poste de luz. Ela não refletiu o quanto fácil foi atirá-lo assim, nem esperou que ele se levantasse. Girando, ela se arrastou para o pedestre mais próximo, mas... Algo estava errado. Muito, muito errado.

O pedestre não estava se movendo. Ninguém se movia. Cada veículo, cada pessoa congelara.

A meio passo.

Uma luz ofuscante brilhou... Uma câmera? Ela teria perambulado pelo set de um filme? Ou algum tipo de brincadeira de reality show? Sua mente folheou diversos cenários, nenhum dos quais realmente fazia sentido, e então sua mente ficou totalmente em branco quando um enorme cavalo branco apareceu do nada, seus olhos queimando um fogo laranja-avermelhado. Em sua volta estava um cavaleiro, sua armadura listradas de preto, as articulações escorrendo sangue.

Por um momento louco, Cara ficou contente de vê-lo um cavaleiro. Significava que isto realmente era algum tipo de produção... Certo?

Claro, os efeitos especiais eram anormalmente ótimos. O sangue parecia real. A dor no rosto do cara da flecha era perfeita. A maldade e crueldade no cavaleiro de olhos azul gelo não poderia ser mais genuíno.

E quando o cavaleiro lançou uma segunda flecha no homem que agarrou Cara, o baque, o borrfio de sangue... Tudo tão incrivelmente real.

— Você já vai morrer? — O cavaleiro quase parecia entediado enquanto preparava outra fecha. Seu longo cabelo platinado caiu para frente para esconder sua expressão, mas um sombrio divertimento emanava dele em uma onda oleosa que Cara sentia em sua pele.

Por favor, deixe que isto seja um set de filmagem. Ou um sonho.

O homem que agora parecia uma almofada de alfinetes tropeçou na calçada, batendo nas pessoas imóveis e espalhando-os como pinos de boliche. Elas caíram forte, seus corpos tão duros que poderia muito bem ser manequins.

O cavaleiro lançou a flecha, cravando o cara nas costas. Resmungando, o homem desarmado desceu para as mãos e joelhos, mas continuou rastejando, deixando um rastro de sangue. Cara mal conteve um grito de horror.

Outro cavalo e cavaleiro apareceu a partir de uma gigante oval de luz no centro da estrada. E desta vez, não havia vaga sensação de familiaridade com o homem sentado em cima do cavalo. Ela sabia exatamente quem era.

Jeff. Seu primeiro pensamento excêntrico foi que ele recebera sua mensagem de voz. Seu segundo pensamento foi que era estranho que ele e seu garanhão baio usavam algum tipo de armadura de couro, e apesar de Cara não poder garantir, ela achava que ambos eram ainda maiores do que o primeiro cavalo e cavaleiro.

O cavaleiro loiro sorriu para Jeff enquanto seu garanhão se levantava sobre as patas traseiras. O — *Não!* — de Jeff soou, mas com um grito de destruir os ouvidos, a besta branca desceu sobre a cabeça do cara perfurado pela flecha. Pedacos de ossos e sangue coagulado pulverizaram as pernas do animal, um poste de luz, a frente do vestido de uma senhora idosa.

Cara gritou, mas nenhum dos homens pareceu notar. Jeff balançou a espada para o loiro, que puxou uma lâmina própria.

Completo terror a percorria, fazendo-a estremecer enquanto se afastou. Desesperado para evitar a atenção deles, ela descia a calçada devagar. Tudo ao seu redor, o mundo normal estava estranhamente silencioso, exceto pelos violentos sons de batalha; maldições, metal batendo em metal, os rancos e gritos de garanhões extraindo sangue.

Cara arriscou um olhar para trás, mas a visão dos cavalos dançando no resto do defunto enquanto cortavam um ao outro com dentes e unhas coalhou seu estômago.

Náuseas a inundaram, fazendo-a parar em um beco entre uma casa de chá e uma padaria. Seu jantar de torta de carne de porco, purê de batatas, e cenouras estava em sério perigo. Engolindo repetidamente para manter tudo embaixo, ela forçou seus pés a se mover novamente.

Quando seu estômago ficou estável, ela correu em uma pressa descontrolada e cega. Ela não tinha ideia de o quanto longe fora quando dobrou a esquina e quase atropelou um homem com uma bengala. Já no limite, visão turva pelo pânico e as lágrimas não derramadas, ela se endireitou exageradamente, girando para a rua e batendo em um carro.

O motorista buzinou e, embora Cara tivesse quase se transformado em um animal atropelado, ela riu. Claro, era um riso histérico, mas *o mundo estava se movendo novamente*.

— Está tudo bem, senhorita? — Um homem de meia-idade saiu da calçada e veio em sua direção, olhando-a com preocupação. Olhando-a como se a única coisa errada com o universo fosse ela.

Nem perto disso. O sorriso dela era tão frágil quanto à voz. — Sim. Obrigado.

Ele balançou a cabeça e continuou. Todo mundo continuou. Como se nada tivesse acontecido. Seu celular tocou, assustando-a o suficiente para saltar.

Era sua terapeuta. Perfeito sincronismo. — Larena. É bom ouvi-la.

— Desculpe por não ligar de volta mais cedo. Recebi sua mensagem, contudo, e posso lhe dizer o que acho que o cachorro preto e a gaiola querem dizer.

— Cachorro e gaiola? — O cérebro de Cara ainda estava pulando como um disco antigo, e levou um momento para traduzir as palavras de Larena. — Oh, certo. Eu lhe perguntei sobre o sonho. — Larena podia ser uma terapeuta, mas também se tornara uma amiga. Uma totalmente não convencional, mas funcionava para Cara, e Larena

era a única que ela confiava com tudo que possuía de mais profundo e sombrio.

Bem, nem *tudo*. Larena não sabia a extensão da capacidade anormal de Cara. Pessoas mesmo amigos e família possuem uma tendência a mantê-lo ao alcance da mão se você é uma aberração.

— Você está legal? Você não parece tão bem.

Cara arrastou-a mão pelos cabelos emaranhados. — Eu... — *acabei de ver um homem ser morto, dois cavaleiros surgiram do nada, e o tempo parou. Mas, além disso, estou bem!* Alguém deve ter escorregado ácido em seu chá no jantar. Essa era a única explicação. Mas o que poderia explicar todas as outras coisas que aconteceram na casa dela?

Insanidade, uma voz despedaçada em sua cabeça badalou. Isso poderia explicar.

— Nada que um banho quente não cure. Okay, então qual é? Larena? — ela solicitou, quando sua amiga hesitou.

— Você disse que o cão estava rosnando. Isso pode significar que você tem algum tipo de agitação interna acontecendo. Você se sente presa e encurralada. O fato de que é um cão preto sugere perigo.

Perigo. Sem brincadeira. As palavras de Larena a puxaram bruscamente de volta ao foco. Ela viera aqui perseguindo um maldito *sonho*, e se colocara em um pesadelo.

Um grupo barulhento de homens de vinte e poucos anos saiu do pub atrás de Cara, e ela se moveu de lado para evitar ser pisoteada. — E quanto aos cavalos? E cavaleiros lutando? Qualquer importância para isso?

— Ah... Eu não tenho certeza. Eu teria que pesquisar. — disse Larena. — Talvez você devesse marcar uma consulta.

Um dos homens esbarrou nela, não reconhecendo-o com um — Desculpe — ou — Vá se danar — e Cara encarou. Que otário... Oh... *Oh, Jesus*. Ela cambaleou para trás, quase caindo ao telefone.

Atarracados chifres pretos se empurravam dos cabelos escuros do homem, e ele não tinha pele. Apenas músculos e ossos expostos eram visíveis nos lugares que suas roupas não cobriam. Cara piscou, e o homem pareceu normal novamente, rindo com seus amigos e desaparecendo em outro pub.

— Cara? Ei, você está aí?

— Sim. — ela resmungou. Ela fechou os olhos, contou até três, e os abriu novamente. O tempo estava se movendo e ninguém parecia um demônio. A vida era boa. — Desculpe. Estou apenas cansada. Vou ligar para marcar uma consulta na próxima semana.

— Faça isso. Falarei com você em breve.

Cara empurrou o telefone na bolsa e assimilou seus arredores. A B&B estava a apenas alguns quarteirões de distância, graças a Deus. Uma garoa começara a cair, sua cabeça latejava, e seus nervos estavam descarregados. Tempo para um comprimido para dormir e doze horas de olhos fechados. Talvez amanhã tudo isso se provasse ser um grande pesadelo. Na verdade...

Ela clicou no ícone de foto em sua câmera para ver as imagens. Ela não tinha certeza se esperava ver ou não o homem agora morto. Confirmação de que a batalha que vira fora real, ou a confirmação de que estava louca? Sério, o que era mais preferível?

Segurando o fôlego, ela esperou pela última foto que tirava aparecer na tela, e quase chorou de alívio quando a imagem revelou apenas uma rua cheia de carros, ônibus e pessoas. Nenhum homem sangrando com uma flecha saindo de seu peito. Nenhum Jeff vestido como um guerreiro da Idade das Trevas.

Ela enfiou o celular no bolso de seu casaco, e pelo tempo que andou pelos seis blocos para a B&B Cara se convencera de que nada do que vira era real, que ela não estava biruta, e que ela nunca beberia algo que não servira com suas próprias mãos novamente. Dentro da casa do século XIX, Cara acenou para a doce mulher de cinquenta e pouco que a possuía e subiu as escadas para o quarto. Era tentador cair na cama com as roupas que estava, mas ela conseguiu sair da calça

jeans e do suéter. Vestindo nada além de sua calcinha, ela que raramente usava sutiã cavou a mala por seu pijama.

Endireitando-se, avistou-se no espelho.

E gritou.

No centro do peito, entre os seus seios, onde o homem perfurado pela flecha a havia tocado, estava uma marca. Linhas vermelhas ressaltadas e brilhantes formavam um escudo e uma espada... A ponta estava sobre seu coração.

Tudo fora real.



— Maldito seja, irmão. — Ares ofegou. — *Maldito seja.* — Ares ampliou sua postura e ergueu a espada quebrada na ponta, e se preparou para mais uma rodada de quem-pode-machucar-mais-o-outro. Felizmente, sua armadura e armas se reparavam agora que a *agimortus* de Ares não estava mais por perto. Por alguns momentos tensos, ele teve certeza que sua espada quebraria sob os golpes de Reseph, ou pior, que seu irmão conseguiria um golpe de sorte que cortaria por sua armadura enfraquecida como se Ares estivesse usando nada mais protetor do que uma regata da Hanes e estilosas cuecas boxer.

Reseph sorriu, revelando dentes manchados de sangue. — Irritável. Quando foi a última vez que você transou? Apenas espere até seu Selo quebrar... Fêmeas demônio vão cair aos seus pés em adoração.

Ares segurou o punho da espada de forma mais apertada. Ele já sabia que a destruição de um Selo seria catastrófica, mas ele realmente não estava preparado para o mal que fora desencadeado — especialmente não em Reseph.

— Você pode lutar contra isso. — disse Ares. — Deixe-me levá-lo até Reaver...

A risada de Reseph retumbou do fundo do peito. — O anjo não pode ajudar. Você sabe que o que está feito está feito. — Ele passou a língua ao longo do comprimento de sua lâmina, pegando uma gota de sangue de Sestiel. — Ser mal é muito mais divertido do que andar na entediante linha otária que seguimos há cinco mil anos.

Ares olhou para o esmagado e agora decapitado anjo caído na rua. Normalmente, apenas outro anjo poderia matar um anjo, mas os Cavaleiros eram exceções à regra. Fúria se arrastou através dele quando o corpo de Sestiel começou a se dissolver. Não haveria uma segunda chance para Sestiel como um não caído, sua alma não podia retornar para o Céu, e em vez disso, ele agora sofreria em Sheoul, o tanque de retenção das almas demônio, por toda a eternidade.

Furioso como Ares estava com o destino de Sestiel, ele manteve sua voz regulada, relutante a dar a seu irmão a satisfação de vê-lo irritado. — Você deve estar tão desapontado por não ter quebrado meu Selo.

Os olhos de Reseph brilharam um profano carmesim. — É só uma questão de tempo. Eu vou achar aquela prostituta humana para quem Sestiel transferiu, e então você vai se juntar a mim no lado da vitória. — Ele subiu em Conquista, seu garanhão. Batalha estalou os dentes, mas Conquista dançou para fora do caminho do golpe. — Porque o mal *va*ivencer, Ares. O bem tem de longe limitações demais.

Um portal se abriu e uma lufada de ar se deslocou, Conquista e Peste se foram.

Merda.

Ares olhou ao redor da cidade-York, Inglaterra. Ele a reconheceria de olhos vendados. Sangrentas batalhas foram travadas aqui ao longo dos séculos, e ele fora atraído para todas elas.

Ele inalou as camadas de odor, do antigo mau cheiro do despejo de penicos e resíduos de matadouros até os perfumes modernos de fumaça de escapamento e chá Earl Grey. Rodando por toda parte estava o fraco odor fétido de cão infernal que haviam se agarrado à Sestiel.

Automaticamente, Ares passou os dedos por seu Selo. Sestiel transferira a *agimortus* antes de morrer, e Ares não tinha dúvida de que fora transferido para Cara, ela era o único ser humano capaz de ver o que estava acontecendo, o que era um efeito colateral de estar ligado a um cão infernal... Mas a grande pista foi como a sua armadura e armas haviam retornado à força normal depois ela partiu. Mas para onde ela fora? Ele se perguntava se ela localizara sua besta do inferno.

E se ela realmente entendia o que acontecera com ela.

Ele se virou na direção que ela partiu. Tudo ao redor dele, a membrana que separava o plano de Ares do plano dos seres humanos, começou a rachar enquanto a concentração que ele precisava para manter o *quantamun* fragmentado. Seletos seres como anjos e os Cavaleiros usavam o plano sobrenatural para se mover entre os seres humanos em uma frequência diferente, um milhão de vezes mais rápido do que os olhos deles podiam ver. Depois que o plano entrasse em colapso, ele seria visível para os seres humanos.

Um Harrowgate portátil se abriu, e sombras esfumaçadas subiram, seguidas de Thanatos. — O que aconteceu?

— Reseph matou Sestiel, mas não antes do anjo transferir a *agimortus*.

— É uma boa notícia. Por que o mal humor?

— Porque ele a transferiu para uma humana. — Uma visão de Cara, atravessada por uma das flechas de Pestilence, brilhou em sua cabeça. E este era um dos cenários mais favoráveis. — Nossos Observadores disseram que a *agimortus* não se destina a ser suportada por um ser humano. Vai matá-la.

Thanatos ajustado o cinto de armas cruzando sua armadura. — Que diabos Sestiel estava pensando?

Ares engoliu uma maldição. Ele estivera tão ocupado caçando Sestiel que ele não atualizara seu irmão e irmã na porcaria do cão infernal. Rapidamente, Than foi informado da situação à toda velocidade.

Than soltou um assobio baixo. — Cão infernal não se vincula com seres humanos. Em todo o nosso tempo, eu nunca ouvi falar de um.

— Diga isto ao cão infernal — Ares disse acidamente. — Você tem alguma coisa útil, porque eu poderia usar uma boa notícia. — Ele supunha que era bom que Pestilence não conseguisse sentir Cara, mas, então, nem Ares conseguia.

Styx sacudiu a cabeça, e Than se abaixou para afagar o pescoço do cavalo até que ele se acalmasse. — Eu de fato espremi algumas informações de mais um dos servos de Reseph. Ele não localizou Deliverance, mas tem demônios cavando antigos cemitérios em todo o

mundo, e em um monte de lugares que já estivemos enquanto procurávamos a *agimortus* de Limos.

Fantástico, porra. Levou séculos para até mesmo descobrir o que quebraria o Selo de Limos. Eles finalmente determinaram que em algum lugar do mundo havia uma pequena xícara ou tigela que se usada para beber, iria quebrar o Selo dela. Eles nunca a encontraram.

Thanatos era o sortudo a virgindade dele *era* o Selo. Embora se isto pudesse ser chamado de sorte... Ares estremeceu.

— Nós estamos muito afortunados — disse Ares. — Nós não temos a mão de obra para procurar a *agimortus* de Limos, localizar Deliverance, e proteger Cara. Temos que focar.

— Cara, então?

Ele assentiu. Mesmo que a própria presença dela iria enfraquecê-lo, ele precisa encontrá-la e mantê-la por perto. — Ela é a prioridade, mas eu tenho uma maneira de localizá-la. Depois disso, precisamos fazer tudo ao nosso alcance para protegê-la. — Ares exalou em um longo suspiro que era visível no ar gelado. — Eu me conheço muito bem, Than. Se ela for morta e eu ficar mal, nada neste mundo poderá me impedir de aniquilar cada último remanescente da raça humana.

CAPÍTULO



OITO

Cara não dormiu. Ela não conseguia. Em um torpor, ela ligou para o proprietário da B&B por um cobertor extra, tomou banho, tentou esfregar a marca estranha de seu peito, e quando isso não funcionou, ela colocou o pijama e tentou ligar novamente para Larena, mas percebeu que ela estava inacessível.

Ela se sentou na cama rangente em seu quarto alugado e encarou a TV. A BBC estava cobrindo rios na África que estavam correndo vermelhos com algas tóxicas, mas Cara mal ouviu qualquer coisa daquilo. Ela estava entorpecida demais, sua mente desconectada de suas orelhas. A última vez que se sentira assim foi depois do arrombamento.

Depois que ela matou o homem.

O relatório oficial do legista havia citado ataque cardíaco, mas ela sabia a verdade. Ela viu um ataque cardíaco em primeira mão, quando seu pai caíra a sua frente.

Deus, ela sentia falta dele. Ele a amava, mesmo que fosse cauteloso com a habilidade dela. Tudo o que ela precisava fazer era ligar, e ele estaria no próximo avião para fora dos Estados Unidos.

A morte dele, apenas um mês antes de ela se mudar para a Carolina do Sul, partiu seu coração. Ela apenas começava a retomar sua vida, quando, quatro meses depois, os homens invadiram sua casa.

E agora isso. Ela finalmente perdeu seu poder sobre a realidade.

Seu celular tocou, e ela o agarrou da mesa de cabeceira. — Larena?

— Não.

A voz profunda e ressonante ecoou por seus ouvidos e trouxe uma onda instantânea de alívio e ansiedade. — Jeff — ela sussurrou.

— Onde está você? Eu preciso vê-la.

Vê-la? — Isso vai parecer loucura, mas eu vi você... Ou pensei ter visto. Mais cedo. Em um cavalo...

— Cara, me escute. — Sua voz não tinha traços de brincadeira, estava afiada, comandante, e ela não poderia ter desligado o telefone se quisesse. — Você está em perigo, e eu tenho que encontrá-la. Sua mensagem dizia que você estava na Inglaterra. Onde?

Ela não devia dizer nada. Ela sabia disso. Mas neste momento, estava desesperada, sem ninguém a quem recorrer, e ele era o único elo que possuía com seja o que estava acontecendo com o cão. — Eu estou em uma B&B em York. — Ela remexeu na gaveta de cabeceira pelo folheto e lhe deu o endereço.

— Obrigado. — Ele desligou antes que ela pudesse fazer mais alguma pergunta.

Agora o quê? Mesmo que ele pegasse um avião agora, seria fim da tarde de amanhã antes que ele pudesse chegar a York. E ela realmente esperava qualquer resposta dele?

Uma batida na porta à fez pular para fora da cama. *Acalme-se, apenas respire. É apenas o cobertor extra.*

Ela abriu a porta. E encarou incrédula.

— Jeff...

— Ares. — Ele entrou, ignorando o fato de que ela não o havia convidado. Não escapou de sua observação que ele precisou abaixar para evitar rachar a cabeça no batente da porta. Ou que seus ombros largos roçaram os lados.

Ele não poderia ter chegado aqui tão rápido. E... Ares?

A menos que ele estivesse aqui. Sobre o cavalo.

Ele fechou a porta silenciosamente atrás de si, prendendo-a.

— Fique onde está. — Ela fugiu ao redor da cama, colocando-a entre eles. — Não me toque.

Ares ergueu as mãos em um gesto apaziguador, mas não ajudou. Se ele quisesse, poderia tê-la em dois passos.

— Eu não estou aqui para machucá-la, Cara. Estou aqui para ajudar.

— Você pode me acordar? Porque a única maneira de ajudar é você me acordar, assim este pesadelo terá acabado.

— Não é um pesadelo. O que você viu esta noite era real.

Sua mão foi para o próprio peito, onde a marca estranha latejava. — Então... Um cara ensanguentado me marcou com a palma da mão, e então você e outro cara surgiram do nada, a cavalo, e lutaram? O tempo parou? Vi pessoas se transformando em monstros? Você realmente quer que eu acredite nisso?

— Seria útil. Mais cedo seria melhor do que mais tarde.

Ela balançou a cabeça, apesar da negação estar se tornando algo que não valia mais o esforço. Isso tudo era real, e ela sabia disso.

Ares levantou uma sobrancelha. — Você tem outra explicação para a marca que tem agora entre os seios?

Claro que ela não tinha uma explicação. Se uma nave alienígena pousasse do outro lado da janela, ela não teria uma explicação para isto também.

— Quem é você? — Ela assimilou suas botas de combate, calças pretas de couro e camiseta preta do AC/DC debaixo de uma jaqueta de couro preta de motociclista. — Por que você estaria montando um cavalo e usando uma armadura?

— Podemos discutir isso depois de deixá-la em segurança.

— Você está louco? — Ela olhou para ele, incrédula. — Eu não vou a lugar algum com você.

A mão dele cortou o ar em um movimento silenciador, e ele espreitou até janela. — Você viu alguns ratos?

Sua mente girou com a mudança repentina de assunto. — Ratos?

— Roedores que lembram camundongos grandes.

— Eu sei o que são ratos ela rangeu. — Por quê?

—Eles são espiões. — Ele olhou através das cortinas na escuridão. Um espesso nevoeiro difundia a luz amarela do poste, criando um brilho estranho na rua abaixo. — Você já viu algum?

Roedores espiões? O homem podia ser quente como o inferno, mas era um lunático. O mais discretamente possível, Cara avançou em direção à porta. — Eu não vi nenhum James Bond peludinho. —Quando ele nivelou um olhar vazio para ela, ela acrescentou: — Sim, havia coisas correndo nas sombras, mas eu vi um monte de coisas estranhas esta noite. — Avançando mais.

— Você não vai conseguir.

— Conseguir o que?

Sua voz era uma curiosa mistura de tédio e divertimento. — Você não vai conseguir chegar até a porta.

É? Bem, ela podia tentar. Ela mediu a distância, percebeu que podia correr o resto do caminho, mas congelou completamente quando o corpo maciço dele ficou tenso. — O que é isso?

— Eu ouvi um cavalo.

Ela engoliu em seco, lembrando-se do assustador garanhão branco com os malévolos olhos de rubi. — Um cavalo... Do mal?

— Pestilence — ele sussurrou. Girando ao redor em um borrão de movimento, ele veio até ela. — Nós vamos dar o fora daqui.

Ele jogou o braço, e um estranho portal deluz apareceu no centro da sala. Suas mãos apertaram os braços dela, e assim que um estrondo de despedaçar os ouvidos abalou o prédio e uma explosão de calor e fogo rugiu para eles, Ares mergulhou com ela para a luz.



Perseguido pelas chamas demoníacas do fogo infernal, Ares atirou a si mesmo e Cara do Harrowgate e para sua grande sala.

Merda, esta foi perto. Perto demais. Seus instintos deviam tê-lo avisado mais cedo do que fizeram, mas graças às suas limitações quando em proximidade com a agimortus, ele estava mancando como uma égua de cria esperando para ser montada por um garanhão excitado.

Calor queimava seu tornozelo, os dedos de fogo quase se fechando sobre ele antes que o portão se fechasse. Ares bateu o ombro no piso de mármore, rolando para suportar o peso da queda. Cara o agarrou com força, impedindo seus membros de cair e bater na superfície dura.

Ao contrário da última vez que a teve no chão, dessa vez ela acabou em cima dele, os braços em volta de sua cintura, o rosto enterrado em seu pescoço. Ela cheirava a flores e baunilha, e provavelmente não era apropriado notar, mas se passara um longo tempo desde que ele teve o corpo macio de uma mulher envolvido no seu.

A ereção que surgiu em suas calças era ainda mais inadequada, especialmente tendo em conta que eles quase tiveram suas peles queimadas e arrancadas como leitões em um das fogueiras dos churrascos havaianos de Limos.

Ah, sim, grande momento para pensar em lenha, idiota.

— Este pesadelo realmente morde. — Cara murmurou contra sua garganta, e ele esperava como o inferno que ela não estivesse falando isto porque sentiu seu pênis que endurecia a cutucando.

Ares a empurrou para fora dele e ficou de pé. Ela se sentava lá em seu pijama de flanela rosa que eram pontilhados com fofas ovelhas brancas. Ares odiava rosa. E porcarias macias e fofinhas. Era um milagre que esta mulher sequer sobrevivesse ao mundo humano, ela não duraria cinco minutos no mundo dele. Embora tivesse que lhe dar crédito por algumas respostas afiadas e tentar fugir do quarto de hotel.

Ele a teria presa na parede antes dos dedos dela tocarem a maçaneta da porta.

— Não é um pesadelo. — ele gritou, e não, ele não se sentiu mal em absoluto quando ela se encolheu. Ela precisava endurecer, e rápido. — Eu não vou lhe dizer novamente.

— Então talvez você possa me dizer o que está acontecendo. — Seu queixo subiu em tom desafiador. Boa menina. — Você disse que havia trazido o cão. Disse que você estava visitando primos...

— Eu menti. — Ele se agachou ao lado dela, acenou com a mão na frente de seu rosto, e destrancou as memórias que enterrara em seu cérebro.

Ela engasgou, os olhos se arregalando enquanto ela se encolhia para trás. — O que você fez? Oh, meu Deus, o que... Quem são aqueles homens na minha casa? — Ela agarrou a própria cabeça, as memórias atingindo forte, uma enxurrada de dados que travariam até mesmo o computador mais avançado.

— Eles eram guerreiros humanos. — Ele se moveu em sua direção, lentamente, agrupando-a em uma macia nuvem cor de rosa em direção ao canto. — Matadores de demônios. Eu suspeito que eles estivessem rastreando o cão infernal que você tratou. — Ele praticamente cuspiu essa última parte, incapaz de acreditar que alguém ajudaria uma daquelas coisas desagradáveis.

— Isso é o que ficavam dizendo. Cão infernal. — Ela olhou para seus pés descalços, as sobrancelhas cor de areia puxando uma carranca. — Espere. O homem que saiu do nada em meu escritório. Ele

levou Hal, e mais tarde, eu o vi no sonho. — Sua mão foi para o peito. — Foi ele quem me deu essa marca.

— O nome dele era Sestiel. Ele era um anjo caído.

— Anjo c-caído? — Ela engoliu, lambeu os lábios, e, naturalmente, o olhar dele foi atraído para a boca. Ela podia ser suave, mas quando se tratava de mulheres, às vezes suave era desejável. — Por que ele queria um... Cão infernal? — Ela tropeçou na palavra, lambeu os lábios novamente. Ele queria que ela parasse de fazer isso. —Hum, Hal.

— Ele levou o cão porque a proximidade a eles pode mascarar o paradeiro de um anjo caído. — Eles também eram uma arma eficaz contra os Cavaleiros, mas ela não precisa saber disso. — Eu acho que ele estava esperando que pudesse domá-lo e fazer com que se vinculasse com ele. Ele não devia saber que o cão já havia se vinculado a você.

— Vinculado?

Ódio frio e antigo apertou o coração de Ares. — Cão infernal são criaturas vis e malignas. Eles vivem para matar e mutilar, e eles não sentem remorso. Então o que você fez com ele, salvou sua vida ou algo assim... E o deixou grato. — A ideia em si deixava Ares muito mal. Ele preferiria comer estrume de ghashbat para o resto de sua vida do que ser vinculado a um cão infernal grato. — Você tem sonhado com ele, exceto que eles não são sonhos. Cão infernal pode se comunicar

através do vínculo usando projeção astral. Você vai até ele enquanto está dormindo, mas pode ser perigoso, porque nesse mundo de sonho, anjos e demônios podem capturá-la, mantê-la com eles até que seu corpo físico morra.

Cara se afastou um pouco mais. Seus olhos ficaram fora de foco, seu cérebro inundado com informações além da capacidade de qualquer coisa que ela poderia entender. — E você - você me apanhou da minha casa. Você me raptou.

— Eu salvei a sua vida. — ele ressaltou. — Os Guardiões iam torturar e matar você.

Ela escondeu o rosto entre as mãos, e então sua cabeça se levantou, o rosto manchado de vermelho. — Você me *beijou*!

Seu olhar caiu mais uma vez a boca dela, aqueles lábios exuberantes que provou. Ela tinha gosto de hortelã e cão infernal então, e ele se perguntava sobre o seu sabor agora. — Não foi um beijo, humana, portanto, não fique animada.

Ela cuspiu em indignação. — Eu não sei o que colocar os lábios na boca de outra pessoa significa para o seu povo, sejam quem forem, mas os *humanos* chamam de beijo.

— Parabéns, então. Você beijou um cão infernal. — Ele arrastou o olhar sobre o corpo dela, que, embora escondido sob um pijama grande demais, era cheio de curvas. Ele nunca esqueceria o show de

striptease involuntário que ela representou antes de entrar no chuveiro. — Eu evitaria isto no futuro. Cão infernal fodem o que eles matam. Normalmente, enquanto estão matando. Não dá para dizer o que vão fazer a alguém que realmente *gostem*.

A boca dela trabalhou em silêncio por um momento. — Você é nojento.

Ele bufou. — Não fui eu que suguei a cara de um cão infernal.

Um tremor a sacudiu, e por um breve, muito breve, momento, ele experimentou um pouquinho de remorso por sua provocação, e ele considerou vestir a armadura para confrontar a sensação. Então ela lhe lançou um olhar de total repulsa, e foi o fim da rara aflição de consciência. — Onde estamos? — Quando ele não respondeu dentro de dois segundos, ela aparentemente atribuiu para a resposta, ela bufou. — E então?

Impressionante, como ela podia mudar de parecer como se fosse entrar em colapso em uma poça trêmula para exigir respostas às suas perguntas. — Grécia. Esta é minha casa.

— Você mencionou a Grécia quando você me deu seu número de telefone — ela pensou alto.

Para seu crédito, ela não surtou novamente. Como qualquer guerreiro competente, ela examinou seus arredores, tomando nota do ambiente, e ele não tinha dúvidas de que ela registrara cada saída. *Boa*

menina. Quando terminou, ela tentou ficar de pé, mas ele a enjaulou entre o próprio corpo e a parede. Ele se levantou, ofereceu-lhe uma mão, que ela ignorou.

Então ela era arisca e teimosa. Falando em uma combinação frustrante.

Ela arrastou-se a seus pés por conta própria e deslizou ao longo da parede para colocar um metro de distância entre eles. — Isso tudo é tão louco. Demônios? Cão infernal? Anjos caídos? Por que estou envolvida nisto? O que eu fiz?

Boas perguntas. Pena que ele não tinha boas respostas. — Lugar errado, hora errada. Quando o cão infernal lhe deu o Beijo do Inferno...

— Ele não me beijou — ela soltou. — Ele é um cão.

— Ele é mais do que um cão, e em algum momento, ele a lambeu na boca. Você se lembra disso?

Franzindo a testa, ela assentiu lentamente. — Eu apenas o ajudei. Ele havia sido baleado e atropelado por um carro. Ele se curou extremamente rápido quando tirei a bala, no entanto.

— Porque ele é um cão infernal. Eles são difíceis de matar, mas os Aegis atiraram nele com uma bala de chumbo encantada. Ele teria morrido se não fosse por você. Eles não distribuem seus vínculos para

qualquer um. Você deixou uma impressão importante, e ele lhe deu a própria vida.

— Deu a *vida* dele?

— O Beijo do Inferno vincula as suas forças de vida. Toda vez que você é ferida, extrai dele e vice-versa. Ambos vão se curar com velocidade sobrenatural. O problema é que, se ele está ferido, você sentirá o esgotamento da sua energia. Quanto mais grave ele estiver machucado, pior vai ser para você. É possível que ele possa drená-la completamente até a morte.

Ela puxou para baixo uma de suas mangas que subira e exposto seu antebraço. — Não é que você é o portador das notícias divertidas?

Ele encolheu os ombros. — Se isso faz você se sentir melhor, estar vinculada a um cão infernal prolonga seu tempo de vida. — Pelo menos, prolongaria se ela não estivesse hospedando uma *agimortus*, o que provavelmente a drenaria mais rápido do que a força de vida do cão infernal poderia recarregá-la. — Ele deve ter estado seriamente grato, porque cães infernal são imortais, mas por se vincular com um mortal, ele perdeu a sua longevidade. Ele ainda vai ser difícil de matar enquanto você estiver saudável, mas quando você morrer, ele também irá.

Ela ponderou isto. — Você é imortal?

— Sim. Mas com a maioria dos imortais, existem formas de matá-los — vampiros viverão para sempre, a menos que sejam expostos à luz solar, decapitados, ou receberem uma estaca no coração. Mas eu sou indestrutível. Eu não posso ser morto. — Exceto pela Deliverance, a adaga forjada especificamente para derrubar os Cavaleiros.

— Os vampiros são reais? — Cara envolveu os braços em torno da própria parte média do corpo como se tentando manter-se recomposta. Ele não teve o mesmo luxo quando descobriu que o mundo sobrenatural era real, seus braços foram algemados atrás das costas, enquanto observava sua esposa ser torturada e morta. — Okay, então como foi que a minha ajuda ao... Cão infernal... Envolveu-me em tudo isso?

— Eu lhe disse que Sestiel levou o cão para manter o próprio paradeiro escondido. Ele havia virado alvo de assassinato e precisava de proteção.

Ela olhou para os pés novamente, que eram pálidos, mesmo contra o mármore branco. — Por que alguém o queria morto?

Agora as coisas estavam ficando complicadas. Ele fez um gesto para o conjunto de sofá de couro de três peças que Limos o fizera comprar. Porque todo cara precisava acomodar doze homens crescidos em um maldito sofá.

— Sente-se. Vou pedir um pouco de comida, se você estiver com fome.

— Eu não estou com fome. Não quero sentar. — Ela cruzou os braços sobre o peito em desafiante teimosia. — Eu quero saber o que diabos está acontecendo.

Ares não estava acostumado a receber ordens, e deixou isso bem claro com um firme — Você sabe o que precisa saber por agora.

— Sêrio? — Um rubor raivoso avermelhou seu rosto até linha dos cabelos. — Eu sei *tudo*? Você disse antes de sairmos do hotel que eu estava em perigo. E quanto às pessoas na B&B? Ela explodiu? Foi isto que aconteceu? Pessoas morreram porque *eu sou* aquela em perigo?

— Cara...

— Conte-me! Eu ainda estou em cima do muro sobre o quanto disto acreditar, então eu preciso de algumas respostas, e preciso delas agora.

Seu estado de espírito se arrepiou ao comando dela, e okay, se ela queria, iria conseguir, sem censura e sem cortes.

— Sim. Aquelas pessoas morreram porque você estava em perigo. A B&B foi envolvida em fogo infernal. — Que era proibido de ser usado no reino humano, mas ninguém iria policiar Pestilence. —

Espíritos diretamente saídos do inferno caçaram cada ser humano dentro do alcance do calor e os queimaram vivos ao sugar as almas de seus corpos. Eles teriam sido completamente queimados de dentro para fora. É uma fodida maneira infernal de morrer, e pior, suas almas estão agora presas no inferno, sem esperança de algum dia chegar ao céu.— Os olhos de água do mar dela estavam marejados, e embora ele tivesse a mais estranha vontade de tentar confortá-la, ele seguiu em uma direção com que estava muito mais confortável; sargento instrutor. —Ouça, humana. É uma merda que você tenha sido colocada nisto, mas você foi, e está aqui. Há muito em jogo, e você vai precisar se endurecer seriamente se quiser sobreviver. Um monte de pessoas vai morrer antes disto acabar, então seque as lágrimas e lide com isto. Neste momento você é o ser humano mais importante do planeta, assim, aja como tal.

— Seu bastardo. — ela respondeu asperamente.

— Sim, eu sou um bastardo. Literalmente. E você é a recebedora da agimortus de Sestiel. — Ele fechou a distância entre eles em dois passos e rasgou a blusa do pijama, jogando botões para toda parte. Cara gritou e tentou fugir, mas ele a pegou com uma mão em torno da nuca. Ele apontou o dedo em seu peito, sobre o símbolo ali, ignorando a forma como a marca queimava sua pele e diluía seus músculos. — Isto é uma agimortus. Isto é algo que apenas um anjo caído é forte o suficiente para suportar.

— Solta, seu pervertido.

Não iria acontecer. Não até que conseguisse fazer-se entender. —Pense sobre o que acabei de dizer, Cara. Supõe-se que *apenas* anjos caídos devem ser marcados com isto, e tudo em que você consegue pensar é que seus faróis estão expostos? — E que belos faróis eles eram. Foi preciso cada grama do condicionamento militar que Ares possuía para não olhar. Ele era um bastardo, mas não era um doente que se excitava assustando mulheres.

Cara empurrou seus ombros. — Tire suas mãos de mim, e vou fazer a maldita pergunta que você quer que eu faça.

Dando um passo atrás, ele observava com diversões enquanto ela unia a camisa com um puxão, às ovelhinhas se enrugando raivosamente na flanela de algodão doce. — Vá em frente. Pergunte. Prove que você tem algum cérebro nessa sua cabeça bonitinha.

— Idiota. — ela cuspiu. — Eu vou jogar o seu jogo. Então me conte, se apenas anjos caídos podem ter essa coisa *agimorty*, porque eu a tenho?

Espertinha. Ele teria sorrido se a resposta não fosse tão terrível. — Porque os anjos caídos estão atualmente na lista de espécies em extinção. Assim, o único outro ser a quem Sestiel podia transferi-la era um humano. Infelizmente, os seres humanos só podem suportá-la por uma questão de horas, mas porque você está vinculada ao cão infernal, Sestiel deve ter apostado que você teria um pouco mais de resistência.

Ela perdeu um pouco de cor, mas sua expressão permaneceu agradável e chateada. Excelente. Sem lamentações ou vapores. — Ele estava certo?

— Sim, mas isso não vai durar. Você está extraindo a força de vida de Hal para permanecer viva. Se não encontrarmos um anjo caído para transferir a *agimortus*, você ficar cada vez mais fraca, até que finalmente, ele morrerá. — Ares teve que revelar para Cara, porque, embora tenha visto em seus olhos o momento exato em que ela assimilou o que ele disse, ela manteve a calma.

— E quando ele morrer. — ela disse sem rodeios: — Eu morro, também.

Lenta e deliberadamente, ele estendeu a mão para ela, e dessa vez ela não protestou quando ele abriu a camisa para revelar seus seios. Entre eles, a marca cortava duramente em sua pele, as linhas vermelhas levantadas como açoites frescos de um chicote fresco. — Olhe para isto. Tão carmesim quanto sangue fresco. — Ela não se mexeu quando ele traçou a ponta do dedo ao longo da borda superior do escudo. — Vai desaparecer enquanto as horas passam, enquanto você começa a morrer. Quando estiver da mesma cor de sua pele, o tempo acabou. É um cronômetro, Cara. — Ele pressionou contra a ponta da lâmina, observando enquanto a carne ficava branca e começava a reencher de sangue. — E o tempo está se esgotando.

CAPÍTULO



N O V E

Cara ficou ali como um cervo nos faróis, sua mente girando, seu coração martelando. — Acho que preciso me sentar afinal de contas.

Seus pés eram de chumbo enquanto ela se movia sobre o chão de mármore até um pequeno tapete espesso, em cima do qual estava uma mesa de café enorme projetada como um tabuleiro de xadrez. Ela derrubou duas peças de jogo do tamanho de latas de refrigerante quando afundou em uma cadeira de couro estofada demais.

— Você gosta de xadrez. — Sua voz era oca, sua observação claramente imbecil.

— Sim.

— Você é bom nisso, então? — Outra declaração imbecil. Ela estava discutindo algo tão mundano como xadrez enquanto Ares estava falando sobre anjos caídos, demônios, e sua morte.

Ele endireitou as peças. — Ninguém nunca me derrotou.

— Lembre-me de não desafiá-lo a um jogo. — ela murmurou.

— Seria sábio não me desafiar a nada. — Ele se virou para uma das saídas no lado distante da sala e gritou por alguém chamado Vulgrim.

Sua arrogância, enquanto provavelmente justificada, a irritou, e ela deu as boas-vindas ao aborrecimento. Qualquer coisa era melhor do que estar com medo e confusa. Mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, uma criatura desmedida com chifres tipo carneiro e um focinho largo espreitou na sala, seus cascos estalando no chão. Ele - pelo menos, ela pensou que fosse um ele - usava uma espécie de túnica de couro sobre cota de malha que devia ter alguma coisa debaixo dela, ou sua pele espessa, bronzeada teria ficado prensada nos elos.

Ela tinha pensado que nada poderia pirá-la mais do que ela já estava, mas assumiu sua melhor imitação de uma estátua de pedra, tentando ser tão invisível quanto possível enquanto Ares falava com a coisa.

— Meu senhor? — A coisa ressoou.

Ares inclinou a cabeça. — Vulgrim, traga *Orc-água* para a humana. Instrua os outros que é para ser dado a ela qualquer coisa que ela quiser. — Ele deslizou-lhe um olhar significativo. — Exceto liberdade. Ela é para ser guardada com suas vidas.

Orc-água? Certamente ele disse água de *orquídeas*. Como água de rosas. Apenas com orquídeas. Deus, ela queria rir como uma maníaca neste momento, porque havia um monstro na sala, e ela estava pensando em água de flor. Ela olhou Ares e revisou seu pensamento. Havia dois monstros na sala.

Vulgrim se curvou, girou decididamente em seus pés de cascos, e desapareceu no corredor.

— O que... — ela clareou a garganta para se livrar da rouquidão humilhante —... O que era aquilo?

Ele tirou sua jaqueta e a jogou sobre o encosto do sofá. — Demônio Ramreel. Eu tenho trinta na equipe como servos e guardas. Eles não vão prejudicá-la.

Claro que não. Porque, por que *demônios* iriam prejudicá-la? — Todos os demônios parecem coisas-bode?

Ele inalou profundamente, como se reunindo paciência para responder às suas perguntas. — Há tantas espécies de demônios como há mamíferos na terra, embora muitos pareçam tão humanos como você e eu. Nós os chamamos *deter'taceo*. Você vaiser capaz de sentir ou ver alguns deles agora que você faz parte deste mundo.

Ela se lembrou do homem que tinha saído do pub em York, aquele que tinha se transformado em uma criatura hedionda por

alguns segundos horríveis. Algo peludo disparou pela sala, e ela esqueceu o cara do pub. — Essa... coisa atrás de você é um demônio?

Ares virou ao redor ,um largo sorriso suavizando seus traços ásperos. — Yep. — Ele fez alguns ruídos ronronando, e a coisa do tamanho de um beagle, uma versão mais peluda, arredondada, em miniatura de Vulgrim, correu sobre quatro patas. Ela assistiu, maravilhada com a ternura inesperada de Ares, enquanto ele lhe dava um beliscão afetuoso. — Vá para casa, Rath. Seu pai está provavelmente preocupado. — A pequena coisa-bode saltou para longe, e Ares sorriu até que se virou de volta para ela. — Neto de Vulgrim. Ele tem apenas alguns meses de idade, e curioso como o inferno. A mãe está morta.

Homem, ela tinha um zilhão de perguntas para ele, mas nem sabia por onde começar. Talvez a razão pela qual ela estava aqui é porque era um bom lugar. Ela se recostou na cadeira, e quando o olhar de Ares a varreu audaciosamente, ela trouxe os joelhos até o peito e arrumou a parte de cima do pijama arruinado para se manter coberta, embora a esta altura, ela supôs que não importava. Ele já tinha visto tudo.

— Os homens educados não encaram. — ela estalou, porque maldição, ele tinha visto, mas ele não tinha que babar.

— Oh, eles encaram. — ele disse com voz arrastada. — Eles são apenas mais sutis sobre isso.

Tanto faz. — Por que você me trouxe aqui?

Ele começou a perambular o comprimento da sala, seus passos longos consumindo o chão, sua expressão severa congelada em concentração. — Para te proteger do meu irmão.

— Seu irmão? Ele é quem está tentando me matar?

— Ele era o homem no cavalo branco, e ele não é o único que quer você morta. Metade do submundo estará atrás de você. É por isso que você precisa estar aqui. Meu irmão pode encontrar a ilha, mas outros poucos podem. Ele vai suspeitar que eu trouxe você aqui, mas não terá nenhum detalhe - eu já tive a ilha limpa de vermes e morcegos, e os meus Ramreels têm falcões expulsando pássaros do espaço aéreo. — Ao que deve ter sido um olhar questionador em seu rosto, ele acrescentou, — Meu irmão pode se comunicar com portadores de doenças e usá-los como espiões.

Eew. Então foi por isso que Ares tinha perguntado se ela tinha visto algum rato. — Seu irmão soa encantador.

Houve uma longa pausa, silêncio que foi preenchido apenas pela batida de suas botas no chão. — Ele costumava ser.

De alguma forma ela não podia imaginar o psicopata no cavalo demônio sendo *encantador*. — Talvez seja a hora de você me contar exatamente quem você e seus irmãos são, porque francamente, estou tendo um momento difícil processando nada disto.

Ele balançou a cabeça. — Saber não vai tornar isso mais fácil.

— Vai realmente tornar isso *mais difícil*?

— Não vai ser fácil de acreditar.

— Ah... Olá. — Ela fez um gesto na direção que o demônio com chifres de carneiro tinha ido. — Depois do que vi, você poderia dizer que é Darth Vader, e eu não ficaria surpresa.

Um canto de sua generosa boca inclinou-se para cima em um sorriso antes de voltar para uma linha firme, proibitiva. Mas por aquele segundo, ela na realidade se sentiu atraída por ele do jeito que ela tinha estado quando o tinha visto pela primeira vez em sua varanda.

— O nome do meu irmão é Reseph. — ele disse asperamente. — *Era* Reseph. Ele agora é o ser que você poderia reconhecer como *Pestilence*, o primeiro Cavaleiro do Apocalipse.

Okay, ela esteve errada sobre não ficar surpresa. Fazendo seu melhor para não hiperventilar, ela se sentou em silêncio aturdido por um momento. Irmão. O irmão de Ares era *Pestilence*. Ela finalmente conseguiu falar, mas o som foi mais um coaxar. — E isso faz você...?

— Guerra. Segundo Cavaleiro do Apocalipse. — O demônio, Vulgrim, chegou com uma garrafa de água, que Ares trouxe para ela. — Beba.

Entorpecidamente, ela bebeu o que ele ofereceu. A água fria aliviou sua língua seca, e ela bebeu metade do conteúdo antes de sua mão descer sobre a dela e gentilmente empurrar a garrafa para longe. A palavra "gentil" parecia estranha quando emparelhada com ele, mas neste momento, todo esse poder assustador estava contido, e até os ângulos duros em seu rosto, o conjunto proibitivo de sua boca, haviam se tornado menos severos.

— Fácil mulher. — ele murmurou. — Você vai chocar seu sistema.

Tarde demais. Ela não poderia estar muito mais chocada do que estava agora mesmo. — Não tem gosto de flores. — Não era ela a rainha das declarações imbecis de hoje. Ele a olhou como se ela estivesse febrilmente insana e ele pudesse pegar o vírus da loucura. — Você disse que era água de orquídeas.

Ele franziu a testa, silenciosamente repetiu o que ela tinha dito, e então riu. E wow, ele era absolutamente lindo quando fazia isso.— Orc-água. Eu pedi a Vulgrim que adicionasse uma erva orcish que vai ajudá-la a relaxar.

Ela deveria ficar puta que ele a tinha drogado, mas a coisa orc já devia estar funcionando, porque ela simplesmente não ligou. De fato, um calor efervescente estava se espalhando através de suas veias, e seus músculos cresceram agradavelmente relaxados. — Então o que agora?

— Temos que encontrar o seu cão infernal antes de *Pestilence*. Se ele sabe que você está ligada a ele, ele vai torturá-lo para te matar. — Ele estendeu a mão para esfregar a parte de trás do pescoço, seus bíceps se flexionando testando os limites de força das mangas de sua camiseta. — Você estava em York para encontrar o vira-lata, não estava? Você sabe onde ele está?

— Não exatamente. Mas em um daqueles sonhos, eu vi o nome de uma rua. New land Park Drive.

— Então eu vou começar a busca aí. Sem dúvida *Pestilence* já tem seus lacaios vasculhando a cidade.

Não pergunte... não pergunte... — Por que ele quer me matar? Por que o submundo iria me querer morta?

— Por quê? — A voz de Ares era tão profunda que vibrava todo o caminho até seu interior, e estranhamente, ela gostou da sensação. — Porque o submundo está cheio de demônios. — Ele baixou o olhar para seu braço, onde a tatuagem de cavalo parecia mover-se, como se uma brisa estivesse agitando sua crina. Ela recordou ver seu garanhão real virar fumaça e se transformar nessa tatuagem, e yep, essa era mais uma coisa para lhe perguntar sobre. — A maioria dos demônios que vivem no reino humano gosta das coisas do jeito que elas são agora. Mas aqueles que estão presos em Sheoul querem sair, então eles estão se juntando à causa de *Pestilence* para matar você. E *Pestilence* quer você morta por que sua morte vai quebrar meu Selo.

— E isso é ruim?

Ele riu, mas desta vez a falta de humor nisso gelou seu sangue, que já estava lento, graças à coisa orc. — Ruim? Cara, sua morte vai provocar o Apocalipse. Destruição total. O fim do mundo como nós o conhecemos. Então sim, sua morte é ruim.

— Isso seria uma chatice. — Em algum momento, ela tinha agarrado sua mão. Ela deveria estar mortificada, porque estava acariciando a palma da mão levemente com seus dedos. Mas ela também acabara de dizer que sua morte causando um Apocalipse seria uma chatice, então o que diabos? — Orc-água é impressionante.

Uma sobrancelha castanha disparou para cima. — Acho que Vulgrim pôde ter feito isso um pouco forte.

— Oh! Falando em forte... a vodka. Eu não bebi nenhuma vodka, bebi? Naquela noite que eu cuidei de Hale você me sequestrou.

Seus longos dedos se enrolaram em torno dos dela, e todo o seu corpo ficou totalmente líquido e quente. — Eu encenei isso depois que limpei sua memória. Eu queria que você pensasse que tinha uma razão para não lembrar o que aconteceu.

— Poderia ter funcionado exceto que eu não bebo. Nunca. — Ela se sentou para frente. — Posso ter mais orc-água?

Seus lábios se contorceram enquanto ele empurrava a garrafa fora de seu alcance. — Não acho que isso seja uma boa ideia.

Provavelmente não. Especialmente desde que suas pálpebras estavam começando a ficarem pesadas. Mas seu interior tinha ido à direção oposta. Ele estava positivamente dançando, fazendo uma giga²⁶ com seus hormônios, que pareciam ter despertado de um sono profundo desde o encontro com Ares. — Você cheira realmente bem. E você é extremamente atraente. Seu rosto é um pouco cruel, entretanto. — Sua carranca provou seu ponto. — Seu irmão era assustador. Você é assustador, também. Você é mal?

— Ainda não. Mas é por isso que temos que manter você viva, Cara. Se você morrer, eu vou ficar muito, muito ruim.

— Como quando você me beijou? Isso foi ruim.

— Não foi um beijo. E não foi *ruim*. — Ele soou tão ofendido que ela sorriu.

— Sua boca estava na minha. — Sua visão tinha começado a embaçar, mas ela podia ver seus lábios claramente. Eles eram tão perfeitos. E se ela se lembrava direito, eles também eram muito firmes, mas macios. Ela estendeu a mão, tocou a ponta de um dedo em seu lábio inferior.

²⁶dança alegre e rústica, de caráter vivo, muito popular na Inglaterra, Escócia e Irlanda.

A boca dele se separou em uma inspiração dura, e algo tremulou em seu estômago. Talvez a orc-água. Lentamente, ela traçou seus lábios com o dedo, e sim, eles eram macios. Aveludados. Ela queria sentir mais deles.

Em algum lugar nos recessos de sua mente uma voz gritou que isso era errado, mas ela estava sonolenta, esquisita, e um pouquinho... Excitada. — Eu vou te mostrar. — ela murmurou, enquanto angulava seu corpo para frente. — Vou te mostrar o que é um beijo.

Ele recuou, mas ela pegou sua boca com a dela, e ele travou como se ela tivesse atingido um interruptor. Uma risadinha se levantou dentro dela, mas nunca conseguiu passar de seus lábios. Nope. Eles estavam ocupados demais esmagando-se contra os de Ares.

Ela nunca tinha sido o agressor em qualquer relacionamento. Tinha que ser aorc-água. Ela inclinou a boca sobre a dele, do jeito que se lembrava dele beijando a dela. Sua língua tinha varrido para fora, traçado a costura de seus lábios, então ela fez o mesmo.

— Isto — ela sussurrou, — é o que você fez comigo.

Um som masculino, necessitado retumbou em seu peito, um cruzamento entre um gemido e um rosnado, e então Ares estava sobre ela. Ele a pressionou na cadeira, seu corpo esmagando o dela, seus quadris embalados entre suas coxas abertas. Novamente, a voz profundamente em seu crânio gritou que isto era um erro, mas seu

corpo estava relaxado, lânguido, e depois do inferno dos últimos dois dias, tudo o que ela queria fazer era esquecer.



Ares plantou seus punhos contra os apoios de braços e empurrou a parte superior do corpo de Cara. *Ah, droga.* Essa merda *não* foi legal. Ela tinha sido drogada, estava bêbada em orc-erva, e ele soube no instante em que ela tinha tocado sua boca com o dedo que ele deveria impedi-la.

Em vez disso, ele ficou curioso para ver o que ela faria. Ele não pensou que ela o teria beijado. E quando ela tinha... Tinha sido o beijo mais doce que ele experimentava em, bem, sempre... Sua boca estava faminta, sua língua lisa e quente, e isso tinha acendido um incêndio dentro dele que ele achava que tinha sido há muito apagado.

E quando seus dedos cavaram na parte de trás do seu pescoço, o fogo havia inflamado para fora de controle. Seus instintos guerreiros haviam exigido que ele se movesse, partisse para a ofensiva e conquistasse. Ele a tinha sob ele em um batimento cardíaco, seu corpo rígido, tenso, sua boca provando uma fêmea disposta, atraída.

Agora ele estava cobrindo-a, sua excitação pressionando contra o seu núcleo, seu peito apertado com respirações irregulares. E ela estava dormindo.

Saia de cima dela, estúpido.

A sua nuca formigou com a sensação de estar sendo observado, e ele chicoteou a cabeça ao redor pela fonte. Vulgrim estava na porta entre a sala de jantar e a grande sala, seus minúsculos olhos de porco brilhantes com especulação e curiosidade. Sem dúvida. Ares raramente trazia mulheres aqui. E quando trazia, eles não gastavam tempo dando amassos na sala de estar. Elas geralmente não estavam drogadas à inconsciência, tampouco.

Yeah, isto parecia realmente bom.

— O quê? — ele estalou, enquanto se empurrava para longe de Cara. Ele resistiu ao impulso de explicar que esta não era uma coisa *roofie-na-bebida*²⁷. Ares poderia ter qualquer mulher que quisesse. Ele não precisava drogá-las, e não era da conta do seu servo, mesmo se ele *tivesse* feito isso para fazer sexo com a humana.

— Vejo que você está... Ocupado. — Vulgrim disse, sua voz geralmente plana escorrendo diversão. — Eu vou limpar mais tarde.

— Faça isso. E diga a Torrent para manter um olho melhor em Rath. — Não que ele se importasse com a pequena bola de pelos na casa, mas se *Pestilence* encontrasse o bebê Ramreel sozinho... Deus, Ares nem queria ir até lá em seus pensamentos.

²⁷*roofie* é um termo para Rohypnol - medicamento que induz o sono de forma rápida, tendo também efeito ansiolítico (redução da ansiedade), e relaxante muscular. É utilizado em golpes conhecidos como "Boa-noite, Cinderela". Também é conhecido como "rape drug" ("droga do estupro")

Ele recolheu Cara em seus braços. Sua parte de cima se espalhou aberta, os botões arrancados e tecido rasgado completando o perverso cenário fodê-la-enquanto-dorme. Excelente.

— Eu ouvi que Rohypnol é ainda melhor do que orc-erva, senhor — Vulgrim chamou enquanto Ares a levava pelo corredor.

— Eu tenho uma sala de tortura na masmorra. — Ares disparou de volta, e ele estava apenas meio brincando. Maldito demônio.

O problema era, o demônio não estava metade com medo de Ares como deveria estar, e tanto quanto Ares queria se arrepender de permitir que Vulgrim e família entrarem em seu círculo interno, ele não podia. Ele não gostava de demônios, mas Vulgrim era diferente e havia sido desde o dia que Ares tinha o resgatado da morte certa como uma criança.

Em seus braços, Cara se mexeu, se aninhou em seu peito, e colocou os braços em volta do seu pescoço. Um curioso calor se filtrou através dele, algo que ele não conseguiu completamente identificar, mas era... Agradável.

Não há espaço para ternura em nosso mundo. Guerreiros lutam. Eles fodem. Eles matam. Isso é tudo. A voz de seu pai - a voz do macho humano que o criara - ainda ressoava em torno do crânio de Ares depois de todo este tempo. Como uma criança começando a andar, Ares havia sido espancado por mostrar bondade demais para com os animais e escravos. Seu lado gentil tinha sido literalmente espancado

para fora dele pelo tempo que ele tinha dez anos. Ele tinha recebido a mensagem alta e clara. Não se apegue a nada nem ninguém, porque posses eram fáceis de perder, poder era fluido, e coisas vivas morriam facilmente.

Não brinca. Ele tinha esquecido essa lição eventualmente, e sua família havia pago por sua falha. Em sangue.

Cara começou a roncar, delicados roncos que ele tentou achar sem atrativos. Não fofos. Nope, nem um pouco fofos. Ele disse isso a si mesmo mais e mais enquanto a levava para um de seus cinco quartos, escolhendo a suíte master. Tinha um banheiro, a maior cama, e no canto, uma cadeira onde poderia se sentar e observá-la se precisasse. Também se assentava na borda do penhasco e ostentava a melhor vista, melhor brisa do mar, um pátio, e era quase inacessível de fora.

Ele a deitou no colchão teve que descascar os dedos dela fora de seu pescoço, e fez o seu melhor para desviar seu olhar de sua camisa escancarada quanto puxou um lençol sobre ela. Okay, talvez não o seu melhor. Ah, inferno, o esforço foi patético. Ele precisava conseguir pijamas novos para ela. Imediatamente.

Com um suspiro suave, ela se enrolou em seu lado e aconchegou-se nos lençóis. Uma pontada de ciúme o picou. Ele não se lembrava de alguma vez se aninhar em uma cama assim - era uma coisa tão humana de se fazer. Mas então, mesmo quando acreditara que ele era humano, ele se sentira desconectado, como se ele não pertencesse. Ele tinha ido com a maré de se casar, ter uma família, e

aproveitar a vida, mas sempre soube lá no fundo que algo não estava certo. Que ele foi feito para algo maior, e ele não precisava ou merecia confortos ou sentimentos humanos.

Ele percebeu que esteve pairado sobre Cara, perdido em seus pensamentos, suas mãos embalando a cabeça dela porque ele não tinha travesseiros sobre a cama, seus dedos acariciando sua bochecha suave. Assobiando, ele se sacudiu para longe com tanta força que perdeu o equilíbrio e teve de segurar-se na cadeira antes que caísse em seu traseiro. Filho da puta. Tanto o tropeço quanto os pensamentos à deriva foram desajeitados, incaracterísticos, e tanto quanto queria culpar o *agimortus*... Okay, yeah, ele o culpava. De jeito nenhum era uma mulher fazendo-o confuso, não importa o quanto ela era bonita.

Voltando rapidamente para o modo guerreiro, ele designou guardas para o pátio, o telhado, e dentro da vista de cada uma das janelas. Uma vez que estava convencido de que nada, nem mesmo um dos ratos de Pestilência, poderia infiltrar-se no quarto, ele mandou uma mensagem de texto para Limos e Thanatos. Ambos chegaram em uma hora, e os encontrou na grande sala.

— Diga-me que você tem a humana.— Thanatos disse, a modo de saudação.

Ele estava vestido para batalha em sua armadura de placa de osso de demônio, e suas botas ressoavam como trovões enquanto ele atravessava o piso. Ele tinha puxado seu pálido cabelo para trás com uma tira de couro, mas as duas tranças finas em ambos os lados de

suas têmporas batiam frouxamente contra o rosto como ele andava. Na sua mão uma lata gelada de Mountain Dew²⁸. Ele estava viciado na coisa.

Limos entrou atrás dele em uma bermuda laranja, uma regata amarela, laranja, e azul com estampa havaiana e chinelos florais. Ela até tinha uma flor amarela enfiada em seu cabelo preto. Ela era *tão* garota.

— Hey, mano. — Ela deu um tapinha no peito de Ares quando passou por ele. — E aí?

— Eu tenho a humana. Ela está dormindo.

— Bom. — Than lançou para trás metade do seu refrigerante. —Você está tendo problemas com ela?

Mais do que você sabe. — Se você está perguntando se ela é combativa na minha presença, não.

— E quanto ao efeito que o *agimortus* tem sobre você?

Ares cerrou e descerrou seus punhos. De tudo com o que tinha sido sobrecarregado quando fora amaldiçoado a ser um Cavaleiro, a perda de poderes e fraqueza potencial eram o que irritava mais. — Quando lutei com Reseph em York, minha armadura e espada

²⁸ Mountain Dew ou "Orvalho da montanha" é um refrigerante não-alcoólico, de característica cor verde-limão (diferenciando de outras bebidas), fabricada pela Pepsi nos Estados Unidos.

falharam, mas eu não precisei fazer uso de quaisquer de minhas habilidades desde que peguei Cara.

Mentiroso. Seus reflexos tinham sido lentos no hotel, a proximidade com ela entorpecendo sua capacidade de sentir o perigo iminente. Mas ele não podia admitir suas falhas, nem mesmo a seu irmão e irmã. Ele podia listar todos os argumentos lógicos - que não era culpa dele, que teria acontecido com qualquer outra pessoa, blá-blá. Mas o resultado final? Era humilhante.

Li lançou-lhe um olhar cético, como se quisesse oferecer-lhe Viagra sobrenatural para seus assuntos *agimortus*, mas sabiamente, ela manteve o bico calado. — Como ela está lidando? Ela não pode estar feliz por de repente ser o mais procurado morto do submundo.

— Ela está lidando tão bem quanto pode. — Ele se moveu para o bar perto da lareira. Tequila tinha um jeito de substituir a queimadura bruta de vergonha com sua própria marca de fogo. — Por enquanto, pelo menos.

— Ela está mostrando sinais de fraqueza? — Os olhos violeta de Li se iluminaram quando Ares mergulhou atrás do balcão de granito. — Sim, por favor. Algo frutado.

— Você quer um guarda-chuva também? — Ela deu o dedo para ele. Um dia destes, sua irmã aprenderia a gostar de bebidas apropriadas, não porcaria feminina açucarada. — Nenhuma fraqueza que eu possa dizer ainda. A ligação com o cão infernal vai mantê-la

forte por algum tempo. Precisamos encontrar o animal, porém, porque se ele morrer, o mesmo acontece com ela. Eu tenho um lugar para começarmos - uma rua em York, e podemos ir de porta em porta se for preciso. Nós também precisamos caçar um anjo caído, assim Cara pode transferir o *agimortus*, e nós vamos ter algum espaço para respirar.

Limos suspirou. — Eu vou para casa e embalar algumas coisas. Você precisa de pelo menos um de nós aqui para te ajudar a proteger a garota.

— Bom. Eu vou atrás do vira-lata. Than, você caça um Não Caído. Eu começaria no Templo de Lilith. Eu encontrei Tristelle lá. — Ares esperava que ela tivesse sido estúpida o suficiente para ficar.

— Feito.

— Espero que sim. Ela disse que havia apenas uma dúzia ou algo assim de anjos caídos restando. Todos eles ou foram mortos por Pestilence ou entraram em Sheoul para escapar de sua lâmina. — Quando Than soltou uma maldição bruta, Ares não poderia concordar mais. — Quaisquer outras notícias?

Thanatos jogou sua lata no lixo. — Reseph tentou convencer um dos meus vamps a deslizar um afrodisíaco na minha bebida.

— Ares é bastante afeiçoado à orc-erva. — Vulgrim chamou da cozinha, e yeah, havia um conjunto de correntes no calabouço com seu nome nelas.

Limos fez uma careta. — O que seu demônio disse?

— Nada. — murmurou Ares. Ele arremessou um cubo de gelo em Than, que estava franzindo a testa, claramente tentando decifrar sobre o que o Ramreel estava tagarelando. — Obviamente, o plano de Reseph não funcionou?

— Eu suspeitava que ele ia tentar chegar a mim através da minha equipe, então os avisei que eu tinha um estaca esperando por qualquer um que me traísse.

Li estudou suas unhas alternadas em rosa e amarelo. — É melhor você evitar o pub Quatro Cavaleiros. Aparentemente, Reseph parou lá e prometeu um lugar eterno ao seu lado após o Apocalipse para qualquer um que puder te deixar de costas. As fêmeas já estão procurando correntes que possam segurá-lo. Há até mesmo alguns machos que planejam entrar em ação.

— Legal. — Os olhos de Thanatos brilharam como diamantes canário.

Ares respingou rum no liquidificador para a bebida feminina de Limos. — Você vê agora que nós temos que destruí-lo?

— Eu disse que não. — Uma breve centelha de sombra escureceu a área em torno dos pés de Than. — Nós vamos encontrar outra maneira. Reaver se ofereceu para ajudar.

Limos revirou os olhos. — Eu vou acreditar quando vir isso.

— Eu ouvi isso. — Than murmurou. — Mas, tecnicamente, ele não vai estar *ajudando*. Ele sugeriu trazer representantes de O Aegis para se encontrarem conosco.

— Se encontrarem conosco? Eles provavelmente querem nos matar. — Limos tivera uma desagradável discussão com um grupo de Aegi uns duzentos anos atrás, e eles tinham informado a ela que matar Cavaleiros impediria o Apocalipse. De alguma forma, eles sabiam sobre os efeitos de uma mordida de cão infernal e tinham atirado nela com uma flecha revestida na saliva do cão. Eles a mantiveram paralisada por uma semana inteira antes de Reseph resgatá-la, e embora o que eles tinham feito para ela não pudesse se igualar a própria experiência de Ares com paralisação por cão infernal, ela ainda tinha tomado semanas para se livrar disso.

Yeah, Aegis eram, tecnicamente, os mocinhos, mas eles definitivamente não eram amigos.

Ares acrescentou daiquiri de morango fresco e gelo ao álcool. Yuck. — Se eles ainda estão bem informados sobre nossa vulnerabilidade a mordidas de cão infernal, poderíamos estar caminhando para uma armadilha.

— Ou eles poderiam nos ajudar. — Than disse. — Eu odeio concordar com Reaver, mas nesta altura, não podemos nos dar ao luxo

de rejeitar qualquer oferta de assistência. Além disso, eles podem ser capazes de nos ajudar a pôr as mãos em Deliverance antes de Reseph conseguir a adaga.

— Eu não gosto disso. — Limos bateu o pé, fazendo seu chinelo golpear o chão.

Ares considerou suas opções, e infelizmente, eles não tinham muitas. — Nós precisamos conversar com eles, mas vamos fazê-lo em nossos termos. Than, diga a Reaver que vamos nos encontrar com eles na sua casa.

— O que? — Limos disse — um maldito esquadrão inteiro deles?

Ares balançou a cabeça. — Há três de nós, por isso vamos permitir não mais que três deles. Cara estará conosco, e não posso arriscar a segurança dela.

— Como eles vão chegar lá?

— Isso é problema de Reaver. — Ares ligou o liquidificador.

— Eu ainda acho que isso é um erro. — Limos disse, depois que o barulho parou.

— Li, estivemos à procura de seu *agimortus* por milhares de anos, sem sucesso. Se não o encontramos até agora, nunca o faremos.

Mas O Aegis tem espólios que nós não temos. Nós não temos uma escolha. Reseph tem o apoio do mal agora, incluindo os seus recursos. Se ele encontrar o seu *agimortus* antes de nós...

— Yeah, yeah. Eu entendo. Mas não gosto disso.

— Eu também não, mas...— Um grito interrompeu Ares.

Cara. Ele rasgou pelo corredor, Than e Li em seus calcanhares. Ele irrompeu pelas portas duplas dentro do quarto, onde Cara estava sentada na cama, seus olhos selvagens, rosto abatido. Seus dedos agarravam o lençol tão fortemente contra o peito que os nós dos dedos estavam brancos.

— Ares. — ela arfou, e então sua boca caiu aberta ao ver Than, sua espada na mão, e Li, que tinha se blindado em sua túnica de pele-de-víbora Croix estilo-samurai e bombachas. Ares tinha, em algum momento, se adequado também, e sua armadura rangeu quando ele atravessou o quarto a passos largos.

— Estes são os meus irmãos. — Instintivamente, Ares examinou cada centímetro do quarto antes de colocar suas costas para a parede ao lado de cada janela, onde ele espreitou dentro da noite. Seus Ramreels estavam em posição de sentido, imperturbados. — O que aconteceu?

— Alguém pegou Hal. — Cara inalou irregularmente. — Eles o feriram.

Thanatos embainhou sua arma, a fatia de uma lâmina deslizando para seu invólucro cortando através da tensão no quarto. — Hal?

— O cão infernal a que ela está ligada. — Ares explicou, sua voz tão afiada quanto a espada de Than. — Quem o pegou?

Cara puxou o lençol até o pescoço, seu olhar se lançando entre Thanatos e Limos. — Havia seis deles. Cinco homens e uma mulher. Ele não queria ir. Eles o espetaram com lanças... Ele estava dentro da gaiola e não podia fugir. — Uma lágrima se espremeu de seu olho, e ele teve o impulso absurdo de enxugá-la. Era uma sensação que ele não devia experimentar enquanto vestia sua armadura, mas estar tão perto de Cara tinha transformado o couro duro em pele de corça flexível, e emoções que normalmente estariam bloqueadas estavam irritantemente perto da superfície.

— Você pode nos dizer alguma coisa sobre como eles se pareciam? — Than se apoiou contra a cômoda, ficando confortável demais no quarto para o gosto de Ares, enquanto atormentava Cara. — Suas armas? O que eles estavam vestindo?

Cara respondeu, mas para Ares. — Jeans, principalmente. Alguns estavam de couro. Um deles tinha um crucifixo e uma garrafa de líquido.

— Água benta. — murmurou Ares. — O que mais?

Ela alcançou a garganta, tocou onde estivera sangrando quando Ares a tirou dos Guardiões, na outra noite. — Eles tinham as mesmas coisas esquisitas, em forma de S que me cortaram. Elas têm lâminas em cada extremidade. Uma é de ouro, a outra é de prata.

— Stangs. — Li rosnou. — Armas Aegis. Fodida escória humana.

— Maldição. — Ares respirou. — Thanatos, fale com Reaver e marque essa reunião com o Aegi *agora*. Nós vamos conseguir algumas respostas, e vamos afastar esse maldito cão infernal deles antes de o matarem.

Os olhos ametista de Limos brilharam. — Eles não vão matá-lo imediatamente. Eles vão fazer experimentos nele primeiro.

— E eu vou enfraquecer enquanto eles fazem isso. — Os olhos de Cara se levantaram e agarraram-se aos seus até que ele sentiu como se estivesse se afogando neles. Voluntariamente, da maneira que um macho humano poderia ser seduzido à sua morte por uma náíade. — Não é verdade?

— Yeah. — Ele podia adoçar o resto, mas ela já sabia. E ele nunca tinha adoçado nada em sua vida. — Você vai enfraquecer até morrer e acionar o fim do maldito mundo.



Você vai enfraquecer até morrer e acionar o fim do maldito mundo.

Cara se perguntou quantas vezes ela teria que ouvir isso antes de verdadeiramente afundar que o destino da humanidade dependia dela.

Cegamente, ela pegou a mão de Ares, sem saber totalmente o porquê. Talvez porque o cara com os olhos amarelo pálido, tipo falcão e um piercing na sobrancelha estava encarando-a e a mulher de cabelos cor de corvo, de olhos violeta tinha rosnado sobre escória humana, e agora mesmo Ares era o único aliado que ela tinha.

Se ele pudesse verdadeiramente ser chamado de um aliado.

Ela deslizou olhares disfarçados aos recém-chegados. O cara não era tão largo nos ombros como Ares, um pouco mais esbelto por toda parte, e seu cabelo era muito mais leve e mais longo, mas as semelhanças na forma dominante que se mantinham, seus traços angulares e suas expressões intensas eram impressionantes. A garota era uma daquelas mulheres que Cara sempre odiou; pele impecável, cílios longos, pretos emoldurando olhos atordoantes e deslumbrantes de cair-morto sem um toque de maquiagem.

— Então este é seu irmão? E irmã? — *Outro Cavaleiro e uma... Cavaleira?*

— Esse é Thanatos. — Ares gesticulou para Olhos Amarelos. — A fêmea é Limos. Eles não vão machucá-la. — Alcançando para baixo, ele puxou o lençol para cima para cobrir seu peito exposto. Ele lançou um olhar para o irmão e a irmã. — Poderíamos ter um minuto? — Ele soou irritado, o que não era nada novo, Cara supôs.

— Yeah. — Thanatos olhou para ela, e ela de repente se sentiu muito nua sob o lençol. Um ruído como um grunhido retumbou fora de sua garganta, e sua voz ficou mais profunda. Mais rouca. — Eu preciso... Ir. Vou convocar Reaver.

— E eu preciso embalar algumas coisas se vou tomar conta da sua humana. — Limos ajustou a flor em seu cabelo, e com uma passada de seus dedos sobre a garganta, a armadura desapareceu, deixando-a em shorts, chinelos, e uma parte superior de estampa havaiana.

Esta situação só continuava ficando mais e mais esquisita. Estranhamente, Cara não estava surtando com coisas que a teriam deixado hiperventilando um par de dias atrás. Ontem mesmo, na verdade.

Um momento depois, ela e Ares estavam sozinhos, e ela espiou ao redor do quarto escassamente decorado. — Como cheguei aqui? Não me lembro de cair no sono.

— Eu te dei um sedativo leve.

Leve? Parecia mais que ele tinha derrubado-a com uma garrafa de uísque. Ela esfregou os olhos, mas fez pouco para dispersar a névoa do sono. Ela percebeu que ainda estava segurando a mão dele, mas não a soltou. Na verdade, ela apertou mais forte, necessitando de uma âncora. Ele ficou ali, olhando vagamente confuso, como se não tivesse certeza do que fazer.

— Obrigada.

— Pelo quê? — Ele tentou se afastar, mas ela não o deixaria. Ele poderia ainda ser um estranho virtual para ela, mas era a coisa mais familiar por perto.

— Por estar aqui. — Ociosamente, ela alisou seu polegar sobre o dele. Suas mãos eram tão ásperas, e no entanto, por todas as vezes que a tratara rudemente, ele nunca a machucara. — Seu irmão e irmã me assustam.

— Eles deveriam.

Ela suspirou. — Você realmente não é muito bom em dar conforto, não é?

— Eu sou um guerreiro, não uma babá. — Seu tom era completamente vazio de simpatia.

— Sem brincadeira. — ela resmungou. — Então por que eles me odeiam? Seu irmão e irmã.

— Eles não te odeiam.

— Certo. — ela disse secamente, enquanto estudava uma cicatriz na teia entre seu polegar e o indicador. Que bizarro. Se ele era imortal, por que teria cicatrizes? — Eu devo ter dormido durante os abraços calorosos.

Ares descascou a mão dela e deu um passo para trás, flexionando os dedos como se tentasse livrá-los do seu toque. — Eles não confiam em você. Você é humana. Fácil de ser corrompida e se fazer lavagem cerebral. Fraca de mente e corpo.

Fraca. A palavra foi uma lança através do coração, completamente obliterando a leve irritação à lembrança de que ela tinha sido drogada sem seu conhecimento. Ela tinha sido fraca uma vez, mas passara dois anos fortalecendo-se novamente. Terapia. Halterofilismo. Aulas de auto-defesa. Não que qualquer de seu treinamento viera a ser útil quando tinha sido atacada pelas pessoas assassinas de demônio. Medo havia assumido, e no meio do terror, ela tinha esquecido a maior parte do que havia aprendido sobre auto-defesa.

Bem, ela se lembrava agora.

A marca entre seus seios latejou quando ela balançou os pés para o lado da cama e ficou de pé, sem se importar que a parte superior

do seu pijama tivesse caída aberta. — Posso não ser algum tipo de cara guerreiro da lenda bíblica, mas eu não sou completamente impotente.

— Contra os seres no meu mundo, você é. — Seu olhar a varreu, parando um tempo um pouco longo demais em seu peito, e um som quebrou de seus lábios, uma maldição sussurrada, ela pensou. — Então você vai me ouvir e fazer o que eu digo.

— Então é isso? Você me arrasta para sua ilha, me droga, me enfia num quarto, e me mantém prisioneira?

— Isso resume tudo. — Ele girou sobre os calcanhares e caminhou para a porta. — Volte a dormir para que você possa contactar seu vira-lata infernal. Precisamos descobrir onde O Aegis o levou.

Oh, não. Ela não seria mantida contra sua vontade de novo. Fúria e frustração por sua impotência, sua situação e Ares fizeram algo dentro dela romper, e ela se lançou. Ele virou e a pegou facilmente enquanto ela atacava, e em um batimento cardíaco, viu-se apoiada na parede, seu corpo fixando-a, uma mão agarrando o ombro, o outro cobrindo o queixo de modo que ela não poderia tanto quanto virar a cabeça.

— Eu sou a única coisa que está entre você e morte — ele disse com os dentes cerrados, — então eu seria um pouco mais grato se fosse você.

— Você está completamente delirante? — Ela se contorceu, mas poderia muito bem estar tentando mover um pedregulho. — Você quer que eu seja grata? Okay, como é isto? Eu seria grata se você tivesse encontrado outra pessoa para transferir este... Este... *Agi tanto faz*. Eu teria ficado grata se você tivesse protegido o anjo caído que o tinha para que ele não *precisasse* dá-lo para mim. E eu seria *realmente* grata se você me soltasse. — Ela se esforçou mais, e desta vez, seus grandes braços foram contra seus esforços, e depois de um breve lampejo de surpresa em sua expressão, seu aperto cresceu mais firme.

— Ouça-me cuidadosamente, Cara. — Sua voz tinha ficado calma. Arrepiantemente calma. — Nunca use violência contra mim. Violência... Excita-me. Você *não* quer ser parte disso.

Seu olhar escuro estreitou, sua mandíbula apertou, e por um momento, ela pensou que tinha ido longe demais. Afinal, ela não sabia nada sobre os Cavaleiros além do que tinha visto nos filmes, lido em livros ou ouvido na escola Bíblica há tantos anos, e nenhum deles era muito lisonjeiro. Seu coração martelou conforme seu nível de ansiedade aumentava e então, uma mudança sutil em sua expressão fez seu coração martelar por um motivo diferente.

Ele tinha suavizado. Mesmo seu aperto tinha afrouxado, e ainda, ele de alguma forma havia chegado mais perto. A marca entre seus seios tamborilava, e enquanto ela estudou a veia pulsando em sua têmpora, ocorreu-lhe que o ritmo era o mesmo que o seu próprio.

Ela se tornou dolorosamente consciente de uma dúzia de sensações diferentes, incluindo a energia erótica irradiando dele, e embora a sala já estivesse quente, seu peso, seu calor... Enviaram uma onda líquida de luxúria para seu próprio centro.

E sua boca... Ela se lembrou de colocar os lábios sobre ele. Sim... Quando estiveram na sala com a coisa demônio-carneiro. Eles estiveram conversando, ela teve um pouco de água, e então... Então ela tinha se sentido engraçada. A súbita clareza fez seu pulso rugir em seus ouvidos.

—Você disse que colocou um sedativo na água!

— Eu coloquei.

— Então por que isso me deixou... — Calor explodiu em suas bochechas.

— Excitada? — ele terminou. — Orc-erva é um afrodisíaco para algumas espécies. Para outras, como humanos, é um sedativo. Para você, aparentemente, é ambos.

— Oh, isso não é maravilhoso. — ela estalou. — E você mantém esta droga do estupro à mão... Por quê? — Provavelmente não a coisa mais esperta a dizer a um homem que tinha três vezes o seu tamanho, e cujo nome era *Guerra*, mas ela estava cansada de ser uma vítima. De ser impotente. Impotente... — Oh, meu Deus, você não fez...

— Não, eu não fiz. — disse ele, e era errado perceber novamente o quão bom ele cheirava? Como couro e cavalo, areia morna e especiarias ricas. — Eu não teria que fazer. Você me molestou por conta própria.

— Porque você me drogou!

Ele deu de ombros, um lento rolar de um massivo ombro. — Teria acontecido eventualmente. Fêmeas sempre se rendem a mim.

Render-se? Que. Babaca. — Fêmea o quê? Demônios?

Seu polegar acariciou sua bochecha, e ela se odiou por gostar disso. — Eu prefiro fêmeas humanas, mas... — Ele rangeu os dentes tão forte que ela ouviu o estalo.

— Mas, o quê? — ela pressionou. — Eles são espertas demais para tolerar sua porcaria?

— Eu as torno combativas.

— Bem, gee, com a sua personalidade, não posso imaginar por que seria.

Algo triste cintilou em sua expressão, mas então se foi, substituído por essa crueldade implacável novamente. — É minha maldição. Quando estou perto de humanos, eles querem lutar.

Ela se contorceu em seu aperto. — Você acha?

Seu sorriso foi ambos, sensual e perverso. — Isto é luta normal. Você parece ser imune ao meu efeito.

— Mesmo? Porque você me deixou seriamente puta. — Ele fez outras coisas para ela, também, coisas que ele não deveria, mas parecia que quando se tratava dele, seu corpo e cérebro eram divorciados.

— Yeah. Mesmo. — Diversão brilhava em seus olhos. — Se você não fosse imune, você estaria insanamente puta por nenhuma razão, e você não teria quaisquer momentos de pensamento racional.

Ela não estava se sentindo muito racional agora mesmo, isso era certo. — Eu sou o único humano que não é afetado? É por causa da coisa *agimoney*? — A marca cresceu mais quente, e uma intensa energia se espalhou sobre sua pele e penetrou em suas veias, onde pareceu circular por todo o seu corpo.

— *Agimortus*. E sim. Embora Guardiões sejam imunes também. Eles usam joias encantadas para aliviar o efeito. Eu sou a razão para eles começarem a encantar suas joias em primeiro lugar.

Ele pareceu orgulhoso disso. — Bom para você. — Ela franziu a testa, lembrando como tinha jogado Sestiel do outro lado da rua York tão facilmente. — O que mais o *agitatus* faz que eu deveria saber? — Sim, ela sabia que estava pronunciando errado, mas ela estava fora de

seu ambiente, e queria ter controle sobre algo, mesmo que fosse uma pequena palavra.

— Nada.

— É possível que possa de alguma forma me tornar mais forte?

— Por quê?

— Por que... Eu não posso realmente explicar, mas sinto como se pudesse levantar um extra de 45 quilos.

Seu rosto escureceu. — Isso está matando você, então por qualquer coisa, você deveria estar mais fraca.

Deus, como ela odiava essa palavra. — Bem, eu não estou mais fraca. Agora, me diga se há outra maneira de eu poder me livrar disso além de transferi-lo a um anjo.

— Não há uma maneira.

— Você tem um computador? Livros?

Ele a fitou como se fosse uma pergunta capciosa. — Por quê?

— Isso se chama pesquisa, cara da antiga lenda bíblica. Eu não vou sentar sem fazer nada. Talvez haja algo que você tenha deixado passar sobre se livrar do *agicoisa* e não ficar ligada a cães infernais.

Uma sobrelanceha se arrastou até sua testa. — Na internet?

Ela fungou. — Você pode jogar qualquer coisa no Google. — Ela ignorou seu bufo. — Você pode me soltar agora?

— Eu não sei. — Ele se apoiou nela, e whoa... Ele tinha uma ereção para ir com essa voz baixa, rouca. Seu cérebro não tinha certeza se ela deveria estar seriamente nervosa ou seriamente excitada, mas seu corpo tinha se decidido. Calor se construiu entre suas coxas, seus seios apertadaram, e sua respiração acelerou. — Você vai prometer fazer o que eu digo? Porque aqui está a coisa. Você morre, o mundo acaba. Você me ouve daqui em diante, porque você não é nada exceto um... Um... — Ele fez uma careta como se estivesse procurando a palavra certa, e quando falou novamente, sua voz era pouco mais que um rosnado. — Um peão. Você não é nada exceto um peão neste jogo, e eu jogo para ganhar.

Um peão? Um maldito peão? Tanto pela excitação. Ela tinha concedido que precisava dele, e que sem ele, estava perdida neste mundo. Mas, de acordo com ele, ela era, neste momento, o humano mais importante no planeta.

— Eu vou ouvir você, mas você precisa me tratar com um pouco de respeito. Porque não soa como se eu fosse um peão. Soa mais como se eu fosse uma rainha. — Uma veia em sua têmpora começou a pulsar, e ela cresceu mais ousada, a sensação de poder emanando da marca em seu peito enchendo-a com a impetuosidade que ela tinha perdido após

a invasão há dois anos. Baixando a voz para um sussurro tenso, ela mordeu o lóbulo de sua orelha. — Xeque-mate.

CAPÍTULO



DEZ

Pela segunda vez em dois dias, terceira vez em seis meses, Arik estava de volta na sede Aegis em Berlin, o que normalmente não seria um problema – Arik amava a comida, a cerveja e as mulheres alemãs. Mas ele não teve tempo de entrar em qualquer dessas coisas, e ele estava começando a ficar irritado.

Pior, a fim de entrar no funcionamento interno do Aegis ele teve que jurar como um Guardião oficial. A organização era um pouco radical demais, reservada, e desorganizada para ele – ele preferia uma gestão rígida e mais estruturada dos militares. Mas uma vez que ficou claro que o Aegis não ia ceder sobre isso, ele entregou a única jóia que usava – seu anel do Exército – então o Aegis podia gravá-lo com seus símbolos protetores e com magia de proteção.

Ele mexeu os dedos em sua mão esquerda, sentindo o peso do anel no seu dedo do meio. De alguma forma, parecia mais pesado do que antes, como se os encantos do Aegis que ressaltavam sua visão

noturna e davam a ele um número de outras habilidades úteis, tivessem adicionado peso.

Regan cumprimentou Arik na ante-sala, o que foi enfeitada para parecer com um escritório de contabilidade. Qualquer um que entrasse para entregar correspondência, comida, ou o que quer que seja pensaria que o prédio pertencia a uma empresa que mantinha registros de pessoal para grandes corporações. A Guardiã montando guarda na escrivaninha era de uma célula Aegis local, treinada para atuar como uma secretária. Ela pressionou um botão, e uma parede deslizou para trás, revelando um corredor aparentemente interminável iluminado por lâmpadas fluorescentes piscando.

Regan levou Arik para baixo do corredor, passou os escritórios principais, a sala de conferência, os laboratórios, as escadas que levavam para as celas de contenção... Também conhecidos como masmorras. O Aegis não fazia experimentos em demônios da forma que o R-XR fazia, mas eles tiravam informações deles. Sem dúvida, o Aegis era tão bom em coleta de dados quanto o R-XR era.

Finalmente, eles chegaram a uma porta de segurança que exigia que Regan colocasse uma senha no teclado na parede.

Que diabos eles tinham lá? Arik estava acostumado para medidas de segurança extremas no R-XR, mas o Aegis parecia confiar mais na magia e em seu próprio senso inflado de invencibilidade, então senhas dentro de uma área já segura parecia estranho.

— Kynan está aí dentro. — Regan disse. — Não toque em nada.

— Primeira vez que eu escuto *isso* de uma mulher. — ele falou com a voz arrastada, principalmente para irritá-la. Mas era verdade também.

— Babaca. — ela murmurou, enquanto girou em suas botas de salto corpulentas e passou para fora, seu longo rabo de cavalo saltando contra as costas de seu pescoço.

Sorrindo para si mesmo, ele entrou na sala... Que era mais como um armazém do que qualquer coisa. Fileiras com prateleiras numeradas carregadas de caixas, sacos e itens etiquetados se esticavam pelo o que pareciam milhas. Ao longo do teto, câmeras montadas em intervalos regulares formavam uma grade, que sem dúvida, cobriam cada polegada da sala, a qual estava com a temperatura – e humidade – controlada. À sua direita estava uma estação de limpeza e luvas cirúrgicas.

— Arik!

Kynan levantou a mão de onde ele estava sentado em uma área demarcada que parecia uma biblioteca de estudo. Dúzias de livros e pergaminhos formavam uma montanha na mesa onde Kynan estava trabalhando com um notebook.

— O que vocês caras mantêm aqui? — Arik perguntou, enquanto puxava uma cadeira em frente ao Ky.

— Artefatos antigos e religiosos, itens mágicos, objetos demoníacos... É só escolher. — Ky levantou o polegar para um outro espaço que estava repleto de estantes. — Essa é toda nossa história, tudo já escrito sobre o Aegis, não importa quão pequena a conta, está lá. O que nós sabemos de qualquer maneira. — Ele se encostou em sua cadeira de couro. — Ouviu qualquer coisa do R-XR?

— Uma praga australiana está afetando as ovelhas com uma taxa de cem por cento de mortalidade, e está se espalhando mais rápida do que um de seus incêndios florestais. Vinte por cento da população nativa de Madagascar foi varrida por algum tipo de peste bubônica de demônio. E nas Ilhas Marshall, todos da Ilha Lib foram cegados pelo o que a OMS suspeita que seja uma infecção de parasitas. O exército tem sido implantado em quatro continentes para coibir a violência crescente sobre a pandemia de gripe e para ajudar a ONU em quarentenas como em muitas áreas afetadas quanto possível. O problema é que existem muitos, e dezenas mais surgindo todos os dias. — Arik soltou um suspiro longo e cansado. — E quanto ao Aegis? Qual a novidade com vocês rapazes?

— Alguns Guardiões desapareceram. Nós os perdemos de vez em quando... São mortos por demônios e arrastados para longe, mas de repente nós perdemos duas dúzias em questão de semanas, arrebatados diretamente de suas casas. E tensão está subindo entre os wargs nascidos e os transformados de novo. A trégua que eu negocieei depois da batalha no Canadá finalmente se desfez.

Arik estudou seu amigo, notou os crescentes escuros emoldurando seus olhos. — Você parece como o inferno.

— Isso é porque tudo o que eu tenho feito é investigação. Gem não tem se sentido bem ultimamente, e eu tenho que estar foddidamente preso à sede do Aegis indo por porcarias que não fazem sentido.

— O que está errado? É o bebê? — Gem estava com cerca de oito meses e meio de gestação, e Kynan era tão devotado a ela que estar longe não poderia ser fácil mesmo se, graças à habilidade de Kynan para usar o Harrowgates, algo que os humanos normais não podiam fazer, ele estava apenas há minutos longe dela não importa onde ele estivesse no mundo.

— Gem está exausta. A agitação no submundo está criando muitos pacientes para o Underworld General, e ela está fazendo hora extra. O bebê está bem. — Ele sorriu, e os círculos escuros desapareceram. — Nós não podemos esperar.

— Você sabe se é menino ou menina?

— Não. Como Luc e Kar, nós queremos que seja uma surpresa.

Luc, um warg paramédico no UGH, e sua companheira, Kar, tinham entregado sua bebê apenas na semana passada. — Estou supondo que você não está fazendo o berçário em tons pastéis neutros? — Gem era uma garota gótica, metade Soulshredder, uma

espécie de demônio que fazia os outros demônios se mijarem, e tanto quanto Arik poderia dizer, não havia nada macio sobre ela.

— Inferno, não. Gem é tudo sobre as cores primárias. O quarto do bebê parece como se alguém regurgitasse a caixa de lápis de cor.

Arik riu, e então ficou sóbrio. — Tudo bem, então eu não acho que você me chamou aqui para falar sobre bebês.

A expressão de Ky ficou séria como um general de quatro estrelas. — Não. — Ele empurrou o notebook para Arik. — Você pode falar Silan?

— Como em, a língua dos demônios Silas?

— Sim. Nós interceptamos algumas conversas, mas não conseguimos entendê-las, e nós conseguimos encontrar ninguém que fale esse dialeto particular. Nem mesmo meus cunhados.

—Porque você acha que a conversa entre um punhado de demônios mercenários é importante?

— Porque eles foram recrutados por um dos homens de pestilence, um antigo Aegi que nós estivemos observando desde que o expulsamos há alguns meses atrás. — O olhar de Kynan encontrou o de Arik. — Isso tem que ficar entre você, eu, e Regan. Nem mesmo os outros anciões sabem.

— Porque?

— Porque o ex Aegi traidor é o filho de Valeriu, David.

Arik assobiou, alto e longo. — Val? O próprio filho de um Ancião está se unindo com demônios? — Arik supôs que não deveria estar surpreso – David tinha traído O Aegis antes. Mas trabalhando com pestilence para trazer o Apocalipse... Isso foi além de *traição*.

— Sim. Legal, heim? — Kynan esfregou seus olhos com o polegar e o indicador. — Nós não queremos levá-lo para custódia ainda. Bem agora, ele está fazendo mais bem para nós do que ele sabe. Val está tentando consertar o relacionamento com ele, e se ele sabe o que David tem feito... — Kynan balançou a cabeça. — Eu não sei o que ele fará.

— Porque ele está livre em primeiro lugar? Eu pensei que ele era um prisioneiro.

— Val nos convenceu em liberá-lo em sua custódia.

— Bem, merda. — Arik tentou calcular o tipo de dano que David podia fazer, mas a conta mental o deixou exausto. — Então o que há no computador?

— Aperte Shift-P.

Arik fez, e vozes saíram do alto falante. Era tudo uma algazarra no começo, mas Arik tinha uma incrível capacidade de ouvir qualquer

linguagem de demônio, e depois de apenas algumas palavras, aprendê-las. Legal, com certeza, mas isso veio através de uma doença que ele contraiu de um demônio, e às vezes ele se perguntava se alguma outra habilidade menos útil iria aparecer.

O R-XR correu uma bateria mensal de testes nele, e até agora não houve alterações em seu DNA, nenhuma mudança em sua aparência, sem sinal demoníaco de nenhum tipo afinal.

— Há três deles. Eles estão falando sobre comer... hAh, cara, demônios são *desagradáveis*.

Arik se inclinou, ouvindo atentamente. — Tudo bem, então... Eles parecem estar à procura de uma mulher humana. pestilence a quer morta. Eles acham que ela provavelmente está com Guerra. Agora eles estão saindo sobre alguma coisa... algo que o grande lord quer a sua noiva. — Arik separou o blá blá, se perguntando se havia uma máquina de refrigerante por perto... — Oh, entendi. Parece que Satanás quer se assentar e ter algumas desovas de pequenos profanos. Que doce. Mulher sortuda, quem quer que seja.

A gravação ficou arranhada e acabou.

Kynan apoiou os cotovelos sobre a mesa, sua expressão contemplativa. — Eu não poderia me preocupar menos sobre a vida amorosa de Satanás, mas a humana? Nós temos que descobrir quem ela é e porque Peste a quer morta. Qualquer um que ele queira morto pode ser nosso novo melhor amigo.

— Essa é uma merda de agulha no palheiro. E o palheiro é feito de agulhas. Em um planeta de agulhas.

— Que é o porque de termos que encontrar uma maneira de neutralizar os Cavaleiros, e eu acho que encontrei.

Ky abriu um dos volumes esfarrapados em uma página que ele tinha marcado. — Parece que em 1108, um grupo de Aegi estavam lutando contra um cão do inferno, e perdendo. Dois dos Cavaleiros – não especifica quais – caíram para ajudar. Aparentemente, um deles gritou para o outro, algo sobre evitar uma mordida. O Guardião sobrevivente anotou isso porque achou estranho que um Cavaleiro tivesse medo de alguma coisa.

Arik se encostou em sua cadeira, cruzando as pernas na altura do tornozelo. — Então você está dizendo que esses grandes e maus Cavaleiros imortais são bebês chorões quando se trata de mordidas de cachorro?

— Essa é a coisa... Não é a mordida em si. — Kynan deu um tapa na página. — Veja, duzentos anos depois, um Guardião procurando por uma arma contra os Cavaleiros encontraram a conta da batalha e teorizou sobre a potência da saliva do cão do inferno. Então, em 1317, a Grande Fome estava em seu pior, às pessoas na Europa estavam famintas, comendo seus animais de trabalho, abandonando seus filhos, participando de canibalismos. Todos achavam que o fim do mundo

estava sobre eles, e o terceiro Cavaleiro do Apocalipse, Fome, foi responsabilizado.

— Naturalmente. — não importava se foi há centenas de anos atrás ou apenas semana passada, humanos estavam sempre culpando alguém, que seja um Cavaleiro, o diabo, ou Deus, para as catástrofes naturais ou as provocadas pelo homem.

— O Aegis realizou uma cerimônia para chamar Fome — Kynan continuou. — Quando ela chegou, eles a pregaram com uma flecha revestida em saliva de cão do infero, e isso a incapacitou totalmente.

Arik desenvolveu um caso grave de uh-ohs. — O que eles fizeram com ela?

Kynan estremeceu. — Vamos apenas dizer que as coisas já eram ruins entre O Aegis e eles, depois disso? É de se admirar que os Cavaleiros tenham dizimados cada um de nós. — A voz de Ky cresceu perturbada. — Uma das passagens também indica que eles tomaram alguma coisa dela, mas não está claro o que.

— Tudo bem, então cuspe de cão do inferno é nossa arma mágica contra eles? Não supõe que O Aegis tenha um canil cheio deles.

Kynan ergueu uma sobrancelha escura. — Dificilmente. Mas cerca de trinta segundos antes de você chegar aqui, uma célula Aegis em York, Inglaterra, obteve um.

Arik sugou em uma respiração afiada. — Não porra? Como?

— Pessoas de um bairro do subúrbio reclamaram de uivo, e a polícia entrou, encontrou um cachorro preto estranho em uma gaiola no porão. Os símbolos de contenção na gaiola e no chão os assustou, e quando eles fizeram ligações sobre isso, O Aegis ficou sabendo e conseguiram o filhote de cão do inferno.

— Você disse que é um filhotinho?

— Sim. Golpe de sorte. Eu não sei como nós teríamos tirado o transporte de um adulto.

Apruptamente, um flash brilhante de luz apareceu atrás de Kynan. Arik instintivamente saltou em pé e pegou sua arma, mas quando Kynan apenas suspirou, Arik relaxou.

Um pouco.

— Reaver, você não sabe como bater?

— Anjos não batem.

— Os anjos explicam porque eles não tem estado disponíveis por seis meses?— Kynan perguntou. — Eu tenho tentado convocá-lo.

Reaver encolheu os ombros. — Merda acontece. — Ele lançou um olhar para Arik. — Ouvi dizer que você assinou com O Aegis. Boa jogada – eles podem usá-lo.

Arik não se preocupou em perguntar como o anjo sabia que ele tinha se juntado. Mesmo se ele quisesse perguntar, ele não podia. Ele estava em pé em uma sala com um maldito anjo e completamente sem palavras.

— Os Cavaleiros concordaram em nos encontrar? — Kynan perguntou, e Reaver assentiu.

— Eles verão até três Aegis, mas eu só quero vocês dois.

Arik finalmente encontrou sua voz. — Porque eu? Há mais membros seniors do Aegis, e eu não sou *realmente* um Guardião.

— Você fez o juramento. — Reaver replicou. — E você é um membro do R-XR. Os militares precisam se manter por dentro de tudo. E o fato de que sua irmã é uma lobisomem e seus cunhados são demônios pode ajudar a convencê-los de que você não é um Aegi fanático que está disposto a matá-los.

— É por isso que você me quer também? — Kynan perguntou.

Os olhos de safira de Reaver escureceram. — Eu quero você porque você está encantado. Se os Cavaleiros decidirem matar o Aegi ao invés de trabalhar com eles é preferível, você deve sobreviver.

CAPÍTULO



ONZE

O chuveiro quente – no banheiro em mármore branco com seis chuveiros e bancos aquecidos - não ajudou Cara a se sentir normal de todo. A realidade de sua situação tinha caído, mas agora ela não tinha certeza de como ela se encaixa nessa nova realidade que estava cheia de demônios, lendas, e portões de luz que poderiam tomar você em qualquer lugar em um instante.

Depois houve... O que quer que fosse... Que acontecia entre ela e Ares. Ela o beijou. Ele a beijou de volta. Ele definitivamente não conseguia esconder sua atração por ela, não quando ela sentiu espetadas em sua barriga quando ele a segurou presa à parede.

Então sim, havia algo de físico fazendo com que o ar entre eles crepitasse. Mas às vezes parecia que havia mais. Ele pode ser difícil, um idiota total, mas ele também tinha o toque suave de uma pena sobre a pele, ou concedia que ela se apegasse a ele, quando ela estava com medo de seu juízo. E o fato é que ele tinha salvado sua vida e deu seu

porto seguro. Concedeu, mantê-la segura estava nos seus melhores interesses. Mas ele poderia fazer seu cativo muito mais miserável.

Em seguida houve o pouco divertido anúncio sobre como a violência o excitou. Alguma parte sua retorcida continuou a empurrá-lo, e ela não estava certa do por que... Talvez porque se ele estivesse certo, sua vida teria uma data de expiração que estava chegando, e ela não estava indo sem uma luta.

Embora ela nunca tivesse sido religiosa, ela orou para um retorno completo da força que ela tinha antes da invasão de sua casa. Ela passou dois anos na esperança de se livrar da constante paranoia, o nervosismo, o terror que a atinge e a agarra pela garganta toda vez que ela ouve um som estranho ou alguém batendo à sua porta.

Cuidado com o que você deseja. Porque, sim, ela finalmente bateu bem em seu interior de força, mas só porque ela havia sido atacada, sequestrada, marcada, e caçada. Ela não tinha certeza de que a troca era aceitável.

Não, ela tinha certeza. Não era.

Molhada e com apenas uma toalha em volta dela, ela caminhou pelo quarto, e ocorreu-lhe que a única coisa que ela tinha que usar era pijama. *Isso é o que você tem por não planejar um sequestro melhor.*

Sem escolha, ela apalpou através cômoda de Ares até que ela encontrou uma camisa de dormir dentro, porque tanto quanto ela

odiava admitir, ele estava certo; ela precisava encontrar Hal. Agora que sua vida estava ligada à dele, era mais importante do que nunca que ela o localizasse e o levasse para segurança. Ainda que a ideia de seu papel em ajudar era dormir chateado com ela, para ser franca.

Ela tinha estado dormindo por dois anos, fazendo apenas o suficiente para sobreviver, e ela estava cansada disso. Ela queria ser a pessoa que tinha sido antes de quebrar, alguém que fazia objetivos e, em seguida, ia atrás deles. Foi por isso que ela se mudou para a Carolina do Sul e começou uma prática veterinária holística.

Ela poderia ter escondido sua habilidade, mas isso não significava que ela não poderia usá-la como parte da natureza - baseada em cura.

Frustrada, ela puxou a camisa vermelha e branca sobre sua cabeça. A bainha pegou no meio da coxa, e as mangas passaram por seus cotovelos. Franzindo a testa, ela puxou a frente para lê-lo. Detroit Red Wings. Ares era uma figura fã de hóquei. Um agradável jogo violento.

A violência me excita.

Suas palavras desenharam um tremor a ela mesma com uma emoção proibida tecendo o seu caminho através de suas veias. Ela tinha sido uma pacifista de nascimento, criada para acreditar que a pena era mais poderosa que a espada, que a força física era um último recurso e, mesmo assim, deve haver regras e imparcialidade e mínimo

derramamento de sangue. Seu pai acreditava que a guerra nunca era aceitável.

— Melhor morrer do que sujar sua alma por matar outro. — ele costumava dizer, e ela perguntou como ele se sente sobre o intruso que ela tinha... Sim.

Ela se perguntou.

— *Violência é para aqueles que não têm a inteligência para encontrar uma outra maneira.* — Outra de suas frases favoritas, e uma que a fez sorrir, porque seu pai nunca havia encontrado Ares. O Cavaleiro estava longe de ser estúpido. Arrogante, impetuoso e exsudava autoridade, talvez, mas não estúpido.

Distraidamente, ela estendeu a mão e passou o dedo sobre a marca que latejava quando ele a tocou, que foi até agora um formigamento. O formigamento estava diferente, porém, foi mais... Urgente. Queimou. Mas que...? Ela olhou para baixo, o interior do decote. A marca estava ainda mais brilhante do que antes, suas linhas levantadas pulsando com raiva.

Então... Isso não poderia ser bom. Não, definitivamente não é bom, pensava ela, como um cheiro familiar derivou para o nariz. Cheirava como a manhã em que ela encontrou seu escritório veterinário despedaçado.

Cheirava a Hal.

Um rosnado abafado por trás dela trouxe todos os seus pelos em atenção. Terror gelado a fez desastrada quando ela virou lentamente em um círculo instável.

E deu de cara com um cão infernal do tamanho de um rinoceronte.



Xeque-mate? Ela fodeu um xeque-mate nele?

Ares andava como um tigre em uma gaiola, construindo vapor em seu corpo, e não apenas a frustração de Cara estar ficando num andar acima dele.

Ela estava no quarto com a porta fechada e trancada, e ele estava no corredor, querendo ir. Ele estava danadamente perto de fazer um buraco no chão de pedra, e sua orelha latejava de sua mordida. Não havia machucado, mas tinha deixado uma impressão de todo o caminho até seu pênis, que queria o mesmo tratamento.

A violência me excita.

Que coisa estúpida de dizer. Principalmente porque era verdade. Havia uma razão para o termo "sede de sangue." Inferno, era o nome do meio de Ares.

Não que ele fosse todo trabalhado para assistir violência sem sentido. Mas estar no meio da batalha, com a adrenalina bombeando, a testosterona furiosa... Nenhuma batida tão apressada...

Nada, exceto estar peito a peito com Cara.

Merda, ele queria estar dentro dela. Mas então algo extremamente fodido tinha acontecido. Ele sentiu como se seu coração estivesse ligado através de um gasoduto ao *agimortus* em seu peito. A sensação foi levemente erótica... Até que seu coração tinha feito como uma bomba de gás, fornecendo combustível a partir de seu corpo para o dela. Diante de seus olhos, sua pele desenvolveu um brilho rosado e, embora pudesse descrever algumas delas fora a raiva, e talvez um pouco de excitação, ele sentiu a força crescente nela. Ela tinha começado a emanar poder como uma danada usina de energia nuclear, e todo o tempo, ele se sentiu drenado.

Talvez não drenado, exatamente, porque não tinha sido doloroso. Apenas... Estranho. Ele tinha perdido sua capacidade de perceber o conflito. E pior, seus pensamentos tinham sido lineares, como um único pensamento duvidava que pudesse fazer estratégias para caminhar para fora de um shopping center.

Passos se aproximaram, e ele sabia pela cadência que era Thanatos. Sabia pelas batidas pesadas que seu irmão estava se blindando.

— Eu visitei o templo de Lilith e não havia nenhum sinal de Tristelle... E que diabos você está fazendo?

Ares amaldiçoou muito e alto. — Eu sou um idiota.

— Duh. — Than sorriu largamente, porque sim, ele era um barril real de risos. — Mas o que você está fazendo?

— Fodido. Isto é tão fodido. — Ares deu um soco na parede e assobiou através da dor. Ele nunca fez merda como essa, porque se você se arruinar, você não poderia lutar. Claro, os ossos que ele tinha quebrado seriam curados em uma hora, mas ainda assim. — Ela me bateu.

— Você gostou?

— Você ainda não é engraçado. — Ares cerrou a mandíbula tão apertada que mal conseguia entender as suas próprias palavras. — Ela sabe o quão importante ela é, e ela me esfregou sobre isso. — Cara, ela chocou a merda fora dele. Até agora, ela tinha sido tão tímida como um rato, com medo de alguém dizer boo a ela, e de repente, nela brotaram alguns dentes.

Provavelmente porque os *agimortus* tinham rasgado as suas bolas fora e as transplantaram para dentro dela.

Thanatos riu, e falando de dentes, Ares quis bater em seu irmão. — É hora de alguém ter uma para cima de você. E um ser humano do sexo feminino para isso.

— Foda-se.

— Eu não posso ter relações sexuais.

— Esta não é uma piada, irmão. — Cada um dos músculos de Ares se contraiu. — Eu a quero.

Than arqueou uma sobrancelha alourada, o piercing prateado captando a luz. — Então a tome.

— Não é tão simples. Ela não me suporta. — Ares manteve o passo, seu intestino agitado, seu pau dolorido. — Mas então ela olha para mim com... — Luxúria? Uma palavra muito forte. Saudade? Muito covarde. Mas merda, ele podia sentir seu desejo, e a maneira como seu corpo se curva ao seu... Thanatos riu de novo, e as mãos de Ares enrolaram em punhos. — Você pode ter qualquer mulher demônio no submundo apenas por entortar o dedo, e agora você quer uma humana, mas você não sabe como fazer com ela. Isso é bom. — Ele levantou a cabeça e estudou Ares por um segundo. — Você acha quer a ela porque ela é humana? É este o atrativo?

Era uma pergunta válida. Ares não tinha estado com uma mulher humana desde antes de ele ser amaldiçoado, tinha sido forçado a saciar seus desejos com os demônios que pareciam humanos. Mestiços eram melhores, pelo menos eles eram apenas parte demônio.

— Será que isso importa?

Estreitando os olhos, e ele disse sóbrio: — Este não é um simples caso de estar com tesão, não é? Você está espremido.

— Sim. — Entre a excitação, as vibrações de violência do mundo que foram batendo nele, e a raiva com a maneira como seu corpo e equipamentos ficam em queda na presença de Cara... Ele estava pronto para explodir. E não de maneira divertida.

— Merda.

— Sim.

Apoiando um ombro contra a parede, seu corpo esguio escorregou em uma pose aparentemente relaxado. — Você precisa encontrar uma *Monger* para gastar você mesmo.

Ares correu ambas as mãos pelos cabelos. — Eu sei. — Seu corpo ansiava por libertação... Lutando, fodendo, ou ambos. Quanto mais tempo ele ficasse ficando sem, em mais perigo ele colocaria as pessoas. Mesmo agora, as pessoas em cidades próximas no continente

poderiam se engajar em violência, seus temperamentos fora de controle.

O Ares já é assim, mas a violência se espalharia.

— Eu posso ficar aqui enquanto você vai para a Quatro Cavaleiros.

Isso seria a coisa certa. Ele poderia encontrar uma fêmea demônio que era de material áspero, porque agora, era a única coisa que iria derrubá-lo.

— Droga. — ele respirou. — Eu não tenho sido mau desde que nós fomos amaldiçoados pela primeira vez. — Por cerca de 50 anos depois que eles se tornaram Cavaleiros, Ares tinha sido incapaz de controlar seu meio-demônio, e ele tinha ido em alvoroços ferozes de morte e sexo. Fazia um tempo sombrio para todos eles, tão escuro que eles raramente discutiam. Senão nunca o fizeram.

— Você precisa ir. Conecte-se com Saw ou Flail. Ou as duas.

Ares rosnou. Saw e Flail eram demônios Neethul, irmãs nomeadas após instrumentos de tortura. Os Neethul eram uma raça violenta e cruel de escravos, e, embora não pareciam humanos, eles não pareciam inteiramente demônio, também. Eles eram lindos, com finos traços de elfos, e Ares poderia lidar com isso.

Mas ele não queria. Ele queria lidar com Cara.

— Ok, sim. Eu tinha planejado ir de qualquer maneira. Ver se eu posso pegar qualquer rastro de Pestilence. — Ele olhou para a porta do quarto. — Estou indo ver como ela está em primeiro lugar.

— Isso não é uma boa idéia.

Ele tinha que fazer. Teve que convencer a si mesmo que ele não a queria. Fazê-la odiá-lo ou algo assim. Qualquer coisa para aliviar este desejo insano. Não era apenas sobre suas fomes físicas - era sobre ter certeza que ele poderia funcionar. Um soldado distraído era um soldado morto... Mas um comandante distraído logo encontra-se no comando de nada mais que um exército de cadáveres. Ele não podia se dar ao luxo de ser distraído agora, não quando toda a humanidade dependia dele.

— Eu vou ficar bem. — insistiu.

— Ares...

— Retire-se — O ombro de Ares passou pelo seu irmão, e quando Than restringiu com a mão em seu bíceps, o temperamento de Ares queimou ainda mais quente. — Tira sua mão de cima de mim porra.

Than o enganou. O arremessou à direita na parede. Com um rugido, Ares revidou, socando seu irmão pela mandíbula. O sangue

explodiu da boca de Thanatos e seus olhos âmbar brilhavam furiosos, mas ele não atacou.

— Pelo amor de Deus, Ares, eu estou tentando ajudar. Você está muito longe para ver a sua própria imprudência. — Ele colocou a mão no fundo da boca, olhando para a umidade que saía. — Você pode não lembrar a trilha da morte que deixou para trás a última vez que teve sua cabeça acima de sua bunda assim, mas eu faço. Eu segui o seu roteiro de destruição como um viciado atrás de um revendedor, e foda-se se eu vou fazer isso de novo.

As palavras do Thanatos romperam a neblina de necessidade Ares, mas apenas escassamente. Than o pressionando pela morte o incomodava, mas ele não poderia ajudá-lo. Em grande escala, morte energizava Than como nada mais, dava-lhe o clímax que ele não poderia ter em qualquer outra forma.

Fechando os olhos, Ares tomou uma respiração profunda, calmante, que era tão eficaz como cuspir em um incêndio florestal. — Ótimo. Eu estou saindo daqui. Diga a Limos...

O mau cheiro enfumaçado do mal atingiu com tanta força que seus olhos lacrimejaram, e ele e Than giraram em direção às portas gêmeas do quarto. Ares soprou através deles, rompendo uma das dobradiças. E mortalmente parou, seu coração martelando como um punho contra a sua caixa torácica.

O cão infernal que havia assassinado sua família estava a centímetros de Cara.

E seus dentes estavam a centímetros de sua garganta.

CAPÍTULO



DOZE

A respiração do cão infernal era nauseante.

Cara não tinha ideia de por que, agora que ela estava olhando para dentes afiados que pertenciam a um animal que parecia pronto para comê-la, ela só conseguia pensar na sua respiração.

— Volta em direção a mim, Cara. — Comandou Ares vindo por trás dela. — Devagar.

O cão grunhiu sinistramente contando à Cara exatamente o que pensava da ideia, e ela plantou os pés tão firmemente no chão que ela poderia muito bem ter raízes crescidas.

Em sua visão periférica, ela viu Ares e Thanatos espreitando ao longo das paredes opostas para flanquear o cão. Com outro rosnado, ele estalou sua pata para fora e enganchou-a pela cintura, suas garras rasgando serrilhados na camisa. Ela gritou, mais de surpresa do que

dor, embora as pontas das garras da besta agora estavam cavando em sua pele.

— Solte ela. — A voz profunda de Ares estava deformada de raiva.

A súbita visão de si mesma, decapitada e estripada, o cão se alimentando de seu cadáver, brilhou em sua cabeça. Ela sempre possuiu uma habilidade empática para sentir as emoções de um animal, mas este foi além de sentimentos. Ela estava lendo os pensamentos do animal, o que ele queria fazer com ela.

Outro flash passou por seu cérebro, de Ares gritando em silêncio, seu corpo mutilado, seus ossos quebrados com uma matilha de cães alimentados com ele. Em torno de seu pescoço, seu selo foi quebrado, e através do espaço escuro era Pestilence, sorrindo.

Os planos do caçador infernal para ela e para Ares continuaram chegando. Engolindo bile, Cara lutou para manter-se de vomitar.

A marca em seu peito flamejou quente, e seu dom, geralmente enterrado profundamente, correu para a superfície. Ele queria matar, estava de alguma forma ligado ao *agimortus*, e ela tinha um sentimento doentio que aquela sua poderosa capacidade costumava ser, já tinha sido atômica.

— Solte ela — Ares rosnou, — ou eu te juro, eu irei esfolar vivo e passar semanas fazendo você morrer.

Isto não era uma ameaça. Ele faria isso, e uma onda de tontura veio a ela pela selvageria voando no ar. Ela tinha que fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Sua mão formigava como seu poder condensado em sua palma.

Violência é para aqueles que não têm a inteligência para encontrar outro caminho.

Certo. Ok... Pensa. Ela vasculhou o que ela sabia sobre cão infernal... Que não era nada. Mas ela salvava vidas. Ela poderia dizer isso desta besta? Ela nunca se comunicou com um animal antes, pelo menos, não com palavras, até Hal. Mas isso tinha sido em seus sonhos. Será que trabalhar com um caçador infernal não seria parecido?

Timidamente, ela alisou a mão sobre a pele magra em seu ombro. — Ei, cara grande. Vamos nos acalmar, ok?

Ela ouviu o zumbido da voz de Ares e dos burburinhos mortais na garganta do cão, mas ela ignorou tudo isso para se concentrar, orando para ele entrar em sintonia com ela num comprimento de onda. Quase instantaneamente, a besta parou, e suas memórias correram em sua cabeça como um filme em câmera rápida. Tantos dados baixados em seu cérebro que ela não poderia processá-lo, só poderiam tomar as cenas envolvendo Pestilence, Ares, e até mesmo Hal. Tanta morte e destruição...

Um uivo perfurou seus tímpanos em um estrondo doloroso. Ele a arremessou do outro lado da sala, o chão veio para ela apressadamente. Thanatos se movia como um gato, escavando-a antes que ela batesse o azulejo. O som de quebra de móveis e corpos batendo contra paredes rompeu o zumbido nos ouvidos.

Thanatos mal a colocou sobre seus pés quando ela se virou para ver Ares no chão, sua armadura amassada, sua espada quebrada sob a pata grande de cão infernal como uma picape. Thanatos empurrou Cara atrás dele e se lançou para o cão, sua lâmina descendo em arco.

O golpe teria cortado a cabeça do animal, se o cão não tivesse desaparecido de repente.

Thanatos correu para fora da sala, gritando para Vulgrim e chamando para uma busca na propriedade. Quando Ares não levantou imediatamente, Cara ofereceu-lhe a mão.

— Você está bem?

Ele ignorou a oferta e explodiu a seus pés. Ele soltou um discurso em uma língua que ela não sabia, ele agarrou seus ombros e a puxou perto. — Ele machucou você? — Sua voz era áspera, recortada, e Cara moderou sua própria esperança de acalmá-lo.

— Ele queria no início, mas não.

— Como ele me encontrou? — Ele soltou, tocando as duas mãos pelo seu cabelo mais e mais. — Como diabos ele...

— Seu irmão — ela murmurou. — Pestilence lhe disse como encontrar você. E eu.

— Como você sabe? — Sua pergunta era mais uma demanda, o olhar frio de um interrogador.

— Ele me disse. Eu não sei como, mas ele me disse. Ele - seu nome é Caos - o quer morto.

— Eu estou ciente disso. — ele latiu. — O sentimento é mútuo. Então, por que ele não a matou?

— Porque Hal é seu filho.

Sua expressão tornou-se ameaçadora. — Ele é o que?

— Eles estavam perseguindo Sestiel quando O Aegis atirou em Hal. Foi assim que ele acabou na minha casa. Eu não consegui muito mais do que isso dele, mas acho que ele tinha planejado me matar... Até que ele soube que seu filhote está ligado a mim.

— Filho da puta. — Ares varreu a sua espada quebrada e atirou-a contra a parede. Quando ele virou de volta ao redor dela, cada parte de seu corpo refletia sua raiva, da forma como as sobrancelhas socavam para baixo sobre os olhos piscando para as mãos crispadas à

maneira como os seus pés estavam espalhados em uma ampla posição agressiva de combate.

E, no entanto, havia uma energia sensual no ar, e quanto mais eles se enfrentaram, mais intensa tornou-se, até que o ar se tornou grosso e quente, e seu corpo estava lavado com febre súbita.

Seu olhar escureceu perigosamente... E depois caiu, descendo seu corpo como se mapeando cada curva. — Você está usando a minha camisa. Tire isto fora. — Sua voz era baixa, rouca, pouco mais de um estrondo de trovão.

Ela endureceu. — Talvez eu devesse ter perguntado, mas você se foi, e eu não tinha mais nada para vestir.

— Tire. Isto. Fora. — As narinas de Ares queimavam, e um músculo saltou em sua mandíbula. — Eu preciso de você nua.

Oh. Um caso grave de boca-de-algodão roubou sua voz. Mas a raiva deu de volta. — Não dê ordens em torno de mim. Você não vai conseguir nada de mim assim.

Tarde demais ela percebeu que tinha lançado um desafio, e este não era um homem de recuar. Seu desafio iluminou seus olhos, e ele se moveu em direção a ela, grandes ombros rolando com cada passo em silêncio. Seu coração era balístico, e com ele veio um zing de excitação, um desejo crescente de deixá-lo fazer o que ela pensava que ele ia fazer.

Eu preciso de você nua.

Espere. Precisa. Não quer.

Eu preciso que você cale a boca e dispa-se. Seus atacantes tinham dito isso. Um deles, de qualquer maneira. Ela nunca conseguia se lembrar qual.

O *agimortus* latejava e, embora ela estava recebendo uma carga daquela agradável sensação que ela conseguiu na última vez que Ares estava perto, um sufocante peso estava em torno de seu peito. E se seu poder emergisse no momento errado? Ares disse que ele era imortal, incapaz de morrer, mas ela viu o que sua habilidade poderia fazer. Terror encolheu sua pele.

— Fique longe de mim! — Cegamente, ela varreu-se de uma tigela de barro fora de sua cômoda e o lançou. Ares era nada além de um borrão como ele bateu de lado com antebraço e se lançou com a graça de uma pantera atacando.

Um grito escapou dela enquanto ela remexia para trás. Seu pé ficou preso na toalha, ela caiu no chão. Ela tropeçou em um pedaço de madeira, e caiu no chão debaixo dela. Braços fecharam-se em torno dela e a puxaram pouco antes que sua cabeça batesse no chão.

— Ares! — o rugido de Thanatos vibrou o ar e, com um grunhido, Ares colocou-a contra seu peito e virou-se para enfrentar o

seu irmão, dois poderosos animais letais se preparando para o combate.

Cara poderia muito bem ter sido uma boneca de pano pelo modo com seus pés pendurados no chão. A camisa tinha subido desconfortavelmente alta, permitindo que sua bunda nua sentisse a protuberância impressionante por trás da braguilha da calças de Ares e, provavelmente, expôs muito mais do que ela queria que alguém visse, mas os dois irmãos estavam muito envolvidos em seus olhares fixos para notar.

— Deixe-a ir, homem. — Thanatos disse, sua voz agora um sotaque, calmante sedoso.

— Você precisa ir para o pub. Ou se encontrar numa brutal, sangrenta guerra.

Os músculos de Ares se contraíram, seu aperto afrouxou um pouco.

— É isso aí. — continuou Thanatos. — Vá cuidar de si mesmo. Limos está buscando um feiticeiro para colocar proteções ao redor da casa. Não vai ter caçadores infernais dentro novamente.

Houve um instante de hesitação, e depois Ares se afastou para longe dela. — Desculpe... Eu não tinha... Porra. — Sua pele reluzia com um brilho agradável de suor e seus olhos eram selvagens, lembrando-a de um animal preso, ou de uma dor, medo, e não entendia o que havia

acontecido com ele. Ela não poderia ter imaginado Ares estando aterrorizado ou preso, mas havia algo acontecendo dentro dele, uma vulnerabilidade que ela duvidou que ele poderia citar, e bateu diretamente em seu coração.

— Ares — ela murmurou, com a voz que ela usou com Hal, — está tudo bem.

Ele se concentrou nela, e aos poucos, a luz feroz em seus olhos desapareceu, escurecendo a um ébano suave. Ao mesmo tempo, o *agimortus* zumbiu mais urgentemente, tornando-se uma corrente que a levou para ele. Ele puxou sua pele, traçando uma linha entre o prazer e a dor assim que ela se aproximou de Ares. Ele empurrou como se ela o tivesse esbofeteado.

— Eu tenho que ir. — Ele saiu da sala sem olhar para trás, deixando-a com Thanatos.

Ela queria ir atrás de Ares, mas tudo o que podia fazer era respirar profundamente, incapaz de abalar a noção de que eles tinham sido contornados por um furacão.

— O que... O que está errado com ele?

A expressão de Thanatos dava em nada, mas ele olhou para ela com interesse de um predador, e ocorreu-lhe que talvez o furacão não tivesse passado. Talvez só o olho tivesse.

— Sua metade demônio estava puxando suas cordas.

Meio-demônio? Ela não quer saber. — Por quê?

Seus olhos pálidos caíram para suas pernas nuas, e ela resistiu ao impulso de puxar a camisa para baixo. Houve uma fome atormentada em seu olhar que ela não entendeu e não tinha certeza de que ela queria. — Quanto é que ele te disse sobre nós?

— Praticamente nada.

Os tendões de seu pescoço tenso, fazendo as tatuagens dançarem. — Cubra-se.— Ele se virou.

— Com prazer. — Enquanto ele estava examinando a parede, ela entrou no fundo de seu pijama. — Então, o que é a história?

Ele não se virou de volta. — A versão curta: Nossa mãe era um demônio súcubo, nosso pai era um anjo. Com a exceção de Limos, fomos levantados na Terra como seres humanos, até que aprendemos a verdade. Nós não a levamos muito bem, e nossas ações levaram a baixas humanas em massa. Como punição, nós fomos amaldiçoados a ser os guardiões dos Selos do Armagedon. E com essa homenagem veio efeitos colaterais, dicas de o que será uma vez que nossos selos quebrem.

— E o efeito colateral de Ares é...

— Os seres humanos ficam agressivos e lutam em sua presença. Por sua vez, ele é afetado pela turbulência humana. Quando a humanidade está em guerra, ou existe grande escala de conflitos em curso, ele é atraído para eles. Ele é compelido a lutar, precisando do lançamento físico. Lutar, ou... Porque mamãe querida foi um demônio do sexo, ele precisa ter sexo. E quando ele fica ruim, ele tem dificuldade em controlar a si mesmo.

A figura não percebia que a única coisa que ela temia e odiava mais era a violência, e o Cavaleiro que estava preso a ela era a violência personificada. — Então, onde ele foi?

— Encontrar uma fêmea ou uma luta.

Oh. Uma pontada no peito com o pensamento de Ares com uma mulher há assustou um pouco. Ela não estava com ciúmes... Não tinha o direito de estar. Então, por que a imagem de seu corpo nu entrelaçado com outra mulher lhe dava azia?

Muda de assunto. Rápido. — E, ah, quem é você? Qual Cavaleiro, eu quero dizer.

Thanatos se virou. — Morte.

Cara engoliu. Audivelmente. — Como o Grim Reaper²⁹?

²⁹O Ceifador ou a Morte, como conhecemos.

Ele bufou. — Isso. Ele lida com almas do mal. Ele os guia para Sheoul-gra, que é uma espécie de um tanque demônio, até que possam renascer. Eu não vou estar escoltando almas a qualquer lugar. Eu vou estar fazendo a matança que libera as almas de seus corpos.

Ela considerou isso. Ela também notou que ela não tinha pestanejado diante do fato de que o Grim Reaper era real. — Então, Ares tem todos aqueles problemas para lidar. O que é que você tem que lidar com isso? — Além de tatuagens que pareciam se mover em 3-D.

— Isso não é da sua conta.

— Eu vejo. — Ela estudou Thanatos, tentando obter uma leitura sobre ele, mas o guerreiro alto foi ainda mais difícil de definir do que Ares. Seu rosto não era tão cruel, não os olhos, como cálculo, os quais provavelmente, tornou-o mais bonito. Mas definitivamente havia uma escuridão dentro dele, e ela sentiu que era tão profunda que nenhuma quantidade de escavação poderia descobrir tudo. — Então está tudo bem para derramar segredos de seu irmão, mas não o seu próprio.

Nuvens escuras de tempestade se construíram em seus olhos, e tudo ao seu redor, as sombras que ela jurou não ter estado lá antes se contorciam. A marca entre os seios flamejando quente, e levou tudo o que tinha para não voltar atrás. — Eu disse a você, porque você vai ser presa a ele, então você precisa entender por que ele se comporta da maneira que ele faz. Você não precisa me entender. — Ele andou em direção à porta, mas deteve-se no limiar. — O que eu disse a você esta

noite não é para as orelhas de fora. Se você disser a alguém, você vai responder a mim, e não como Thanatos. Como a morte.

Um pingo de medo atacou em seu coração, mas ela encontrou seu olhar, recusando-se a recuar. — Eu não posso me permitir morrer.

— Essa é a coisa sobre a existência longa como eu tenho e ser atraído para grandes sofrimentos — ele disse em uma voz tão fria como uma sepultura. — Eu não preciso matar para causar miséria. Eu sobressaio em fazer as pessoas pedirem a morte.



Ares estava fodido. Ele estava montado em Batalha, todo o seu corpo apertado com a tensão, suas respirações ofegantes ardendo em sua garganta. Que porra tinha acontecido?

Antes que ele entrasse na sala para encontrar o cão prestes a rasgar a garganta de Cara, ele tinha estado louco de tesão. Então, ele tinha estado louco de raiva que só tinha se intensificado quando, na presença de Cara, ele estava vulnerável ao cão infernal. Sua armadura tinha suavizado, sua espada tinha quebrado, e ele perdeu a capacidade de prever o próximo movimento de seu oponente.

O cão tinha chegado em cima dele, e se não fosse por Thanatos...

Filho da Puta.

Desde os seus dias "humanos" antes da maldição Ares não se sentia tão impotente. Ah, ele tinha estado malditamente impotente quando ele tinha sido paralisado por semanas pelos cães infernais, mas isso era diferente. Ninguém havia sido confiado a ele para proteção.

Mas desta vez... Se Thanatos não estivesse estado lá, Ares teria sido mordido, e Cara poderia ter sido morta. Ela disse que o animal não a prejudicou, porque ela estava ligado ao seu filhote, mas cães infernais eram enganosos, não eram confiáveis, e ele não acreditava em qualquer informação obtida a partir do bastardo.

Especialmente não se ele estava trabalhando com Pestilence.

Como Batalha galopava em toda a ilha, a areia pulverizavana sua esteira, Ares pensou sobre Cara e se perguntou como tinha ficado tão complicada.

A pena em seus olhos quando ela perguntou se ele estava bem havia roubado seu fio de razão, e que, combinado com a sua total humilhação por ter sido espancado pelo cão infernal, o havia acendido. Ah, e então não tinha sido o fato de que ele já estava correndo em um tanque cheio de luxúria, então, quando ele tinha conseguido uma completa vista frontal de Cara usando sua hóquei Jersey, seu controle se desintegrou.

Essas pernas. Puta merda, ela era linda. Refrescada pelo chuveiro, a pele úmida dela tinha feito água na sua boca, o cabelo molhado fez com que ele quisesse passar seus dedos por ele, e suas longas pernas tonificadas tinham feito com que ele quisesse parte delas e se afundasse entre elas.

Algo seriamente primário tinha acontecido com ele, pelo modo que ela estava coberta por sua roupa, e seu cérebro tinha ido ao homem das cavernas que começou a gritar, minha, mais e mais. Não houve nenhum pensamento, depois disso, apenas a necessidade de uma condução para reclamá-la.

Foi uma coisa danada de boa Thanatos ter interrompido, embora, na verdade, o grito de Cara tinha perfurado o nevoeiro de luxúria de Ares, e ele estava prestes a liberá-la quando seu irmão atrapalhou entrando na sala. O que havia partido outra reação fodida, uma de proteção feroz... Como se Than fosse uma ameaça para a Cara como o cão infernal tinha sido.

Foda-se.

O perigo que ela tinha estado mantinha em circulação na cabeça. Ele ficava vendo aqueles dentes em sua garganta. Aquelas garras em volta de sua cintura. Ela tinha estado aterrorizada, mas ela também tinha sido incrivelmente corajosa. A forma como ela alisou a mão sobre a pele do Caos e falado com ele em uma calma voz tinha surpreendido o inferno em Ares. O terror rolando fora dela tinha sido incompreensível, e ainda assim, ela o empurrou para salvá-los todos.

Em todos os seus anos, ele nunca tinha visto nada assim. Sua bravura em face do perigo tinha sido algo de se ver, e o maior tesão de sua vida. Ela pode não saber, pode não querer conhecê-lo, mas ela tem a alma de um guerreiro. Ah, ele ainda estava amarrado, suprimido pelo peso da sociedade polida, moral, e, provavelmente, sua educação. O problema, ele sabia, seria que quando seu guerreiro interior fosse solto, ela pode vir a ser perigosa, destrutiva e incontrolável. Ele estimulou Batalha a correr para o extremo sul da ilha. O garanhão jogou sua cabeça, puxando as rédeas tão violentamente que quase voou das mãos de Ares. Falando sobre incontrolável. O cavalo estava agitado, sentindo o humor de Ares.

À frente, o Harrowgate apareceu entre dois pilares de pedra antigos. Batalha pulava para dentro, e no quarto escuro expandiu para permitir o seu tamanho. Como o véu cintilante solidificado, dois mapas apareceram nas paredes de obsidiana, um da Terra, e um dos Sheoul. Ares bateu o mapa Sheoul, e instantaneamente expandiu em uma dúzia de níveis. Ele tocou o terceiro nível do topo, descrito na luz azul, então manteve tocando os mapas circulando e cresceu mais focado até que ele finalmente encontrou o Harrowgate que abriu cerca de cem metros do bar Quatro Cavaleiros.

Batalha saltou para fora e para o chão mole. Ares deixou o garanhão ter sua cabeça normalizada, e Batalha, que sabia exatamente onde eles estavam indo, correu como um louco. Foi por isso que ele escolheu usar um portão fixo em vez de convocar um - o cavalo precisava deixar sair um pouco de energia, e assim fez Ares.

Os cascos de Batalha batiam no chão com enorme força, enviando choques poderosos por suas pernas e ombros, e no corpo de Ares. Ares amava isso, a pressa da acusação, e a única maneira que poderia ser melhor era se ele estivesse cobrando em uma briga sangrenta.

Droga, Cara tinha trabalhado nele um frenesi, e agora o seu sangue bombeava quente em suas veias, sentia sua adrenalina como urtiga em seus músculos, e sua visão afiada quanto o seu corpo prepararam-se para um desafio. As fêmeas Neethul lhe dariam uma luta, o sangue seria elaborado, e os dentes iriam encontrar carne.

Um tremor de desejo passou por ele. Cara iria lhe dar tudo o que? Quando ele estivesse mais içado, ela iria dar-lhe a batalha que ele ansiava? Imagens dele levando-a contra uma parede, sobre as falésias, nas ruínas do templo que enchiam sua ilha, peneiravam através de sua mente. Em alguns eles, ela estava coçando, arranhando, mordendo, mesmo quando ela gritou com prazer. Em outros, ela estava acariciando seus ombros, massageando seus músculos, beijando seu caminho para baixo de seu corpo.

O que seria isso? Não tinha havido nenhuma ternura, de qualquer sexo que ele teve desde que sua esposa morreu. Mesmo com Nera, que não tinha sido um casamento de amor.

Tinha tido paixão, mas não verdadeira ternura. Então, por que diabos ele estava imaginando toda a porcaria gentil com Cara?

Com um rosnado desagradável, ele freou Batalha para uma parada na frente da taverna. Ele não se preocupou em chamar o garanhão para ele. Neste momento, os dois estavam muito ocupados, e a contorção da marca só distraía e o enfurecia. Ele abriu a porta... E foi para a maior multidão de fêmeas que ele já tinha visto pendurada em torno do pub.

Imediatamente, ele foi cercado, tinha mãos, patas, e cascos por todo ele. Ele não gostou. Na verdade, ele quase virou e saiu de lá. Mas havia um cheiro malévolo no ar que fez o seu couro cabeludo e sua pele se arrepiar. Alguma coisa estava errada. Muito, muito errada.

Ele capturou a fêmea mais próxima, uma furtiva humanóide succubus, pelo braço. — O que está acontecendo?

— Pestilence está aqui. — As pupilas da Succubus dilatadas e apertadas como de um gato.

— Ele é mais quente do que nunca, agora que ele tem essa aura má.

A respiração de Ares sibilou por entre os dentes. — Onde?

A fêmea esfregou contra ele, um ronronar surdo em sua garganta. — Em volta com Saw e Flail.

Ares esquadrinhou o quarto, com foco na porta de trás, e gritou:
— Abram caminho!

Imediatamente, os demônios se afastaram dele, e como ele andou em direção à traseira do bar, eles se dispersaram como peixe ante um tubarão. Ele alcançou a porta, e fez uma pausa. A fêmea Sora, Cetya, estava sentada em um banco, a cabeça baixa, ombros caídos, sua pele normalmente vermelho brilhante fora lavada para uma cor de tijolo cinzento. E sua cauda...Que porra? Estava em um nó.

— Hey. — Ele enganchou-lhe o queixo com um dedo e inclinou o rosto, se assustou com as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — O que aconteceu?

— Ele não é o mesmo. — ela sussurrou. Ela sacudiu acima sua cauda, sua óbvia dor a fez estremecer.

— Reseph - Pestilence - fez isso? — Ares falou bruscamente, seu temperamento instável já cambaleando.

Cetya assentiu, e sua têmpora pulsava com fúria crescente. Reseph nunca tinha sido sádico. Mesmo quando seu lado demônio vinha à tona, o que era raro, mulheres nunca tinham sido os alvos de sua violência.

— Vá para o Underworld General. Eles vão corrigir o seu rabo.

—Minha irmã trabalhou lá. — disse ela, entorpecida. — Ela morreu.

— Eu sei que você perdeu Ciska, mas você precisa ir ou sua cauda vai morrer. E fique longe de meu irmão a partir de agora.

Ele saiu fora da taverna e em uma floresta negra parcialmente encoberta pela névoa avermelhada. Silenciosamente, Ares desembainhou a espada e atravessou a folhagem densa e o nevoeiro.

Ele cheirou sangue muito antes de chegar à cena, mas ele ainda estava assustado quando ele entrou na clareira. Flail jazia sem vida no chão, sua forma nua quase irreconhecível e sua garganta mutilada todo o caminho para sua coluna. Reseph, seu corpo nu atravessado com veias pretas, mantendo Saw contra uma árvore, suas presas em sua garganta. Sangue cobria os dois, e embora a maioria dos que parecia pertencer aos demônios, Reseph tinha seu próprio quinhão de lesões.

As fêmeas tinham lutado de volta.

— Você é fodidamente doente. — Ares rosnou.

Reseph virou-se, as presas ainda enterradas no pescoço de Saw. Seus olhos brilhavam malevolamente carmesins, e com um sorriso, ele rasgou a garganta do demônio com seus dentes. Ele deixou cair o cadáver no chão e caminhou em direção a Ares. Seus dedos pingando cintilando sobre o glifo em sua garganta, e na armadura prateada de seu corpo. A armadura, trabalhada por trolls, era praticamente

impenetrável, auto reparadora, e tem que ser dado sangue para mantê-la funcional. Sem dúvida, tinha sido bem alimentada recentemente.

— Guerra. Por que tão horrorizado? Você age como se nunca tivesse matado uma fêmea.

— Eu nunca tinha me divertido fazendo isso — ele rugiu.

— Você irá. Quando você voltar, iremos festejar. Thanatos pode se alimentar de nossas sobras. — Reseph lambeu os lábios, pegando o fluxo de sangue no canto.

— Seu amigo te encontrou?

Uma brisa quente arrepiou as folhas espinhosas nas árvores e trouxe o cheiro de morte para as narinas de Ares. — Se você quer dizer o cão infernal, sim. Você deu boas indicações.

— Ele tem um nome, você sabe. Eater of Chaos. Ou Chaos Eater. Algo assim. Cão legal. Não sei por que vocês dois têm lutado por tanto tempo. — Reseph sorriu. — Ah, certo. Ele comeu seus melhores amigos, seu amado irmão, e seus filhos. Agente firme.

— Eu não posso acreditar que você foi lá — Ares disse entre dentes. — Eu não posso acreditar que você se juntou com ele...

— E eu gostei de fazer isso.

— Você sabe o que eu vou gostar? — Ares levantou sua espada.
— Abri-lo das pernas ao queixo.

Reseph parou duas jardas (1,8288 m) de distância. — Pense bem sobre isso, mano. Porque você é o único que vai levar uma surra. E depois que eu batê-lo em um trêmulo pudim de órgãos e ossos, eu vou atrás da humana. — Seu sorriso era todo presas. — Espero que ela não morra *muito* rapidamente.

A imagem de Cara sendo submetida ao que Ares tinha visto quando ele entrou na clareira era como dano no cérebro. Queimou como uma mãe, vasculhando fora todo pensamento racional. Rosnando, ele golpeou. Sua espada resvalou com um duro golpe no ombro de Reseph quando seu irmão se afastou. E, em seguida, Reseph estava segurando seu arco, e no espaço de um batimento cardíaco, ele lançou uma seta. É uma picada na desprotegida conjuntura do ombro e da garganta de Ares, e a dor lançou por ele, atirando através do topo de seu crânio.

— Fora! — Reseph lançou outra flecha com Conquista formado ao seu lado.

Ares girou para fora do caminho da segunda seta, mas mudou de curso e bateu no pescoço ao lado do primeiro. O chão tremeu, e a pisada rítmica de cascos foi como um terremoto, e em seguida Batalha estava lá para levar golpes de outro garanhão. Ofegante, Ares rasgou as flechas de sua carne e congelou ao som de asas batendo. Centenas deles. Milhares, talvez.

Oh, merda.

Eles desceram como uma nuvem de gafanhotos. O canibalismo dos gafanhotos demoníacos do tamanho de urubus. Ghashbats mergulharam para ele e Batalha, suas bocas escancaradas cheias de dentes afiados, suas garras com agulhas de osso, um pico no final de cada asa. Em segundos, Batalha foi coberto, gritando enquanto rasgavam ele. Conquista se manteve admiravelmente, seus cascos golpeando o outro garanhão e escavando pedaços de carne.

A armadura de Ares o protegeu, mas as criaturas estavam rasgando em seu rosto e empurrando seus picos entre as articulações de couro. Os cascos de Batalha e dentes esmagavam dezenas de ghashbats, mas não eram muitos.

— Me dê o ser humano, e eu irei chamá-los fora — Reseph chamou.

— Foda-se.

— Incesto irmão? — Ele deu de ombros. — Bem, inferno, eu tentei de tudo desde que o meu Selo quebrou...

Ares arremessou sua espada, pegando Reseph na mandíbula. Dentes, carne, e sangue pulverizado no ar, e Ares saltou em Batalha antes de seu irmão poder se recuperar. Havia pedaços de ghashbats, e ele estava meio cego por uma garra no olho, mas ele conseguiu abrir

um Harrowgate. Fatiado uma dúzia de pequenas fodidas ao meio, e depois Batalha catapultou-os para ela, e eles vieram perto da entrada de sua mansão.

Guardas carregaram-se em direção a eles, espadas desembainhadas para destruir as criaturas que ainda estavam agarradas a Ares e no garanhão. Batalha tropeçou, e Ares desceu, aliviando o cavalo de seu peso. Enquanto os Ramreels foram expedindo dos ghashbats, Ares levou Batalha para casa através do arco de entrada de sua grande sala.

Batalha mancando, arrastando sangue e esbarrando nas paredes e móveis. Ah, porra, o cavalo estava cego.

Thanatos correu para a sala grande da cozinha. — O que diabos aconteceu?

— Nosso irmão aconteceu — Ares rosnou.

Than soltou um assobio. — Reseph fez isso?

— Não Reseph. Pestilence. Ele é mais poderoso do que nunca, e se havia alguma questão deixada em você antes, posso assegurar-lhe que ele não é mais nosso irmão.

Ares esperou por Thanatos para discutir sobre não desistir de Reseph, e por um instante, a expressão de seu irmão era glacial, um desafio difícil.

E então Batalha começou a tremer, e com uma batida, ele caiu.

— Merda! — Limpando o sangue de seus olhos, Ares caiu de joelhos e gritou para Vulgrim.

— Obtenha toalhas, água. Agulha e linha.

Ele avaliou as enormes feridas abertas, através das quais o músculo, tendão, e osso irromperam. Batalha olhou como se ele tivesse sido amaciado por troll gigante com uma marreta com pontas de ferro, e sua dor era mais visceral em Ares do que qualquer lâmina de Pestilence poderia exercer. Ele era mais forte do que um cavalo normal, sua conexão sobrenatural com Ares lhe dava poderes regenerativos semelhantes... Mas ele poderia morrer se seus ferimentos fossem graves o suficiente. Limos tinha perdido sua primeira montaria uma centena de anos em sua maldição, quando um demônio tinha cortado a cabeça limpamente. Seu substituto tinha sido um presente e um que tinha sido incapaz de recusar - e agora ela estava presa com um garanhão carnívoro infernal com uma disposição que faria um cão infernal parece amigável.

Atrás dele, Ares ouviu passos, leve demais para ser qualquer um dos demônios, e as vibrações constantes que alertavam para os conflitos em todo o mundo foram silenciados.

— Oh, meu Deus. — Cara correu em direção a eles.

— Than, tire-a daqui.

Ela contornou Thanatos, torcendo fora de seu alcance com desenvoltura surpreendente. — O que está acontecendo? — Ela se ajoelhou ao lado de Ares. — Querido... Senhor.

Ares não tem tempo ou paciência para isso. Ela provavelmente começará a chorar ou gritar ou alguma porcaria. Ele também não precisava de sua presença drenando-o. — Vá para o quarto e fique lá.

— Eu não penso assim.

— Você não *pen*sa? — Ele olhou incrédulo. Ninguém *desobedecia* suas ordens.

— Eu lhe disse para não mandar em mim. — Cara enrolou as mangas do jersey de hóquei em desafio flagrante de seu comando. — Eu posso ajudar. Eu tenho trabalhado com animais por anos.

— Então ajude. — Amaldiçoando irritadamente, ele sacudiu o polegar sobre a garganta e livrou Batalha de sua armadura, que já tinha suavizado, e em seguida ele agarrou seu pulso quando ela estendeu a mão para o flanco de Batalha. — Mas ele não é o seu animal de costume.

— Porque — ela murmurou, — eu não estou surpresa?

CAPÍTULO



TREZE

Com as palmas úmidas de suor frio, Cara rezou para que ela não fosse se arrepender. Havia uma possibilidade real de que o seu dom viesse à tona... E se transformasse em algo que mata em vez de curar. Então Ares iria matá-la.

Despreocupadamente, ela limpou as mãos em um dos trapos que os demônios haviam trazido.

— Você precisa de mais alguma coisa? — Thanatos sacudiu o polegar sobre uma das muitas tatuagens em sua garganta, e sua armadura derreteu, substituída por jeans preto, camisa preta, e um preto e neoclássico casaco comprido abotoado do pescoço até a cintura e então chamejou aberto para permitir o movimento. Para ele, aparentemente, o preto não era uma cor, era um estilo de vida. — Eu posso invadir o escritório de um médico veterinário.

Era tentador mandá-lo para o lugar de Dr. Happs para roubar coisas, Cara sacudiu a cabeça e estendeu a mão para a pilha de toalhas. — Precisamos parar a hemorragia.

— Não brinca? — Ares aplicava pressão a uma das piores feridas, uma laceração maciça que estava escorrendo sangue escuro. — Você aprendeu isso na Vet Med 101?

— O sarcasmo não é o caminho para me ajudar.

— Ele é... O meu cavalo. — Ares disse bruscamente, e ela teve isso, ele estava sofrendo pelo animal, e seu medo estava colocando uma vantagem em seu já cambaleante temperamento.

Ela lhe daria um passe por seu comportamento menos-que-educado. O *agimortus* vibrou, e seu dom de cura veio à tona. Nu-huh. De jeito nenhum. Concentrando-se, ela manteve-o na baía... Trabalhou isso tão duro que seu sangue trovejava em seus ouvidos e sua respiração queimava sua garganta. Antes, ela tinha sido capaz de controlá-lo, mas parecia que o *agimortus* deu-lhe de presente uma mente própria. Suas mãos tremiam enquanto ela percorria sobre o garanhão, sondando o pior dos danos. O cavalo gemeu e chutou, e, de repente, o sangue pulverizou em um gêiser para sua coxa.

— Merda! — Thanatos pulou para cobrir o jorro, mas Cara o superou, e sua mão desceu sobre a dela.

Esponaneamente, uma explosão de seu dom de cura arrancou de seu braço para o cavalo. Instantaneamente, o fluxo de sangue diminuiu, e diante de seus olhos a maioria das pequenas lesões selaram. Than se afastou dela, e ela balançou-se para trás, tão chocada quanto ele. Sua habilidade nunca tinha disparado além de seu controle antes.

Não a capacidade de cura, de qualquer maneira. A capacidade de matar... Ela não queria ir para lá.

— Eu... — Ela chupou ar, dando-se um segundo para reunir seus pensamentos.

Os olhos de Ares se estreitaram, que deve ter doído dado o corte que saiu correndo do meio da testa até a base do seu olho esquerdo. —É por isso que o cão infernal lhe deu o beijo do Inferno. Você o curou. Você não somente removeu a bala... Você tem um dom.

Thanatos olhou com aqueles lasers amarelos. — Você é uma sacerdotisa totem.

— Uma o quê?

— Aquela que se comunica com os animais. — A voz de Thanatos estava atada com o que ela poderia chamar apenas de admiração. — Fui criado entre as pessoas druidas, e sacerdotes e sacerdotisas totem eram reverenciados. Humanos de hoje os chamam

médiuns animais. Eles às vezes têm o poder de curar. Você pode fazer isso trabalhando com *não-animais*?

Oh, ele trabalha com não-animais, tudo bem.

Vinte e seis anos de segredos enterrados que havia construído, como o vapor em seu peito, e agora era como se uma fissura estivesse se formando no epicentro, bem em cima de seu coração. Ela negou suas habilidades por tanto tempo, mesmo quando ela as usou. Que não havia um nome para o que ela estava tornando real. Pessoal. A garganta fechando, ela saltou a seus pés e se afastou.

— Cara? — Ares manteve a mão sobre o cavalo, mas seu grande corpo virou, seu olhar a seguindo.

— Eu não... Eu não sei se eu posso controlar isso. Os agimortus tornou mais forte e menos previsível. — Ela engoliu em seco. — E tem um... Lado mal, eu não entendo.

Ares jurou, uma desagradável e vil maldição. — Eu não dou a mínima se ele é disparado da bunda do diabo. Batalha está com dor e ele poderia morrer. Se você puder ajudá-lo, faça-o.

Batalha gemeu, e seu coração se apertou. Como ela não poderia fazer alguma coisa? O argumento com ela mesma não era novidade. Quando ela tinha sido uma adolescente de trabalhando na prática veterinária de seu pai, ele pediu a ela para não usar suas habilidades,

por medo de que o município ultraconservador fosse descobrir e estigmatizá-la injustamente. E ele estava certo.

Ele também tinha medo dela, algo que ela só conhecia porque ela o ouviu conversando com sua madrastra.

— Eu matei com ele. — Deus, seu estômago se apertou com repulsa a essas palavras - palavras que nunca tinha falado em voz alta.

— Um humano? — Ares alisou a mão sobre o ombro de Batalha.

— Sim.

— Huh. — Thanatos mudou, dando-lhe um vislumbre de uma adaga de aparência perversa escondida em sua bota. — Isso foi raramente mencionado em meu tempo. Qualquer um que usou a habilidade para matar era evitado como sendo do mal. Na verdade...

— Thanatos... — o tom de Ares avisava seu irmão a calar-se. Ele se virou para Cara. — Eu não me importo com o humano. Faça sua escolha. Ajuda, ou vá. Batalha não tem tempo para esperar por seu colapso mental terminar.

Áspero. Mas Ares estava certo, e foi o pontapé necessário nas calças de Cara. Com um aceno de cabeça, ela voltou para Batalha, colocando-se em sua cabeça. Seus olhos estavam inchados e sangrando, e isso era muito pior do que qualquer coisa que ela tinha tratado no passado.

— Ei, garoto. Eu vou ajudá-lo. Está tudo bem? — Ela não sabia se ele ia entender as palavras, mas os animais geralmente entendiam o sentimento.

Fechando os olhos, abriu-se a seus pensamentos. Eles vieram em uma corrida, uma explosão de preocupação para Ares. Mesmo rasgado como o cavalo estava, ele estava preocupado com seu mestre.

Ela sentiu os olhos nela quando ela focava sua energia. O ar frio soprava na difusa sobrecarga que o calor sempre a fazia sentir, sentia queimaduras solares quando ela estava fazendo isso, e ela acolheu isto enquanto passava as mãos sobre o corpo de Batalha.

Ondas de cura fecharam suas feridas, mas não demorou muito antes de sua dor tornar-se dela. O suor escorria na testa, e sua respiração tornou-se suspiros breves entre ondas de agonia.

Ela passou por uma eternidade. Alguém chamou o nome dela. A voz era distante, um eco dentro de seu crânio.

— Cara!

Grogue, ela abriu os olhos. Ela estava deitada no chão com Ares agachado sobre ela, suas mãos em seus ombros, sua expressão pinçada com preocupação. Ele ainda estava usando a calça de couro e camiseta que estivera mais cedo. Batalha estava ao lado dela, o nariz aveludado acariciando sua garganta.

— O que aconteceu? — Ela resmungou.

— Você desmaiou. — Ele estendeu a mão afagando o ombro de Batalha, onde uma cicatriz larga dividia o marrom, cabelo empastado de sangue. — Ele está melhor, obviamente. As cicatrizes terão desaparecido até amanhã. Agora, por que você desmaiou? Isso é normal? — Quando ela não respondeu, porque ela ainda estava processando tudo, ele a sacudiu suavemente. — Responda-me.

Tão exigente. Ela estava começando a reconhecer um padrão, quando ele estava preocupado, frustrado, ou com raiva, ele entra em modo de comando. Ela tentou sentar-se, mas quando ela caiu de costas, Ares a pegou, seu musculoso braço escorregou nas costas para sustentá-la. Sua mão permaneceu em seu quadril antes de afastar.

— Eu nunca tinha desmaiado antes, mas Batalha era tão grande e os ferimentos foram tão graves. — Ela estremeceu, quase caindo de novo quando uma onda de náuseas colidiu com ela. Mais uma vez, o braço de Ares foi em torno dela, e dessa vez ele deixou-a firmemente no lugar. Grata pelo seu apoio, ela afundou nele. Foi estranho, inclinando-se em alguém, mas em vez de fazê-la se sentir fraca, deu-lhe uma sensação de segurança.

Thanatos se agachou na frente dela, antebraços apoiados sobre os joelhos. Ele tinha tirado o casaco para revelar uma T-shirt, e agora que ela podia ver a pele... Wow. Tatuagens intrincadas estendiam a partir de seus dedos para onde eles desapareceram sob as mangas da camisa, e em seguida, até o pescoço para o queixo. Armadura Sans, ele

era mais esguio do que Ares, mas sua constituição magra não era menos poderosa. Ele era um tigre para o leão de Ares.

O escorpião em sua garganta se contorcia enquanto ele falava, o ferrão parecendo lhe espetar na jugular. — Você toma a dor da vítima em si mesmo quando você cura, não é? — Ela assentiu com a cabeça, e Thanatos estendeu a mão para tocar seu rosto. — E o que dizer quando se mata? É o contrário? Você sai com ele?

— Não. — ela suspirou, empurrando para longe dele, seu corpo tremia. Meu Deus, como é que ele... oh, Deus, ele sabia. Ele sabia que tinha sido horrível matar o homem, tinha havido uma subjacente... Alta. Uma onda de poder tão maléfica que sentia como se sua alma tinha sido permanentemente machucada.

Ela nunca chegou a admitir para si mesma. Não de verdade. Não até agora.

— Basta. — O aviso na voz de Ares era inconfundível. — Ela salvou a vida de Batalha. Agora não é o momento para atormentá-la. — Ares a dobrou protetoramente contra seu peito.

— Não a toque de novo, Than.

— Eu só queria ajudar. — Thanatos se empurrou para seus pés e se afastou, e Cara teve a impressão de que seus sentimentos foram feridos.

— Eu sinto muito. — Ela descansou a testa contra o esterno de Ares. — Eu não tive a intenção de causar problemas entre você e seu irmão.

— Isso? — A palma de Ares lhe acariciava as costas em círculos lentos. — Não foi nada. Relaxe.— Com cada passagem lenta de sua mão, ela fez exatamente isso, empurrando a pergunta de Thanatos e a feia verdade de volta para a caixa trancada, onde ela manteve por tanto tempo. — Você está com fome? — Seu estômago roncou em resposta, e ele riu. — Comida.

Huh. Salve o cavalo de um homem, e ele fica todo agradável. Ela tem que lembrar que da próxima vez ela virá contra um tipo guerreiro-imortal. Que tem seu pensamento.

— Espere. — Ela se afastou para olhar para ele. — Você é imortal... Por isso que você precisa comer?

— Sim. E dormir. Eu não iria morrer por falta de um ou outro, mas ambos, Batalha e eu podemos enfraquecer ou ficarmos nervosos.

Ele franziu a testa. — Falando nisso... — Seus dedos puxaram a bainha da camisa de hóquei, levantando-a para expor seu abdômen.

— Hey! — Ela agarrou os pulsos antes de ele revelar muito mais. — O que você está fazendo?

— Verificando o agimortus. Lembre-se que eu disse que vai desaparecer com o tempo?

Certo. Era uma ampolheta virtual. Um grande nódulo gordo de medo se jogou em seu estômago, e, de repente, ela não estava mais com fome. — Eu farei isso. — Sua mão tremia quando ela enganchou o decote e puxou-o para fora. Mas ela não teve coragem de olhar para baixo.

Ares sabia, e tão suavemente como se sua mão fosse um beija-flor, ele aliviou-a fora. O toque de seus dedos era apenas um sussurro em sua pele quando ele tomou a orla, mas fez seu coração bater mais rápido, e quando o ar frio beijou seus seios, sua pulsação ficou fora de controle com tanto medo e excitação.

Por um longo tempo, ele não olhou. Ele se manteve focado em seu rosto, a intensidade em seus olhos negros tomando fôlego. Seus lábios se separaram, a duras penas, e ela perguntou o que ele faria se ela se inclinasse e o beijasse.

De repente, seu olhar caiu. Sua inspiração dura era o único som na sala. Mesmo Batalha, que havia estado bufando no fundo, ficou em silêncio.

As pestanas de Ares ficaram pesadas, suas narinas dilatadas.

— Você é magnífica. — Sua voz era áspera e rouca, e ela esqueceu tudo sobre a marca que era uma contagem regressiva para a morte.

Ares puxou a camisa para baixo, e com muito cuidado, ele a levantou. Em seus braços, ela se sentia pequena, feminina, e segura. Sim, ele tinha o dever de mantê-la viva, mas todo esse tempo tinha passado sobre proteger os *agimortus*, não *ela*. Agora, ela sentia uma mudança nele, como se ele de repente a visse como pessoa em vez do objeto em seu peito.

Batalha veio para frente e pressionou a testa na dela.

— Você fez um inferno de uma impressão — Ares disse, suas palavras ainda com a voz grossa. — Batalha odeia todo mundo. — Ele empurrou a besta para fora do caminho. — Deixe-a em paz, seu grandão.

— Onde você está me levando?

Ares não lhe poupou um olhar enquanto ele atravessava a sala.
— Para a cama.



A maneira tensa de Cara quando Ares anunciou suas intenções era ao mesmo tempo divertida e insultante. Ele planejava colocá-la na cama, não na cama dele. Não que ele não quisesse. A contenda com

Pestilence tinha tomado a borda fora, mas o desejo de perder-se em carne feminina ainda estava queimando como uma tocha encharcada de piche.

E com Cara em seus braços, não era apenas a carne de qualquer mulher. Ele queria o ser humano ainda mais do que antes. O que ela tinha feito para Batalha, sabendo o custo para si mesma e depois de tudo o que ela tinha passado recentemente, ganhou tanto gratidão quanto seu respeito. Ela teve uma introdução infernal ao seu mundo, mas depois de um começo instável, ela foi puxando-o junto.

Quantos seres humanos poderiam ter aceitado o quanto ela tinha aceitado em tão pouco tempo? Inferno, Ares tinha tomado décadas para vir a enfrentar com a realidade do reino paranormal.

Embora fosse claro que Cara não era tão nova para ele como ela queria acreditar. O poder que ela exercia era, obviamente, algo que ela tinha estado lidando por um longo tempo, então ela teve um pressentimento, mesmo se tivesse sido enterrado, que não havia mais vida como a que a maioria dos humanos sabia. E com Batalha fora de perigo, ele estava curioso sobre o ser humano que ela tinha matado.

Mas ele não podia perguntar sobre isso agora. Ela estava muito enfraquecida pela cura, e ela teria o suficiente para lidar quando ela descobrisse que os agimortus haviam desaparecido. Apenas uma sombra, mas com alguma mudança estava outra pá de sujeira grave, isto era um golpe.

Ele protegeu a reação dela, se tinha deixado admirar seus seios perfeitos, sua pele impecável, a cintura estreita, e em um piscar de olhos, ele sentiu uma inversão violenta em suas emoções. Isto não deveria ter acontecido - ele se interrompeu de ternos sentimentos há muito tempo. Mas alguma coisa sobre essa mulher era o inferno em seus instintos, e ele gostou tanto quanto que amaldiçoou.

Cuidar dela seria estúpido. Ou ela ia logo morrer, ou ela iria transferir os agimortus e ainda morrer. Se Pestilence souber que Ares se importa com ela, mesmo um pouco, ele a mataria apenas para causar dor em Ares. Além disso, apenas estar perto dela era um dreno em sua força e sentidos, e daí se completaria fazendo sexo?

— Não se preocupe — disse ele. — Eu vou fazer nada mais ameaçador do que guardá-la dentro — Ele fez uma careta para o sangue em suas mãos, braços e pernas. — Você manchou minha camisa.

Ela cheirou. — Com o sangue do seu cavalo.

— Você tem meu agradecimento. E o coração de Batalha, eu acredito — acrescentou ironicamente.

Seu sorriso frágil fez seu coração pular uma batida. Pálida e exausta como estava, ela ainda era linda, e seu peso era bom em seus braços.

Admiração feroz inchou em seu peito enquanto ele a colocou suavemente sobre a cama. Ele poderia admirá-la sem se preocupar com ela, certo? Mas a forma como ele tinha rasgado Thanatos, dizendo-lhe para nunca tocá-la de novo, não tinha nada a ver com a admiração. Ele odiava a visão da mão de Than sobre ela, e Ares, que nunca tinha ficado com ciúmes em sua vida, queria rasgar seu irmão à parte.

Sim, esta mulher era definitivamente o inferno em seus sentidos.

— Você quer se limpar? — ele perguntou, ansioso para levá-la, determinado em que ele pudesse sair daqui.

Ela praticamente ronronou. — Eu nunca recusaria uma oportunidade de usar o seu chuveiro incrível.

— Você pode usá-lo sempre que quiser. — Ares disse, sua voz rouca, porque agora ele estava imaginando Cara lá. Nua. A corrente de espuma de sabão em gavinhas borbulhantes sobre seus seios, barriga, coxas... Naquele lugar particular entre elas.

— Não diga isso. Eu apenas poderia passar para ele. — Mais uma vez, seu sorriso fez coisas bizarras para seu interior. E exterior. Isso era ruim. — E eu gosto quando você sorri. Você não o faz muitas vezes, não é?

Ele não gostava que ela visse aquilo sobre ele, mesmo que ele não parecesse ter muita noção do efeito que causava. — Eu não tive

muito para rir desde que eu soube que eu não era humano — ele disse simplesmente. Mesmo antes disso, ele tinha sido intenso, à vontade só com seus filhos e irmãos.

— Há quanto tempo tem sido?

— Cinco mil anos. Pegue ou tire um par de séculos.

Seus extensos olhos arregalaram-se, lhe dando outra risada rara. — Você não parece ter mais de 29.

— É o meu estilo de vida saudável — ele disse suavemente, porque estranhamente, essa conversa com ela era a coisa mais normal que tinha acontecido com ele no que pareceu uma eternidade. Geralmente as fêmeas queriam uma coisa dele, e não era falar. Quando falava, ou era para lhe elogiar em uma rápida adulação, ou o que eles queriam ouvir sobre suas façanhas. Elas não queriam ouvir falar dele.

— Bem, quero aprender. — Ela se mexeu na cama. — Por que não há travesseiros?

— Conforto faz um homem suave.

— Hmm... Eu acho que o conforto faria um homem feliz. Você deveria tentar.

Ela estava brincando com ele, e ele experimentou a estranha sensação de euforia dentro. Sentiu-se bem, a forma como ele se sentia depois de tragar uma garrafa de Jack Daniel, mas sem a perda de

nitidez. — Então tudo o que eu estou sentindo falta na vida é um travesseiro?

— Dificilmente. — Ela deu um tapinha no colchão. — Você pode usar uma cama suave, também. — Antes que ele pudesse comentar, não que ele soubesse o que dizer sobre essa mulher de repente querendo assumir o seu quarto, ela fez um gesto para a cômoda.

—Posso pegar outra camisa sua?

Inferno, sim, ele queria que ela vestisse suas roupas. Havia algo incrivelmente sexy sobre ela envolta em sua roupa. Mas ela precisava de mais do que a sua enorme camiseta. — Enquanto estiver se banhando, eu vou pegar algumas coisas de sua casa.

— Obrigado. — Ela se levantou, cambaleou, e caiu de volta para baixo no colchão. — Um pouco tonta.

A culpa não era algo que ele sentia muitas vezes, mas agora ela se mudou e fez-se em casa, como um companheiro indesejado. Mais ou menos como o que *ela* estava fazendo.

— Mantenha-se fora do chuveiro. Vou trazer água morna e uma toalha.

— E me dá um banho de esponja? — Cara lhe agradeceu com um olhar de *sim, certo*. — Eu não penso assim. Se eu ficar tonta, há uma abundância de lugares para sentar lá.

Verdade, metade do chuveiro foi forrado com bancos aquecidos definidos no mármore. Ele às vezes ligava o vapor e o aparelho de som e descansava lá por horas. Cara poderia facilmente se lavar sentada. E lá estava ele imaginando isso.

E que bom retrato isso era. Uma grande parte fudida. Ele ofereceu sua mão. — Eu vou ter a certeza que chegará ao banheiro.

Cara revirou os olhos, mas ela permitiu que ele a puxasse para seus pés, e ela não protestou quando ele agarrou seu braço para firmá-la. Por natureza, ele não era um cuidador, mas entendendo as necessidades de Cara deu-lhe uma sensação de satisfação. Ele não tinha estado em um papel de zelador desde que ele tinha tomado Vulgrim em algumas centenas de anos atrás, mas, mesmo assim, ele se concentrou mais em ser um protetor, e um professor. Sua intenção não foi criar uma família - cuidar de Vulgrim tinha sido uma estratégia para ganhar um aliado na comunidade demônio. No entanto, o demônio e seu filho, Torrent, teceram seu caminho para o tecido da existência pessoal de Ares, e, às vezes, Ares queria saber que tipo de preço ainda tinha que ser pago por isso.

Sacudindo a reflexão inútil em seu passado, ele iniciou a água para Cara. — Se você quer música ou vapor, há um painel de controle à direita.

— Suponho que você não tem um frigorífico e microondas aqui também?

— Pensei sobre isso, mas não consegui descobrir uma maneira de isolar os componentes eletrônicos — brincou ele, e wow, aquilo estava longe da personalidade dele. Talvez um dos ghashbats causou danos cerebrais. — Eu vou deixá-lo sozinha.

Levou menos de dez minutos para entrar e sair da casa de Cara com uma mochila cheia de roupas, um travesseiro, e os produtos de higiene pessoal que ela tinha no balcão em seu banheiro.

Um pensamento dominava sua mente enquanto ele se transportava de volta para a Grécia: Ela usava shorts masculinos da Victoria Secret.

Ele poderia facilmente imaginar suas curvas exuberantes contida na sexy lingerie. Sim, tangas e calcinhas rendadas e porcarias estariam legais, mas por alguma razão, a mistura de masculino e feminino dos shorts trabalhava para ele. Realmente funcionou.

Ele adoraria segurá-la contra ele, enquanto suas mãos escorregavam nas costas dos shorts apertando a bunda firme... E foda, ele estava obcecado excessivamente como um esquisito de calcinhas.

Sentindo-se como a definição de Webster de perdedor, ele andou pela casa, parando na porta do quarto. Seu coração fez algo estranho contra seu esterno, uma vibração espástica de antecipação. Ele estava realmente ansioso para ver Cara de novo? De uma maneira pateta seus lábios estavam curvados em um sorriso dizia que sim, e

horror dos horrores, ele percebeu que estava experimentando algum tipo de aperto.

Ele precisava matar alguma coisa. Necessário para obter a cabeça de volta na batalha, readquirir o seu alvo, e ir para a ofensiva, porque ele estava fazendo exatamente o que ele usou para repreender os outros homens. Inferno, ele estava realmente disposto a seduzir as mulheres dos comandantes inimigos, e então ele esperava por seus paus para levá-los à distração e destruição.

Cara deve ser o carma final.

Felizmente, o chuveiro ainda estava funcionando, então ele pensou que era seguro entrar no quarto, onde ele jogou o saco e travesseiro sobre a cama. Ele se moveu para a porta, mas parou ao ouvir o som de uma pancada e um choro fraco.

— Cara? — Ele estava no meio da sala antes do nome dela estar totalmente fora de sua boca. Adrenalina cravando, seus instintos de guerreiro sendo carregados, e ele invadiu o banheiro, preparado para tirar a ameaça.

Ele entrou no chuveiro, encontrou-a tentando chegar a suas mãos e joelhos.

— O que aconteceu? — Ele latiu, medo encrespado em sua voz, e ele silenciosamente castigou a si mesmo. Nada devia lhe chocalhar tanto.

Assustada, Cara guinchou como um demônio banshee - e Ares bem sabia como o que soou - e tentou se cobrir. O esforço foi inútil - o que tinha visto já tinha sido salvo em seu cartão de memória e marcado como um favorito.

Água quente dos chuveiros múltiplos os encharcavam, mas ele não dava a mínima. Ele se sentou sobre os calcanhares para ajudá-la. — Cara! — Sua voz estalava como um chicote no espaço de azulejos. — O que aconteceu?

— Não foi nada. — Arrastou seus joelhos até o peito, ela colocou os braços ao redor deles e se encolheu contra a parede. — Eu escorreguei.

— O que, você escorregou no sabão? — Ela estava muito pálida, com olheiras sob seus olhos, e ele não estava comprando sua desculpa. — Mentira.

— Não fale comigo desse jeito. — ela retrucou.

— Então, me diga a verdade — ele disparou de volta. — Você desmaiou.

Seus olhos agitavam como as águas de sua costa depois de uma tempestade. — Eu não desmaiei. Eu me sinto tão... fraca.

— Isso é mais do que um efeito colateral da cura de Batalha, não é?

— Eu não sei. Eu nunca me senti assim antes. Isto é coisa do *agimorbid*?

— *Agimortus*. — ele corrigiu, embora por este ponto, uma vez que ela tinha dito pouco antes, ele suspeitava que ela deliberadamente pronunciou errado apenas para irritá-lo. Pena que ele achou isso cativante. Cativante. Santo inferno.

— Provavelmente. O Aegis poderia estar prejudicando o cão infernal.

— Hal — disse ela, o mar tempestuoso em seus olhos ganhando força novamente. — Seu nome é Hal.

— Sim, que seja. — A idéia de nomear um cão infernal, como se fosse um delicado de colo irritou o inferno fora dele. Ele limpou a água fora de seus olhos.

— Vamos tirar você daqui.

— Eu tenho que me enxaguar primeiro. — Cara arrastou seus dedos através de seu cabelo. A ação expôs a ondulação de seus seios, a profunda clivagem entre eles, e por toda a água, a sua boca estava seca. — Cheio de shampoo.

— Eu vou ajudar.

— Eu irei tratar por conta própria. — Ela mudou, dando a ele um vislumbre atormentado de cachos cor de mel na junção de suas coxas, e, oh, inferno, ele não o precisava ver isso.

Não precisa ver a marca do *agimortus* em seu peito, também, mas pelo menos iria resfriá-lo um pouco.

— Isso não é negociável. Eu não posso deixar você cair e quebrar o pescoço. — Em sua expressão de horror, ele rangeu os dentes. — Eu sou velho o suficiente para ter visto um milhão de vezes mais. Pare de ser uma criança.

— Bem, eu não sou velha o suficiente para ter mostrado um milhão de vezes. Então pare de ser um idiota.

Mulher impossível. — Você se sentiria melhor se eu ficasse tão exposto como você? — Ele tirou a camisa encharcada e começou a abrir suas calças.

— Não! — Ela agarrou seu pulso. — Realmente, está tudo bem.

Ela parecia um gato encurralado enquanto ele gentilmente a ergueu a seus pés. Deus, sua pele era macia. Suave. Seu corpo... Sim, ele não deveria olhar, mas porra, ela foi construída como as mulheres de seu tempo, de seu tempo humano. Elas tinham sido exuberantes, com

curvas que sinalizavam que elas eram férteis e construídas para suportar a luxúria de um guerreiro e sua prole.

Seu corpo endureceu, iniciado por esse pensamento. Tanto para se refrescar.

— Eu posso ficar em minhas próprias... — Suas pernas cederam, e ele a pegou, colocou-a contra ele. — Ou não.

Ele envolveu um braço ao redor de sua cintura e a segurou para que seus seios fossem pressionados contra o peito e barriga, embalando sua ereção.

Se a forma de seu rosto vermelho inflamado era qualquer indicação, ela notou seu estado de excitação. E o modo como seus olhos escureceram disse que ela gostava.

CAPÍTULO



QUATORZE

Esta tinha que ser a coisa mais estranha que já acontecera a Cara. O que queria dizer algo, considerando que havia sido ligada a um cão infernal, marcada com um símbolo místico que a tornara um alvo para assassinatos, e viajado instantaneamente da Inglaterra para a Grécia.

Agora estava nua em um chuveiro, sendo apoiada por uma lenda viva, que falava e andava. Uma lenda viva com uma ereção. Tinha lido em algum lugar que homens normais, saudáveis, tendem a ficar eretos umas vinte vezes por dias. Então... sim, Ares era definitivamente saudável.

— Podemos nos apressar? — Ela apertou seu corpo tão firmemente contra ele quanto podia.

Quanto mais longe ficasse, mais ele poderia ver dela.

Não que ficar grudada com ele não fosse bom por si só. Ares era uma montanha sólida de músculos, e ela não podia fazer menos que afagar sua pele quando se agarrou a ele.

E Deus, ela queria lambar as gotas de água que brilhavam em seus poderosos ombros.

— Incline a cabeça para trás. — Seu comando era apenas isso; uma ordem, falada rispidamente. Ainda que seu abraço fosse tenro.

— Quantas vezes eu tenho que dizer pra você que não gosto quando gritam — ela suspirou.

A mão dele foi até seu queixo, e ele levantou seu rosto. Seus olhos estavam encobertos, ilegíveis. Ela pensou que ele diria algo, mas em vez disso, ele inclinou sua cabeça sob o jato de água. Suas palmas eram uma leve carícia em sua testa e couro cabeludo, seus cuidados deliberados, meticulosos, como se tivesse medo que seu toque a machucasse. O coração DELA batia loucamente, quase dolorosamente. Ninguém nunca fora tão atencioso com ela.

E como podia alguém tão confortável com a morte, que havia feito as coisas que Chaos lhe mostrara, ser tão carinhoso?

Os dedos de Ares passaram pelo seu cabelo em longos, suaves cursos. Aos poucos, suas pálpebras ficaram pesadas, e ela fechou os olhos, caindo contra ele com os músculos relaxados. Isso foi muito calmante, mas ao mesmo tempo, seu pulso estava trovejando em seus

ouvidos e correndo por suas veias. A marca em seu peito formigava. E entre suas pernas, o calor estava crescendo.

Ares tomou tempo lavando seu cabelo.

— Deve haver um monte de shampoo — ela murmurou.

— Sim — ele disse, e era sua imaginação, ou sua voz tinha quebrado um pouco? — Eu sou minucioso desse jeito.

— Mmm.

Ele trouxe a palma da mão até sua bochecha para limpar a água.
— Há qualquer outro lugar que precise lavar?

Seus olhos se abriram. Um “não” se formou em seus lábios, mas nenhum som saiu. O jeito que ele estava olhando para ela... Desta vez, sua expressão era tão legível como um livro com letras grandes. Fome ardia em seus olhos. Seu olhar prendeu o dela, e ela ficou muito dolorosamente consciente de sua crescente antecipação.

Lambeu os lábios, e o olhar dele caiu para sua boca, concentrado na ação de sua língua. Mentalmente, ela pediu para não beijá-la. Mas levantou o rosto e se ergueu na ponta dos pés, surpresa de que suas pernas não estavam mais instáveis.

— Isso é estúpido — sussurrou Ares, mesmo que ele abaixasse a cabeça, lentamente, até que apenas uma fina camada de ar úmido os

separava. Poderia ter se afastado. *Deveria ter.* Mas pela primeira vez em muito tempo, finalmente se sentia segura. O quão louco era isto dela se sentir segura nos braços de um homem que poderia quebrá-la ao meio com um movimento do pulso, um homem a quem o mundo inteiro via com medo e horror?

Ah, mas seus lábios eram macios quando finalmente se tocaram. De início, ele apenas roçou sua boca sobre a dela. Uma trêmula sensação se espalhou a partir de todos os pontos de contato entre eles, eletrizando todo seu corpo. O cansaço que a tinha puxado para baixo foi-se. Sentia que podia correr uma maratona. Poxa, ela sentia que já estava em uma, com a maneira que seu pulso estava acelerado.

Ele aumentou a pressão sobre seus lábios, alternando beijos leves com pequenas mordidas e golpes de sua língua até que ela gemeu. Como se o seu som de desespero tivesse desbloqueado algo, ele ficou sério. Sua língua mergulhou entre seus lábios, exigindo entrada. Deus, ninguém nunca a tinha beijado dessa maneira, tão magistralmente que ela abriu sem nem hesitar. Suas línguas se encontraram, entrelaçando quando aprofundou o beijo. Sua mão agarrou um punhado de seu cabelo e a outra ferida foi ao redor de sua cintura para aproximá-la ainda mais. Ela se agarrou a ele, seus dedos afundando em seus braços.

Com um grande impulso a apoiou na parede. O beijo cresceu mais feroz. Ele estava acariciando, chupando, e sua respiração tornou-se tão irregular como a dela. Deixou cair uma mão à coxa e levantou o

pé direito no banco, colocando seu núcleo em contato com sua excitação. Ambos gemeram.

Nesta posição, a água derramava diretamente nas costas e pescoço de Ares, em cascata sobre seus ombros como grandes riachos que formavam rios nos profundos vales de seus músculos. Ele era lindo, perfeito, e o jeito que ondudou contra ela na mais primitiva resposta masculina fez levantar em seu peito um ronronar de pura apreciação feminina.

A mão dele deslizou por sua coxa para pegar seu traseiro, e oh, sim, era bom. A outra foi gradativamente para sua caixa torácica até que seus dedos chegaram ao seu peito, o polegar raspando de um lado a outro seu mamilo. Ele continuou a beijá-la, sua língua batendo contra a dela, e os pequenos e agonizantes beliscões em seu lábio inferior a levou a alturas vertiginosas.

Ela se apertou contra seu comprimento rígido, perdendo-se no vapor do chuveiro, no calor do seu beijo, na delícia de seu toque. Isso era tão decadente, e ela estava tão dentro disso que deixou cair sua cabeça para trás então ele poderia beijar o caminho abaixo de seu queixo e mandíbula indo para sua garganta. Quando sua mão deixou seu peito para deslizar mais abaixo, ela arrastou suas próprias mãos por suas costas, mapeando as diferentes texturas, as camadas de seus tensos músculos.

— Cara. — Sua respiração quente ventilou contra sua pele, e sua voz vibrou através dela em uma erótica onda.

— Mm-hmm?

Sua mão parou sua exploração. — Você está sangrando?

Seu cérebro obstruído por luxúria levou um segundo para processar o que ele tinha dito.

— Eu não me machuquei...

— Não uma lesão. — Seus dedos roçaram através de seu monte.
— Sangramento feminino.

Seu rosto ficou mais quente do que o vapor em torno deles. — Por quê? — Seu ex achava nauseante essa época do mês, não a tocando durante ela ou até mesmo alguns dias depois, como se estivesse contaminada. — É repulsivo para você?

Uma carranca puxou os cantos de sua boca inchada pelos beijos. — Não há nada de repulsivo no ciclo fértil de uma mulher, e sangue nunca me incomodou. Eu perguntei porque haviam absorventes em seu balcão. Eu os trouxe. — Ele corou.

Foi tão bonito o jeito que ele desviou o olhar, o rosto brilhante de vergonha. — Por que você está perguntando sobre isso agora?

— Porque eu quero tocar você. — Seus dedos moveram levemente, provisoriamente, sobre seu sexo. — Mas eu não sei se essas coisas femininas interferem. Ou machucam.

Sua garganta fechou, obstruída por uma mistura de luxúria, timidez, e diversão em sua inexperiência com o assunto. Então em vez de dizer qualquer coisa, ela colocou a mão sobre a dele. Tomando uma profunda, estimulante respiração para se firmar, guiou os dedos dele entre suas pernas.

Por um momento, sua garganta trabalhou para engolir em seco, e então ele fechou os olhos e a acariciou. Uma vez mais, sua cabeça caiu para trás contra a parede, o arco de seu corpo empurrando seus quadris para frente e permitindo-lhe o contato ainda mais. As longas, suaves carícias de seus dedos sobre as colinas exteriores de seu sexo tornaram-se mais firmes, e quando ele trabalhou um dedo em sua fenda, faíscas elétricas atearam fogo em seu sangue. Seu polegar ingressou na ação, circulando o clitóris, e ela começou a arfar, bombeando os quadris desenfreadamente, precisando dele para encontrar o ritmo perfeito, a pressão perfeita.

Sua outra mão veio para embalar seu seio, e ela estremeceu com as sensações duplas.

— É isso aí. — Sua voz era áspera e gutural. — Deus, você é linda.

Ah, sim, ela podia gozar apenas com suas palavras. Ela podia sentir seus olhos sobre ela, mas não ousava abrir os próprios olhos por medo de que iria perder essa sensação de sonhos. Realidade era um lugar estranho agora, e por alguns roubados momentos, ela queria estar em algum lugar legal.

Em seguida ocorreu-lhe que estava em algum lugar legal. Ela estava numa ilha grega no meio de um cristalino mar azul, em um chuveiro equipado para a realeza, com um homem poderoso que simbolizava o animal macho. Sensações sacudiram-na, o pensar-em-sexo tão estimulante quanto os dedos de Ares.

Calor líquido saía através de seu centro, e Ares fez um som áspero quando empurrou dois dedos dentro dela. Ele a trabalhou, primeiro suavemente, e depois com mais força, acariciando um lugar no fundo do seu núcleo que a teve balançando para ele, montando sua mão.

— Agora — ela gemeu, tremendo com a necessidade de explodir.

— Diga ‘por favor’. — O polegar circulou seu centro, a pressão perfeitamente calculada para mantê-la em um compasso de espera. O orgasmo enrolado apertado, pronto para ir assim que Ares tocasse o ponto certo... O que ele parecia saber. Sua tortura foi magistral, a maneira como ele a manteve oscilando no limite.

— Renda-se a mim. Diga.

As fêmeas sempre se rendem a mim.

Suas arrogantes palavras voltaram para ela, mas dado o que estava acontecendo agora, supôs que sua arrogância era justificada. Daria isso a ele, mas só porque ele tinha trabalhado para isto. E porque a promessa do melhor clímax da sua vida estava equilibrada em uma pequena palavra.

— Por favor! — Seu grito não foi intencional, mas ela se odiaria por isso mais tarde. O clímax a atingiu com força, fazendo-a descer numa queda livre de prazer tão intensa que o chão pareceu ceder sob ela, e tudo que podia sentir era êxtase e o duro corpo de Ares quando ele absorveu seus espasmos. Seus dedos a trabalhando através disso, e quando ela veio abaixo, ele fez algo pecaminosamente sinuoso com o polegar, e detonou de novo.

— Sim — ela suspirou. — Oh... *Deus*. — O orgasmo continuou e continuou, onde ele havia aprendido a arrastá-lo assim? Não, ela realmente não queria saber...

Sua bochecha roçou a dela quando ele inclinou a cabeça para sussurrar em seu ouvido:

— Quanto tempo se passou desde que um homem tomou você?

Atordoada, ela teve que repetir a pergunta em sua cabeça um par de vezes, e ainda assim, não entendeu muito bem. — Me tomou?

— Fodeu você.

Oh. Suas bochechas ficaram quentes, e ela piscou para ele. — Eu nunca fui fodida, como você tão delicadamente colocou. — Ainda estava sem fôlego, e embora suas palavras grosseiras devessem tê-la trago de volta, elas só contribuíram com sua luta para tomar ar suficiente. — Eu fiz amor. E faz dois anos.

— Você *fez* amor. — Seus dedos ainda sobre a almofada de penas de seu sexo quando ergueu uma sobrancelha em diversão, e a suave felicidade pós-orgasmo mudou bruscamente para irritação.

— Não há necessidade de tirar sarro de mim, só porque eu não sou como você. — Ela inalou um par de vezes, necessitando desesperadamente de oxigênio.

O adorável jogo de seus dedos diminuiu. — Gosta de mim?

— Você não é humano. Sua mãe é um... Demônio sexual. — Ela tropeçou um pouco, porque a sério, essa era uma dessas coisas que você nunca imaginou dizer. — E violência e mortes excitam você. — Ela tropeçou com isso também, mas por uma razão diferente. *E o quê sobre você matar? Você se saiu com isso?* Ela era como Ares. O tremor de repulsa teria tirado seu equilíbrio se não fosse pelo suporte de Ares.

Um gélido olhar furioso substituiu a diversão em seus olhos. — Eu peço desculpas por submeter seu puro, pacífico ego aos meus repulsivos desejos. Obrigado por me trazer para meus sentidos.

Cara estremeceu atingida pelo choque não pelo que ele disse, mas pela razão que disse isso. Por algum motivo, a ideia de que ele pudesse se machucar nunca lhe ocorreu. Ele era... *Hostil*. Claro, ela tinha visto uma vulnerabilidade nele depois que Chaos saiu, e quando Batalha fora ferido, mas isto era diferente.

Sentiu raiva de si mesma por não ter visto além da armadura, ela estendeu a mão e acariciou sua bochecha. — Eu não tive a intenção de julgar...

— Sim — rosnou, quando se afastou de seu toque, — você teve. Deixe-me adivinhar, você é toda santa, o tempo todo. Doce e angelical. *Humana*. — Ele praticamente cuspiu a última palavra. — Mas eu? Eu sou um demônio sem moral.

— Eu não disse isso. E eu não sou toda santa — ela murmurou, embora fosse algo como isso. Mas só porque seus dois amantes não tinham sido de todo aventureiros.

— Não?

— Não.

Coisa errada a se dizer, porque um competitivo brilho malicioso de eu-vou-provar-que-é-mentira surgiu em seus olhos e ele colocou a boca em seu ouvido, seus lábios um sussurro em sua pele, assim como sua voz. — Você já fez isso sobre suas mãos e joelhos, montada por trás? Que tal no chuveiro, contra a parede, sendo impulsionada enquanto você desliza para cima e para baixo nos azulejos? — Seus dentes pegaram sua orelha, e ela se arqueou contra ele com um gemido. — Ou sentada no banco, enquanto ele fica de joelhos e a lambe entre as pernas? Talvez com você em cima, chupando seu pau enquanto ele a toca com a língua? Você sempre usa mel, Cara? Cera quente? Um chicote?

As imagens eróticas se embaralharam em sua cabeça, deixando-a sem fôlego, tonta, e sem palavras.

— Acho que não. — Ares desligou a água e pegou uma toalha seca da prateleira. Antes que pudesse protestar, ele a enrolou e começou a levá-la para o quarto.

Ela o parou pouco antes de chegarem à cama. — Espere. Eu não estou entendendo. Por que você me perguntou todas essas coisas se você não vai... Você sabe.

— Foder você? — Sua risada retumbou dura e profundamente em seu peito, que só então ela notou ser liso, sem pelos — totalmente lambível. — É isso que você realmente quer?

Sim. — Claro que não. — Realmente, não. Essa coisa entre eles já tinha ido longe demais, e já tinha suficientes problemas como estava. A última coisa que precisava nesse momento era se envolver com alguém, principalmente um imortal meio-demônio cujo irmão queria matá-la.

— Claro que não — ele repetiu, amargura escorrendo de suas palavras. — Não importa. Você não é forte o suficiente para lidar com o que eu tenho para oferecer de qualquer modo.

Mais uma vez a conversa sobre suas fraquezas. — Você não me conhece. Você não sabe do que eu sou capaz.

— Mas eu sei do que eu sou capaz. — Ele tirou os lençóis e levou-a para a cama. — Você estava certa, Cara. Eu sou um demônio. Tudo o que eu conheci minha vida toda envolve lutar. Batalhas, sexo, é tudo a mesma coisa para mim. Eu fodo como eu luto, até a outra pessoa implorar misericórdia. Acredite em mim, você não quer ser parte disso. Eu estava errado ao pensar qualquer outra coisa. — Suas mãos caíram sobre seus ombros, e ele a empurrou para o colchão. — Durma. Localize o seu vira-lata.

Ela o olhou, afetada por sua rejeição, e nem sabia por quê. Ela não o queria. O que queria era sua vida de volta.

E você quer aquela vida de volta por quê?

Porque em sua antiga vida, mesmo estando prestes a virar uma sem-teto, não tinha morrido. Demônios e lendas do mal não iam atrás dela.

Nenhum homem quente a ficava acariciando até o orgasmo em seu chuveiro.

Frustrada com o rumo de seus pensamentos puxou o lençol sobre si, rolou para o lado, e bateu o rosto contra uma mole maciez. Sua raiva diminuiu, substituída por confusão.

— Você me trouxe um travesseiro.

Ele deu de ombros casualmente, mas um tom de rosa corou suas bochechas. — Você deve ficar confortável para dormir. Para encontrar o cão — acrescentou rapidamente. E como se seus pés estivessem em chamas, correu para fora do quarto.

Ele havia se envergonhado por fazer algo bom.

Cara encarou o lugar por onde ele saía, um sentimento de inquietação mexendo com seus pensamentos. Ares era um homem duro - o que ela esperava de um guerreiro ancestral. Mas o tinha visto cuidar de seu cavalo, do bebê bode-demônio. Sentiu seu toque suave, sua proteção. E ele tinha sido gentil o suficiente para trazer-lhe um travesseiro.

Então por que tudo isso a incomodava quando deveria ficar feliz por saber que ele era mais do que uma máquina de matar a sangue-frio?

Porque você não quer gostar dele. Todos aqueles que você ama te mantêm à distância.

Se Ares fosse capaz de se preocupar com ela, ele a machucaria, como seu ex o tinha feito. Do mesmo modo que sua família tinha, mesmo que involuntariamente, tratado-a como se fosse diferente.

A marca, que sempre vibrava na presença de Ares, parou, como se pontuando esse ponto. Distraída, ela olhou para baixo, e abafou um grito. Não mais um irritante carmesim, agora era da cor de um moribundo rosa.

Seu primeiro instinto foi pular para fora da cama, vestir-se, e exigir acesso à biblioteca de Ares e seu computador. Seu segundo instinto foi se enrolar em uma bola e soluçar. Esse segundo instinto? Algo que havia desenvolvido depois do ataque há dois anos.

Foda-se isso. Ela balançou seus pés para o lado da cama e pegou a mochila cheia de roupas. Poderia ter jurado nunca matar de novo, mas não tinha dito nada sobre desistir de sua vida. E ela ia viver.



Quando Pestilence era Reseph, ele tinha, em sua maioria, evitado Sheoul. Ele desceu ao reino demônio para sair no Four Horsemen, mas fora isso, tinha sido muito deprimente. Reseph gostava de festas e férias e surf. Se isto tinha a adrenalina bombeando, as fêmeas ronronando, e o álcool fluindo, ele estava com certeza lá.

Reseph tinha sido um bichano de proporções épicas.

Pestilence correu sua língua sobre a ponta afiada de um dente no momento que cruzou o limiar de sua masmorra Sheolin... Que não estava realmente em Sheoul. Tecnicamente, também não era uma masmorra. Quando seu Selo tinha quebrado, ele ganhara uma habilidade incrivelmente legal... Podia transformar áreas do reino humano em terras reivindicadas pelo inferno. Agora, no porão de uma mansão austríaca que comandava, demônios que normalmente não poderiam deixar Sheoul tinham a chance de sair no mundo humano e desfrutar de luxos que nunca tinham conhecido, incluindo a habilidade de atormentar essas pessoas.

E eles transformaram o porão em uma Disneylândia de tortura e miséria.

Reseph teria ficado mortificado. Pestilence estava exultante.

Gritos de dor e gemidos juntaram-se a risos e grunhidos de prazer. O delicioso aroma de sangue e luxúria brincava com o nariz dele, misturado com o cheiro de morte, vísceras e ossos carbonizados e carne. Todos os tipos de criaturas terrestres e demoníacas pendiam de

vários ganchos e correntes nas paredes e no teto, e diferentes espécies de demônios deslizavam ao redor, alguns deles jogando, outros executando tarefas que Pestilence lhes tinha dado.

Iniciar um Apocalipse exigia muito mais ajuda do que tinha pensado.

Uma graciosa demônio elflike carregando um porrete com pontas de ferro atravessou a sala quando o viu. Um comerciante Neethul de escravos, Mordiin, havia se tornado a mão direita de Pestilence, sua crueldade e incrível capacidade de sentir anjos caídos fizeram-no indispensável.

Mordiin havia localizado os dois Unfallen que estavam atualmente presos neste momento. Os tinha encontrado vagando no reino humano, cuidando de seus próprios negócios, e Pestilence os agarrara. Em vez de destruí-los, como ele vinha fazendo para impedir que o *agimortus* de Ares fosse transferido novamente, ele os arrastou para este lugar.

Oh, eles ainda iriam morrer, mas primeiro ele tinha planos especiais para eles.

— Meu senhor — Mordiin rugiu. — Nós destruímos mais quatro cães infernais.

— Bom trabalho. Só que, quantos milhares deixaram ir? — Ele odiava essas coisas de merda. Eram as únicas armas que poderiam ser

usadas contra ele, e ele queria que se fossem. Mesmo Chaos, quem Pestilence havia convencido a trabalhar para ele. Uma vez que o viralata entregasse Ares imobilizado, Pestilence iria matá-lo. Traições eram uma parte de ser mal, depois de tudo.

— O abate dos cães tomou um grande preço de nós — Mordiin disse. — Nós perdemos vários bons lutadores, mais do que perdemos na captura dos anjos caídos.

Pestilence bufou com isso. Demônios eram um centavo de uma dúzia. — Continue matando os cães infernais, mas capture um vivo. E me diga quando você terminar com as outras tarefas.

Mordiin inclinou sua cabeça, e seus cabelos brancos caíram para frente, pegando em suas orelhas pontudas. — Sua mensagem tem sido preparada. A estrutura está construída e pronta para a entrega.

Excelente. Os dois Unfallens iriam resultar em memoráveis presentes para Ares. — E sobre o Aegi?

Mordiin apontou para um sangrento humano amarrado a uma mesa. — Como os outros, este não sabe nada. Ele é de uma patente muito baixa para fornecer qualquer informação útil.

Inclinando a cabeça, Pestilence estudou o homem, cuja boca estava aberta em um grito silencioso conforme os diabinhos o trabalhavam com um ferro quente. — Por que não posso ouvir a sua agonia?

Mordiin encolheu os ombros. — Seus gritos explodiram suas cordas vocais.

Interessante. — Diga ao Aegi traidor que a menos que ele nos proporcione resultados mais substanciais, ele será a próxima vítima em cima da mesa. — Odiaria mutilar permanentemente David, que tinha sido um membro do alto escalão Aegi e que até agora havia lhe dado um monte de importantes informações, mas estava ficando desesperado. Tinha que encontrar a Deliverance, e alguém da Aegis deveria saber onde estava o punhal.

— Vamos acabar com os anjos e os Aegi. Hora de entregar a mensagem para Ares.



Quando Ares saiu para o corredor, estava quente e ainda pingando e pronto para explodir fora de sua pele com a energia sexual não gasta, ele correu para Limos, que estava encostada na parede, mala a seus pés. Ela havia mudado de roupa e posto um brilhante vestido solto, e seu sorriso maroto lhe disse tudo o que ele precisava saber sobre há quanto tempo ela estava lá.

— Uau — ela cantou. — Não precisou de muito tempo para chegar a suas calças. E eu que pensava que era Reseph o charmoso da família.

Ele passou por ela, a água espirrando em suas botas. — Não comece. — Cada macio passo o levava abençoadamente para mais longe de Cara e trazia de volta seus sentidos de batalha abalados. Era perturbador estar com ela, o seu corpo e a sua mente experimentavam a quietude, como se o mundo tivesse parado de se mover. A falta de distração o deixou muito focado nela, e em seus desejos.

Nada aceitável.

Mas não o era o quão rápido sua sintonização interna começava a vibrar. Desde que o Selo de Reseph tinha quebrado, o zumbido de violência do mundo se intensificou, mas este novo zumbido era diferente, uma nova, mais potente frequência que estava abafando todas as outras centenas que haviam. Algo muito, muito ruim estava por vir.

— Você não é divertido — Limos chamou. — Ah, e você pode querer se trocar. Reaver tem os idiotas Aegis concordando com uma reunião. Eles estarão no lugar de Thanatos em uma hora. Tenho certeza que você não quer aparecer como se tivesse sido afogado.

Ele se virou. — Por que Than não me ligou?

— Porque ele ligou para mim. Pensei em dizer-lhe quando chegasse aqui para ficar de babá. — Ela apontou o polegar em direção à porta. — Você vai levá-la com a gente?

Uma verdadeira maldição. — Cara tem que estar com um de nós em todos os momentos.

— Meu senhor?

Ares não se preocupou em virar. — O que, Vulgrim?

— Seu irmão deixou uma mensagem.

— Eu sei. Estou indo para seu lugar em um minuto.

— Não este irmão.

Ares girou para o Ramreel, cujo amplo nariz queimava do jeito que acontecia quando ficava estressado. Mesmo seus chifres ondulados pareciam estar se inclinando um pouco. Nada bom. Torrent, que estava ao lado de seu pai, parecia ainda mais miserável, sua pele acinzentada agitando nervosamente. — Diga-me.

— Se você vier comigo... — O Ramreel liderou pelo corredor, batendo os cascos.

— Droga. — Ares apontou para Limos. — Pegue Cara. Se encontre comigo na grande sala.

— Mas...

— Faça isso!

Limos mostrou a língua para ele, mas foi em direção à porta do quarto. Ares foi levado pelos dois Ramreels até a porta de trás. No instante que saiu para o pátio traseiro, suas entranhas deram um salto, e seu estômago se revirou duas vezes mais forte. A ginástica de órgãos merecia um perfeito 10 de *oh, porra*.

No meio do pátio, ao lado da churrasqueira, tinha uma gigante cruz de madeira. E pregados a ela haviam dois corpos sem cabeça. Seus intestinos tinham sido arrancados através de seus arruinados pescoços e envolvidos em torno de seus torsos como guirlandas de árvores de Natal. Seus pulmões foram arranjados atrás deles para parecerem asas, e cada um tinha um coração sangrando em suas mãos.

Caídos no chão em frente ao que Ares suspeitava terem sido anjos caídos estavam seres humanos. Um Guardião, se Ares fosse além do escudo Aegi que havia sido entalhado em seu estômago.

Vulgrim entregou a Ares uma nota. Os rabiscos de Reseph confirmaram as suspeitas de Ares. *Tenho certeza que você está procurando por Unfallens, então pensei lhe dar alguns. Aproveite.*

CAPÍTULO



QUINZE

— Aquele anjo é um idiota.

Kynan riu, e Arik quis nocauteá-lo. Teria nocauteado, também, se ele não estivesse congelando até a morte no meio do nada. Reaver tinha surgido com eles em alguma extensão de gelo sem características e desapareceu sem dizer algo como “Boa sorte” ou um “Espero que os Cavaleiros não matem vocês”.

— Você deveria ter visto Reaver quando ele ainda era caído — Ky disse.

— Ele era mais idiota ainda?

— Não. Ele só era mais ranzinza.

— Acho que não gosto de anjos — Arik murmurou.

Kynan deu um olhar de soslaio.

— Você não gosta de ninguém.

— Verdade — Arik apertou a jaqueta. Ele deveria estar grato que o anjo conseguiu levá-los lá em vez de Kynan usar o Harrowgate. Humanos não podiam usá-los enquanto estivessem conscientes – eles chegavam do outro lado morto. Mas Kynan, graças ao seu feitiço de invencibilidade, podia viajar por eles, e infelizmente, Kynan tinha que nocautear Arik para deixar o lugar em que estavam. A ideia não era nada atraente.

Arik apertou os olhos contra o brilho do sol brilhando na neve.

— Você sabe que podemos estar indo para um abate — Kynan deu de ombros.

— *Eu vou* ficar bem.

— Isso é confortante.

Uma rajada de vento gelado tirou a ardência da risada de Kynan, principalmente porque deixava todas as partes do corpo de Arik dormentes.

— O Aegis e os Cavaleiros têm uma longa história sobre trabalhar juntos. Sabe, antes de nós os traíremos. Devíamos poder convencê-los.

— *Devíamos*. Ótimo — eles marcharam pela neve. Adiante, havia só terreno vazio sobre mais terreno vazio. — Tem certeza de que estamos no lugar certo?

— Sim, humano, você está — a voz profunda e retumbante veio do meio do nada, e tanto Arik quanto Kynan instintivamente pegaram as armas – Kynan pegou uma espada de Aegis, e Arik sacou uma pistola.

— Apareça — Arik gritou.

De repente, um grande cavalo cinza estava empinado, e caramba, Arik quase teve a cabeça esmagada por um casco. A besta veio, e seu cavaleiro, um grande homem com cabelo cor de areia usando algum tipo de armadura com placas de marfim, levantou uma mão com uma luva protetora, em saudação.

— *E olhei, e eis um cavalo amarelo* — Arik murmurou —, *e o que estava montado nele chamava-se Morte, e o Hades seguia com ele* — ele olhou com admiração para o grande homem descrito no Apocalipse. — Você é a Morte.

O cara revirou os olhos amarelos.

— Thanatos. Eu não viro a Morte até que meu Selo seja rompido — ele virou o cavalo e murmurou — Malditos humanos sempre ferrando com as profecias.

Que idiota. Arik tinha superado a admiração. Ele olhou para Ky.

— Acho que simplesmente devemos segui-lo.

Kynan deu de ombros, mas Thanatos bufou.

— Eu ficaria do lado do meu cavalo. Você não quer ficar atrás dele quando ele acelerar.

É, um idiota. Eles se arrastaram por uns cinquenta metros, mais ou menos – difícil dizer sem pontos de referência – e no ar leve, um enorme castelo surgiu brilhando, se elevando na paisagem nevada como um iceberg no oceano.

— Você só pode ver porque eu estou permitindo — Thanatos desmontou e deu um tapa carinhoso no pescoço do cavalo. — Para mim — o cavalo dissolveu em uma linha fina de fumaça, fez uma pirueta, e então entrou na luva do Cavaleiro. Estranho.

As sobrancelhas negras de Kynan se juntaram quando ele encarou Thanatos.

— Que tipo de armadura é essa?

— Escama de monstro de lava.

Jesus. Poucos humanos tinham alguma vez visto os grandes demônios que viviam no fundo dos vulcões, mas eles deviam se

alimentar do sofrimento e da morte que as erupções causavam. Segundo as lendas, suas escamas eram à prova de fogo e impenetráveis por armas convencionais e com cada morte seu usuário se ajustava, ficava mais forte. Arik iria amar equipar um tanque ou um carro blindado com isso.

Eles seguiram o Cavaleiro pela corte do castelo. Uma entrada arqueada do tamanho de um tiranossauro se abria em direção à masmorra e a uma câmara mais larga que um ginásio de escola. Contra a parede, o fogo queimava em uma lareira, e perto dela havia dois seres que Arik pensou serem vampiros. Na frente da lareira tinha uma mesa de cavaletes para umas duas dúzias de pessoas, mas agora só havia duas... Um homem de cabelo castanho numa armadura de couro e uma mulher de cabelo preto em um... Vestido fúcsia, azul e amarelo? Eles estavam concentrados num jogo de xadrez quando Ky e Arik entraram, mas agora estavam lançando olhares intensos e sombrios para eles.

Dane-se, essa não é minha ideia de diversão. Não. Arik não era bom em negociação. Não quando envolvia sensibilidade e convencimento. Sua ideia de negociação envolvia poder de fogo e quem tinha mais do melhor.

Neste caso, os outros caras tinham o pau maior. Isso nunca ficou bem em Arik.

Ele olhou toda a sala, notando o layout, saídas, armas potenciais. Ele se assustou quando percebeu uma mulher encurvada em uma poltrona, vestida casualmente em jeans e um moletom da

Universidade de Missouri. Ela levantou o olhar do livro antigo que estava lendo para observá-los com curiosidade... Nem perto da hostilidade que estavam recebendo dos outros três.

O homem e a mulher na mesa continuaram onde estavam enquanto Arik e Kynan se aproximavam.

O cara da armadura de couro falou em tom áspero.

— Seus nomes.

Arrepiado com a exigência repentina do homem, Arik fez um gesto para Kynan.

— Esse é Kynan. Ele é um Guardiã. Eu sou Arik. R-XR — ele achou que eles não precisavam saber sobre seu status de Guardiã, já que eles odiavam o Aegis, e Arik gostava de sua cabeça em seus ombros.

— Sou Ares.

E saiu outro cavalo, um cavalo vermelho; e ao que estava montado nele foi dado que tirasse a paz da terra, de modo que os homens se matassem uns aos outros. Arik olhou para o Cavaleiro que seria Guerra.

Ares apontou o polegar para a mulher.

— Nossa irmã, Limos.

E olhei, e eis um cavalo preto; e o que estava montado nele tinha uma balança na mão. Ele sabia que Fome era mulher, mas não tinha imaginado que ela seria tão gostosa.

Droga, isso era real, não era? Arik estava em uma sala com três dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

— É de admirar, não é? — Veio à voz profunda e seca de Thanatos, e Arik piscou.

— O quê?

— Seu queixo está caído e você estava que nem um idiota para eles — Kynan disse, um pouco mais alto do que o necessário.

— Ferramenta — Arik disse sob a respiração. Ele balançou a cabeça para a mulher sentada. — Quem é ela?

— Não é da sua conta — Ares disse, sua voz era gelada e intimidante como a paisagem em volta deles.

Thanatos pôs uma mão controladora no ombro do irmão, e Arik imaginou como ele estava perto de ser chutado.

Limos se aproximou, seus chinelos batendo no chão, seu vestido caído nos ombros balançando em volta de seus tornozelos magros e torneados.

— Vocês têm mesmo muito culhão de vir aqui.

Kynan fez um gesto para Arik.

— *Ele* tem. Eu estou enfeitiçado. Nada pode me ferir. Nem meus culhões.

— Sério? — Limos foi ate Kynan, tentou acertá-lo, e Ky nem se esquivou. O giro da Cavaleira ficou incontrolado, e ela cambaleou, quase caindo. — Que merda.

— Eu te disse. Não posso ser ferido.

Ela colocou as mãos na cintura.

— Isso é irritante.

Limos não era nada como Arik esperava. Não, ele tinha pensado mais em uma guerreira Amazona machona. A mulher era ultrafeminina, tinha seios que faziam de seu vestido uma obra de arte, e ela não parecia conseguir manusear uma arma se precisasse. Talvez ela ficasse assustada quando seu Selo rompesse.

— Então por que está aqui? — Ares perguntou. — Reaver disse que você queria ajudar, mas o Aegis não está do nosso lado há séculos, e eu nem sei o que é o R-XR.

Arik estudou o guerreiro de cabelo castanho. Sua expressão não revelava nada, e nem seus olhos vazios. Mas de alguma forma Arik sabia que ele estava mentindo sobre não saber sobre o R-XR.

Kynan limpou a garganta.

— Sabemos que Peste foi solto. Queremos discutir como detê-lo.

— Se nós soubéssemos como, já teríamos feito isso.

— Então vocês não querem ser precursores do Apocalipse? — Arik perguntou.

Isso atraiu olhares assassinos dos três. Ares fechou os punhos como se imaginasse o pescoço de Arik no aperto de suas mãos.

— Nós queremos prevenir nossos Selos de romper e deter a fúria de Pestilence. Mas mesmo que soubéssemos como impedi-lo, não iríamos contar a vocês.

— Porque poderíamos usar contra vocês.

Limos bufou.

— Você não é um neurocirurgião.

Arik ignorou isso. Ela podia ser gostosa, mas ele não era a fim de mulheres imortais e inteligentes.

— Ainda podemos prevenir seus Selos de romper.

— Quanto vocês sabem sobre nossas situações e Selos? — Thanatos cruzou os braços, código para *diga a coisa errada, eu duvido*.

Kynan entendeu bem a linguagem corporal, e manteve a voz uniforme, séria. Arik esperava que Ky soubesse mais que ele sobre o que pudesse ser ‘a coisa errada’.

— Honestamente, não muito. Temos uma cópia do Daemonica, então nós lemos as profecias, mas elas são bem obscuras e não ajudaram muito.

— Então vocês precisam de informações de nós — Ares estudou eles, o cálculo frio em seu olhar medindo eles para trapaça. E talvez para um caixão. — Por que devemos confiar em vocês? Por que devemos acreditar que vocês não querem nos destruir?

— Porque — Kynan disse — os membros de classe do Aegis conhecem a história que contamos, e se você prestou alguma atenção a como o Aegis mudou nos últimos anos, você sabe que ficamos mais moderados.

— Não precisamos de sua ajuda — Limos imperiosamente balançou a mão dispensando-os, suas unhas cor-de-rosa e amarela brilhando. — Vão embora.

Arik não pensou. Ele reagiu.

— Seus tolos! — Ele agarrou o pulso dela para impedi-la de continuar andando. — Nós temos recursos e...

Quando ele percebeu, ele estava deitado de costas, com Limos sentando-se sobre ele com uma perna de cada lado dele enquanto segurava uma adaga sob seu olho esquerdo. Ares e Thanatos estavam um de cada lado dele, os dois colocando espadas em sua garganta. A enorme bota de Ares estava sobre sua testa.

— Ares — a voz abafada e chocada veio de perto da lareira. A mulher sem nome. — Por favor. Não mate ele.

— Eu também adoraria se você o deixasse vivo — a voz de Kynan era casual, mas Arik o conhecia bastante para reconhecer uma nota rara de preocupação.

— É o seguinte — Limos disse, com uma voz misteriosamente viva. — Não me toque — para enfatizar, ela apertou os joelhos, que estavam parados dos lados das costelas dele, e o ar escapou de seus pulmões. A dor era como um ataque borbulhante em seu tórax enquanto suas costelas rachavam. Ele apertou os dentes, se recusou a soltar algum som, mas sim, ele pegou a mensagem.

Os irmãos recuaram tão repentinamente quanto tinham atacado, embainharam as espadas, e Limos ficou de pé em um salto. Então, com um sorriso maldoso, ela ofereceu sua maldita mão.

— Tudo bem — ele chiou. — O chão é surpreendentemente confortável.

Kynan limpou a garganta outra vez.

— Se terminamos com fetiches, talvez vocês possam nos dizer o que é preciso para conquistar a confiança de você.

Houve uma longa pausa, e então Ares disse:

— Nos dê o cão do inferno.

Kynan ficou tenso.

— O que te faz pensar que temos um cão do inferno?

Bela jogada, não negar que o Aegis tem a besta. Uma mentira comprometeria a confiança que Kynan quer construir.

— Não interessa — a mão de Ares se flexionou sobre o punho da espada, como se ele ainda quisesse derramar sangue. — Mas nós queremos.

Arik se sentou. Não sem dificuldade e muita dor, mas ele achou que conseguiu não parecer tão idiota.

— Por quê?

— Porque eles são fofinhos e bonitinhos — Limos ronronou, seus olhos violeta brilhando com malícia. A garota era estranha.

Kynan enfiou a mão no cabelo.

— Não podemos abrir mão do cão.

— Nos dê o maldito cão ou nós pegamos — Gelo se formou nas palavras de Ares. — E nós *vamos* pegar.

— Você está blefando — Kynan disse. — Vocês não sabem onde estamos mantendo ele.

Sombras tingidas subiram do chão em volta dos pés de Thanatos, e por um instante, Arik podia jurar que tinha visto rostos nas profundezas turvas.

— Nós saberemos logo mais.

Tensão frágil voou pelo ar, ficando denso a cada segundo de silêncio. Arik ficou de pé, cerrando os dentes para não fazer careta. A mão de Arik agora segurava o cabo da espada. Thanatos tinha ficado numa posição de luta, e Limos estava de pé enrolando uma mecha de

seu cabelo preto lustroso. De alguma forma, ela fez um gesto inofensivo parecer perigoso. Como se ela pudesse estrangulá-lo com aquela simples mecha.

A outra mulher estava apertando o livro com uma ferocidade enorme e mordendo o lábio inferior.

Um mal-estar serpenteou pelas veias de Arik. Essa merda ia ficar num estado crítico, e rápido.

— Talvez se soubéssemos por que o animal é tão importante para você, seria um problema a menos para o Aegis.

Ares trocou olhares com Arik, e ele teve a impressão de que o cara tinha recebido o cargo de Guerra por um motivo. Havia um general naquele corpão, alguém que sabia não só como lutar, mas também como ganhar a qualquer custo.

— O cão é meu — todos se viraram para a mulher que esteve tão quieta. — Estou conectada a ele.

— E quem é você? — Kynan perguntou.

— Ela é a mulher que seu Aegi ia torturar para conseguir informações sobre o cão que eles atiraram — Ares se moveu até o lado dela, e apesar de não ter tocado nela, havia uma propriedade protetora definitiva na postura dele.

Kynan fez cara feia.

— Não sei do que você está falando... Espere — ele encarou a mulher com tanta intensidade que Ares mostrou os dentes. — Em Carolina do Sul? Três noites atrás? — Quando ela concordou com a cabeça, Kynan expirou lentamente. — Um Guardião morreu naquela noite. Eles disseram que você era um demônio...

— Cara não é demônio — Ares disse. — Seus Aegi são idiotas.

— Hal - o cão do inferno... Ele matou seu Guardião — Cara disse. — Ele estava me protegendo deles.

Protegendo ela? Um cão do inferno? Agora Arik tinha ouvido tudo.

— Não entendo como tudo isso se junta.

Ares virou a cabeça para Arik.

— Quanto vocês dois sabem sobre o *agimortus*?

— Sabemos que é um gatilho — Ky respondeu. — Um evento. Sabemos que Sin era a portadora do *agimortus* do Pestilence, e quando ela começou a praga do lobisomem, iniciou os eventos que romperam o Selo dele. Acreditamos que o portador do seu *agimortus* é um anjo caído.

Ares trocou olhares com seus irmãos, e depois de acenos quase imperceptíveis, Ares pôs a mão no ombro da outra mulher.

— Esta é Cara. Ela é a portadora, e ela é humana.

Desta vez, os olhares trocados foram entre Kynan e Arik.

— Então a morte dela é o que rompe seu Selo, e sem dúvida Pestilence a quer morta — Arik disse.

— E é o motivo de estarmos protegendo ela, Einstein — Limos nem se preocupou em olhar para ele. Ela estava ocupada demais olhando para seus dedões do pé, que estavam pintados com os mesmos amarelo e cor-de-rosa que as unhas. Aparentemente, ela era a Cavaleira com transtorno de déficit de atenção.

— Mas temos um pequeno problema — Ares disse. — Humanos não devem portar o *agimortus*. Isso os mata. Mas ela se ligou com o cão do inferno que vocês têm em cativeiro. Ele empresta sua força para ela, e está nos ganhando tempo. Mas cada vez que vocês ferem o animal, isso a enfraquece.

— Nossa equipe é leal — Ares disse de forma concisa. — Eles entendem as consequências da traição. Mas todos os outros demônios no submundo são um perigo para ela.

— Nem todos os demônios — os olhos de Kynan viraram lascas de gelo.

Um músculo do queixo de Ares se mexeu, como se estivesse lutando contra a vontade de falar.

— A maioria então — ele rangeu os dentes. — Eles querem sair de Sheoul e eles precisam do domínio sobre os humanos. Vocês não podem confiar em nenhum deles.

É, Arik também se sentia assim. Mesmo apesar de sua própria irmã ser um lobisomem e companheira de um demônio, ele ainda não tinha superado o preconceito.

O corpo de Kynan ficou rígido como a corda de um arco, e antes que o cara defendesse sua esposa, os parentes dela, e o filho que não tinha nascido, Arik deu um passo à frente. Que doeu muito. Muito e com as costelas quebradas.

— Então o que mais podemos fazer, além de libertar o cão? — Arik tomou alguns goles de fôlego. Ainda doía muito. — Nós podemos ajudar a guardar Cara.

— Ter os nossos demônios e os seus matadores de demônios em proximidade não é ideal. O que podemos usar é um anjo caído. Um que não tenha entrado em Sheoul.

— Ah — Arik desistiu de tentar ser todo machão e pôs um braço em volta do peito para que sua caixa torácica não abrisse. — Temos toneladas deles para distribuir.

Limos bateu pé com chinelos, irritada.

— Pestilence andou matando eles a torto e a direito. Estimo que deva haver mais ou menos meia dúzia restante. Ele está determinado em trazer o Apocalipse, caso você não tenha percebido.

— É — Arik falou —, não tinha ficado claro. Obrigado por ter explicado as coisas.

— Nós veremos o que podemos fazer — Kynan disse rapidamente. — E os seus Selos? Como podemos evitar que eles sejam rompidos?

Thanatos bufou.

— Não se preocupe com o meu. Ele nunca vai romper.

— Por que não?

— Porque tenho controle absoluto sobre ele.

Arik congelou.

— Então o que pode rompê-lo?

— Não cabe a você saber — as sombras se movimentando em volta de Thanatos ficaram mais agitadas. O que *eram*? — Esquece.

Sensível. Arik meneou a cabeça para Limos.

— E você, Quebra ossos?

Limos sorriu.

— Ainda sentindo o poder das minhas coxas, não? Continue me provocando, e eu faço outra vez. Mas desta vez eu não paro até que seu tórax seja nada mais que geleia de pulmão.

Essa seria uma terrível imagem para ele levar para o túmulo.

— Você vai responder minha pergunta?

Ela balançou um ombro bronzeado e curvo.

— Não.

Thanatos observou sua irmã com divertimento antes de se virar para Ky e Arik.

— O *agimortus* de Limos é um objeto. É uma pequena tigela de marfim. Qualquer Cavaleiro que beba desta tigela rompe seu Selo.

— Parece um requisito estranho — Kynan disse. — Por que é assim?

— Não sabemos — Limos respondeu, mas o jeito que ela falou, com uma leve reticência no final da frase, deixou um ponto de interrogação na mente de Arik. Ela talvez não soubesse, mas ele tinha um pressentimento de que ela tinha uma teoria.

— Vou presumir que está bem guardada, pelo menos — Kynan disse.

Houve muita mudança de posição e expressões encabuladas.

— O quê? — Arik olhou para os Cavaleiros, demorando um segundo a mais em Limos. Era uma bela visão. — Não está sendo protegida?

— Não sabemos onde está — a confissão de Thanatos foi entregue com um olhar que desafiava Ky ou Arik a retrucar.

Arik retrucou.

— Oh, isso é ótimo. Vocês perderam? Pestilence deve estar brindando ao sucesso enquanto conversamos.

Limos balançou a cabeça, fazendo seu longo cabelo preto girar em uma onda brilhante.

— Nós não perdemos. Nunca foi encontrado.

Kynan passou a mão no rosto.

— Temos que cuidar da situação do cão. Vocês tem e-mail? Podem nos mandar todas as informações que vocês têm desta tigela?

— E como vocês acham que vão encontrar se nós não conseguimos?

— Podemos ter acesso a informações, mapas, histórias, que vocês não têm — Arik deu uma pausa. — Então... Vamos trabalhar juntos? Ou vocês vão ser teimosos até estarmos todos condenados ao Armageddon?

Houve um longo e tenso silêncio, e então Ares balançou a cabeça decisivamente.

— Vamos trabalhar juntos. Mas ninguém mais deve saber o local de nossas residências.

— Fechado — Kynan entregou a Ares, Thanatos e Limos cartões com as informações deles. — Infelizmente, ninguém além de mim no Aegis pode viajar pelos Harrowgates, então não podemos entregar o cão para vocês, e eu não posso transportar uma jaula daquele tamanho sozinho. Contate-me em uma hora e terei as coordenadas das instalações do Aegis onde estamos o mantendo.

Ares concordou.

— Tem mais uma coisa — ele deslizou olhares questionadores para Limos e Thanatos. Limos inclinou a cabeça de modo emburrado, mas Thanatos ficou tenso. Se seu queixo ficasse mais firme, os dentes dele quebrariam. — Além da tigela de Limos, Peste está procurando por uma adaga. Nós a chamamos de Deliverance. Ela se assemelha a uma espada em miniatura com uma cabeça de cavalo no cabo. O olho é de rubi. A adaga foi forjada de uma rocha que caiu do céu e foi resfriada em sangue de cães do inferno. Nós ajudamos o Aegis a fabricá-la depois de sermos amaldiçoados, e nós confiamos neles para guardá-la, mas foi perdida.

— Isso não é familiar — Kynan disse —, mas eu não sei de nem um décimo de nossas histórias. Por que isso é importante?

— Você perguntou como podemos ser impedidos. A adaga é a única coisa na Terra que pode nos destruir, e só se brandida por outro Cavaleiro.

A percepção surgiu, e Arik assobiou.

— Por isso que vocês queriam que o Aegis guardasse ela. Vocês não queriam que nenhum de vocês ficasse mau e destruísse a adaga antes que pudesse ser usada.

— Sim. Deliverance deve retornar a nós se um de nossos Selos for rompido.

— E Pestilence a quer para que vocês não consigam matá-lo.

Ares concordou com a cabeça.

— Creio que Pestilence está torturando Guardiões para obtê-la.

Kynan soltou um palavrão.

— Isso explica nossos Guardiões desaparecidos.

— Ele me entregou um dos corpos esta noite. Vou falar para Reaver te entregar.

— Obrigado — Kynan inclinou a cabeça. — Se não tem mais nada, nós vamos trabalhar.

Arik e Kynan saíram da masmorra. Assim que a pesada porta de madeira fechou, Arik abraçou as costelas e grunhiu. — Droga, aquela vadia é forte.

A boca de Kynan se torceu com um leve divertimento.

— Você sabe como pegá-los — ele deu um tapa no ombro de Arik. — Já que eu tenho que te apagar para te transportar pelo Harrowgate, eu te levo para o Hospital Geral. Eidolon pode te curar.

A ideia de um demônio curá-lo o deixou mal, mas ele estava com muita dor para argumentar. Além do mais, Shade, o irmão de Eidolon,

já o tinha curado uma vez. Salvou sua vida, na verdade. E o maldito demônio nunca o deixou esquecer.

— Vamos lá.

CAPÍTULO



DEZESSEIS

Depois que Kynan e Arik saíram, Cara sentou-se à mesa, e um dos vampiros – puta merda, *vampiros!* – trouxe a ela um sanduíche de presunto e um chá quente. Livre de orc-agua ela presumiu, quando ela perguntou. Ela ainda tinha o livro encadernado de couro que Ares tinha dado a ela antes de deixarem o local. *Uma visita guiada por Sheoul*, que, embora aparentemente escrito por um razoavelmente articulado, inteligente demônio, era seriamente assustador. Mas ela estava aprendendo muito, mesmo se, até agora, ela não tenha encontrado nada que possa ajuda-la a entender cão infernal ou os *agimorthus*.

Enquanto ela mordia o sanduíche, ela escutava Ares e seus irmãos discutirem sobre os Aegis, cães do inferno, punhais, Pestilence e anjos caídos... Eles estavam por todos os lugares, como bolas de gude em vidro. E mesmo Cara pensando que estava no meio de tudo isso, ela se sentia como uma verdadeira forasteira.

— garotos podem se sentir livre para perguntar minha opinião,
— ela gritou.

Ares avançou e empurrou partes do sanduíche para perto dela.
— Nós não tínhamos que incluir qualquer pessoa em qualquer decisão por um bom tempo. — Não era muito um pedido de desculpas, mas vindo de Ares, era muito.

Ela olhou para seu irmão e irmã, que estavam fingindo - mal - não escutar. — Olhe — ela disse, baixando sua voz. — Me desculpe por mais cedo. Você estava tentando me proteger, e eu te insultei.

A luz oscilante do fogo jogada no rosto de Ares, lançando sombras na cavidade do seu rosto, e as chamas dançando no escuro dos seus olhos, — Você despreza violência e aqueles capazes dela, não é?

Cara bebeu um gole de chá para ganhar tempo. Como ela poderia explicar que o que ela despreza é o que *ela* é capaz de fazer. — Sim — ela disse simplesmente, porque nada mais viria.

Sua mão caiu na sua bainha, seus dedos longos acariciando o punho da sua espada como uma amante, e o *agimortus*, que já estava formigando, chutou o encaixe. — Você me despreza.

— Você não. — Ela gostava muito dele. Mesmo agora, sua pele estava sentindo como se seus dedos estivessem acariciando ela ao invés da espada. — Eu desprezo assassinato.

O som de molaes rangendo se juntaram ao crepitar do fogo, e então ele a perfurou com um olhar tão feroz que ela recuou. — Diga-me sobre a pessoa que você matou. Foi um acidente?

Uau. Ele era tão sutil como um tanque. — S-sim.

— Legítima defesa?

Seu coração deslizou em um ritmo irregular. — Sim

— Então pare de se punir e a todo mundo, faz o que tem que fazer.

Tão fácil para ele dizer. Ele tem milhares de anos para parar de se punir. Se ele já tivesse. — Quantas pessoas você matou?

— Dezenas de milhares. E nem todos por legítima defesa. — Seus olhos se mantiveram cativos, quando ela tropeçou para trás. — Sim, você está chocada. Eu sou um guerreiro, Cara. Então vá em frente e olhe para mim com desprezo, mas você agradeça a Deus que eu esteja aqui quando o lobisomem estiver na porta. Porque eu vou matá-lo e eu não vou me arrepender disso. Você pode se sentar e se chocar, mas pelo menos você ficará viva, suas mãos ficarão livres de sangue, e isso será por minha causa.

Ele se virou para longe, mas ela impediu seu cotovelo blindado. O couro era surpreendentemente suave e ela se perguntou como isso supostamente o protegia. — Espere.

Seu corpo inteiro ficou tenso. — Eu vivo para servir. — ele disse sarcasticamente, e Deus, era isso, não era? Ninguém nunca tratou ele senão como guerreiro, então como ele poderia ver a si mesmo de forma diferente?

— Você está certo. — ela admitiu. — E eu estimo o que você fez por mim. Eu não quero te julgar, mas eu vejo mais em você do que uma máquina de matar.

— Que legal da sua parte — ele disse — Mas você está errada. Eu não posso me dar o luxo de ser outra coisa.

Seu coração sangrou por ele, então ele acreditava naquilo sobre si mesmo. — Sim. Você pode.

Ele riu, como se o que eu disse fosse além do ridículo. — *Você* vai dar a *mim* lições de vida? Que porra faz um ser humano com tempo de vida de um mosquito saber sobre um demônio de cinco mil anos de vida?

— Qual é o seu problema? — Ela atirou nele um olhar irritado. — Porque você tem tanto desprezo pelos humanos?

— Eles morrem. — Ele mordeu as palavras violentamente. — Você os ama e eles morrem. Isso é o que vai acontecer com você, Cara. Você vai morrer, e em seguida eu vou — Ele estalou a boca fechada tão forte que ela ouviu o estalo dos dentes.

— Você vai o que? — A pergunta enrolou na sua língua, porque ela não tinha certeza o que ela iria ouvir.

Seu olhar foi para longe. — Eu vou ser o mal.

Sua resposta foi irritada, por alguma razão. Ela queria que ele dissesse que estaria triste? Ridículo. Mas... Tudo bem, sim. Ela procurava alguém para ficar triste quando ela morresse. A marca no seu peito zumbia conforme sua raiva desencadeava. Ares girou em torno de novo, mas oh, inferno, não. Ela não tinha terminado com ele ainda.

Impulsivamente, ela o empurrou. Forte. Direto na parede. — Você não vai andar para longe de mim desse jeito. Não de novo. É da minha vida que estamos falando. Eu não sou uma pequena flor delicada, nem sou uma criança. Sou uma mulher sem família e presa em um mundo estranho, mesmo se você tiver que fingir que se importa se eu viver ou morrer, isso é o que eu quero. E se eu quiser sexo, não é da sua conta me dizer que eu não posso lidar com isso. E...

— Cara.

— Como você se atreve a descontar a minha experiência.

— *Cara.*

— O que?

Ares apenas olhou para ela em silêncio. Devagar, ela girou sua cabeça, calor florescendo nas suas bochechas com a visão de Limos e Than assistindo ela, ambos de olhos arregalados.

— Cara?

Gemendo, ela se voltou para Ares, seu discurso voltando a ela com uma clareza cristalina. Seus olhos apontaram para o chão. Ela olhou. Os pés de Ares não estavam no chão. Com um suspiro, ela olhou para cima, e puta merda... Ela estava segurando ele contra a parede e longe do chão. Soltando ele, ela pulou para trás e deixou ele cair em seus pés.

— Eu acho que o *agimortus* te torna mais forte. — Suas palavras eram faladas com uma certa aprovação sombria.

— Eu não entendo. Você disse que estava me matando.

— E estava. Mas você extraiu no Hal ao mesmo tempo. — Houve um silêncio frágil. — E eu.

Ela franziu o cenho. — Você?

Tinha um tom renunciado na sua voz que ela não entendeu. — Quando eu estou perto de você, isso me drena. É o porquê de a minha armadura estar flexível. E o porquê que eu não posso sentir porra nenhuma quando você está por perto. — Ele diminuiu a distância entre

eles, suas mãos caindo sobre seus ombros. — e porque eu sinto coisas que eu não deveria.

Ela engoliu contra a secura repentina em sua boca. — Como?

— Como culpa por colocar você nesta posição. Como querer manter você segura por mais razões do que apenas ser mal se eu não o fizer. Como a luxúria que me faz querer jogá-lo para baixo e levá-la até nós dois estarmos tão cansados para nos mover. E como eu sou um puto idiota por sentir tudo isso.

Sua boca se mexeu, mas nada saiu. E Limos e Thanatos ainda estavam olhando. Felizmente, um homem loiro materializou se na sala e resgatou todos de um grande constrangimento. Cara pensou que ela devia estar se acostumando com a esquisitice, porque ela quase não piscou. Não, ela só estava agradecida por sua pontualidade.

Limos gritou de alegria se se jogou em seus braços. O sorriso do homem iluminou toda a sala. E ele estava... Brilhante?

— Quem é ele?

— Reaver. — Ares levantou a mão em saudação. — Ele é um anjo.

— Caído?

— Não. Um verdadeiro e vivo anjo celestial.

Bem, era uma coisa que você não via todos os dias. Ela não tinha certeza do que esperar da aparência de um anjo, mas ela sempre os imaginou vestindo branco. Reaver não. Ele parecia como se tivesse saído de uma sessão de fotos da GQ. Suas calças pretas e sua camiseta cinza não se encaixavam bem em seus ombros largos que afunilavam para uma cintura fina e pernas longas, e ele usava um relógio dourado que mesmo daqui parecia como se custasse mais dinheiro do que ela havia tido em toda a sua vida.

Limos sorriu para Reaver, que retornou uma expressão de afeto. — Limos sempre cumprimenta ele desta forma? — Cara perguntou.

— Sim, — Ares resmungou. — Ele se entrega a ela, de algum jeito.

— Ares. — Reaver se separou de Limos. — Eu parei no seu lugar. Vi a obra de Pestilence. Eu estava preocupado.

— Ah, Reavie-weavie está preocupado conosco. — Limos gorjeou, e o anjo rolou seus olhos de safira.

— E peguei o que sobrou do corpo do guardião para o Aegis, — Reaver disse, e Cara estava de repente muito agradecida que Ares e Limos tenham evitado dela testemunhar a cena no jardim de Ares. — Você conseguiu alguma coisa na sua reunião com Kynan e Arik?

Limos, olhando orgulhosa de si mesma, balançava sua cabeça com entusiasmo. — Eu quebrei as costelas de Arik.

Reaver exalou um profundo suspiro. — Mais alguma coisa?

— Eles vão pesquisar o punhal e o arco de Limos. — Thanatos disse. — E eles vão providenciar a liberação do cão infernal... — Ele adormeceu, seu olhar se tornou branco.

— Então? — Limos agarrou seu pulso. — Então! O que é isso?

Thanatos estava hipnotizado, e seus olhos brilharam com um fogo profano. — Morte. Então... Mais... Morte. — Ele estendeu a mão como se estivesse tentando agarrar a alguma coisa.

Um portal se abriu, e então ele desapareceu. Apenas... desapareceu. Como se ele tivesse sido sugado pela luz contra sua vontade.

Alarmada, Cara recuou. — O que acabou de acontecer?

A próxima respiração de Ares veio como um assobio. — Thanatos foi atraído por morte em larga escala - se é grande ou súbita o suficiente, ele é levado conta sua vontade.

— Uma batalha? — A armadura de Limos encaixou no lugar, estilo Transformers. Enquanto Ares permaneceu em silêncio, Limos acertou a testa com a palma da mão. — Certo. Muito insensível? Você

não pode sentir nada com Cara por perto. Eu vou encontrá-lo. — Ela abriu o portal e desapareceu.

— Como ela pode rastrear ele? — Cara perguntou.

— Nós podemos aterrissar nosso portal no último lugar que o portal do nosso irmão ou irmã abriu. E não, nós não podemos mais rastrear Pestilence. — Ele fez um gesto para Cara retornar ao seu lugar. — Eu preciso ligar para Vulgrim. — Ele pescou seu celular do seu bolso no mesmo tempo Reaver afundou-se à mesa em frente a ela.

— Então. Como você vai?

— Hum... Bem?

— Você não está surpresa em falar com um anjo.

— Estou sentada em uma sala com o segundo Cavaleiro do apocalipse. — Ela havia *feito* mais com o segundo cavaleiro do apocalipse.

— Bom ponto. — Seu olhar astuto cintilou sobre ela, e ela teve a impressão que ele olhava diretamente para dentro dela. — Quanto da sua situação eles explicavam a você?

— Você quer dizer, que minha morte vai trazer o fim do mundo, e eu provavelmente tenho somente alguns dias de vida se nós não encontrarmos um anjo caído?

Reaver passou a mão pelo cabelo. — Sim. Isso. Você sabia que mesmo se você fosse capaz de transferir o *agimortus* para um anjo caído, você ainda seria ligada ao cão infernal? O que significa que você está presa em nosso mundo? Você não pode exatamente voltar a viver com humanos quando seu cachorro é do tamanho de um hipopótamo e é capaz de comer seus vizinhos.

— Ele não tem que viver comigo, tem?

— Não, mas você não pode prever quando ele vai aparecer para vê-la. A ligação é poderosa. Ele não quer ficar longe de você.

Tudo bem, ela não pensou tão longe. Não havia nenhum ponto, nem quando ela mal sabia o que ia acontecer na próxima hora, muito menos a próxima semana ou o próximo mês. Reaver estendeu a mão e distraidamente brincou com uma das peças no tabuleiro.

— Ares vai cuidar de você. Mas tenha em mente que *ele* é um Cavaleiro. Se o Selo quebrar, ele será a verdadeira definição do mal. E mesmo agora, ele tem uma necessidade inata de ganhar qualquer desafio, não importa quão pequeno, e não importa o que custar.

Ela já notou sua natureza competitiva, é claro. — O que você está dizendo?

— Estou dizendo que ele não tem senso de jogo limpo. — Reaver sacudiu seus dedos e novelou todas as peças de xadrez. — Ele

não segue as regras, porque para ele, o resultado final é o que importa - não como você chega nele.

Um tremor de inquietação passou por ela. — E você está me dizendo isso, por quê?

— Porque você precisa se preparar para fazer o mesmo. Se você quiser sobreviver, você pode precisar fazer sacrifícios e fazer coisas que você nunca pensou em fazer. Coisas que vão contra tudo o que você acredita. — Seu tom era sombrio, ameaçador, tudo de mais assustador porque vem de um ser que ela sempre associou com uma bondade... suave.

Como se ele soubesse o que ela estava pensando, ele pegou sua mão. — Anjos são guerreiros, e alguns de nós, como eu, são o que você pode pensar de Operações Especiais. Nós jogamos do lado do bem, mas não se engane - nós somos soldados, e nós vamos fazer o que nós temos que fazer para ganhar.

— Você... Mata?

— Há muito pouco o que fazer quando lutamos contra o mal.

Ela engoliu. — Então vocês não tem regras também?

A risada súbita de Reaver foi profunda, com a qualidade de um som de sino edificante.

— Nós temos regras. Oh, nós temos várias regras.

Ares se aproximou e Reaver como estava piscou para ela. — Kynan mandou uma mensagem de texto para os coordenadores do cão infernal. Nós podemos ir tão logo eu souber notícias de Li e Than.

— Eu estou sendo convocado de qualquer maneira, — Reaver disse. — Entrarei em contato.

Ele bateu no ombro de Ares, e um instante depois, foi embora.

Cara piscou, sentindo um pouco tonta, como se tivesse acabado de sair de um desfile de carnaval. — Eu tenho que dizer... Ele não é o que eu esperava de um anjo.

Ares riu. Ela ama quando ele faz isso. — O que você esperava?

— Que talvez eles fossem um pouco mais... Rígidos. Ou justos.

Ares bufou. — Ele não é como os outros anjos. Todos eles têm superioridades complexas e paus nas suas bundas santas. Reaver é diferente. Provavelmente porque ele passou muito tempo como um anjo caído.

— Sério? Ele caiu? E ele foi capaz de voltar?

— Um anjo pode cair, mas se ele não entrar em Sheoul, ele pode ser resgatado. Mas uma vez que um anjo caído entre em Sheoul, ele se

torna irreversivelmente mal. Reaver ganhou seu caminho de volta ao céu por ajudar a salvar o mundo não muito tempo atrás.

Não muito tempo? Ela não ia perguntar.

Um desses portais abriu atrás dele e um cavalo negro maciço saltou — mas não era como nenhum cavalo que Cara já tenha visto. Seus olhos brilharam vermelhos, seus dentes mais pareciam presas, e seus cascos queimaram o chão. Limos, sua armadura salpicada de sangue, estava na sela, habilmente orientando o garanhão com os joelhos. Foi-se a ultra feminina garota da praia, e de repente, Cara viu a guerreira que ela era.

— Tire Cara daqui. — ela gritou — Than está próximo.

Ares pegou a mão de Cara na dele e puxou-a contra seu corpo duro. — O que aconteceu?

— Reseph. O maldito idiota começou uma praga na Eslovênia que cortou a população pela metade, quase instantaneamente. — Seu garanhão dançou embaixo dela, tão agitado quando o seu mestre. — Outra coisa está acontecendo nessa área. Eu posso sentir necessidade e desespero, mas eu posso localizá-lo.

— Eu sinto algo parecido — Ares disse gravemente, e Cara e se perguntava se era por isso que tinha sido ferida tão firme. Então novamente, ele parecia como o tipo que sempre esteve preso esperando para ser liberado. — Pestilence foi lá?

— E Harvester. Ela estava se alimentando da morte. Os olhos de Limos brilharam como duas quentes ametistas. — Reseph foi — Seu olhar cintilou para Cara. — Foi ruim.

Cara olhou entre os dois. — Quem é Harvest?

— Nossa outra Sentinela, em contrapartida de Reaver — Limos fez um som de desgosto. — Ela é uma grande vadia.

Outro portal abriu, e Thanatos, no seu cavalo pardo, invadiu. Jesus, ele parecia algo vindo de um filme de terror... Dentes à mostra, narinas queimadas, veias salientes em seu pescoço e templo. As sombras que às vezes o rondavam tinham tomado forma, eram bocas abertas circulares. Uma rompeu com o grupo e atirou em sua direção com um grito ensurdecedor.

Ares jogou a mão, abriu um portal, e arrastou-o para ele. Ela agora entendia porque Thanatos era Morte.

Ele tinha assassinato em seus olhos.

O lugar para onde Ares instintivamente fugia quando ele precisava de uma fuga rápida era a sua ilha. Especificamente, o penhasco onde ele agarrou Cara pela primeira vez.

— O que foi aquilo? — Cara deu um passo para atrás do penhasco, seus olhos selvagens enquanto ela olhava para as rochas embaixo.

Ares se aproximou da beirada, colocando seu corpo entre ele e Cara. — Quando Thanatos é exposto a uma massa sinistra, ele... Muda.

— Como quando violência o excita? — Ela inalou duramente — desculpe.

Merda. Não era uma conversa confortável. — Sim. Como isso. Ele necessita matar.

— O que são aquelas sombras?

Ares olhou para a água, focando em um barco de pesca. Tinha uma diferencia entre ele e Cara: Levantou-se na grade perigo, mas parecia mais além. Ela afastou o perigo, mas manteve os olhos sobre ele — Elas são almas.

Como... *Almas?*

— Sua armadura recolhe elas. Toda vez que ele mata um demônio, humano ou animal, a alma é sugada para dentro de sua armadura.

O terror dela penetrou em sua própria armadura suave. — Oh, meu Deus. Eles estão presos com ele?

— Por um tempo. Quando ele fica com raiva ou vai para a batalha, ou se ele os chamar, eles tem uma chance de liberdade, mas somente se eles matarem alguma coisa.

— A alma da vítima substitui a sombra depois que ele ganha liberdade?

— Não.

— Ele pode pegar uma armadura diferente?

Ares balançou a cabeça; — Nenhum de nós pode. É parte de nós, como nossos cavalos e nossas maldições.

— Qual é a maldição de Limos?

Ares se virou para Cara, prendeu a respiração com a visão dela parada na brisa, os lábios rosados, seu cabelo sedoso soprando ao redor de seus ombros. Era difícil de acreditar que ela levantou aquela bunda pesada do chão, especialmente tendo em conta as olheiras escuras sob os olhos. Ela parecia exausta, e ao mesmo tempo, tão viva que ele teve que lembrar a si mesmo que ela estava morrendo, não importa o quão forte aparentava ser.

Eles morrem. Você os ama, e então eles morrem. Isso é o que vai acontecer com você, Cara. Você irá morrer, e então eu vou - Deus, ele não poderia acreditar que estava perdido daquele jeito. Ele nunca expôs a

si mesmo, mas Cara tinha desmontado suas defesas, e ele perguntou-se o quanto disso era devido à sua proximidade com o *agimortus*, e quanto era apenas... Ela.

Ele tinha que limpar a garganta para continuar. — Limos se tornou um perigo para ela mesma. Quando ela for atraída pela fome de qualquer tipo — uma falta de comida, remédios, água — ela cai em uma profunda depressão e se torna autodestrutiva. — Sempre tinha tomado Reseph para tirá-la dele.

— E Reseph?

— Ele levou uma doença, praga. Ele iria... Se tornar aquela doença; A fim de se livrar dela, ele tinha que matar alguém com ele. Se ele não fizesse, ele iria propagar a doença para onde ele fosse. Agora que ele é Pestilence, ele poderia causar qualquer doença que ele quisesse, mais potente e de mais rápida propagação. — Seu celular vibrou, e ele o verificou, amaldiçoou a mensagem de Kynan.

Onde está você? Você acharia que um Cavaleiro poderia ser um pouco mais rápido.

Difícil de acreditar, mas Aegi tinha na verdade se tornado mais irritante ao longo dos séculos.

Sorrindo forçado, ele pegou a mão de Cara. — Você está pronta para isso?

— Sim, — os olhos grandes de Cara o pegaram... ela olhava como o maldito Gato de Botas do *Shrek*, toda fofa e coração mole. O modo que ela olhou quando ela disse a ele que o via mais nele do que uma máquina de matar. Mas como ela poderia? Ninguém o tinha visto como mais do que isso. Mesmo os filhos de Ares tinham olhado para ele como o grande soldado que eles queriam ser quando eles crescerem.

Ele fez um som de nojo. Por mais que ele quisesse levá-la em seus braços, ele não podia. Eles estão em guerra, e ela ainda precisa endurecer muito se ela quiser sobreviver. Você é o único que fala. Você está amolecendo tanto quanto sua armadura quando ela está por perto.

— Ares — Cara disse, assim que ele abriu a boca para chamar Batalha. — Quem você perdeu?

— O que?

— Você disse que humanos morrem — Ela apertou sua mão, tinha também espremido o fôlego de seus pulmões. — Quem morreu?

Maldita. Ele não queria responder, mas as palavras saíram da sua boca. — Minha esposa. Meu irmão. Meus dois filhos. — Quando aquele olhar do Gato de botas se tornou líquido, ele terminou, bem ali. — Não tenha pena de mim. Não ouse.

Seu queixo veio pra cima. — Você não me disse como se sente.

Tudo bem, então ele queria que ela amadurecesse, mas a sua bravura só poderia virar em território audacioso com a pessoa errada. — Você sabe que eu poderia esmagá-la.

— Eu sei que você não vai.

— Porque, porque eu preciso te proteger?

— Não. — Ela cutucou no peitoral. — Porque você me deu um travesseiro.

Ele piscou. Essa lógica feminina o espancou, como Reseph teria dito. — Você está jogando sua vida em um travesseiro?

— Eu não duvido que você vá fazer o que tiver para salvar o mundo, você fez duras escolhas. Mas você não pega um travesseiro para alguém que você não tem problema em matar. — Ela impediu seu pulso e passou o dedo sobre as linhas que definiam o flanco de Batalha, e Ares sugou o ar com a sensação de que seus quadris e bunda estavam sendo acariciados. — Você vai deixá-lo fora ou não?

Em seu braço, chutou Batalha, como se ouvisse ela. Merda. — Batalha, para fora.

Batalha apareceu, e caso você não saiba, ao invés de cutucar Ares em saudação, ele aninhou Cara. — Olá. Amigo — ela ronronou, e o garanhão esfregou contra ela ainda mais. Cavalo estúpido.

— Venha aqui — Ares rosnou, — Cara, eu a ajudarei a subir...

Batalha se ajoelhou. Ele se ajoelhou *porra*. Cara atirou um olhar sarcástico para Ares e subiu na cela. Batalha voltou a levantar, e quando Cara foi para frente, Ares jurou que Batalha estava sorrindo também.

Murmurando obscenidades, Ares subiu no cavalo, enrolou um braço ao redor da cintura de Cara, e abriu um Harrowgate. — Eu vou materializar a alguns quarteirões das coordenadas — Ele inalou, e tomou o seu limpo, cheiro floral, e instantaneamente, seu corpo reagiu de um modo que somente acontece quando ele se dirige para um conflito.

Seu coração martelando, a adrenalina subindo, e droga, e queria se jogar para baixo com ela. *Se eu quero ter sexo, não é da sua conta me dizer que eu não posso lidar com isso.* Ele abafou um gemido miserável. — Eu não quero pular em uma armadilha. Eu também quero Batalha disponível se não houver problemas.

Especialmente pelo fato de que estar tão perto de Cara significava que sua armadura e armas seriam todas inúteis. Mais ou menos como o seu cérebro.

— Problema?

Ela era o problema. — Não confie em Aegi. E eu não ficaria surpreso de encontrar Pestilence à espreita.

— Você tem uma família verdadeiramente divertida, você sabe disso? Eu achava que a *minha* era esquisita.

Batalha começou em direção ao portal, mas Ares puxou as rédeas. Ela iria dizer que estava sozinha. Como ninguém para se importar se ela vive ou morre. Porque ele não perguntou sobre a família antes? Talvez porque ele era um bastardo insensível que se esqueceu como é ser humano.

— Eu pensei que você disse que não tinha família.

— Minha mãe morreu de câncer quando eu era pequena, e meu pai faleceu há alguns anos atrás. — Cara virou para que ela pudesse vê-lo, seus olhos tinham a cor da água ao redor da ilha, e ele queria mergulhar dentro. — Eu tenho uma meia irmã mais velha do segundo casamento do meu pai, mas brigamos muito, e eu não tenho visto ela ou minha madrastra desde o funeral.

— E você disse que não tem namorado?

— Se eu tivesse, você não teria me tocado no chuveiro.

Inexplicavelmente satisfeito com isso, ele impulsionou Batalha para dentro do Harrowgate. O garanhão caminhou para dentro do nevoeiro noturno que saiu direto do *The Hound of the Baskervilles*³⁰.

³⁰terceiro livro da série do detetive Sherlock Holmes escrito por Arthur Conan Doyle. N.T

Ajustando, vendo como eles iam buscar o cão infernal. Luzes de carro aceleraram em direção a eles, e Cara rosnou.

— Eles iam bater na gente!

— Nós estamos em outro plano. Nós não somos apenas invisíveis aos humanos, mas estamos sem forma.

— Eu pensei que você fazia isso para que as pessoas congelassem.

— Eu posso fazer isso também. Ou eu posso entrar no mundo e existir tal como os humanos.

— Mas então eles podem ver você.

— Sim, mas eu te disse que a minha presença faz as pessoas quererem lutar.

— E eu disse a você que eu posso entender isso completamente — ela disse, e ele sorriu.

Ele sorriu ainda mais quando ela se inclinou para ele. Mesmo através da armadura ele conseguia sentir aquele calor. Ele queria sentir mais dela. Menos dela. Droga, ele não sabia o que queria, e ele nunca tinha sido indeciso.

Perdendo o sorriso de adolescente apaixonado, ele estimulou Batalha em um galope, e subiram a uma propriedade rural que não era visível da estrada. A propriedade foi cercada por um muro baixo de pedra, e Ares apostaria sua bola esquerda que o perímetro era protegido contra criaturas do mal ou sobrenaturais. Nenhuma proteção o atingiu, mas algumas certamente poderiam impulsionar ele fora do *Khote*.

Não era com isso que ele estava preocupado. Sua preocupação era a cerca de armadilhas. Ele não iria apostar o Aegis do passado para querer proteger os dois, ele e Cara, na lista dos “mantenha-os salvos”. O Aegis sempre teve um sentido exagerado de seu poder e habilidades, pensando que somente eles eram capazes de fazer as grandes decisões. Esses bastardos egoístas chupariam seus próprios paus se pudessem.

Ares guiou Batalha em torno do perímetro, e embora tendo localizado pedras escondidas gravadas com proteção e símbolos mágicos não encontrou nenhuma evidência de armadilha. Com um comando, ele lançou o *Khote*.

— Eu senti isso — Cara murmurou — Nós não estamos invisíveis agora, estamos?

— Sim. Sem dúvidas que nós estamos sendo vigiados. — Quando se aproximaram do portão de ferro forjado, ele se abriu. — Definitivamente vigiados.

Um uivo lúgubre derivou através da névoa, e Cara sentou para frente da sela, que passou sua bunda firmemente contra sua virilha, e ele mordeu a língua. Santo deus, ele está queimando por ela.

— É Hal.

A lembrança de que eles estavam indo para resgatar o cão infernal que estava ligado a ela transformou seu fogo interior em uma fenda.

À frente, uma mansão coberta por videiras se materializou fora do nevoeiro.

Dependências espalhavam pelo campo gramado por trás dela, e à frente, em posição de sentido, havia uma dúzia ou isso de humanos, incluindo Kynan. A gaiola foi colocada na unidade, centrado no topo de um pentagrama de sal.

Ódio bruto e instantâneo escorreu pelas veias de Ares, como se estivesse correndo areia quente ao invés de sangue. Cada osso do corpo de Ares queria abater a coisa e mandá-la para o Caos em pedaços - da forma como Ares tinha encontrado seu irmão e filhos.

Pisoteando seus cascos, Batalha jogou a cabeça. Ele odeia cão do inferno tanto quanto Ares, e as vibrações hostis vindas dos Guardiões não estavam fazendo o garanhão ficar mais calmo.

— Calma, garoto, — ele murmurou. — Nós não vamos lutar hoje. — Pena, também, porque Ares estava tão espremido como o seu cavalo, apesar de dar o crédito a Cara por isso. Ele trouxe Batalha para uma parada a dez metros dos Guardiões.

— Ares. — Kynan deu um passo à frente. A maioria de sua tripulação estava observando com admiração, mas eles também estavam cautelosos, flexionando os dedos, como se estivessem se preparando para ir para as armas escondidas em seus cintos de couro no ombro. Isso seria um grande erro. Ele varreu a mão atrás dele. — Esses são nossos Guardiões das celas de Yorkshire.

Ares desceu de Batalha. — Eles parecem felizes em me encontrar.

— Confiem em mim, — Kynan disse com um sorriso torto, — eles tem falado sobre você por meses.

Ele bufou. — Anos.

Uma mulher muito grávida sai da casa, sua roupa gótica preta combinava com seu cabelo listrado de preto e azul. Kynan estendeu a mão para ela mantendo os olhos em Ares. — Esta é a minha esposa, Gem. Eu a trouxe comigo porque ela pode dar a luz a qualquer minuto.

A mulher esfregou sua barriga. — Esse minuto é agora.

A respiração aguda de Kynan era audível mesmo sobre o lamento do Hal. — Você tem certeza? Nós temos que ligar para Eidolon. E Shade. Ele é o seu controle da dor, certo? E Tayla. Você ligou para Tay?

Ares sempre tinha pensado que o pânico paternal era ficção—quando seus próprios filhos nasceram, ele tinha sido avisado por um mensageiro, semanas após os nascimentos. Mas se ele tivesse estado lá, duvidava que tivesse ficado apavorado. Durante esse tempo, homens têm pouco o que fazer com grávidas e nascimentos e bebês, e enquanto todos sobreviverem ao calvário estará tudo bem.

O sorriso de Gem se transformou em uma careta. — Eu acabei de desligar o telefone com ela. Eu disse a ela que minha bolsa rompeu e o pessoal está indo para o hospital.

— Sua bolsa rompeu? — Kynan revistava os bolsos, talvez procurando por um telefone ou chaves. — Nós temos que levar você para a UG.

UG? Ela era um demônio então. Um dos líderes da organização de caça ao demônio era casado com um demônio? Talvez o Aegis *tenha* mudado.

— Nós estamos indo pegar o cão e saímos então, — Ares disse, e quase teve um ataque do coração quando ele olhou para a gaiola, onde Cara já estava de joelhos e abraçando o animal através das grades. Não importava se o canino fosse ligado a ela — ainda poderia matá-la.

Talvez. Ares não sabia. Merda, ele tem que colocar suas emoções sob controle. Pensar como um soldado.

O que não era fácil, devido à proximidade de Cara.

— Hum... Senhora, você não vai querer chegar tão perto, — um dos guardas falou. Todos do Aegis olharam, olhos arregalados e apavorados. Mesmo Gem, que estava em trabalho de parto, não se mexia, não importa o quão forte Kynan puxava ela.

Finalmente, ele a pegou em seus braços. Ela passou seu braço ao redor do ombro dele e acariciou sua orelha, e fundo por dentro de Ares, algo acendeu. Saudade? Inveja? Sua esposa não tinha sido carinhosa, absolutamente. Atenciosa, sim, mas eles nunca compartilharam momentos íntimos como esse, e como Kynan olhava para a barriga inchada de sua esposa, sua expressão era uma mistura de preocupação, alegria e amor.

Os olhos de Ares se moveram para Cara, e ele realmente tinha que engolir um nó na garganta.

Tire sua cabeça fora de sua bunda. Ele podia ouvir o latido do seu pai, poderia jurar que um sopro atingiu seu rosto era um golpe do seu pai. O bastardo estava no tumulto há muito tempo, e ele ainda tem o poder de atingi-lo e tentar colocar Ares em seu lugar.

Pela primeira vez, Ares deu boas vindas à interferência do seu pai. Ele não permitira que Cara se importasse com ele. Ela vai morrer.

Mesmo que ela não morra por causa do agimortus, ela morreria muito antes dele, mesmo com o vínculo com o cão infernal. Um par de centenas de anos é tempo de vida de uma mosca de fruta para imortais.

E para que diabos ele estava correndo pelos cenários? Amor não era uma opção para ele. Nunca foi. Cuidar de alguém te faz fraco. Faz você fazer as mais estúpidas decisões. Ele tinha visto tudo ao longo dos séculos; homens perdendo propriedades, guerras, suas próprias vidas pelo amor de uma mulher.

Idiotas.

— William, você lida com isso. — Kynan desajeitadamente pegou chaves do bolso. — Eu vou deixar o Rover próximo do Woodacre.

Tem um Harrowgate aqui, mas ainda era há dez milhas de distância. — Kynan. — Ares abriu um portal do lado de fora da cerca da propriedade. — Pegue. Você vai sair no Underworld General.

Gem espiou por cima do ombro de Kynan para admirar obra de Ares. — Isto é tão legal. Eu quero este poder.

Kyran olhou o Harrowgate com desconfiança, até Gem golpear no ombro. — Oi! Você quer que eu dê à luz a essa criança aqui? O bebê é encantado, se lembra? Enquanto ele estiver em minha barriga, nada pode me machucar.

Kynan atirou a Ares um olhar que dizia, — Se você nos pousar em um poço de sangue em Sheoul, você está morto, — e então passou para o portal, percorrendo depois de apenas um segundo de hesitação.

Ares se moveu para perto de Cara, mas quando o vira lata enlouqueceu, rosnando e mordendo, ele parou. Batalha não. Ele alcançou a gaiola antes de Ares poderia detê-lo, ele se ergueu para quebrar a caixa e o cão em pedaços.

Cara saltou para seus pés, se colocou entre o cavalo de batalha de dois mil quilos e a gaiola de ferro.

— *Não!* O grito de Ares saiu como um estrondo profundo, horrizado de como Batalha veio com força suficiente para fazer o chão tremer.

Ele parou a poucos centímetros de esmagar Cara. Ela ficou ali, nem mesmo perturbada e pegou o rosto de Batalha em suas mãos. O cavalo se acalmou imediatamente, mas Ares estava tremendo como uma folha, e seu medo se transformou abruptamente em raiva.

— Maldição — ele falou. — Que porra você estava pensando Cara? Ele podia ter te matado.

— Não fale assim comigo. — Ela olhou para ele enquanto acariciava as bochechas de Batalha. — Obviamente, eu estou bem.

Os Guardiões recuaram, os dedos rápidos pairando sobre suas armas. Ótimo. Eles agora achavam que ele não era apenas incompetente, mas um idiota também. Rosnando, ele estendeu o braço. — Batalha, entre.

O cavalo deu um relincho furioso que pairava no ar mesmo depois que estava firme na pele de Ares.

— Isto, — Cara bufou, — é desnecessário.

— Não, — Ele gritou, — não é. Quando você libertasse o viralata, teria havido problemas.

— Eu poderia lidar com ele.

— *Eu* lido com isso. Agora vamos fazer isso. — Ele virou para os Guardiões. — É melhor vocês assistirem de dentro da casa.

Eles se retiraram, e ele deixou Cara ir em frente. — A alavanca no topo deve abrir à gaiola. — Casualmente, ele colocou a mão no punho da sua espada, mesmo que ele não pudesse ferir o animal para o medo de atingir Cara.

Ela deu um empurrão na alavanca, e a porta aberta chocalhou. O cão infernal saiu da gaiola, aproveitou, e levou Cara ao chão. O coração de Ares prendeu em sua garganta, mas quando Cara soltou um grito de prazer e o cão banhava seu rosto com beijos desleixados, estava claro

que não havia nenhum perigo aqui. Sem perigo para ela, de qualquer forma.

Hal levantou sua cabeça momentaneamente para descascar os lábios em um aviso silencioso destinado a Ares, e Ares retornou, esperando que seu ódio viesse alto e bom som. Lidar com este bastardo não iria ser divertido.

— Cara, vamos. Eu não gosto como você está exposta.

Ela disse para Hal se levantar, e ele arrancou através do gramado. — Ele precisa correr. Talvez nós possamos caminhar para o portão ao invés de dirigir? Dar a ele uma chance para esticar as pernas?

— Cara...

— Por favor?

Isso ia contra seu bom julgamento, mas Cara tinha passado por muita coisa, com pouco disso em seu controle, e ele podia fazer essa única coisa pra ela, ele supôs.

Duas batidas do coração depois, suas próprias palavras, latindo para os soldados, ecoou na cabeça de Ares como uma sentença de morte. *Nunca deixe uma mulher influenciar você. Nunca. Ou eu prometo que você vai se arrepender.*

CAPÍTULO



DEZESSETE

Cara e Ares andaram pelas terras em direção ao portão, ele ia com passos decididos, ela mais tranquila, e ele tinha que ficar parando para esperá-la. Mas droga, essa era a primeira vez que ela se sentia um pouco normal em dias, e andar por um grande espaço com grama enquanto Hal saltava caçando passarinhos era simplesmente bom. Relaxante, calmo.

— Por que você não gosta de cães do inferno? — Ela perguntou, e Ares soltou um leve grunhido.

— Não é que eu não goste deles — mesmo sem armadura e armas, ele se movia como um predador pela entrada, seu olhar afiado em constante movimento, as narinas acendendo como se ele estivesse procurando o cheiro de perigo. — Eu odeio eles com cada célula de meu corpo.

— Isso é um pouco severo.

Ele se virou para ela, seu grande corpo pulsando ameaçador, mas ela sabia instintivamente que esse humor não estava direcionado para ela.

— Um deles matou meu irmão e meus filhos.

— Que horrível — um pulmão entupiu a garganta dela, e ela teve que engolir algumas vezes antes que pudesse falar. — O que você fez?

— Eu cacei aquele filho da puta durante séculos. Matei alguns do bando dele, mas nunca consegui matá-lo. De vez em quando, ele e o bando armavam uma para mim, me paralisavam com uma mordida, e depois passavam dias me comendo vivo.

Oh, Deus.

— Eles... *Comeram* você?

— Graças à minha habilidade de regenerar, sim. Eu os alimentei bem, e eu senti cada mordida. Quando um deles arrancou minha perna na junta do quadril, eu não conseguia nem desmaiar de dor. Então eu tive que vê-los roendo ela, bem do lado da minha cabeça.

Náusea borbulhou na garganta dela. Ela não conseguia imaginar Hal, aquele filhotinho dócil que estava rolando na grama, fazendo aquilo.

— É, ele faria isso — Ares disse, sabendo de alguma forma o que ela estava pensando. — Ele é só um filhote, mas quando ele crescer completamente será tão grande quanto um búfalo com um apetite por crueldade que combina com seu tamanho.

— Como aquele que te atacou na sua casa? O pai de Hal?

— O pai de Hal foi o mesmíssimo cão que matou meus filhos e irmão.

Oh... *Droga*.

— Hal... Ele não... Quero dizer, olhe para ele.

Hal se inclinou no ar, suas patas estalando enquanto ele pegava um pássaro que tinha perseguido. O pobre pássaro sumiu em um instante, uma explosão de penas flutuando sobre a cabeça de Hal.

— Claro — Ares disse ironicamente. — Olhe para ele.

— Menino mau — ela o repreendeu. Hal abanou o rabo e inclinou a cabeça, com as orelhas caídas e babando. Como um filhote como ele poderia se tornar a besta demoníaca que Ares estava falando?

Ares bufou.

— Só espere até ele estar caçando pessoas em vez de pássaros.

— É isso... — ela engoliu em seco. — É isso que eles comem?

— Não normalmente. Eles são habitantes do Sheoul. Eles raramente viajam para o reino dos humanos a menos que sejam convocados ou trazidos para cá.

— Então ele consegue ir e voltar? Caçar no Sheoul?

Ares inclinou a cabeça em um aceno rápido.

— Eles não precisam de Harrowgates, e normalmente eles são invisíveis para os humanos quando eles estão na superfície. Ele pode estar invisível agora, na verdade. Podemos vê-lo porque somos parte do mundo sobrenatural.

Ela passou os dedos sobre o peito, sentindo as linhas saltadas da nova marca através do moletom.

— Por causa disso.

— E da ligação com Hal — o olhar dele caiu para onde ela esfregava a marca, e a energia que saía dele alternou de ameaçadora para erótica.

Na casa de Than, ele tinha dito que sentia coisas que não deveria sentir. Que ele queria mantê-la viva por mais motivos de que proteger seu Selo. E que ele queria jogá-la no chão e transar com ela até estarem os dois exaustos.

Ele não deveria querer nada daquilo. Bem, talvez o sexo. Abrir seu coração de novo poderia ser um erro colossal. Mas cada vez que ela tinha um vislumbre do homem por trás da espada, cada vez que ele a envolvia nos braços protetores, isso tocava na parte dela que queria ser cuidada e mantida em segurança. Ares sabia da habilidade dela, sabia o que ela tinha feito, e ele não a tratou como se ela fosse uma louca, e só aquilo rendia a ele muitos pontos.

— O que é Ares? — Ela provavelmente não deveria ter perguntado, mas ela nunca fora boa com sutilezas, e com toda a incerteza em sua vida agora, ela queria ficar clara com isso, pelo menos. — Não consigo ler seus sinais, e eu não sei quem é você.

— Sou um guerreiro.

— Sim, eu sei quem você diz que é, mas por que diz isso? É um guerreiro de nascença? Por opção? Pelas circunstâncias?

— Todas as alternativas — ele inclinou a cabeça em direção à saída. — Devemos ir.

Ela agarrou seu pulso, e ele enrijeceu, mas não a afastou.

— Quando você nasceu?

— Droga, Cara, não temos tempo para isso — as palavras eram bravas, mas ele soltou um suspiro sofrido, e ela sabia que tinha pego ele. Por um momento, pelo menos.

— Faça minha vontade. Fiz tudo o que você queria. Me dê isso.

Uma sobrancelha arqueou.

— Os orgasmos não foram suficientes?

Um prazeroso bater de asas encheu sua barriga.

— Mulheres gostam de uma conversa de travesseiro junto com eles, e você me negou isso.

— Pelo menos te dei um travesseiro — com o olhar seco dela, ele virou os olhos. — Nasci por volta do século trinta e cinco antes de Cristo.

— Você sabia o que você era?

Ele olhou para o céu cinza.

— Por quarenta e oito anos eu achei que era humano. Minha mãe demônio sequestrava bebês humanos de seus berços e trocava por nós. Ela usava algum tipo de encantamento para fazer que nossos pais humanos nos dessem os nomes que ela escolhia.

— O que acontecia com os bebês que ela roubava?

Ele hesitou.

— Você não quer saber.

Não, provavelmente não.

— Onde você cresceu?

— Egito — ele olhou sobre ela, para Hal, seu olhar ficando afiado de ódio. — Agora, nós vamos.

Fingindo que não tinha ouvido, ela continuou.

— Você teve filhos. Você teve uma esposa?

— Fiz suas vontades por muito tempo... — ele girou tão rápido que ela gritou. — Quem é você? Apareça!

Cara ouviu o rangido do cascalho, enquanto um homem deu a volta em um portão de ferro da propriedade.

— Sou o David. Sou um Guardião.

Um profundo e retumbante grunhido surgiu por trás dela quando Hal, se agachando no chão, se acalmou com eles. Ela baixou a mão na cabeça dele, tranquilizando-o com seu toque.

— Está tudo bem, Hal. Shh — A última coisa de que eles precisavam era o cão rasgando ao meio um dos matadores de demônios do Aegis.

Ares pegou a mão dela e a levou para a estrada. Hal acompanhou, apesar de continuar com as orelhas para trás, e os dentes à mostra em um rosnado silencioso. O Guardião sabiamente recuou, com as mãos levantadas.

No momento em que eles pisaram fora da propriedade, à floresta veio à vida. Um grito ficou preso na garganta de Cara quando as criaturas surgiram das árvores, do chão, e do ar leve.

Em uma onda graciosa, Ares puxou sua espada e abriu o Harrowgate simultaneamente.

— Cara, vai! — Ele pulou e girou, arrancando a cabeça de um demônio enquanto corria aos trancos e barrancos para a abertura.

Alguma coisa envolveu a garganta dela e a puxou para trás. Ofegando, ela conseguiu puxar a corda, se firmando nos saltos quando um demônio de pele cinzenta a puxava em sua direção. Um vislumbre de pelos pretos, dentes e garras passou por ela, e o demônio que a tinha capturado gritou enquanto Hal o rasgou no meio.

— Cara! — Um demônio assustador com ganchos no lugar das mãos virou para Ares, um gancho se enterrando em sua armadura.

Ares caiu para trás enquanto acertava com uma adaga. Ela nem arranhou a criatura. — Sua presença está... — ele parou de falar para dar um soco na cara achatada de outro demônio. —... Afetando minha habilidade de lutar.

Ela correu para o portal, mas a dois pés da entrada, um demônio verde e escamoso deu uma rasteira nela. Ela bateu no chão forte o suficiente para perder o ar dos pulmões. Fogo substituiu o ar enquanto ela lutava para respirar, e então o terror congelou seu sangue quando viu uma espada maldosa e serrilhada cortando um arco na direção de sua garganta.

Um rugido estourou no ar, e então Ares estava lá, com o pé esmagando a cabeça do demônio. A espada escapou da mão com garras, e Cara saiu rolando debaixo do demônio agora sangrento. Ela agarrou a adaga, empurrou para cima quando um demônio se virou para ela.

Ela acertou a criatura longilínea na garganta. Ela guinchou e caiu, e outra a substituiu. E mais uma vez, Ares arrancou a cabeça do demônio, e se era assim que ele lutava quando estava lutando mal, ela não podia imaginar o que ele podia fazer normalmente.

Hal rasgou outro demônio que se jogou contra ela, e sangue azul se espalhou no chão. Uma chuva de flechas caiu, e ela olhou para os Guardiães correndo na direção deles, alguns atirando flechas e outros brandindo espadas.

— O Portal! — Ares gritou, e sim, ela estava tentando. No meio do banho de sangue, ela rastejou, finalmente alcançando a cortina de luz tremeluzente, e passou.

Ela surgiu na ilha grega de Ares. Hal a seguiu, pousando em cima dela. Ele estava coberto de sangue, e ela imediatamente pôs as mãos nele, procurando por ferimentos. Ele tinha alguns cortes pequenos, e mesmo sem invocar, sua habilidade piscou quente e canalizou para ele. Ela silvou de surpresa e breve dor ao mesmo tempo em que a equipe de Ares chegou correndo, e que doideira era essa que os demônios estavam vindo na direção dela, e tudo o que ela sentia era alívio?

— Cara! — Limos correu na direção dela, ainda de armadura. — Onde está o Ares?

Cara se levantou. — Demônios nos atacaram. Ele está lutando contra eles...

— Tudo bem. Vamos entrar — ela pegou o braço de Cara, e Hal soltou um rosnado vicioso. Dançando do lado, Limos pegou a adaga em seu quadril.

— Não! — Cara agarrou a mão de Limos. — Não o provoque. Hal está tudo bem. Comporte-se. Eles são amigos.

Um estouro de irritação saiu dele, mas ele parou de grunhir. *Onde estamos?*

— Em segurança — ela respondeu, piscando quando percebeu que tinha entendido ele. Assim como nos sonhos. — Esta é a ilha de Ares.

Eu patrulho. Eu te mantenho em segurança. Ele se afastou, contornando os demônios Ramreel e desaparecendo nos arbustos.

Cara deixou Limos a levar para dentro.

— Ares vai ficar bem? Havia muitos demônios. Talvez você possa ajudar.

Limos bufou.

— Acredite, ele vai ficar bem.

— Mas tinha muitos Aegi. Ares estava preocupado com uma armadilha.

— Escute, humana — Limos passou os dedos na garganta, e sua armadura derreteu, a deixando com uma veste havaiana novamente. — Ele é imortal. Desde que não haja nenhum cão do inferno lá...

— Havia — ela mentiu.

Limos congelou.

— O quê? Tem certeza?

— Sim — Cara engoliu seco, se sentindo mal por ter mentido, mas sem querer arriscar a vida de Ares. — Por favor. Ajude ele.

— Cacete — Limos abriu um portal, mas antes que ela passasse, ela apontou o dedo para Cara.

— Fique aqui, e não saia de casa por nada.



— *Cara te disse o quê?* — Ares rosnou para Limos enquanto prendia o último demônio no chão com sua espada como se fosse um inseto numa caixa de exibição. Todos em volta dele, Guardiães estavam se limpando da batalha, ajudando uns aos outros. Parecia que todos estavam feridos, dois criticamente, e um estava morto. Morto, junto com várias dúzias de demônios que já estavam se desintegrando.

O resto tinha fugido quando Cara escapou pelo Harrowgate. Claramente, assim que o alvo tinha ido embora, eles não estavam a fim de ficar para serem mortos por Ares e seus parceiros do Aegis.

Limos limpou a espada na grama.

— Ela mentiu. Eu vou matá-la.

— Não se eu chegar a ela antes — A mentira tinha a deixado sem um Cavaleiro para protegê-la. Ares puxou sua espada de um demônio. — Than já saiu de sua fúria?

— Sim. Ele foi para Nova Zelândia para seguir uma pisca sobre um anjo caído.

— Ajude-o — Ares disse. — Precisamos de um. Agora.

Limos fez uma reverência.

— Sim, senhor — o sarcasmo dela era temperado por um sorriso travesso quando ela criou um Harrowgate e entrou.

Ares fez o mesmo, e surgiu em seu salão, onde não havia sinal da humana.

— Cara! — Ele rugiu.

Torrent apareceu vindo da cozinha com um prato com vapor muito cheio de cordeiro assado e legumes, Rath correndo por entre suas pernas.

— Ela estava aqui há um segundo — ele disse.

— Droga! — Ares andou pela casa, o medo espinhando sua raiva. Ela não estava na suíte mestra, nem nos outros quartos. Sua

ansiedade aumentava cada vez que checava os quartos e eles continuavam vazios.

E então uma suspeita repentina quase o endoidou.

— *O quarto.*

Com pavor correndo em suas veias como algo viscoso, ele correu para o corredor logo após a despensa. A porta para a escadaria estava entreaberta, confirmando suas suspeitas. Ele desceu os degraus de pedra de três em três. A passagem estreita e não terminada estava escura, mas uma luz vinda da sala lá embaixo brilhava.

Ele insistia que o quarto estivesse iluminado. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Ele acertou os degraus, derrapou e parou, Cara estava de pé na frente da antiga estante de livros, inclinada de um jeito que ele conseguia parcialmente ver seu perfil. Ela tinha aberto uma caixa que ele guardava lá e estava segurando os itens que estavam lá dentro. Uma raiva irracional pegou uma carona com adrenalina e medo pela segurança de Cara, e ele deu uma bronca.

— *Afastese disso.*

Cara pulou, se virou, e quase derrubou o cavalo e o cachorro de gesso. Caramba! Se os brinquedos tivessem quebrado, ele teria... Simplesmente... Caramba.

— Me desculpe... Eu estava...

— Você estava mexendo nas minhas coisas.

Com cuidado, ela colocou os animais de brinquedo na caixa, junto com o chocalho de madeira. Mas ela passou o polegar sobre o anel de bronze e a esmeralda verde-leitoso presa nele.

— É lindo — ela sussurrou.

A garganta dele se fechou.

— Era da minha esposa.

Ele o guardou na caixa.

— E as outras coisas?

— Eram dos meus filhos. Agora vá embora.

— A luz estava acesa...

— Cai. Fora.

— Eu só queria saber mais sobre você.

— Eu disse que minha família foi morta. Do que mais você precisa? — Ele deu um passo para dentro, e o quarto se fechou. Ele não entrava aqui por décadas. Vulgrim mantinha limpo e com as luzes funcionando, mas Ares não tinha coragem de visitar o quarto. Saber que ele tinha sido tão covarde elevou ainda mais seu temperamento. — Saia.

Pena surgiu nos olhos dela, e isso não era só a cobertura do bolo?

— Lamento pela sua família — ela fechou a tampa da caixa tão suavemente que ele mal ouviu o clique do pequeno fecho. O olhar dela viajou pelo quarto, que continha todas as posses que ele pôde recuperar dos tempos em que ele era humano. — Por que a luz estava acesa?

Quantas vezes ele tinha dito para ela sair, e ela ainda estava ali, perguntando sobre as luzes? Ele devia derrubá-la, mas ele não confiava em si mesmo para tocar nela. Ele estava muito nervoso, e ele a queria muito.

— Eu sempre deixo acesa. Meu filho mais novo tinha medo do escuro — ele tinha achado estupidez na época, não entendera medos infantis, porque ele nunca teve medo de nada quando era criança.

O quarto estava ficando seriamente claustrofóbico. Ele não quis se importar em mandar Cara ir embora de novo. Ele saiu nervoso de lá. Às vezes, a melhor estratégia era se retirar e reagrupar.

Cara o chamou, mas ele continuou andando, não parou até chegar ao pátio particular, com três paredes, de seu quarto. Ele só queria sessenta segundos sozinho...

— Ares.

Droga. Ele não se virou. Em vez disso, ele olhou para o mar enquanto os últimos raios de sol jogavam seu resplendor na água. Era sua hora do dia favorita, quando os adoradores do sol estavam relaxando e os moradores da noite estavam só começando a se mexer. Nessa breve janela de tempo, tudo estava quieto. Relembrando dos dias militares, eles chamavam isso de hora das “sombras de paz”, porque não importasse quão brava a luta tinha sido, ela desacelerava, por alguns minutos, enquanto todos ajustavam suas táticas.

— O que aconteceu? — Ela perguntou baixinho. — Quero dizer, como tudo isso veio abaixo?

À distância, o horizonte grego começou a se iluminar, e punhados de fumaça das cozinhas e fogueiras da praia formavam gavinhas espirais e lentas que alcançavam as nuvens. Ele pensou no assunto, que deveria haver ventos fortes, trazendo chuva, e talvez um tornado ou dois.

— Eu tinha vinte e oito anos. Morava com meu irmão, minha esposa e meus filhos. Na época, eu achava que era humano, e eu não sabia que os homens que invadiram a cidade eram criaturas do inferno

em peles humanas. Enviei meus filhos com meu irmão, e eles fugiram da cidade, mas os demônios capturaram a mim e a minha esposa. Eles me obrigaram a ver enquanto eles a torturavam e a matavam. Depois disso, eles me soltaram. Depois, eu descobri que esse era o cartão de visitas do inferno. Momento para eu e meus irmãos irem para casa.

— O que você fez? — A voz dela era tão suave quanto à brisa, não ameaçadora, e esse foi o único motivo que o fez continuar.

— Encontrei Ekkad e meus filhos, e reunimos meu exército enquanto demônios surgiam do inferno em suas formas reais. Limos escapou do Sheoul durante a revolta, e quando ela nos encontrou, ela explicou a verdade de nossa existência. Que nós devemos nos juntar às forças do mal e usar nosso conhecimento sobre os humanos para destruí-los. Ela me avisou que os demônios fariam de tudo para nos colocar do lado deles. Que se eu não me juntasse, meus filhos iriam morrer. Eu não dei ouvidos. Achei que eu pudesse proteger minha família.

Ela bufou, balançou a cabeça.

— Eu fui um idiota. Por dois anos, meus irmãos e eu batalhamos contra demônios. Ekkad era meu braço direito, meu estrategista, e eu ensinei meus filhos a lutar. Eles eram iguais a mim, mesmo jovens como eram, eram fortes, rápidos, e se curavam rapidamente. Um dia, a briga estava pior que o normal, nós estávamos muito desfalcados, e eu enviei meus meninos de volta para a cabine de comando com Ekkad.

Quando eu voltei, eu os encontrei — ele fechou os olhos, mas a escuridão não apagou as lembranças. — O cão do inferno tinha...

— Tudo bem. Não precisa dizer mais nada.

— Sim, preciso — ele soltou um suspiro vacilante. — Meu irmão e meus filhos morreram por minha causa. Porque os demônios sabiam exatamente como me machucar. E naquele dia, eu fiquei tão mau quanto pude ser sem romper o Selo. Fiquei louco de raiva. Reuni mais humanos no meu exército... Subornei eles, coagi eles, forcei eles. Homens, mulheres, crianças. Não importava. Tudo que eu queria era que os demônios morressem. Os humanos eram descartáveis para mim. Eu rejeitei estratégias que levariam mais tempo e salvariam vidas e em vez delas preferi vitórias rápidas com números completos. Na essência, eu os enviei à morte por causa das minhas necessidades particulares. Meus irmãos ajudaram, e foi assim até que nós fomos trazidos para o inferno pelos anjos e amaldiçoados.

Ele podia quase sentir asco esvaindo de Cara. Ele definitivamente ouviu o asco na voz raspada dela.

— Por que não há registros disso?

— Porque os anjos consertaram tudo. Eles apagaram memórias, criaram cenários alternativos, e destruíram todas as evidências escritas. Basicamente, o mundo começou de novo a partir daquele ponto.

O som das ondas do oceano quebrando nas pedras abaixo preencheu um longo silêncio.

— Se demônios mataram sua família...

— Por que eu os emprego? — Ele não esperou ela responder. — Eu encontrei Vulgrim quando ele era uma criança. Seu bando havia sido aniquilado pela praga. Quem não estava morto estava morrendo. Todos exceto Vulgrim. Limos acha que o pai dele era de outro bando que tinha desenvolvido uma imunidade à doença. Ele era muito pequeno para cuidar de si mesmo. Não sei por que eu não o abandonei, nunca fui apaixonado por Ramreels, mas eu o peguei. Levei ele para casa e o amamentei até se curar com leite de cabra.

— Gentil da sua parte.

Ele deu de ombros, ainda olhando para o mar, que tinha escurecido, apesar de, embaixo d'água, algas que absorvem luz estarem brilhando, pequenas pistas de pouso nas ondas.

— Ele acabou sendo uma boa criança. Adolescente excêntrico. Mas um adulto competente, e sua lealdade a mim é inquestionável. Ele me considera como um pai.

— Você é bem apegado a ele.

Mais do que ele admitiria em voz alta. Ele lembra de ter tentado ensinar Vulgrim a andar de cavalo, e só depois de uma dúzia de quedas

ele percebeu que a psicologia dos Ramreel tornava praticamente impossível para eles andarem de cavalo. Vulgrim gostava de contar essa história sempre que ele achava que Ares precisava ser humilhado, e Ares agia todo irritado, mas na verdade, ele gostava das provocações que poucos ousariam fazer.

— É engraçado — ele disse. — Às vezes eu me pergunto se ele teria se dado bem com meus filhos — eles não tinham sido...? Sim.

Houve um longo silêncio, e então:

— Você amava sua esposa?

Ele sorriu, mas ela não poderia ter visto.

— Amor nunca fez parte da nossa vida. Foi um casamento arranjado. Minha esposa sabia o que era esperado dela, e ela me agradou bem o suficiente.

— Bem... *O suficiente?* Soa como se fosse divertido estar com ela.

— Ela tinha uma vida boa — a morte dela é que foi a atrocidade.
— Não precisa ficar ofendida por ela. Eu não batia nela, eu permitia que ela gastasse com luxos, e eu não tinha amantes.

— Que atencioso.

Ele se virou para Cara, e tirou uma mecha de cabelo de seu rosto, solta pelo vento.

— Não tem nada a ver com ser atencioso. Na verdade, eu era um idiota. Eu simplesmente não tinha interesse em mulheres. Batalhar era a minha vida — ele balançou as sobrancelhas. — O deus grego, Ares, é baseado em mim.

Ela revirou os olhos.

— Isso deve ter sido um impulso no ego.

— Sinto falta da época do império grego. Era legal ser um deus — ele suspirou. — E aí surgiram as religiões monoteístas e arruinaram tudo.

— Caramba, lamento.

Ele riu com o sarcasmo dela.

— Torna as coisas mais fáceis para os humanos, eu acho, mas eles entenderam a maior parte de tudo isso da forma errada. A população de hoje não faz ideia de como a manipulação dos fatos tomou lugar durante os séculos. Ainda me impressiona o fato de que as pessoas passam mais tempo pesquisando um novo veículo do que a

religião à qual eles confiam sua alma. Eles deviam colocar a fé no CARFAX³¹. A história chocaria as pessoas.

Uma sobrancelha delicada se levantou na testa dela.

— Acho que alguém está sendo mais amargo porque não é mais um deus grego — sua boca se entortou com divertimento, e ela cruzou os braços sobre o peito, e isso estufou bem seus seios. — Mas você e seus irmãos devem ter se divertido, observando a história acontecer e sendo parte dela.

— Às vezes — ele admitiu. Ele se virou para o mar e se concentrou em algumas luzes dos barcos flutuando à distância. — Mas na maior parte do tempo ficávamos observando os eventos acontecerem e imaginando se seriam sinais sobre o rompimento de nossos Selos. E infelizmente, nós passamos tempo demais vadiando quando devíamos estar tentando mais localizar e proteger nossos *agimortis*.

— Sinto muito — Cara disse suavemente. — Eu fui um pouco egoísta — ele sentiu a mão dela em suas costas, e ele estava muito chocado para se mexer.

— Egoísta? Você teve tudo tirado de você. Como você está sendo egoísta?

³¹(Carfax, Inc. é um serviço comercial na internet que fornece relatórios de histórico de veículos para pessoas físicas e empresas sobre carros usados e caminhões leves para os mercados americano e canadense)

— Eu não pensei como isso tem que ser horrível para você. Seu irmão se virou contra você, e pode ser só uma questão de tempo até você sucumbir ao mesmo destino.

Nossa. Ela estava falando sério. Ela realmente se importava com o que ele sentia. Ele não tinha certeza se ele gostava disso ou não, mas ele sabia que não queria falar sobre isso. — Por que você mentiu para Limos?

Sua mão subiu até o pescoço dele e seus dedos fortes e flexíveis massagearam os músculos tensos do local. Depois de tudo que ele contara sobre o mal que tinha feito, ela ainda queria tocá-lo. Tranquilizá-lo. Ele não merecia, mas ele não faria nada para impedir.

— Cara? Por quê?

— Porque estava preocupada com você.

Em algum nível, a frase dela o agradou. Mas em um nível muito mais alto e sombrio, isso o irritou muito. Ela achava que ele não podia cuidar de si mesmo? Ela não ligava para sua própria vida? Ele se virou para ela.

— Isso foi estupidez, Cara. Você ficou vulnerável. Você gosta de ser atacada? É isso?

— N-não — ela recuou, e algo desesperado piscou em seus olhos, uma sombra que ele tinha visto muitas vezes durante o curso de sua vida.

Droga. Ele a alcançou, mas um rosnado vicioso o congelou no chão, e uma respiração quente e fétida contra seu ouvido deixou seus batimentos cardíacos em uma velocidade galopante que até Batalha invejaria. Ele não precisava olhar para saber que Hal estava agachado no chão, com os dentes a centímetros de sua garganta.

— Hal — Cara falou tão calma que ninguém poderia adivinhar que só um momento antes, ela parecia que poderia desatar em lágrimas. Droga... Todo este tempo, ele queria que ela ficasse mais forte, mas ela já era forte. Ela se recuperou fácil, completa e admiravelmente. — Ele não vai me machucar.

Ainda assim a besta rosnou, claramente sem acreditar no que Cara tinha a dizer. Ele respirou, e de repente, sua boca estava apertando a garganta de Ares. Os dentes não furaram, mas Ares não podia se mexer sem ser mordido ou arranhado.

— Cara — ele falou. — Mas. Que. Merda.

Ela lambeu os lábios.

— Sua raiva o assusta. Ele acha que você está me enganando.

— Convença-o do contrário — depois disso, ele iria encontrar um xamã, bruxo, feiticeiro... Alguém que pudesse quebrar a ligação com o cão, porque esse idiota precisava morrer, e seu criador morreria junto.

Devagar, ela tranquilizou os dois. Ela curvou uma mão no pescoço de Hal, e colocou a outra na nuca de Ares. Seus seios fizeram uma leve pressão contra o peito dele, e então ela ficou na ponta dos pés, colocando os lábios nos dele. E como você sabe, o grunhido de Hal ficou mais quieto.

— Viu Hal — ela sussurrou contra os lábios dele. — Ares não vai me machucar — ela afagou seu pescoço, com as unhas afundando tão fundo que ele silvou. De prazer. — Você vai?

— Não — ele disse contra os lábios dela. — Nunca.

Mas ele era um guerreiro, e se fosse para escolher entre machucá-la ou salvar o mundo, ele sabia o que escolheria. Pela primeira vez, a ideia realmente o incomodou, e pela primeira vez ele realmente se sentiu como Guerra.

CAPÍTULO



DEZOITO

Cara não fazia ideia do que acontecia com Hal, mas ele tinha surgido do nada, e não importava o que ela dissesse a ele, ele estava convencido de que Ares iria machucá-la.

Ele poderia te matar.

— Ele não vai fazer isso.

Ele poderia. Ele é mau. Ele mata meu bando. Ele tenta matar pai.

— Eu sei — ela sussurrou. A dor e a morte que Ares e Caos tinham trazido em cada um era cambaleante.

Eu mordo ele.

— Não! — Ela afagou o pelo de Hal, desesperada para acalmá-lo. — Eu preciso dele para me proteger, como eu preciso de você. Há

muita gente ruim que me quer morta. Você sabe disso, certo? — Hal grunhiu.

Eu mato eles.

Toda essa conversa de matança ficou seriamente perturbadora, e ela não sabia se ela se acostumaria a esse mundo, esses seres. Droga, ela não queria se acostumar. Ninguém devia ficar entorpecido até a morte.

— Hal, você só deve machucar aqueles que *nos* oferecem perigo.

Como Guerra.

— Ele não nos oferece perigo — sem dúvida a conversa parecia estranha para Ares, que só podia ouvir um lado, e ele continuar tenso não ajudava. Cada tique de seus músculos faziam as grandes garras de Hal se enterrar mais na parede de pedra. Marcas de queimadura se espalhavam debaixo de suas patas, criando veios enegrecidos na rocha.

Era muito assustador, e ela teve de se perguntar quais outras surpresas ela iria passar com o cão. Devagar, ela passou a mão pelo cabelo sedoso de Ares e garantiu que Hal a visse acariciando sua bochecha. — Viu? Ele gosta de mim.

Um grunhido duvidoso vibrou o ar. Ela pôs os lábios nos lábios de Ares de novo.

— Me beije — ela murmurou, e apesar de saber que Ares mal podia se mexer, ele baixou a cabeça, só um pouco, para aumentar a pressão em sua boca. E embora possa parecer loucura, senti-lo fez sua pele formigar.

Ela continuou beijando ele, e gradativamente, Hal parou de grunhir. Ele soltou o aperto na garganta de Ares, e instantaneamente, a tensão se esvaiu do corpo de Ares.

Sabidamente, ele não se afastou dela. Na verdade, um braço envolveu sua cintura, e ele a puxou para perto dele.

— Você pode ir, Hal. Me proteja patrulhando a ilha. Ache ratos.

Delicioso. Os lábios de Hal se retraíram enquanto ele dava um olhar de aviso para Ares.

Ele é perigoso.

Sim, ele era, mas ela não disse nada, simplesmente se agarrou em Ares enquanto Hal sumia sobre a parede. Ela esperava que Ares a soltasse, mas em vez disso, ele a beijou outra vez.

— Odeio seu cão — ele murmurou contra os lábios dela. — Eu quero ele empalhado e montado em minha parede. Mas estou cansado de lutar com ele, com você, e comigo mesmo.

Com ele mesmo?

— Como assim?

Ele passou os longos dedos na garganta, sobre a crescente cicatriz, e sua armadura derreteu, deixando ela esmagada contra seu peito. Sua coxa separou as coxas dela, e ela quase gemeu com a deliciosa pressão de seu musculo rígido contra seu ventre.

— Quero dizer que às vezes, para vencer a guerra, é preciso mudar as táticas — ele sorriu contra sua boca. — Sou flexível assim.

Ele a arrastou, e antes que ela protestasse – ou o encorajasse – ele a deitou no sofá do pátio. As almofadas afundaram sob o peso deles. Sua mão calejada deslizou sob o moletom dela, e ela estremeceu quando ele alcançou seus seios nus.

— Sem sutiã — ele disse contra sua boca. — Obrigado. Odeio aquelas coisas. A invenção mais idiota dos humanos. A mais idiota.

Ela pegou a mão dele, encorajando o toque, adorando o jeito que ele era gentil e grosso, uma combinação de longas carícias em sua carne e beliscões em seus mamilos. Seus seios incharam, doeram, e como se ele soubesse que ela queria mais, ele tirou o moletom dela, jogou no chão, e foi com a boca. Ele foi fundo, sua língua raspando sobre os mamilos sensíveis, deixando-a atordoada, sem fôlego, e bastante excitada.

— Simmmm... — Seu gemido de prazer flutuou para o crepúsculo, se juntando ao quebrar de ondas e o distante canto das aves marinhas. Essa era a coisa mais bonita que ela já havia experimentado, um momento que ela ia lembrar sempre.

Sempre pode ser bem curto.

Tirando o pensamento depressivo de mente, ela afundou as unhas nos ombros dele e arqueou as costas, precisando sentir toda a extensão do corpo dele no seu. As coxas dele separaram as pernas dela, colocando o órgão onde ela queria, e enquanto ela se contorcia e mexia os quadris, o calor aumentava, e a luxúria a deixava intoxicada.

Não demorou para que ele abrisse o zíper dos jeans dela, e as mãos dela estavam desesperadas, abrindo a calça dele para libertar o massivo volume. Assim que ele se libertou, ela pegou o pau, se deleitando com o som másculo que escapou da garganta dele.

— Você é tão molhadinha — ele empurrou um dedo dentro dela, e ela quase pirou. — Tão apertada.

— Achei que eu fosse muito fraca para você — ela apertou o pau dele, passou o dedo na umidade na ponta, e ele sibilou com prazer.

— Eu estava errado — ele disse. — Eu vi como você lida com Batalha, Hal... E comigo. Eu estava muito errado.

Ele saiu do sofá, puxou a calça das pernas dela, e tirou a roupa. Quando ele terminou, ele parou na frente dela, uma estonteante obra de masculinidade. E, para o prazer dela, ele era tão macio e sem pelos entre as pernas quanto era no peito. O coração dela deu um tranco quando ela pegou na ereção sobrecarregada.

— Eu nunca faço isso — ele se espremeu, e ela ficou colada ao movimento que ele começou – bombadas longas e lentas do punho pelo comprimento do pau e de volta para envolver a cabeça enquanto ele dava uma pequena girada.

— Hmm... Você nunca... Se masturba?

Os olhos dele eram fendas por trás dos pesados cílios, mas a intensidade não era menor.

— Eu nunca vou devagar assim. Sou sempre bruto e rígido com uma fêmea — ele afundou entre as pernas dela, mas sem parar de brincar com seu pênis. — Sempre foi envolvido com o orgasmo. Quem-fode-quem-mais-forte.

Imagens dele metendo em outra mulher – *fêmeas*, como ele as chamava – arrancou uma pontada de ciúmes dela, mas quando ela se imaginou na situação, ela se animou. Ter todo aquele poder sexual não diluído entrando nela como uma força da natureza... *Oh, meu Deus.*

— Eu quero assim.

A declaração dela fez ele se arrepiar, e os movimentos dele aceleraram. A ideia o excitou.

— Não... Agora.

Ele ainda achava que ela era muito fraca. Mas se fosse verdade que ela estava morrendo, ela com certeza não ia ficar mais forte.

— Ares...

— Não. Você não é como as outras fêmeas. Eu quero que seja diferente — ele recuou, baixando a cabeça entre as pernas dela. Não houve aviso, só a língua quente e molhada penetrando sua fenda.

Ela se arqueou para o céu, e poderia ter sido lançada da almofada se ele não segurasse seu quadril e mantivesse ela firme contra sua boca. Ele revezava longas passadas da língua achatada com demorados empurrões gentis no clitóris e profundos golpes dentro dela.

— Você tem gosto de oceano. Caramba... — Gemendo, ele levantou uma perna dela sobre seu ombro e a deixou aberta, seus dedos a abrindo para o ar noturno e para sua respiração úmida. Ela mexeu os quadris, encorajando-o – não que ele precisasse disso.

Ele tinha prazer com a vingança, o tempo carnal a mantendo no limite do orgasmo por infinitos minutos de felicidade. Fluxos de sensação erótica a deixavam boba, zozna, e antes que ela percebesse,

suas mãos estavam enfiadas no cabelo macio dele, guiando aquela língua mágica onde ela mais precisava.

Ele não provocou. Ele continuava com um objetivo, e quando ela começou a se contorcer, ofegando, ele grunhiu em sua entrada e grudou nela, chupando enquanto plugava a língua dentro dela em um ritmo devastador. O clímax dela girava como uma tempestade, um turbilhão de êxtase, e antes que isso diminuísse completamente, Ares se moveu rapidamente, montou nela, seus punhos fechados dos lados de sua cabeça, a larga ponta do pau cutucando sua entrada.

— Adoro o jeito que você faz isso — ele sussurrou em seu ouvido. — Você grita alto, do jeito que um macho gosta — a respiração dela se prendeu em suas palavras, mas então ele começou a esfregar a ereção nas partes dela, deslizando para frente e para trás sobre os tecidos sensíveis, e nada importava além de entrar nela.

— Espere — ela pôs a mão no peito dele. — Proteção?

Ele levantou a cabeça, as sobrancelhas curvas em confusão.

— Meus guardas estão posicionados nas proximidades... Ah, você quer dizer para o sexo — ela assentiu, também teve esperança que os guardas não tivessem ouvido nada disso.

— Eu não posso contrair ou transmitir nenhuma doença, e eu tomo erva de crânio a cada dois meses para que meu sêmen seja produzido.

Era uma frase estranha, com certeza, mas quem se importava? Ela estava se curvando, seu clímax ainda vibrando, e ela só queria continuar com isso. Ela parou de pensar, e pôs a mão entre eles para guia-lo à entrada.

— Agora — ela disse rouca.

— Agora — ele concordou, e agitou os quadris, enfiando nela. Os dois gemeram.

O corpo inteiro dele ondulou, os músculos se juntando e flexionando, e quando ele jogou a cabeça para trás, os tendões de seu pescoço se esticaram. Eles se moviam juntos, as pernas dela envolveram a cintura dele e travaram os tornozelos sobre a bunda dele.

— Isso — ela suspirou — é tão bom. Você... Ainda está se balançando.

A brisa do mar a envolveu, se misturando com o cheiro da pele quente de Ares, o sexo quente, e as flores doces que cercavam as paredes do pátio. De repente, ele se afastou, pegou suas coxas, e observou elas se juntando. Era uma baita excitação, e ela estava muito a fim disso. Ela se abraçou e se levantou das almofadas para que conseguisse encontrar cada golpe poderoso dele.

Vê-lo observando, o jeito como isso o afetava tanto, a deixou no limite. Seu largo peito expandia com grandes respirações, seus olhos queimaram, e mesmo assim ela percebeu que ele estava se contendo. Ele estava indo nela com uma paixão que ela nunca sentiu dos dois amores que ela teve – o namorado do colégio com quem ela perdeu a virgindade, e depois Jackson – mas o grande poder de Ares estava contido.

Ela. Não. Era. Fraca!

Um instinto feminino antigo e primitivo despertou dentro dela, e ela rosnou, se levantou e enterrou as unhas no peito dele. Ele soltou um som abafado, mostrando os dentes com surpresa e dor. Ela não o poupou. Impiedosamente, ela raspou as unhas nele, arrastando-as sobre os oito gomos de seu abdômen. Seu rugido de prazer acompanhou uma poderosa vontade, e repentinamente, ela se encontrou levantada e com as costas pressionadas na parede, um dos braços de Ares atrás dela como um amortecedor. Os joelhos dela estavam espalhados nas almofadas, e Ares estava ajoelhado entre eles, com o quadril se movimentando para frente e para trás com rapidez enquanto ele a perfurava rápida e profundamente.

Agitando a cabeça, ele afundou os dentes na junção entre a garganta e o ombro dela, e santo Deus, ela estava ferrada. A possessão dele era imediata e certa e ela se deleitava com a parceria animalesca. Ele estava deixando marcas nela com os dentes, com o corpo, e até os hematomas que ela tivesse depois seriam evidências da febre selvagem que tinha dominado ele.

O orgasmo dela incendiou através dela com a intensidade do Sol grego, queimando-a de dentro para fora. Seu corpo se enrijeceu, o prazer continuando até ele gritar um palavrão gutural, o corpo dele convulsionando enquanto um jato quente de sêmen jorrava nela, instigando outro orgasmo para ela, e talvez um para ele.

Apesar de ele desabar sobre ela, com o rosto enterrado no pescoço dela, ele continuou se movendo para dentro dela muito tempo depois de terminar.

— Você está bem? — A voz dele tinha um tom maravilhosamente rouco contra sua pele quente.

— Nunca... Estive melhor — ela respirou.

Com movimentos bruscos, ele a tirou da parede e eles rolaram nas almofadas de modo que ele estava de costas e ela estava do lado dele, com uma perna e um braço sobre ele. Seu pesado pênis caía brilhando e exausto sobre o estômago, e seu peito subia e descia com as respirações lentas.

— Não podemos fazer isso outra vez, Cara — ele passou os dedos vagamente sobre a coxa dela.

— Mas eu gostei — adorou.

— Você não devia ter me provocado — ele disse. — E eu não devia ter permitido — a voz dele se conteve, ficando baixa e constante. — Você não pode se dar o luxo de gastar energia ou se machucar, e eu não posso me dar o luxo...

— Dar o luxo de quê?

— Não posso me dar o luxo de me aproximar muito de você. Mesmo se você transferir o *agimortus*, você vai ser alvo para qualquer um que queira me ferir ou chegar a mim te ferindo. Meus filhos pagaram com sangue porque eu amei eles. Isso nunca vai acontecer de novo.

— É só sexo, Ares.

Os olhos dele brilharam.

— É mais que isso, e você sabe.

— Não, não sei. Não quero me apegar a você mais do que você quer se apegar a mim. Mas as coisas estão bem intensas à nossa volta, e nós dois podemos dar uma pausa e ter um pouco de prazer. Você perguntou se eu já tinha transado, e eu disse não. Bem, agora eu transei. Eu gostei. Então pare de ser impressionável, e faça isso de novo.



Explorar devia ser a palavra mais idiota da língua inglesa. Limos achava que o que ela e Thanatos estavam fazendo nos tubos de lava do subterrâneo do centro de Oregon não poderia ser chamado de explorar, já que eles não estavam escalando ou investigando algo, mas Than parecia gostar de dizer a palavra várias e várias vezes só para irritá-la. Ele tinha um senso de humor muito estranho.

Ela não sabia qual a profundidade estavam dentro das montanhas da cadeia Cascade, mas eles estiveram procurando pelo anjo caído por pelo menos duas horas, e isso estava ficando chato. Além do mais, ela odiava cavernas. Tão claustrofóbico, tão escuro, e tão parecido com a região do Sheoul onde ela tinha crescido.

— Por que Zhreziel foi escolher aqui para se esconder? — Ela murmurou, enquanto andava sobre uma pilha de rochas instáveis.

Than olhou para ela por cima do ombro.

— É uma pergunta retórica? Porque espero que você não queira que eu responda.

Ela suspirou.

— Eu espero que seus espíritos estejam segurando ele — Li e Than tinham encontrado Zhreziel na Nova Zelândia, onde eles tinham lutado, e depois seguiram ele até o Japão, Turquia, Coreia, e agora, aqui.

Finalmente, Than liberara algumas de suas almas de sua armadura e as enviou atrás do anjo. Eles não podiam matar Zhreziel, mas suas tentativas iriam mantê-lo de castigo e sem poder sumir para outro lugar.

— Estamos perto — Than abriu um Harrowgate para poderem passar por uma larga fissura. — Posso senti-los.

Eles entraram no portal e saíram do outro lado da extensão sem chão.

— Você acha mesmo que podemos reparar o Selo de Reseph?

Acostumado com as rápidas mudanças de assunto dela, Than não perdeu o rumo.

— Sim — não era bem uma pergunta para Than, apesar do fato de que tudo que ele tinha para continuar era uma gravura do Aegis no cabo de Deliverance — Da morte virá à vida — o que poderia significar algo.

Limos sempre achou a vida de absolutos de Than irritante, mas neste caso, ela estava feliz por ele estar tão certo. Ela odiava o que Reseph tinha se tornado, mas ela adorava quem ele tinha sido. Ela só queria que eles pudessem reparar o Selo antes de Deliverance ser encontrada.

Idiotas do Aegis. Ela sabia que eles estavam com a adaga, sabia porque tinham tirado dela. Seus irmãos podem acreditar que os Templários tinham perdido, mas a verdade era que ela tinha a roubado. Não era algo de que ela tinha orgulho, mas ela era... Diferente naquela época. Na verdade, ela ficou aliviada quando eles roubaram de volta depois de incapacitá-la durante a Grande Fome.

— Acha que vamos ver aqueles dois Guardiões outra vez?

— Sim.

— O cara R-XR, Arik, era meio gostoso, não acha?

— Nunca vi ninguém mais gostoso — Thandisse, seu sarcasmo tão impassível que alguém que não o conhecesse bem acharia que ele estava falando sério. — Ele preenche meus sonhos com sua gostosura.

— Agora estamos tendo muita informação. Seus sonhos molhados são algo que eu não quero saber — um gemido agonizante do fundo do túnel os instigou. Parecia que Zhreziel estava levando um chute em seu traseiro angelical. Ela teria tido um pouco de simpatia por ele se ele não tivesse batido em seu rosto e dado um nariz sangrando a ela na Coreia. Cretino.

— Só não fique achando o soldado muito gostoso. Você precisa ficar longe de caras como ele.

Caras como ele? Ela precisava ficar longe de *todos* os machos. Mas quando o assunto era sexo, ela e Than tinham que ser cuidadosos, mas por todos os motivos diferentes, e enquanto Than não pudesse ter relações sexuais, ele ainda podia se divertir com o corpo de alguém se ele escolhesse isso. Li só poderia olhar.

— Duh — Than tinha a tendência de ser um pouco superprotetor. Era engraçado como todos os seus irmãos eram diferentes. Reseph era seu parceiro, com quem ela ia para a farra. Ele sempre se sentava e ria quando ela se metia em problemas, não porque ele estava rindo *dela*, mas sim porque ele sabia que ela conseguiria sair do problema, e ele adorava o jeito como ela fazia isso.

Thanatos era o superprotetor, sempre estava lá para quebrar cabeças se alguém a irritasse. Ele nunca deu uma chance para ela se defender, porque ele queria estar lá para fazer isso.

Ares ficava em algum lugar entre eles. Ele a deixava cuidar de seus próprios problemas, mas se ela pedisse ajuda – o que era raro – ele surgia e resolvia de forma rápida, dura e decisiva.

Eles eram tão bonitinhos e fofos.

Ela queria Reseph de volta, droga.

Eles se espremeram por uma abertura tão estreita que Than quase ficou preso, e saíram em uma câmara onde encontraram o anjo caído preso no chão da caverna, sua luta contra os espíritos falhando.

Zhrezziel rosnou para Limos – por algum motivo, ele pareceu odiá-la mais do que odiava Thanatos – e a chamou de uma dúzia de nomes feios.

— Tsc-tsc — ela repreendeu. — Você vai irritar meu irmaozão...

Ela nem teve tempo de terminar, porque, como era previsto, Thanatos ficou doido com o garoto Zhrezziel. Tudo ficou um pouco desnecessário, mas o anjo era realmente um idiota. Como pode algum anjo com o desejo de conquistar seu caminho de volta para o Paraíso não querer a honra de portar o *agimortus* de Ares?

O cara era egoísta.

Than amarrou as mãos e pés de Zhrezziel, e abriu o Harrowgate.

— Hora de fazer seu trabalho e salvar uma vida humana.

O anjo olhou com ódio. Ele parecia ter duas expressões: o olhar com ódio e cara feia.

Limos sorriu.

— Anime-se, garoto. Você vai gostar de Cara. Mas e se não gostar? — Ela se inclinou, e pôs a boca no ouvido dele. — Mantenha segredo, porque Ares parece sentir algo por ela, e nesse momento, você *realmente* não quer conhecer seu lado ruim.



Ora. Ela *tinha* contado a *ele*, não tinha?

E eles com certeza tinham feito outra vez, e apesar de Ares ter tentado ir devagar, para manter as coisas tranquilas, Cara não fez nada disso. Como da primeira vez, ela se transformou numa tigresa que não ia aceitar menos do que ela queria. Ele estava muito envolvido para recuar, e no momento em que ela o marcava com as unhas e com aquele olhar que o desafiava a impedi-la, ele não queria nada mais que reclamá-la como sua da forma mais fundamental possível. Para ter certeza de que ela sentiria seu guerreiro nela e dentro dela por dias.

Ele tinha bastante certeza de que tinha alcançado o objetivo, e o orgulho masculino o deixou inchado enquanto ele deitava do lado dela, ouvindo cada suspiro dela depois de seu oitavo orgasmo. Ele tinha gozado quase tantas vezes quanto ela, mas ele podia ir mais uma vez se ela quisesse. A habilidade de ter múltiplos orgasmos era um dos poucos benefícios que ele recebeu da mãe succubus.

Cara se aconchegou nele, juntando as pernas e colocando a palma da mão no peito dele.

— Obrigada.

— Sexo com você não é uma obra de caridade.

Ela riu, e o belo som foi direto no coração dele.

— Espero que não. Mas eu não estava falando disso. Estava falando de tudo.

— Tudo?

— É, você sabe, por me trazer aqui. Me mostrar seu mundo.

Ele virou o olhar para o céu noturno para que ela não visse a preocupação em seu rosto.

— Por que você estaria grata por estar aqui? Você corre perigo. Você está morr... — ele se interrompeu com um palavrão.

— Morrendo. Eu sei — ela deu um beijo no peitoral dele e pousou a cabeça no ombro dele. — E para começar, como você sabe, eu não estava feliz de verdade por estar nesta situação. Mas aí Reaver disse que eu estava presa aqui, mesmo que eu consiga transferir o *agitroço-ma-bob*, e ele está certo. Quero dizer, não é só por causa de Hal. É porque eu sei demais para realmente voltar à vida que eu tinha. O que me traz à questão — ela fazia desenhos aleatórios com os dedos no peito dele enquanto falava. Era algo pequeno, mas a intimidade nos desenhinhos na pele dele pôs um pingão de calor na corrente sanguínea dele. — Eu não tinha vida. Não tenho nada a que voltar. Mesmo que meu tempo aqui seja curto, encontrei algo aqui que eu tinha perdido.

— Não entendo.

— Você disse que eu era fraca...

Ele pegou a mão dela.

— Caramba, Cara, sinto muito.

Os lábios sensuais dela se abriram em um sorriso.

— Não sinta. Você estava certo. Mas encontrei minha força outra vez — ela pôs a mão dele na dela e beijou a palma da mão. O gesto suave o rendeu, derrubou suas emoções em um turbilhão que ele duvidava que ia sair. — Então, lá em casa, eu estive em um lugar ruim por muitos anos. Eu estava prestes a perder minha casa, tinha perdido a confiança em mim mesma, e meu namorado tinha me largado.

Ele teve que conter o grunhido quando ela mencionou o macho.

— O que aconteceu com seu namorado? — Um longo silêncio se estendeu tão longo que ele pensou que ela tinha dormido. — Cara?

— Sim — ela se revirou e ficou mais próxima dele. — Jackson foi embora. Ele não conseguiu lidar com o ataque.

— Ataque? — O jeito que ela disse isso desativou alarmes dentro dele. Ela tinha se movido rapidamente mais cedo quando ele tinha perguntado se ela... Oh, droga. Ele tinha perguntado se ela

gostava de ser atacada. É, ele estava pronto para chutar seu próprio traseiro.

— Tenho certeza que você não quer ouvir os detalhes escabrosos — ela se virou para olhar o céu estrelado. — Adoro esse lugar. Eu passaria minha vida inteira lá fora.

— É por isso que vivo aqui — ele passou os dedos sobre o ombro dela, amando como a pele dela era macia como veludo sob seus calos. — E eu quero sim ouvir os detalhes escabrosos.

Um tremor passou por ela, e ele a puxou para perto.

— Jackson era meu corretor de imóveis quando me mudei para Carolina do Sul. Eu estava me recuperando da morte do meu pai, e ele estava lá comigo. Nós ficamos, bem rápido. Ele se mudou alguns meses depois e me ajudou com os negócios de veterinária holística quando o mercado desacelerou.

— E?

— E uma noite eu cheguei em casa depois de cuidar de um cavalo doente. Eu entrei e havia três homens roubando minha casa — ela engoliu em seco. — Eu tentei correr, mas eles me pegaram e me arrastaram para dentro. Eles me amarraram...

— O que eles fizeram com você? — A mente dele trabalhava nas horríveis situações.

— Nada a princípio. Eles principalmente me assustaram. Mas então Jackson chegou em casa — ela estremeceu, e ele pegou o cobertor nas costas do sofá e a cobriu. — Eles o espancaram, e depois fizeram ele assistir enquanto eles...

Algo no peito dele ficou mais apertado.

— Eles *o quê?* — Ela mordiscou o lábio inferior pensativa, como se procurasse pelas palavras certas. Um homem decente não teria pressionado. Mas Ares não era decente. E ele queria saber o que aconteceu, porque ele queria saber quem ele teria que matar. — Cara? *Eles. O quê?* — Silêncio. Seu estômago revirou. — Eles abusaram de você?

— Não — a voz dela saiu baixa, e a experiência lhe disse que o trauma dela era grande.

— Acho que eles iam fazer isso. Primeiro eles me ameaçaram. Como se eles tivessem saído dos meus terrores. Eles riram ao ver eu me encolhendo de medo quando eles apontaram uma arma para o meu rosto e ameaçaram estourar meus miolos. Eles me deram alguns tapas. Coisas assim. E Jackson teve que se sentar e assistir.

Ares precisou se forçar a respirar. As feridas das algemas cortando seus pulsos enquanto ele era arrasado pela impotência e o horror vinha nele com pressa. Ele até podia sentir o cheiro do sangue

no ar frio e úmido da caverna onde ele esteve acorrentado para que ele pudesse testemunhar sua mulher sendo assassinada.

— E depois? — Ele estava bem orgulhoso por sua voz estar nivelada, mesmo que suas emoções não estivessem.

— Meu dom... O que eu uso para curar...

Eu já matei com isso. Oh, Jesus.

— Um deles me disse para tirar a roupa. Quando eu recusei, ele me bateu. Fraturei um osso do rosto, eu descobri depois no hospital. O outro homem riu — ela cobriu os ouvidos como se ainda ouvisse a risada, e merda, isso foi suficiente.

— Cara, ei, está tudo bem. Você não precisa dizer mais nada.

Mas ela estava no embalo, como se ela precisasse cuspir tudo antes que o tempo limite acabasse.

— Ele abriu o zíper da calça e eu... Eu... Ele morreu.

— Como ele morreu? — Ele perguntou baixinho.

— O outro homem correu — ela não respondeu a pergunta, mas Ares a deixou continuar. — Eles foram embora e Jackson chamou a polícia — a respiração dela ficou irregular, e ele passou a mão para

cima e para baixo no braço dela em uma tentativa fútil de acalmá-la. — É tudo um borrão.

— Como o homem morreu? — Ele repetiu, e ela engoliu em seco.

— O relatório policial dizia ataque cardíaco.

— E não oficialmente?

O corpo inteiro dela tremeu.

— Eu senti minha habilidade emergir, mas foi diferente. Foi meio... Oleoso. Quando ele me agarrou, eu tentei afastá-lo, e simplesmente... Aconteceu. Como se ele tivesse encostado em um cabo de energia — ela fechou os olhos, mas Ares sabia por experiência própria que fazer isso não bloqueava as visões. — Eu o matei.

— Você fez o que foi preciso, Cara. Quando sua vida está em risco, você não pode arriscar. Antes ele que você — quando ela não disse nada, ele teve a impressão de que ela estava dividida nesse ponto. — Tem mais, não é?

— É — ela limpou a garganta algumas vezes. — Seu irmão, ele me perguntou se eu tinha sentido prazer nisso — Ares grunhiu.

— Meu irmão é um babaca por dizer isso.

— Não — suas unhas enfiaram no peito dele, e ele se perguntou se ela tinha percebido isso. — Você vai me achar horrível.

— Nunca — ele levantou o rosto dela, forçando-a a ver a verdade em seus olhos. — Não há nada que você possa fazer para que eu pense mal de você. Entendeu?

Seu aceno foi cheio de incerteza, e ele desejou poder fazer mais para aliviar seu medo.

— Thanatos estava certo. É horrível. Mas uma parte de mim gostou. Eu não posso fazer aquilo de novo.

A culpa que ela carregara com ela devia tê-la comido viva.

— Cara, me escute. O que você sentiu foi uma dose de adrenalina, misturado com o alívio pelo monstro estar morto.

— Mas foi bom — ela sussurrou.

— Isso mesmo, foi bom. Foi bom que o idiota morreu e nunca mais vai te machucar. Tudo bem se sentir assim — ele duvidou que fosse convencê-la de que o que estava dizendo era verdade, não em uma sessão de apoio de cinco minutos, mas ele a deixou digerir por um tempo. — Então, o que aconteceu depois disso?

A tensão esvaiu de seu corpo. Ela estava obviamente aliviada por estar fora do assunto de matar o cara.

— Os outros dois caras fugiram. Jackson e eu fizemos todo o negócio da polícia e do hospital, mas nossa relação não foi mais a mesma. Ele se recusou falar sobre o que tinha me visto fazer, e ele nunca conseguiu lidar com o fato de que ele foi incapaz de me salvar.

Ares entendeu. Mas também entendeu a necessidade de terapia vingativa. Uma lâmina afiada funcionava muito mais rápido que sessões com um terapeuta.

— Ele encontrou os idiotas e matou eles?

Nos braços dele, Cara se mexeu bruscamente.

— Claro que não. A polícia pegou eles.

Jackson era um maldito covarde. Ares teria caçado eles e mostrado como a justiça era servida em sua época. E esse era o motivo pelo qual Ares tinha jurado por sua alma que ele veria Caos morrer.

— Eles estão na cadeia?

— Eles cumpriram o tempo deles — ela disse baixinho, e ele percebeu uma nota de amargura. Ares fez uma anotação mental para fazer uma breve pesquisa sobre o crime e esses caras. Talvez Hal gostasse da ação também. Uma forma excelente de eles se juntarem. Caramba, ele estava pensando em ficar amiguinho do tipo de criatura que ele mais odiava?

Deixe uma mulher muito próxima, e enquanto ela chupa seu pau, ela chupa seu cérebro e sua virilidade de você também. Um inimigo tinha dito isso a ele, ainda nos dias em que Ares era humano. Eles tinham feito uma trégua entre seus exércitos, tinham dividido vinho enquanto negociavam os termos da batalha. Na verdade, Ares tinha gostado do cara, e se eles não estivessem lutando de lados opostos, ele teria o chamado de amigo.

Uma semana depois, no centro da guerra, Ares tinha enfiado uma espada no crânio do homem.

— Então, basicamente — ele continuou —, esse idiota do Jackson te abandonou, e os caras que te torturaram passaram alguns meses na cadeia?

— Basicamente.

Droga, ela tinha sofrido muito em pouco tempo.

— Quanto tempo até a bichinha, ah, Jackson ir embora?

— Ele ficou mais alguns meses. Ele não conseguiu me olhar no rosto nem lidar com meus problemas.

Talvez Ares caçasse Jackson depois que encontrasse os pivetes que traumatizaram Cara.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos. A quietude era confortável, algo que nunca tinha acontecido entre Ares e uma fêmea. Era bom.

Até Cara trazer a única coisa que ele não queria falar.

— Ares... Você tem muita culpa sobre sua família, não é? — Ela se apoiou no cotovelo para poder olhar para ele. — Culpa porque sua mulher e seus filhos morreram, e você nunca disse a eles o que sentia — ele ficou tenso.

— Eu amei meus filhos.

— Eu não duvido disso — sua voz macia o desanimou um pouco, e ela passou o dedo por cima do peito dele, e ele se acomodou mais ainda. Como ela fazia isso? Ele tinha visto ela transformar um maldito cão do inferno em uma gentil bola de pelo, tinha testemunhado ela encantar Batalha. — Mas você teme que eles não soubessem disso. Então você construiu um santuário para eles, mas não quer ver.

Ele pegou a mão dela, fazendo ela parar.

— Pare com essa besteira psicológica. O que te faz uma especialista em santuários, afinal?

Uma brisa fez o cabelo dela se afastar do rosto. Era bom. Muito bom.

— Depois que minha mãe morreu, eu tive todas essas coisas dela... Coisas estranhas, como prendedores de cabelo. A escova de dentes dela. Eu empacotei tudo, mas nunca olhei para nada disso.

Ele congelou.

— Porque você se sentia culpada pela morte dela?

— Porque eu não me lembro de ter dito a ela que eu a amava. Eu era pequena, então provavelmente eu disse, mas eu não me lembro. Eu não quis deixar as coisas dela onde eu fosse lembrada disso, entende?

Sim, ele entendia muito bem. Mas ele não gostava que Cara visse isso tão facilmente nele.

— Ares! — Ares caiu sentado e se virou para proteger Cara de Limos, que surgiu pela porta aberta entre o pátio e o quarto. — Ares, temos que... — ela parou, corando as bochechas bronzeadas. — Oh, hum, oi, Cara.

— É melhor ser importante — Ares disse.

— Bem, duh — Li se zangou. Depois deu um largo sorriso. — Nós capturamos o anjo caído.

O coração de Ares parou de bater.

— Onde?

— Ele está lá no grande salão. Thanatos colocou *Armageddon* no DVD para ele assistir. Sabe, um lembrete.

— Estaremos lá em um minuto.

Limos piscou para Cara e foi embora.

— Isso quer dizer o que eu acho que quer dizer? — Cara perguntou, e foi à vez de Ares sorrir.

Ele teve medo de esperar por isso, por tantos motivos. Sim, o negócio do fim do mundo tinha sido sua preocupação primária, e ainda seria; transferir o *agimortus* para o anjo caído não mudava o fato de que Ares e seus irmãos ainda teriam que ir ao ataque para proteger o garoto. Mas transferir significaria que Cara iria viver.

E ele não enfraqueceria mais perto dela. Sua armadura o protegeria de emoções, o que era exatamente o que ele precisava. A não ser que ele não precisasse, não é? Se ela não fosse mais a portadora do *agimortus*, ele teria que se livrar dela, ou ela seria um alvo de Pestilence.

O pensamento o atingiu como um golpe no plexo solar, tirando o ar dele. Essa notícia era boa, então por que ele se sentia como alguém que tinha morrido?

Droga, ele tinha que ficar com a cabeça clara. Seu foco era primeiramente, proteger o mundo de um Armageddon prematuro, e depois, destruir o cão de inferno que ele caçou por tantos séculos. O primeiro problema não ia ser fácil, mas o segundo... Pela primeira vez em muito tempo, houve esperança. Cara podia ser exatamente o que ele precisava para ter a cabeça de Caos pendurada na parede.

— Ares?

Ele piscou, se sacudindo dos restos de suas emoções emaranhadas.

— Sim — ele disse em um tom irritado. — Quer dizer exatamente o que você acha que quer dizer. Sua vida está a salvo.

CAPÍTULO



DEZENOVE

— Um último empurrão. — Eidolon, o cunhado de Kynan e o médico chefe do Underworld General Hospital, falou com uma voz reconfortante que se juntou ao som das respirações ofegantes de Gem na sala de parto do hospital. Sua cabeça escura estava parcialmente escondida sob as pregas do lençol que cobria as pernas dela, mas quando olhou para cima, seus olhos negros brilhavam com um misto de confiança e alegria. Ele normalmente não entregava os bebês, mas Gem não permitiria que qualquer outro médico o tocasse. Kynan tinha sido abordado por isso. Ele queria apenas o melhor para sua esposa e filho.

— Eu odeio todos vocês. — Gem gemeu, e Kynan sorriu... Então fez uma careta quando ela apertou sua mão com tanta força que ouviu suas articulações estalarem.

Shade, irmão de Eidolon, olhou por cima do corpo inchado de Gem, onde ele estava segurando seu pulso, a luva de hieróglifos em seu braço brilhando enquanto ele canalizava seu analgésico de demônio Seminus nela. — Eu posso curar sua mão. — ele disse, com diversão em sua voz. A companheira de Shade - irmã de Arik - Runa, tinha dado à luz a trigêmeos, então sim, Shade já tinha passado por isso.

Tayla estava junto aos joelhos de Gem, parecendo um pouco verde. A guerreira Aegis estava grávida de seis meses do bebê de Eidolon, e ver sua irmã gêmea dar à luz não estava ajudando muito sua bravura. Ele pensava no engraçado que era o fato dela poder golpear um demônio sedento de sangue até a morte sem se alterar, e tremer com algo tão natural quanto ter um bebê.

Não que Kynan a culpasse. Ele alegremente escolheria levar um tiro no estômago a espremer uma bola de boliche para fora de seu traseiro. As mulheres eram incríveis.

O corpo de Gem se dobrou enquanto ela suportava a descida. Uma mistura de gritos e exclamações saiu de sua garganta, e depois o mais bonito som do mundo, o choro de um recém-nascido, encheu a sala.

— É uma menina. — Tayla exalou. — Gem, você teve uma menina!

Gem caiu para trás, seu cabelo se emaranhava em seu rosto, mas seus olhos verdes brilhavam.

— Querida, você fez isso. — Ky beijou sua esposa, e os dez minutos seguintes foram um borrão enquanto ele cortava o cordão e via Shade limpar o bebê e Eidolon usava seu dom em Gem para curar o rasgo que normalmente necessitava pontos.

Finalmente Shade trouxe o bebê que se contorcia, embrulhado em um cobertor verde, e o pôs nos braços de Gem. — Ela é linda. — Gem sussurrou.

— Como a mãe. — ele sussurrou de volta, com uma dificuldade humilhante para falar. — Tão especial.

— Mais que especial. — Tayla murmurou, e sim, aquilo era verdade. Sua filha era a primeira pessoa marcada sentinela a nascer, uma humana encantada pelos anjos para que nada, salvo estes, pudessem prejudicá-la. Kynan tinha sido encantado há quase um ano a fim de ser o guardião do Heofon, o colar em torno de sua garganta, e ele estava certo de que todos os seus filhos nasceriam com o mesmo encanto.

Legal.

— Vocês finalmente se decidiram por um nome? — Eidolon perguntou.

Ky balançou a cabeça. — Nós queríamos vê-la antes.

Tayla se inclinou, os cabelos cor de vinho ocultando seu rosto enquanto ela beijava sua irmã na testa. — Vamos deixá-los sozinhos por uns minutos. E então vocês vão se superar. Wraith, Serena, Runa, Sin, Conall, Luc, Kar e as crianças estão todos na sala de espera.

— Você chamou todos?

Tay sorriu. — Bem, duh. Fazer as pessoas esperarem em agonia enquanto alguém está em trabalho de parto é um inferno mais divertido do que uma surpresa. Também estou indo fazer vocês andarem. — Ela estremeceu e agarrou sua barriga. — Provavelmente por horas. Eu já posso dizer que essa criança tem os genes teimosos de Eidolon.

— Sim. — Eidolon disse secamente — Eu sou o único teimoso de nós dois.

Tayla piscou inocentemente. — Eu sou doce e maleável.

Shade fingiu uma tosse. — Mentira.

O barulhento grupo de demônios argumentava conforme deslizavam porta afora, deixando Kynan sozinho com Gem. — Bem— ela disse, — que tipo de nome combina com ela?

Kynan roçou a parte de trás de sua mão sobre a bochecha do bebê. Ela tinha seus cabelos escuros, seus olhos, o alegre nariz de Gem e lábios cheios.

— E lembre-se, nada de nomes de demônio. — Gem não queria honrar o meio demônio dela de todo, e Kynan não a culpava. O tempo diria o que ser um quarto Soulshredder significaria para sua filha.

Sua menina sorriu... pelo menos, ele estava indo tomar essa careta como um sorriso, e cara, o quarto todo se iluminou. Ele se iluminou. Calor o encheu, o que parecia impossível, porque tinha estado completo e feliz por muito tempo e não tinha ideia de que sua vida poderia ficar ainda melhor. Mas ela já estava.

— Você é o meu pequeno anjo. — ele murmurou. — Sua mãe é o meu pôr do sol, e você é meu amanhecer.

Gem apoiou a cabeça em seu ombro. — Você sempre me surpreende com o quão maravilhoso você é. Sabe, quando não está sendo um idiota. — Com seu riso, ela sorriu, e então seus olhos se arregalaram. — Dawn. É isso! É perfeito.

— Dawn. — Ele olhou para o pequeno pacote de calma, alegria, e sim, era perfeito. — Dawn será.

Seu telefone tocou, e por mais que não quisesse respondê-lo agora... Merda. Ele não iria fazê-lo. Não iria. — Atenda. — Gem disse.

— Não posso.

— Ky, você está lidando com o potencial fim do mundo. Se você tem que atender ao telefone para manter nossa filha segura, faça.

— Cara, eu te amo. — murmurou.

— Eu sei.

Ele sorriu. Haviam passado por muita coisa para ficarem juntos, e às vezes ainda o chocava recordar sua jornada.

Uma dor quase física pulsava nele quando deixou Gem para ir ao corredor. Ia fazer isso rápido. O número de Regan apareceu no identificador de chamadas, e ele o discou. Ela respondeu no primeiro toque.

— Ky. Nós a achamos.

Sua respiração ficou presa na garganta. — A adaga?

— Yep. O estranho é que ela não estava nas nossas câmaras.

— Nós sabíamos disso. Cada item em HQ foi numerado e catalogado, e não havia nenhum assassino Cavaleiro místico.

Ela suspirou. — Eu ainda pensava que nós o tínhamos em algum lugar, talvez erroneamente, ou intencionalmente impreciso na sua descrição.

Regan era uma maníaca controladora, obsessiva-compulsiva em um sentido quase clínico, e ele sentia que ela havia passado por

cada um dos itens do inventário deles. Um par de vezes. — Ok, então onde está?

— Em um monastério na Espanha. Nós precisamos de você para buscá-lo.

Passou uma mão sobre seu rosto. — Por que eu?

— Porque nossos sorrateiros colegas do passado a esconderam numa caixa que só pode ser aberta por alguém com sangue de anjo.

E Kynan tinha um anjo empoleirado em sua árvore genealógica. — Isso não faz sentido, Regan. Por que o Aegis tornaria a adaga inacessível para a maior parte de seu próprio povo?

— Não faço ideia. Já sou sortuda o suficiente por tê-la encontrado, quanto mais conseguir uma explicação sobre isso. — Merda. — Ok, mas isto vai ter que esperar. Gem apenas acabou de ter nosso bebê.

— Menino ou menina?

— Menina. Seu nome é Dawn.

— Muito bonito. Quanto mais cedo você pegar a adaga, mais cedo poderá voltar para ela. — Sim, Regan era toda sentimental.

— Eu chegarei a isto. Qualquer outra coisa acontecendo?

— Nós já interceptamos mais conversas, que Arik tem traduzido. O resultado não é bom. Eles estão falando sobre como o ser humano está morrendo, para então no mesmo fôlego falar sobre o casamento de Satan.

— Você acha que eles estão falando de Cara?

— Talvez. Eu sei que se ela morrer, o Selo de Guerra vai quebrar, mas me pergunto se caso ela for entregue a Satan isso não dará no mesmo?

— Maldição. Eu não sei. Apenas me dê algum tempo para estar com a minha família, e vou tratar disso.

— Ok. Mas Kynan, não tome muito tempo. Nós não estamos olhando para semanas ou mesmo dias até que o Selo de Guerra quebre. Do jeito que o submundo é movimentado, poderíamos estar falando de horas.



Cara e Ares tomaram um banho rápido. Bom, poderia ter sido mais rápido se Ares não tivesse insistido em lavá-la, o que os levou a outro par de orgasmos. Houvera uma desesperada, intensa natureza no

que tinham feito, como se Ares tivesse até então passado fome e tentasse recompensar isso.

Ou como se ele estivesse se fartando por não saber se fariam isso novamente.

O pensamento a intrigava enquanto puxava os jeans e a blusa que Ares trouxera de sua casa. Essa transferência não poderia ser outra coisa que boa certo? Ela não iria mais morrer, então ela e Ares poderiam... Poderiam o quê? Ele não precisava protegê-la, e ambos reconheciam que não dariam certos juntos, então por que ela ainda estava dando voltas ao assunto?

Apesar dos pensamentos depressivos, ela assistiu Ares se vestir, admirando seu corpo, o modo como seus músculos ondulavam sobre a tensa pele bronzeada. Seus próprios músculos doíam, mas daquela agradável, bem-usada, maneira, que a fazia se lembrar de cada instante do melhor sexo da sua vida.

Ele se virou para ela, sua camiseta preta esticada sobre ombros que eram tão largos que com a armadura mal passavam pela porta. Andou até ela, decidido, mas sem pressa, e ela sentiu seu próprio corpo afrouxando em resposta, como se antecipasse seu toque. Sensualidade escorria dele mesmo quando não tentava, ele estava vivendo, respirando, sexo.

Seu sorriso estava tenso quando pegou sua blusa e começou a abotoá-la. — Eu ajudo.

— Acho que posso fazê-lo. — ela disse, mas não o impediu.

Ele trabalhou seu caminho para cima, seus ágeis dedos roçando sua pele, intencionalmente, tinha certeza, e apesar de todo o sexo que tiveram, o tamborilar do desejo recomeçava a zumbir por suas veias. Ele parou na metade do caminho para traçar a ponta do seu dedo sobre o agimortus, que havia desaparecido novamente. Eles também tinham notado no chuveiro, e embora ela não sentisse nada diferente, o espelho contava outra história.

Círculos escuros emolduravam os olhos dela, e suas bochechas estavam magras, sua pele pálida. Até suas costelas apareciam, como se lentamente morresse de fome.

— Isto irá embora dentro de poucos minutos. — Ares murmurou.

— Mal posso esperar. Eu sei que tem sido apenas alguns dias, mas parece como se eu tivesse estado sob o olhar da morte por um ano. — Ela realmente não tinha admitido, nem para si mesma, que se aterrorizara ao pensar que nunca se livraria da marca, mas agora podia sentir que a pressão se esvaía como uma bexiga furada. — É estranho, porque só agora eu percebo o quanto estava com medo.

— Você estava ligada no modo sobrevivência. — Ares disse, sua expressão adquirindo um tom sério. — Sinto muito, Cara. Você nunca deveria ter sido arrastada para isso. — Ele terminou com os botões. — Mas já está quase acabando. Se conseguirmos manter o anjo caído

encerrado e controlado, podemos impedir que meu Selo sequebre. E você está ligada a um cão infernal, então você deve ter várias centenas de anos de vida em você. — Um rubor se espalhou pela sua garganta a partir do seu colar indo até sua testa — Eu terei certeza de que você está cuidada e protegida contra Pestilence.

— Espere. — Seus dedos automaticamente foram para o agimortus, que pulsava através do tecido de sua camisa. — Se não estarei mais carregando a sua marca, por que Pestilence ainda pode ser um problema? — E o que ele queria dizer com isso de que ela seria cuidada?

— Ele pode tentar me machucar através de você.

— Oh, ótimo. Então eu ainda não estou a salvo.

Ele puxou-a bruscamente contra ele, expulsando o ar de seus pulmões. — Você estará a salvo, Cara. Mesmo que eu tenha que te esconder do outro lado do mundo, te juro que estará segura. — Ele a beijou, uma quente promessa para apoiar suas palavras.

Antes que pudesse recuperar o fôlego, ele pegou sua mão e a levou para fora do quarto.

Entraram na grande sala, e o humor otimista de Cara vacilou. O anjo caído estava sentado no chão, ombros caídos, sangrando, com sua perfeita pele machucada. Seu escuro e pegajoso cabelo grudava em seu

rosto. Para todos os efeitos, ele se parecia com um cachorro sem dono. Exceto que seus olhos de estanho fundido estavam cheios de desafio.

Graças ao sistema de som era quase possível sentir as explosões que vinham da televisão. Toda vez que alguém gritava, o anjo caído estremecia e mostrava suas presas.

Thanatos se agachou ao lado do anjo. — Diga oi para a simpática dama, Zhreziel.

— Foda-se você, Morte.

O sorriso de Thanatos era sombrio. — Isso pode muito bem acontecer se eu me transformar no mal, então pegue o agimortus como um bom servo do Céu. — Cara colocou sua mão na barriga, mas isso não parou sua agitação. — Por que ele não quer?

Zhreziel rosnou. — Por que você não quer?

— Não, mas...

— Mas o que? Você é completamente estúpida?

Em um segundo, Ares tinha o anjo caído pelo pescoço e o estrangulava. — Você não vai falar com ela desse jeito. — Ódio queimava nos olhos de Zhreziel, mas ele deu um aceno relutante, e Ares o soltou. — Cara venha aqui.

— Não! — Zhreziel esforçou-se a ir para trás, mas Thanatos o pegou. O anjo começou a ofegar, sua pele empalidecendo. — Eu não quero isto. Não... Quero... Isto.

Ares olhou para o anjo caído com aversão. — Você nunca entrou em Sheoul, o que significa que você é resgatável. Ao pegar o agimortus está a serviço dos humanos. Não acha que isso será uma boa coisa?

— Boa coisa? Pestilence e seus demônios estarão atrás de mim!

— Nós vamos proteger você.

— Do mesmo modo que protegeram Batarel e Sestiel? Perdoe-me se eu estiver duvidando da qualidade da sua proteção.

— Anjo idiota. — Limos, que tinha estado lambendo um pirulito azul, sacudiu-o sobre ele. — Os dois achavam que estariam melhores por conta própria. Isso não vai acontecer com você. Nós vamos mantê-lo bonito e seguro. E ocupado. Ares tem uma grande coleção de vídeos. Ooh, e um bar molhado.

— O que vocês pessoas não estão entendendo? Eu não quero qualquer maldita coisa. Se eu tenho algo e Pestilence me mata, minha alma pertencerá a Satan. Se ele não o faz, e um dos outros Selos quebrar, então me tornarei um demônio por carregar o agimortus. É perder ou perder pra mim. — Ele acenou para Cara. — Ela é humana. Não está destinada a carregar o agimortus, então não vai virar um demônio.

— Seu merda egoísta. — A voz de Ares pulsava com um monte de raiva. — Ela irá morrer se não transferi-lo. Você quer que a Batalha Final comece?

— É claro que não. — Zhreziel retrucou. — Mas se eu não estiver carregando o agimortus, eu posso lutar ao lado do bem e ganhar minha alma e asas de volta.

Oh, Deus. Ele estava em uma luta por sua própria alma. A náusea se tornou uma estrondosa onda que ameaçava transbordar diretamente para fora do estômago de Cara.

— Diga comigo. — A voz de Thanatos era gélida quando falou junto à orelha do anjo. — Apocalipse. Armageddon. Ele vai quebrar em questão de horas se Cara continuar com o agimortus, porque isto a está matando.

— E se eu levá-lo — Zhreziel atirou de volta, — isto será apenas adiado. Ou você ou Limos irão ver seus Selos quebrando, e então todos vocês se transformarão no mal. Isto está vindo, seu maldito idiota. Não importa o quê, isto está vindo. E eu prefiro lutar contra você do que por você.

Um suave “pop” se ouviu quando Limos tirou o pirulito da boca. —Você percebe que não precisamos da sua permissão, certo? Então provavelmente deveria calar sua boca agora. Temos que mantê-lo seguro, mas não tem que ser agradável pra você. — Ela fez um gesto

para as prateleiras de DVDs. — Ares tem a coleção completa de Miami Vice. Poderíamos torturá-lo até que implore que Pestilence venha e o mate.

— Liberte-me! — Zhreziel jogou o cabelo pra longe de seu rosto, mas este voltou, cobrindo um dos seus olhos quando ele girou para Cara. — Por favor. Não faça isso.

— Cale-se. — Limos bateu seu doce para baixo na parte de cima do bar e envolveu a mão ao redor do pescoço do anjo caído, forçando seu olhar para longe de Cara. — Ares também tem Starsky and Hutch.

Isso não estava acontecendo como Cara imaginava que iria, e ela engoliu debilmente. — Podemos adiar? Encontrar outro anjo caído, um que esteja disposto?

— Ainda que existisse uma criatura mística disposta em algum lugar — Limos disse, — nós estamos ficando sem as opções indispostas.

Incapaz de suportar olhar para Zhreziel por mais tempo, Cara virou para Ares. — Então quais são nossas outras opções?

— Não há nenhuma outra opção. — Ares disse. — Faça isso.

Parou. — Eu não sei como.

— Toque-o com a intenção de passar isto. Deve ser automático.

Ela estremeceu subitamente gelada até os ossos. — Não posso.

— Você pode. — As mãos de Ares caíram sobre seus ombros para apertá-los, e ele abaixou a cabeça para olhar diretamente em seus olhos. — Você tem.

— Eu não vou fazer com ele o que foi feito comigo. — Ela tomou uma estimulante respiração, se preparando contra o que provavelmente era uma decisão terrível. — Eu não posso fazer isso contra a vontade dele.

Thanatos abriu a boca para dizer alguma coisa, indo pela sua ameaçadora expressão, Cara podia adivinhar o que, mas Ares ergueu a mão para que seu irmão esperasse. — Dê-nos um minuto.

Ela permitiu que Ares a levasse a um canto tranquilo. — Me escute, Cara. — ele disse lentamente como se estivesse falando com uma criança. — Você está morrendo.

— Estou bem ciente disso.

— Se você der isto a ele, você vai viver. Eu não posso... — Ele se interrompeu com uma maldição.

— Você não pode o que? — Quando ele não disse nada, ela pegou seu queixo e forçou seus olhos a se encontrarem com os dela. Eles estavam raivosos, mas ao mesmo tempo, tristes. — Eu não posso

perder você. — ele disse tenso. — Eu não posso estar com você, não com Pestilence ao redor, mas eu não posso perder você.

Ela não sabia o que dizer, mas Ares sim. — Por favor.

Ela sabia o quanto lhe custava implorar. — Eu queria poder. — ela disse suavemente, e ele deu um passo atrás como se ela tivesse lhe dado um tapa.

— Maldição, Cara. — Ele levou seus dedos ao cabelo e andou uma dúzia de passos antes de retornar até ela. — Estamos em uma guerra onde não há regras, sem espaço para piedade ou bondade. O perdedor perde não apenas a vida, mas a fodida Terra inteira. Transfira o agimortus. Agora.

— Há sempre espaço para a bondade. — ela disse. — Forçar isto em Zhreziel seria uma enorme violação. Eu sei que isto é um fato. Seria tão ruim quanto matá-lo. Se eu o fizesse, me sentiria suja, Ares. Arruinada.

Ares bateu com o punho na parede. — Faça, droga!

— Não.

Ares a olhou com os olhos semicerrados, sua calma mais assustadora que sua raiva. — Ótimo. Morra. Provoque o fim de todo o mundo. O que importa para mim? Eu serei do mal e não darei a mínima mesmo.

— Tem que haver outra maneira.

— Não há. — ele rugiu.

Ela enfiou o dedo em seu peito. — Gritar comigo não muda nada, apenas me faz mais firme em minha decisão. Você não aprendeu muito sobre as mulheres em seus milhares de anos, aprendeu? — No fundo Limos bufou, e Ares cravou sua irmã com um olhar. Cara estalou os dedos, trazendo sua cabeça de volta. A expressão atordoada em seu rosto, o olhar de você-ousou-estalar-comigo, poderia tê-la feito rir se a situação não fosse tão nós-todos-vamos-morrer. — Você disse que era uma espécie de comandante militar ou general ou o que for, e você tem algum tipo de conhecimento estratégico inato. Bem, use isto e encontre outra maneira de sair dessa situação. Porque eu não estou indo transferir o agimortus para esse anjo caído.

CAPÍTULO



VINTE

Ares precisava de um minuto. Não podia estar naquela sala e olhar para Cara por mais nenhum segundo. Muita emoção passava por ele, raiva, medo, mágoa. Era tudo tão estranho, e atingia-o com tanta força de uma só vez, que obscurecia sua capacidade de pensar. Seu cérebro estava trabalhando maneiras de forçá-la a transferir o *agimortus*, indo a partir de coisas agradáveis como transar com ela até que recapitulasse, até coisas obscuras, ideias sinistras como chantagem ou tortura. Não a sua tortura, mas apostava que conseguiria convencer o anjo caído a pedir para ela transferi-lo.

E ela iria odiá-lo para sempre por isso. Mas então ela estaria viva. E o mundo ficaria inteiro.

Ele saiu, inalou uma golfada da brisa marinha tingida com um toque de fumaça de cão do inferno. Hal estava nas proximidades. Talvez seu pai aparecesse dando a Ares a satisfação de estacar-lhe o coração.

— Ares. — Limos agarrou seu cotovelo quando ele estava prestes a perfurar o lado do edifício. — Ela não é um guerreiro.

Ele rangeu os molares tão cruelmente que doeram. — O que isso deveria significar?

— Isso significa que ela não tem a sua ‘vencer a qualquer custo’ filosofia. — A flor branca em seu cabelo deslizou para fora do lugar, e Limos a pegou, jogando-a no chão em uma incomum exibição de aborrecimento. — Ela quer fazer a coisa humana, e não está pensando além disso.

— Ela deveria. Ela pode trazer o fim dessa merda de mundo.

— Eu não estou feliz com isso também — Limos disse. — Mas temos que dar-lhe tempo.

Frustração e raiva zumbiam em sua cabeça, espalhando-se por toda sua espinha, em seus órgãos, e por todo o caminho até os dedos dos pés. — O tempo é um luxo de que não dispomos.

— Bem, duh. Mas não podemos forçá-la.

— Sim, eu posso. — ele soltou.

— Você é tão teimoso. — Limos pisou na flor, esmagando a coisa insípida na areia. — Deixe-me falar com ela.

O zumbido ficou maior com a energia escura que girava dentro dele. Em seu braço, Batalha bateu com força o suficiente para que sentisse um beliscão. Estranho. Ele lançou um olhar ao braço de Li, e maldição se Bones não estava fazendo a mesma coisa na pele de sua irmã.

— O que... — Ele se calou quando uma onda de choque elétrico o acertou como uma explosão nuclear. Ele cambaleou retrocedendo uns passos, perdendo o equilíbrio.

— Limos...

— Eu sinto isso — ela suspirou. — Oh, merda, o que Pestilence fez?

O arrastar do combate era como um milhão de cordas presas aos seus órgãos, esticando mais e mais, até que ele queria explodir. — Guerra, ele respirou. — Apenas começou a guerra.

O esmagar dos passos de Thanatos se transformaram em trovões quando ele irrompeu a partir da porta. — Eu... — Sombras giravam em torno dele, e ele gemeu. Um portal abriu, sugando Than pra ele, e ele se foi.

— Não! — Limos fez uma careta, e então ela foi sugada por um portal similar.

Cara. Este era um truque de Pestilence e ele sabia disso. O arrastar ficou mais poderoso com cada forçado passo em direção a casa. Seus pés estavam pesados como chumbo embora seu corpo clamasse com a necessidade de lutar, necessidade de estar envolvido em qualquer que fosse a batalha que estava acontecendo.

Quando passou pela porta, ele sentiu como se garras o agarrassem, partindo sua caixa torácica, e a agonia nublou seus sentidos. Risadas surgiram, um cão do inferno rosnou, e então Ares foi sugado para dentro do turbilhão sendo deixado no meio de um conflito, sem poderes para sair até que o pior dos sangues fosse derramado.



O grito de dor de Hal soou nos ouvidos de Cara, vibrando por todo seu corpo. Uma súbita queda de energia forçou-a a se agarrar na parede. Ela havia estado de pé na grande sala, esperando Ares e Limos voltarem para dentro, enquanto tentava evitar o olhar de desaprovação de Thanatos. Quando de repente ele rompeu de lá não se preocupou... Não até Ares gritar por ela e Hal gemer.

Suas pernas tremeram com uma fraqueza súbita, se apressou a sair e foi imediatamente cercada pelos guardas demônios de Ares. Ela não conseguia diferenciar nenhum deles, mas sabia quem era Vulgrim pelo anel de prata que fora perfurado em seu chifre, e Torrent pela barra branca no focinho largo.

Torrent a guiou em direção à entrada enquanto Vulgrim latia ordens que levou aos outros Ramreels mudarem para várias posições de combate.

— Você precisa entrar— gritou Vulgrim. — Agora.

— Mas Hal...

Torrent agarrou seu braço e arrastou-a para o pátio. — Se o seu animal ainda não se desmaterializou para Sheoul, nossos homens irão encontrá-lo. Você tem que... — Um jato de sangue irrompeu da boca de Torrent, espirrando no pescoço e peito de Cara. Horrorizada, ela pulou para trás, com o olhar colado à ponta da flecha que se projetava de seu peito. Querido Deus, a arma tinha perfurado através das duas camadas da cota de malha e do seu denso corpo. — Vá... Agora... — Ele caiu de joelhos.

— *Torr!* — O balido agoniado de Vulgrim transformou o ar quente da noite em uma proteção fria. Ele virou-se e pegou seu filho antes que caísse, mas mesmo no escuro, Cara viu a bruma da morte baixar sobre o olhar vidrado de Torr.

Os outros Ramreels investiram na direção da onde a seta saía, indo direto para os brilhantes olhos de um cavalo demônio da neve e seu mestre profano que o montava.

Uma flecha partiu do breu negro, cravando outro dos Ramreels entre os olhos. Estranhos demônios atacaram a partir do escuro. Humanos... Ou pelo menos pareciam seres humanos... Correram com eles, suas mãos segurando perversas armas manchadas de sangue.

O *agimortus* queimou em seu peito, tornando-se uma marca em brasa. A oleosa, escorregadia sensação fervia, alimentando seu terror no momento em que uma horrível coisa esquelética a prendeu pelos cabelos puxando-a para trás. Virou violentamente, perdendo a criatura. Lembrando seu treinamento de autodefesa, ela se abrandou. Concentração. Girou novamente, desta vez acertando um soco na oca barriga do demônio.

De repente Vulgrim estava ali, de cabeça baixa, forçando seus grandes chifres no demônio. O estalo dos ossos e um chiado de dor foram ouvidos, e a força do ataque de Vulgrim a derrubou. O brilho prateado de uma lâmina cintilava nas luzes do pátio, e a cabeça do demônio rolou além dela.

— Vá para dentro. — Vulgrim a colocou de pé. — Meu *tesmon* não pode perdê-la.

— *Tesmon?*

— Chefe do bando. — Ele arrastou-a para a porta. — Ares.

Seus peludos braços se fecharam ao seu redor protetoramente, e eles tropeçaram até a varanda. Uma lâmina veio do nada, cortando o

rosto de Vulgrim. Ele a desviou com seu chifre, cortando-a fora como uma cenoura sob um cutelo. O homem loiro que tinha balançado a arma mergulhou na direção dele, levando-o para o chão. Outro homem veio do nada com um machado, e numa horrível câmera lenta, Cara viu a arma descer em um arco para o pescoço de Vulgrim.

Um milhão de imagens passaram em sua cabeça, e ela viu o rosto do homem que tinha matado na sua casa nas expressões dos caras atacando Vulgrim.

Se você quiser sobreviver, se você quiser que aqueles que te importam sobrevivam, você talvez precise fazer sacrifícios e coisas que nunca pensou que faria. Coisas que você pode achar desagradáveis, que vão contra tudo o que sempre acreditou. As palavras proféticas de Reaver eram como uma trilha sonora acompanhando as imagens, e sem hesitar, Cara permitiu que seu dom fosse à carga máxima, sem se conter.

Com um grito de batalha, ela avançou, agarrando um homem pelo ombro e outro pela cintura. Energia crepitou por seus braços e através de seus dedos. O efeito sobre os homens foi instantâneo; tecido e sangue jorraram de seus olhos, narizes, bocas e orelhas.

Seus corpos incharam como balões, e no momento que atingiram o chão, romperam em fumegantes montes de sangue.

Não houve arrependimento. Nem. Um. Pouco. Ares tinha razão. Era bom se livrar de monstros, e o inferno que ela ia perder sua vida se sentindo mal com isso.

Vulgrim, cujos olhos sempre lhe pareceram muito pequenos para sua enorme cabeça, olhou para ela, seus olhos agora do tamanho de discos. — Essa — rugiu, — é uma habilidade assustadora. — Ele grunhiu. — Eu gosto. — Ele se pôs de pé. — Agora entre. E esconda-se!

Cara se inclinou longe do batente da porta e das paredes quando correu em direção ao anjo caído. Ele de alguma forma conseguiu rolar por debaixo da mesa de café, onde estava trabalhando seus pulsos amarrados contra a perna em uma desesperada tentativa de desgastar as cordas. Ele a viu chegando, e assobiou como um passaro

— Atrás de você!

Instintivamente, Cara mergulhou para o lado, mal evitando o golpe de uma enorme mão com garras. O que quer que tenha ido atrás dela soltou um grunhido irritado. Respiração quente foi soprada na parte de trás de sua cabeça, e ela quase engasgou com a fumaça.

A porta do quarto estava logo à frente...

—Não toque nela! Ela é minha. — A voz gelou sua medula. Pestilence. — E alguém arraste esse anjo para Sheoul.

A coisa escamosa que a perseguia ignorou o irmão de Ares, e justamente quando ela tropeçou pela porta do quarto, se virou, vendo o monstro cair sob os cascos do perverso cavalo de Pestilence. Ela bateu a porta e a trancou, mas dois segundos depois, esta foi arrombada, e milhares de guerreiros e a tropa a cavalo encheram a sala. Em algum lugar da casa, Zhreziel gritou. Em sua cabeça ela gritou também. Deveria ter transferido o *agirmortus*, porque o anjo caído estava sendo arrastado para Sheoul, onde sua alma seria arruinada de qualquer maneira.

O medo que Cara tinha experimentado nas mãos dos homens que a haviam tirado de sua casa e dos Guardiões que acreditavam que ela era um demônio nem se comparava com o puro, gelado terror que assolava seu corpo agora. Ela tremia no momento que Pestilence desceu do cavalo, sua armadura tilintando e derramando uma substância repugnante, preta como sangue de Ramreel.

— Parece que você está ligada a um cão do inferno, — ele disse, sua profunda voz retumbando em sua alma. — Isso significa que matar você não vai ser tão fácil como seria ao trespassá-la com uma espada ou cortar sua delicada garganta.

— Que pena — ela disse, surpresa de como sua voz não mostrava nem um pouco do medo que sentia.

— Eu tenho ele, você sabe. Seu cão do inferno. Ele lutou contra mim e meus homens, mas agora mesmo, ele está sendo transferido para meu covil.

Ela foi tomada por uma fúria tão intensa que seus dentes bateram. — Deixe-o ir, seu bastardo sem alma.

Pestilence a golpeou, acertando todo seu rosto com as costas de sua mão. — Você beija Ares com essa boca? — Ele sorriu. — Como ele se sente sobre sua ligação com um cão do inferno, de qualquer modo?

— Esse cão do inferno está me mantendo viva.

— Vadia estúpida. Você está morrendo. Tudo o que preciso fazer é te acorrentar e esperar por isso. Mas aí não seria tão satisfatório como torturar você. E veja, a coisa estranha sobre essa dor-no-traseiro de laço com cão do inferno é que eu não posso simplesmente cortar a sua cabeça ou a dele. Por alguma razão, você acaba com a mesma proteção que nós Horsermen temos. Nenhuma arma pode atravessar a medula espinhal. Estranho. — Ele franziu a testa. — Eu tentei cortar a cabeça do seu cão do inferno, em todo caso. Não é fatal. Mas machuca que é uma porra.

— Seu doente, retorcido filho da puta — ela respondeu asperamente.

— Paus e pedras. — Ele estendeu a mão e passou os dedos enluvados pela sua garganta, e apesar de seu dom ainda estar engajado e bombeando suficiente energia para iluminar uma rede do tamanho da cidade de Nova York, Pestilence nem vacilou quando a levantou do chão. Sua respiração ficou chamuscando chicotes de fogo em sua

garganta no momento que pegou seus pulsos e tentou furiosamente fritá-lo com seu poder. Nada. O bastardo era imune.

— Vamos para o meu lugar. — Suas presas brilharam quando a olhou de cima a baixo. — E então, pequena humana, eu vou ver quão doce você é.

CAPÍTULO



VINTE E UM

Ares, Limos e Thanatos caíram em uma armadilha. Uma projetada não para pegá-los, mas para mantê-los ocupados.

Ares sabia o momento em que ele se materializou na zona de guerra, no exato lugar onde a praga mais recente atraía Thanatos. Descobriu-se que Pestilence e seus demônios manipularam os governos da Croácia e Eslovênia a entrarem em guerra depois de convencer os líderes eslovenos que os militares croatas fabricaram e distribuíram a doença que matou milhares de eslovenos.

Demônios, todos *ter'taceo* em posições de destaque, incitaram ainda mais as coisas, reunindo milhares de croatas e eslovenos em campos bem para o interior da Hungria e saqueando tudo, desde roupas e água até alimentos. Eles criaram uma fome de *tudo*. Suas ações eram uma tentativa não apenas de provocar uma guerra internacional, mas também para distrair Limos.

Funcionou, e a única porcaria era que grandes tragédias eram como usinas de energia do mal para Ares e seus irmãos. Enquanto permanecessem no local, o entorpecer turbinado os abalava como um orgasmo misturado com cocaína, e ninguém podia—ou queria—desligar-se disso.

Mas Ares precisava se desligar. O que significava derrubar as pessoas no comando em cada lado do conflito.

Agora, um dia depois de Ares ser sugado para os sangrentos campos de batalha, ele estava sobre o corpo do general Croata que matou e se perguntando quanto tempo passaria antes dele precisar voltar para acabar com o substituto do cara. Ele já derrubara os líderes militares eslovenos, ambos eram demônios em trajes humanos. O que o fez se perguntar quantos do escalão superior dos militares eram vadias de Pestilence.

A aba da tenda foi pulada para trás, e falando do otário...

Pestilence passeou para dentro, as presas sangrentas expostas em seu sorriso assustador, Harvester em seus calcanhares. — Aposto que você estava pensando em mim.

— O mal não cai bem em você, irmão.

— E absolutamente cai bem em mim. Sabe o que mais cai bem em mim? Cara. — Ele sacudiu a língua sobre uma presa. — Perfurar aquilo? Doce.

Ares avançou, preparado para arrancar a garganta de seu irmão. Ele não iria matá-lo, mas iria doer pra porra. Ele bateu o punho no pescoço de Peste, e seu irmão caiu, mas manteve os pés sob si mesmo. — Se você machucá-la...

— Ah, eu a machuquei. — Peste reagiu com um soco de força industrial na têmpora de Ares. Estrelas brilharam, pássaros chilrearam e sinos tocaram ao som de *Meu traseiro está sendo chutado*.

Pestilence estava definitivamente extraindo o poder do mal, estava muito mais forte do que era antes de seu selo quebrar. Cabeça ainda girando, Ares agarrou a cadeira de metal no canto, girou, e a desceu sobre o crânio de Peste. A cadeira se amassou como uma lata, arrancando uma das pernas, e sem perder o ritmo, Ares partiu a perna oca e a enfiou na garganta de seu irmão, tirando uma amostra do núcleo da carne de Peste. Sangue jorrando da traqueia, espirrando o interior da tenda em sangue coagulado, e Ares jurava que viu o sorriso de Harvester.

Uma maré vermelha floresceu nos olhos de Peste, e ele jogou seu braço em um arco, conectando-o com o ombro de Ares e lançando-o através do lado da tenda derrubando tudo. Antes que Ares pudesse ficar de pé, Peste estava lá, de joelhos sobre o peito de Ares e cavando os dedos em sua garganta. Pressão agonizante em sua traqueia a fechou.

— Você virá comigo, irmão — Peste disse, sua voz um grunhido desagradável. — Você vai me assistir quebrar o seu selo, mas, primeiro, eu vou deixá-lo muito triste por você tentar ficar no meu caminho.

Dor despedaçou o crânio de Ares, e tudo ficou preto.



Rapaz, Reseph amava uma boa festa.

Jimmy Buffett estava cantando louvores à toda-poderosa margarita, o sol estava quente, o oceano azul, um porco assava em um espeto, e as mulheres estavam balançando seus quadris cobertos em biquínis em um convite que devolveria a visão a um homem cego.

Limos trabalhava no bar portátil que trouxe para as festas que dava em sua casa de praia havaiana. Ela sempre convidava os moradores, que achavam que ela era um tipo de Paris Hilton, uma jovem herdeira torrando o dinheiro de seus pais ricos. O que explicava por que ela raramente estava na casa de praia; Limos alegava possuir uma dúzia de casas em todo o mundo e passar seu tempo entre elas.

Reseph sentou-se contra a palmeira, engolindo metade de sua margarita, e se perguntou se deveria levar a loira gostosa que estava caindo da parte de cima de seu traje de banho para a água por um pouco de ação abaixo das ondas. Emmalee gostava do jeito que ele gostava...

Que era de todos os jeitos. Mas ela ficava um pouco mais excitada quando havia o risco de serem pegos, ou quando sabia que alguém estava olhando.

— Trouxe outra dose.

Ele olhou para cima enquanto Limos derramava mais margarita com afeto em seu copo de um jarro. — Obrigado, mana. — Ele colocou seus óculos e esquadrinhou a multidão de cerca de cinquenta, em sua maioria, humanos. Havia alguns demônios presentes, mas como ter'taceo, eles estavam disfarçados até mesmo para a maioria dos outros demônios. — Queria que Ares e Than estivessem aqui.

Li suspirou, sentou ao lado dele, e tomou um gole de seu enorme jarro. — Than disse que estaria aqui, mas Ares... — Ela encolheu os ombros.

Sim, Ares raramente vinha a estes encontros, e quando o fazia, precisa ficar na varanda e observar de longe. Ficar muito perto da ação causava brigas demais para deixar passar. — Você sequer o convidou?

— Não.

Ares provavelmente sabia sobre a festa, mas pelo menos desta forma, ele não precisou passar pela tortura de recusar.

— Alguém vai começar um jogo de vôlei em breve?

Uma sobrancelha negra se arqueou. — Está sentindo a necessidade de bater em uma bola?

Ele balançou as sobrancelhas. — Eu quero assistir a todos os seios saltitantes.

Limos o atingiu no ombro. — Você não mudou nada. Ainda o playboy pervertido que você era quando era humano.

Sim, ele fora isso. O "filho" de uma poderosa sacerdotisa acadiana que alegava uma concepção virginal por um deus, Reseph foi criado para ser um mimado e irresponsável pulador de camas. No momento que Limos o encontrara com a idade de vinte e oito anos, ele poderia ter tido cinquenta filhos com muitas mulheres. Felizmente, sua "mãe" sacerdotisa fora bem versada em medicina mística... Até o alcance de Reseph suspeitar de que ela possuía algum DNA demônio em seu passado.

Graças à skullwort, uma erva demônio que interrompia a gravidez em fêmeas e tornava machos estéreis por semanas a cada dose, ele nunca teve de lidar com a perda de um filho da maneira como Ares teve. Nem iria.

Ele podia festejar tudo que queria.

Uma morena curvilínea se curvou e mostrou os seios para ele, e não, isto nunca ficou ultrapassado.

Limos apenas balançou a cabeça. — Você é impossível.

— Ei. — Ele assumiu o seu melhor tom ofendido. — Eu não posso fazer nada se as fêmeas me amam.

— Tanto faz. — Revirando os olhos, Li se empurrou para seus pés, tirando à areia de seu vestido de verão, e apontando para o porco no espeto. — É hora de cinzelar. Faça-se útil.

Ele sorriu enquanto saltitava para longe, chutando a areia solta. Cara, ele amava sua vida. Ele realmente amava. Era uma droga que seus irmãos não vivessem tão bem quanto ele, no entanto. Eles eram solitários, pelas circunstâncias ou por escolha, e embora Reseph fizesse o seu melhor para fornecer companhia, não era o mesmo que ser capaz de se soltar com alguém com quem não se tem relação.

Desejando que pudesse fazer mais por sua irmã e irmãos, ele se levantou, virou-se e quase esbarrou em uma ruiva de tirar o fôlego, cujos olhos verdes eram janelas para uma boa diversão. Ela lhe deu um sorriso maroto, tomou sua mão, e fez um gesto para a floresta exuberante. Bem, o porco assado precisava esfriar de qualquer maneira, certo? Certo. Gerando um sorriso próprio, ele conduziu a mulher para uma pequena enseada privada, onde levou a ambos tão perto do paraíso quanto ele provavelmente já chegaria.

Pestilence se sentou com um silvo. Porra, ele odiava dormir. Odiava como aquele idiota sentimental que ele foi vazava em seus sonhos com as lembranças dos bons velhos tempos. Dane-se. Ele estava se divertindo muito mais agora. Ele estremeceu com o puxão na virilha,

espalmou seu pênis duro, e lembrou que tinha um pedacinho suculento de um ser humano toda acorrentada, amaciada, e pronta, se não disposta, para cuidar da questão.

— Meu senhor.

Pestilence gemeu ao chamado por sua tenente Neethul e balançou as pernas para o lado da placa de pedra em que ele dormia. Ele há muito tempo desistiu de camas, que ficavam realmente fodidamente desagradáveis quando sangrentas, e ele não era um desse que gostava daqueles protetores de borracha para urina. Muito mais fácil molhar a pedra, e realmente, o conforto não era um problema, não quando ele só precisava de cerca de uma hora de descanso por dia.

— O que?

— Seu irmão está se mexendo.

— Ótimo. E Cara?

— A humana está como você a deixou.

O que significava que ela estava nua e encolhida em uma gaiola. Excelente. Hora de apanhá-la e mostrar a Ares porque é muito, muito melhor estar do lado quebrado do Selo.



Ares voltou em uma névoa, seus músculos tensos, articulações esticadas. Sua primeira tentativa de levantar a cabeça foi uma falha épica. Ele poderia muito bem ter tentado levantar uma bola de boliche com um elástico. A segunda tentativa teve êxito, mesmo que tenha precisado de esforço para não deixar cair o queixo no peito novamente. Pelo menos seus olhos funcionavam bem o suficiente para permitir que ele visse que estava em uma pequena sala que era claramente uma bruta cela subterrânea. Rolando seu pescoço, ele olhou para seus pulsos amarrados. A corda que os mantinham juntos estava unida a um anel de ferro no teto.

Ele franziu a testa. Cordas não podiam segurá-lo, então por que seu irmão se deu ao trabalho de tentar? Sorrindo, ele puxou seus pulsos.

Nada aconteceu. Okay, então a corda estava definitivamente reforçada com encantamentos demoníacos, mas ainda não devia ser capaz de segurá-lo.

A menos que Cara estivesse nas proximidades.

Seu intestino se torceu mesmo enquanto ele tomava conhecimento de que a sensação familiar de drenagem o agarrava. Ela definitivamente estava muito perto, e enquanto estivesse ele estaria severamente prejudicado. Para piorar, um anel de cobre circulava o glifo de seu cavalo, impedindo Batalha de ser liberado.

Um grito ecoou, gelando seu sangue, e ele teve que se forçar a respirar.

A porta se abriu e Pestilence entrou, empurrando Cara, que estava nua e machucada, para dentro. Ela tropeçou e caiu no chão sujo com palha espalhada, e então ela se encolheu em um canto. Raiva sombria e assassina queimou de sua pele para seus ossos.

— Bastardo — Ares gritou, antes que pudesse se conter. *Respire*. Agora não era o momento de deixar seu temperamento reinar. Ele precisava ficar frio se ele quisesse encontrar as fissuras na armadura de seu irmão.

— Nós somos todos bastardos, realmente. — Pestilence tirou sua camisa regata, ficando com as calças de couro. Como Reseph, ele passara mais tempo nu do que nudistas extremistas, e parecia que essa peculiaridade sobrevivera à viagem para o lado negro. — Eu contei que tenho passado um tempo com a nossa mãe? Ela é uma graça. Você devia ter visto o que fizemos com a Tristelle há poucas horas no templo de Lilith. Foi uma coisa de realmente unir mãe e filho.

Porra. Aquela anjo caído estúpida. Ares tentou avisá-la.

— Os contos sobre a nossa mãe eram precisos. — Peste tocou a borda irregular de um punhal pendurado na parede. — Ela é uma verdadeira puta. Até tentou me seduzir. Quer saber se eu deixei?

O estômago de Ares virou. — Eu não me importo com a nossa mãe.

— Você vai se importar. Ela quer conhecê-lo uma vez que seu selo seja quebrado — o que vai acontecer em breve. — Ares sentiu os segundos passarem no martelar de seu batimento cardíaco enquanto Peste se virava para Cara, que fez o seu melhor para tornar-se parte da parede. — Eu vou ter a minha diversão com ela primeiro. Lembra da Flail e da Saw? Sim, desse jeito. Exceto que os seres humanos sangram muito melhor.

“Não toque nela!”

Pestilence lançou a Ares um olhar pigando de falsa inocência. — Oh, eu sinto muito. Ela é a sua? Você não quer compartilhar? Depois de tudo que passamos?

A mente de Ares está através de suas opções, e surgiu com praticamente nada. Pestilence tinha a dianteira agora mesmo, e Ares era o idiota que foi enfiado no porta-malas.

Rasgando suas calças, Peste caminhou até Cara, e a frieza de Ares evaporou-se e se transformou em vapor escaldante. Ele ficou louco, chutando, empurrando. O teto estava descendo, ou seus braços estavam se rasgando de seus encaixes. Não importava. Ele precisava chegar até Cara.

— Humana. — As presas de Pestilence desceram violentamente. — Ares alguma vez lhe disse como ele foi forçado a assistir o que aconteceu com a mulher dele? — Ele agarrou Cara pelo pescoço e a levantou. Ela lutou em seu aperto, arranhando as mãos dele. — Violada, torturada, morta. Bem na frente dele.

— Cala a boca. — Cara resmungou. Seu joelho subiu, pegando Peste na coxa, mas ele nem sequer vacilou. Ainda assim, orgulho feroz brotou em Ares.

— Querendo proteger Ares, não é? — Pestilence murmurou, e por uma fração de segundo, talvez menos, Ares poderia jurar que vislumbrou um anseio na expressão de seu irmão. Então o fodido passou uma unha contra o rosto dela, tirando sangue, e Ares soube que estava enganado, permitiu que sentimentalismo e o vínculo fraternal colorissem seus pensamentos.

Nunca mais. —S e você fizer isso, irmão, eu vou encontrar uma maneira de torturá-lo por toda a eternidade.

Peste encolheu os ombros. — Depois que seu selo se quebrar, você não vai se importar. Vou deixar o cadáver dela intacto o suficiente para que você consiga uma última foda antes de encontrarmos Limos e Thanatos. Uma vez que formos nosso sangue entre os lábios deles, seus Selos quebrarão, e nós cavalgaremos juntos novamente.

Desamparo teria deixado Ares de joelhos se ele estivesse de pé. Plano. Ele precisava de um plano de merda. Não haveria como apelar

para Reseph... Ele claramente se fora. O olhar aterrorizado de Cara encontrou o dele, e ele fez o seu impossível para transmitir uma mensagem. *Lute contra ele.*

Pestilence a bateu contra a parede e apertou seu queixo com força. — O quanto talentosa é essa boca? Ares?

Este era o intervalo que eles precisavam. Ares esperava que ela seguisse a deixa. — Muito. Você não vai encontrar uma língua mais inteligente.

Pestilence girou a cabeça, os olhos apertados. — E você está me dizendo isso, por quê? Você *quer* que ela me chupe?

O inferno que não. Raiva embaçava sua visão enquanto essa imagem em particular queimava em seu cérebro. Através do medo crescente de que esta poderia ser uma disputa que ele não ganharia, ele se obrigou a relaxar, mas não podia limpar o cascalho de sua voz. — Eu lutaria contra o próprio Satanás para impedir — ele admitiu, porque seu irmão não acreditaria em nada menos. — Mas eu não tenho qualquer poder. Você vai matá-la. Minha esperança é que se ela satisfazê-lo, você vai tornar a morte dela fácil.

— Eu vou considerar isso. — Ele empurrou Cara de joelhos à sua frente. — Tire para fora. E se você fizer algo estúpido, eu vou cortar o pau de Ares e fazer você comer, entendeu?

Ela empalideceu, fazendo suas contusões e arranhões se destacarem de forma incisiva. Suas mãos tremiam enquanto alcançavam as calças de Peste e removiam seu pênis. O filho da puta já estava duro. Ares irrompeu em um suor febril.

Vamos, baby. Use o seu dom. Arranque a porra das bolas dele.

A palma dela circulou o membro de Peste e deslizou para baixo. Ele a socou na cabeça. — Sua boca, vadia. Use sua boca.

O peito de Ares se apertou, seu coração era como uma britadeira, e porra, ele não iria sobreviver a isso. Os lábios de Cara se separaram, e ele sabia que seu irmão podia sentir o hálito quente sobre ele. O demônio dentro dele enlouqueceu. *Aguente firme...*

Cara deslizou as mãos em torno das coxas musculosas de Peste e puxou as calças para baixo, assim a cintura circundava suas pernas. Peste a observava, seus olhos azuis brilhando com antecipação e luxúria enquanto ela envolvia seu saco. A língua se lançou para fora, e Ares quase gritou, maldição. Não importava o quanto malvado ele se tornasse, de alguma forma preservaria a parte de si mesmo que se apaixonara por ela, e iria vingá-la.

Ele *iria* destruir Peste por isso.

Quase imperceptivelmente, Cara se moveu, e pouco antes de sua boca fazer contato, ela dobrou seu pulso tão violentamente que Ares ouviu o rasgar da carne. Rápido como um relâmpago, ela mergulhou

em direção a Ares enquanto Peste se virava para ela, sangue fluindo entre as pernas e um grito rasgando de sua garganta.

— A pulseira — Ares gritou. — Tira-a de cima de Batalha!

Cara cambaleou até ficar de pé e correu para ele, mal evitando o segundo apanhar de Peste. Ela saltou, mas seus dedos apenas roçaram o anel de cobre. — Eu... Não consigo... Alcançar!

— Suba em mim. Rápido. — Ele levantou uma perna, e ela pulou em cima, montando-o enquanto empurrava o bracelete para cima. — Fora!

Peste a agarrou pelos cabelos e a puxou para o chão enquanto Batalha se formava atrás dele. Cara gritou, se debateu e chutou. O punho de Peste bateu no queixo dela, e então ele foi esmagado no chão pelos cascos gigantes de Batalha. O cavalo batia de novo e de novo.

— Meu poder... Não vai funcionar no seu irmão. — Tropeçando, Cara ficou de pé. Sua voz estava mole, suas palavras flutuavam no sangue, mas seus olhos eram determinados. Por que ele algum dia pensou que ela era fraca, ele não tinha ideia.

— Está tudo bem — ele lhe disse. — Batalha está lidando com isso. Eu preciso que você procure uma alavanca.

Ela mancou por trás dele, e no meio do som da surra que Peste estava tomando, ele ouviu gritos do lado de fora. Reforços de Peste.

— Depressa, Cara...

— Achei!

Algo metálico fez um clique, e ele deixou cair a seus pés, mãos ainda amarradas pelo pedaço de corda. Ela correu até lá, seus dedos fazendo um trabalho rápido nos nós. A porta se abriu, e demônios invadiram. Ares abriu um Harrowgate, usando-o como arma para cortar dois deles ao meio. — Batalha! — O garanhão girou, ficou parado enquanto Ares jogava Cara na sela e depois se virou.

O corpo de Peste estava arruinado, sua garganta e rosto esmagados, mas ele conseguiu ficar de pé com dificuldade e lançando um bastão cheio de pontas. O bastão ricocheteou nas costas de Ares, mas a dor foi esquecida quando Batalha avançou contra o enxame de demônios, abrindo caminho através deles, como uma bola de demolição, e saltou pelo portal.

No segundo que os cascos do cavalo bateram na areia da ilha, Ares arrancou sua camisa e a colocou sobre a cabeça de Cara, protegendo sua nudez de seus criados, que estavam correndo ao encontro deles.

— Eu sinto muito. — A voz dela tremeu, todo o seu corpo estremeceu enquanto a adrenalina que os tirara de lá começava a produzir seus efeitos sobre ela.

— Eu que devo me desculpar. — Pressionando beijos em seu cabelo, ele passou os braços em volta dela, desesperado para sentir seu calor, sua vitalidade, todas as coisas que ela poderia ter perdido nas mãos de seu irmão. — Ele nunca deveria ter chegado tão perto de você.

— Não é isso. — Ela olhou para os Ramreels que corriam desordenadamente em direção a eles. — Eu sinto muito, Ares. — O cheiro da tristeza emanando dela ativando seus alarmes internos.

Os demônios os cercaram, todos ostentando lesões. Vulgrim estava lá, mancando, um chifre cortado. Em seus braços, ele segurava um pequeno Rath que se contorcia. Mas Torrent não estava com ele.

Meu senhor. — Vulgrim se curvou. E quando ele se esticou a seus completos quase dois metros e trinta, seus olhos vermelhos e lacrimejantes fizeram as entranhas de Ares despencarem.

— Não fale, — ele rosnou. — Não. Fale. Nunca.

— Nós o perdemos, *tesmon* — disse Vulgrim. — Meu filho se foi.

CAPÍTULO



VINTE DOIS

Após a notícia sobre Torrent, Ares desmontou e pegou Cara no colo, levando-a para o quarto. Nenhum dos dois disse uma palavra. Ele ligou o chuveiro, mas quando voltou para despi-la, ela pediu para ficar um momento sozinha. Ele precisava de tempo com Vulgrim, e embora protestasse, finalmente cedeu, deixando Limos à porta.

Cara se lavou com cuidado, suas dores e mágoas retardando o processo. Pestilence havia feito um bom trabalho com ela durante as horas antes da captura de Ares, e aquele último soco no rosto machucara como o inferno. Ela esperava que suas bolas latejassem tanto quanto sua mandíbula. Bastardo.

Ares voltou quando acabou o banho, parando na porta. Sua pulsação vacilou, quase dolorosamente. A intensidade em seus olhos vermelhos congelando-a no lugar.

— Você salvou a vida de Vulgrim. — Sua voz estava tensa. — Você matou por ele. — Atravessando o quarto em três passadas, puxou-a contra ele. — Sinto muito por ter tido que fazê-lo.

— Ares — ela sussurrou, — não havia outra opção. Não me arrependo, e faria tudo novamente.

Ele soltou uma respiração irregular, pegou-a e levou-a para a cama. Enquanto a deitava, seu olhar mapeou e registrou cada um dos cortes e contusões, e à cólera se juntou o pesar. — Precisa de um médico. — Engoliu em seco. — E do *agimortus*...

— Eu sei. — Era rosa escuro agora, muito mais claro do que tinha sido antes de Pestilence pegá-la. Ela bateu de leve no colchão. — Deite-se comigo.

— Preciso tomar banho primeiro.

Esperou enquanto ele se limpava, e em seguida se juntava a ela na cama, onde, quando descobriu seu pequeno presente, encarou-a. — Um travesseiro? — Ele correu a mão sobre a cobertura de seda, e ela jurou ver um ligeiro tremor em seus dedos. — Quando? Como?

Se apoiando sobre um cotovelo observou-o. Ela nunca se cansava de ficar olhando para ele, de admirar sua pele profundamente bronzeada, seus traços cinzelados, seus fortes músculos que se retesavam e ondulavam quando se movia. — Depois que resgatamos Hal. Enquanto estava lutando contra os demônios com os Guardiões.

Pedi a Vulgrim que conseguisse um travesseiro para você. — Ela colocou a mão sobre a dele. — Não é muito, mas eu queria fazer algo bom. Você merece estar confortável enquanto dorme Ares.

Ele agarrou-a, teve seu corpo contra si tão rápido que Cara não sabia o que a atingiu. Ele não disse nada, apenas a abraçou, seu instinto dizendo que era o que precisava no momento.

Ela adormeceu, a exaustão e o choque de adrenalina servindo como um bom Valium. E se pudesse se comunicar com Hal...

Acordou uma hora depois. Não havia sonhado com Hal, e Ares tinha ido embora.

Instantaneamente, saltou da cama, só para ter suas pernas como molho de macarrão. Segurou-se na cadeira, se livrando de uma queda feia. Maldição, ela estava ficando fraca. Todo o seu corpo doía, e em algum ponto, seu crânio se tornara um espremedor gigante, transformando seu cérebro em um latejante e sujo líquido.

O mais depressa possível, o que significava a passo de tartaruga, vestiu um par de capris verde-oliva que estavam mais folgadas do que costumavam ser, e uma blusa de botão azul que em nada combinava; mas agora mesmo, moda não era sua maior preocupação.

Descalça, ela andou silenciosamente até a grande sala, onde Ares estava de pé em frente à lareira, uma mão apoiada sobre ela, e a cabeça tão baixa que tocava o peito com o queixo.

— Ares? Você está bem?

Ele não olhou para cima, mas soltou um riso amargo. — Eu que deveria estar perguntando isso.

— Estou bem.

Nisso ele levantou a cabeça, e ela ofegou assustada com seus olhos vermelhos e sua expressão tensa. — Te pegaram como prisioneira, te espancaram, foi obrigada a matar, e quase forçada a... — Ele parou e balançou a cabeça. — Você *não* está bem.

Não, seu tempo com Pestilence não tinha sido agradável. Mas ela sobreviveu. Ela havia lutado sem romper em gritos ou numa poça de lágrimas. — Eu acho — disse suavemente, — que devo ser a única a determinar isso. — Foi em direção a Ares, mas ele se afastou. — O que há de errado?

Ele olhou para o ventilador de teto, que zumbia loucamente. — Eu falhei com você. Eu falhei com Torrent.

— Não havia nada que pudesse fazer por ele. E talvez não se lembre, mas você me afastou de Pestilence.

— Uma. Maldita. Merda. — O veneno na voz de Ares a fez recuar. — *Você* nos tirou da cela do meu irmão. Eu fiquei pendurado lá como um pedaço de carne no açougue.

— Eu não poderia ter chegado longe sem você. — O *agimortus* gravado em seu peito juntou-se à sua latejante cabeça, como se quisesse participar da conversa. — Nós fizemos isso juntos. E nada disso teria acontecido se eu tivesse transferido o *agimortus* em primeiro lugar. — Deveria ter feito isso, e ia se arrepender dessa decisão pelo resto de sua vida... Tão curta quanto esta fosse.

— Pare de tentar justificar meus erros!

— Por que você está agindo assim? — Ela se aproximou dele, mas ele voltou a se afastar, passando suas mãos pelo cabelo e mantendo-as lá quando começou a andar.

— O que ele fez para você? — A voz dele saindo primitiva. — Antes de te trazer para a cela.

— Isso não é importante, Ares. — Um grunhido baixo saiu dele fazendo o coração dela vacilar. — Oh... Você acha que ele me estuprou.

— Ele o fez? — Ainda gutural, como se sua garganta estivesse em carne viva.

— Será que isso importa?

— Sim. — Desta vez, sua voz estava morta.

Ela estremeceu. Apesar dos homens que invadiram sua casa não terem tido chance de estuprá-la, Jackson nunca veria nada além do que *poderia* ter acontecido. Embora não dissesse isso, não realmente, em todo caso, ainda a veria como mercadoria danificada.

Algo arruinado. Estragado. Quando o havia tocado, ele se distanciara, encontrando uma maneira de evitar qualquer intimidade com ela. Eles não tinham feito amor sequer uma vez depois daquela noite.

— Então... Se ele me estuprou, você vai pensar diferente sobre mim?

A cabeça de Ares girou bruscamente como se tivesse sido golpeado. — Não. Nunca. — Ele olhou-a sob o franzir de suas escuras sobrancelhas, seu olhar de aço. — É importante porque Pestilence a atormentou enquanto eu era incapaz de protegê-la. Ele sabia exatamente onde me atingir, sabendo que eu já passei por isso uma vez com a minha mulher. Se ele violou você acima de tudo isso, eu não poderia viver comigo mesmo.

— Ele não o fez, Ares. — Deus, sentia o coração apertado por ele, e não sabia como ajudar de modo que tentava tranquilizá-lo. — Eu juro. Ele estava mais preocupado com a sua captura para que você pudesse assistir.

Fechando os olhos, ele soltou um longo e aliviado suspiro. Mas se afastou de novo quando ela tentou se aproximar mais uma vez.

— Ares, não. Por favor, não se afaste de mim. — Era como se fosse Jackson novamente, mas dessa vez, muito pior. Com medo do que Jackson acharia de suas habilidades, nunca se entregara totalmente a ele, sempre manteve uma parte de si mesma à distância.

Mas mostrou tudo para Ares. Ele a tinha feito mais forte, enquanto Jackson sempre a arrastara para baixo.

Ele não disse nada. Nem olhou para ela. Nem mesmo quando saiu da sala.



— Você é um grande pedaço de merda egoísta.

Ares deu um solavanco parando dentro do seu jardim murado.
— Perdão?

Limos deu a volta parando na frente dele. — Cara foi atormentada pelas mãos de nosso próprio irmão...

— Você acha que eu não sei? — Cada segundo do que aconteceu ficava repetindo em sua cabeça, e a única pausa que tinha desse show acontecia quando as lembranças de Torrent surgiam.

Depois de Vulgrim e sua esposa, Sireth, Ares havia sido o primeiro a segurar Torr após seu nascimento. Ele o tinha visto aprender a andar, quase saíra de sua pele ao vê-lo negociar falésias, o ensinou a lutar.

A dor de Vulgrim era agora de Ares, e para alguém que tinha jurado não permitir que a emoção fizesse parte de sua vida, parecia a Ares que se afogava nela.

— Sim, e está fazendo o que Pestilence fez com você. Você, não ela. — Limos colocou as mãos nos quadris. — Você se sente perdido, impotente, porque não pôde proteger sua mulher. Então para se punir por sua culpa, sua insuficiência ou o que for, você se afasta dela. Foi torturada por Pestilence, mas você não é um inferno muito melhor, porque você está fazendo a mesma maldita coisa.

Ele queria dizer a Limos para ir se fuder, mas ela estava certa. Ele achava que Jackson era um idiota pelo modo que tratara Cara, e então Ares tinha ido e repetido um dos momentos mais dolorosos de sua vida.

O caminho de pedras que serpenteava pelos jardins se tornou sua pista quando ele começou a andar rápido. Será que poderia correr mais que sua estupidez? Improvável.

Os pés descalços de Limos batiam ritmicamente atrás dele. — Ei, sinto muito sobre Torrent. — Ela pegou sua mão e obrigou-o a

parar. — Eu sei o quanto você se importava com ele. Há algo que eu possa fazer?

— Sim — disse ele com voz rouca. — Cuide de Vulgrim e Rath. Pestilence sabe como me ferir. — Lá em cima um falcão se impulsionou numa corrente de ar, à procura de uma presa. — Nosso irmão está mais forte do que nunca. Ele me pegou desprevenido e superou-me depois que consegui ficar livre da guerra. Como você conseguiu fugir dos campos de fome?

— Eu alertei a mídia. Uma vez que souberam dele, estava tudo acabado. Geralmente tenho uma relação de amor e ódio com os tempos modernos, mas atualmente virou amor verdadeiro.

— Onde está Thanatos?

— Reunindo informações de onde Pestilence pode estar formando seu exército. Quando você tirou aqueles comandantes e causou o cessar-fogo, Than foi libertado. Ele está fazendo um bom uso de seu tempo antes das pragas de Pestilence piorarem. Os humanos já estão começando a entrar em pânico.

Sem dúvida eles estavam. Ele já tinha visto isso outras vezes... Humanos eram como ovelhas assustadas que entravam em pânico ao primeiro sinal de problemas, comprando suprimentos, movendo-se para áreas isoladas, construindo abrigos anti-bombas, trancando janelas. Imaginavam que havia um Apocalipse em cada esquina.

Desta vez, eles estavam certos.

Merda, ele precisava da melhor das orações. — Fique com Cara.

— Onde está indo?

Ele abriu um Harrowgate. — Visitar nossa mãe.

— O quê? — Li prendeu seu braço. — Por quê? Você está louco?

Provavelmente. Lilith era um dos poucos seres mais poderosos que ele. Ela manteve Limos em cativeiro, e se pegasse Ares, poderia muito bem segurá-lo até que Pestilence quebrasse seu Selo.

— Lilith e Pestilence torturaram Tristelle para saber onde os anjos não caídos estão se escondendo. Eu darei o que Lilith quiser se ela me disser onde achar um. — Ele tinha que salvar Cara. O desespero era como lava percorrendo suas veias.

— Não existem mais Unfallen.

Li e Ares se viraram para Reaver, que estava fora do caminho perto de um tanque de peixes, sua expressão mais irritada do que nunca. — O que você quer dizer com não existem mais?— Ares perguntou entre dentes.

Os olhos azuis de Reaver giravam com nuvens de tempestades, e raios brilhavam em suas pupilas. — Exatamente o que eu disse. Ou

eles foram para Sheoul, ou Pestilence os destruiu. Meus irmãos se foram, e nós estamos sem tempo.

Todas as emoções que Ares não deveria estar sentindo - pânico, medo, raiva - transbordaram numa raiva venenosa, em que ele se perdeu. Não pensou. Apenas agiu. Agarrou Reaver pela gola de seu estupidamente caro casaco e bateu o anjo em uma oliveira. — *Está mentindo.*

— *Você falhou.*

O puto anjo lançou um golpe de surpresa que acertou Ares com a força de um trem de carga, mandando-o dezenas de metros pelo jardim até bater numa coluna. Pedra caiu sobre ele, e Ares tinha certeza que logo estaria mijando sangue, um rugido saiu dele enquanto se levantava.

— Ares, não! — Limos saltou em sua frente na mesma hora que Harvester apareceu, um sorriso irônico enfeitando seu rosto quando lançou Ares na coluna novamente.

— O mal está ganhando — disse ela, com uma sarcástica, voz cantante.

Reaver, no auge da sua força, mudou o foco de Ares para Harvester. Ela grunhiu, e eles se chocaram em uma gigantesca explosão de poder. Um enorme clarão surgiu, e então eles tinham ido.

Isso não podia estar acontecendo. Não podia estar acontecendo. Não podia estar acontecendo, porra! Ares limpou o sangue de seu templo amaldiçoando em uma dúzia de línguas diferentes, mas isso não mudou o fato de que estava tão fudido que seu traseiro doía. Embora supôs que este poderia ser resultado da queda.

Ele sacudiu o resto de pó do seu cabelo e virou para Limos. — Ligue para Kynan. Nós precisamos desse maldito punhal. É a única esperança de Cara agora. E eu quero o Harrowgate da ilha fechado. Pestilence não está mais levando nenhum demônio através dele.

Limos assobiou. — Não vai ser fácil.

— Eu não me importo — ele retrucou. — Darei o que for preciso para...

— Meu senhor! Ares! — Vulgrim correu na direção deles, gesticulando para a casa. — Um cão do inferno...

Ares não o esperou terminar. Armando-se, ele arrancou pelo jardim, disparando em direção à casa; encontrou Cara na sacada do quarto. Ela tinha a mão atrás do pescoço de Chaos, a outra coçando debaixo do seu queixo, e o único jeito disso ter acontecido era se Cara houvesse convidado o cão, ignorando a proteção. Limos chegou depois de Ares, sua própria armadura rangendo com as armas que colocou.

O cão do inferno balançou sua cabeça, e Ares podia jurar que a besta estava sorrindo. Ares o lia tão bem quanto o faria com um outdoor. *Sua mulher gosta de mim.*

— Ares — disse Cara rapidamente — antes que fale qualquer coisa...

— Saia de perto dele.

Ela o ignorou. — Me escute. Por apenas um minuto.

Ele não estava com disposição para isso. — Eu quero esse monstro morto.

Caos rosnou, e um pouco de baba saiu de sua boca caindo no chão.

— É preciso uma trégua — Cara disse; Limos fez um ruído estrangulado.

— Você não pode estar falando sério — a voz de Ares era áspera. — Nunca. Agora saia de perto dele antes que a machuque.

Contra todas as crenças, Cara envolveu seu braço em volta do pescoço do cão do inferno, e através da névoa vermelha do ódio, ele notou que ela estava vacilante e precisou de apoio. — Ele não pode me ferir ou vai machucar seu filho. Ele precisa da minha ajuda para encontrar Hal, Ares, e nós precisamos dele.

— Nós não precisamos dele. *Eu nunca vou precisar dele.* — Ele deu um passo à frente, e o cão respondeu ao movimento colocando uma pata gigante na frente de Cara, mantendo-a no lugar. Se Ares não soubesse melhor, acharia que Caos estava tentando protegê-la.

O que era ridículo.

— Eu te disse o que ele fez comigo, Cara. Não posso esquecer isso. Não vou esquecer.

Dor passou pelos olhos de Cara. — Ares, se você matá-lo, terá que lutar contra Hal pelo resto de sua vida.

A fria, crua realidade trouxe seu temperamento a níveis administráveis. Lutar contra Hal provavelmente não seria um problema. Hal logo morreria se Ares não conseguisse enterrar a Deliverance no coração de Pestilence. E se ele conseguisse, graças a algum milagre, destruir seu irmão, como Cara viveria com Hal e Ares desejando a morte um do outro?

E maldição... como ele conseguiria esquecer tantos anos de ódio?

No entanto, como não dar a Cara isso, depois de tudo que a fez passar, e de tudo que ela tinha sacrificado por ele?

Foi à coisa mais difícil que já fez, mas baixou sua espada, sem nunca tirar os olhos do maldito filho da puta.

Fechando os olhos, Cara soltou um suspiro de alívio. — Ele diz que enquanto durar a vida de Hal, ele irá honrar a trégua.

Honra. Não era uma palavra que ele associaria a um cão do inferno. — Só tem uma coisa — Ares disse com a voz rouca. — Eu preciso saber por que ele matou meu irmão e meus filhos assim. — Havia ódio genuíno nas ações de Caos que iam bem além de uma matança normal.

Cara passou a mão ao longo de ambos os lados do rosto do animal. Depois de um minuto, talvez dois, ou dez... Era difícil dizer... Cara abaixou a cabeça. — Tanto pesar entre vocês dois. — Ela ergueu o olhar. — Eu posso ver seus pensamentos. Lembra-se de uma batalha em algumas montanhas? Há um muro de algum tipo, feio, com uma cabeça de javali esculpida nele e — ela estremece — crânios humanos pregados por todas as vigas.

— Sim. Eu lembro. — Ele, seus filhos, o irmão e o exército de Ares tinham perseguido hordas de demônios todo o caminho para as Montanhas Ahaggar depois que sua esposa foi morta, e uma vez que acabaram com os demônios, o massacre começou.

— Caos não fazia parte da guerra entre demônios e humanos. Ele e sua companheira levavam seus filhos a Sheoul para ensiná-los a

caçar ratos entre a carnificina. Ele era jovem, e foi sua primeira ninhada. Você os matou.

Ares engoliu. Ele já tinha matado tantos em sua vida, tantos que se podiam formar rios e rios de sangue, o suficiente para formar um verdadeiro mar. Mas se lembrava dos seus primeiros cães do inferno. Tinha estado tão cheio de ódio após a morte de sua esposa que sentira prazer abatendo a fêmea e suas crias. Aos olhos de Ares, eles não eram nada além de malditos animais se alimentando dos corpos de seus soldados.

O chão pareceu se mover debaixo dele. Eles estavam caçando ratos, não comendo seus homens. Não lutando contra humanos.

Foi só alguns dias mais tarde que voltava a tenda de comando e encontrava um enorme cão do inferno sobre os restos de seus filhos e irmão.

Oh, Jesus. Caos não tinha começado a briga entre os dois. *Ares* tinha. Por muito tempo havia acreditado que Ekkad e seus filhos morreram simplesmente porque os amava; que tinham sido alvo dos demônios que o perseguiam. Mas não, eles morreram porque Ares destruíra uma família.

— Todo esse tempo eu quis vingança contra ele, e ele queria o mesmo contra mim.

Passou a mão pelo rosto. Ainda odiava a maldita coisa, mas o entendia agora. — Eu honrarei a trégua.

Caos encontrou seu olhar, um mútuo entendimento passando entre eles. Não queriam afeto nem nada do tipo, mas cederiam espaço um ao outro para que pudessem seguir em frente.

O cão se desmaterializara, e sem o suporte, Cara bateu no chão.

— Cara! — Ares cai de joelhos ao seu lado e a pega no colo. Estava inconsciente.

Limos se ajoelha ao seu lado. — Ela está...

— Não — ele fala com voz rouca. — Mas o pulso está fraco. — Ele se levanta com ela ao peito e abre uma porta. — Vou levá-la para o Underworld General...



O zumbido da pistola de tatuagem era o som mais sexy que Thanatos conhecia. Bem, sem contar os sons do sexo real, o que evitava como se fosse uma das pragas de Pestilence. Ele adorava o zumbido e a pontada de dor que sentiu vibrar profundamente em seus músculos quando a agulha se moveu sobre a parte baixa de suas costas, e forçou-

se a não mudar de posição para que sua dolorosa ereção pudesse ter um pouco de conforto. Aquela desgraçada merecia doer.

— Quase pronto. — Orelia, uma pálida, sem olhos, demônio Silas, limpou sua pele sensibilizada com um pano e voltou a trabalhar.

Ela não tinha usado um modelo para o design. Ela nunca usava. O demônio trabalhava em cima das imagens nas mentes dos seus clientes, transformando pensamentos em arte, e no caso de Than, pegando as cenas de morte da sua cabeça e realocando-as em sua pele, onde elas já não poderiam afetá-lo com a mesma intensidade. Lembrou-se de toda morte e destruição que vira - e participara - mas uma vez que estas passaram a cobrir seu corpo, elas não o assombravam mais.

Como um bônus, ele começou com o processo, a dor, o prazer. Tatuagens e piercings eram um dos poucos êxtases que se permitia.

— Você está correndo para fora da sala — Orelia disse, como se ele não estivesse ciente disso. Felizmente, seu único talento foi além de trazer pensamentos para a vida. Ela podia dispor em camadas as imagens e de alguma forma mantê-las se destruindo. As cenas sangraram juntas em harmonia, cada uma distinta, apesar de misturadas.

— Só terminar.

Seus longos, ósseos dedos de penas foram acima na cena de sua recente visita aos campos de morte das pragas eslovenas de Pestilence. — Esta foi particularmente ruim. Seu irmão tem estado ocupado.

— O que você ouviu? — Interrogar Orelia foi seu principal motivo ao vir hoje. Ele poderia tê-lo feito antes de começar a tatuagem, apenas precisava de informações, e essa mulher, que entrou na cabeça de seus clientes, tem seus dedos na vida do submundo.

— Você sabe que não posso discutir coisas que eu não deveria saber.

Resposta padrão, de um padrão de merda, e Than não tinha tempo para isso. — Meu irmão está reunindo um exército. Eu quero saber aonde.

— Como eu poderia saber?

Than jogou seu braço para trás de si e agarrou seu pulso fino, afastando a arma de tatuagem de sua pele. Em um movimento rápido, ele virou em cima da mesa e trouxe Orelia para perto. Como a maioria dos demônios Silas, sua pele era tão branca que as veias por baixo eram visíveis, sua boca era um mero corte que revelava negros e afiados dentes, e seu nariz era pouco mais que um inchaço com dois buracos. Ao contrário dos outros demônios Silas, ela havia tatuado olhos em seu rosto.

Ele permitiu a suas presas cortar em baixo - já que ela podia arrancar imagens da sua mente, ela era uma das poucas pessoas que sabiam o que ele era, e que não matava por isso. Nem mesmo seus irmãos e irmã sabiam. Este era um segredo que tinha mantido bem.

— Eu não tenho que te dizer do que sou capaz — ele disse. — Você tem tatuado meu corpo por séculos para saber.

— Se eu te disser o que sei, minha vida estará em grande perigo.

— Garanto que sou mais perigoso que qualquer um de seus outros clientes.

Os músculos de sua garganta saltaram quando ela engoliu algumas vezes. — Mas eu não quero parar o Apocalipse. Eu quero sair de Sheoul. As cenas que posso desenhar em seres humanos... — Um sorriso macabro aparece em seu rosto oval. Ela disse uma vez que em humanos, o seu talento era profético. Ela tinha especiais, extras ferramentas dolorosas para eles, e uma vez que tatuasse cenas em suas peles, elas se realizariam. E Orelia podia ser *muito* criativa. E cruel.

— Você sabe como é morrer por minhas mãos? Depois que a dor acaba sua alma se torna parte de mim. Você ficará presa nas trevas da minha armadura com outras almas, em tormento por sua dor e miséria. Se o Apocalipse acontecer, você será a primeira por quem virei, assim ficará sem chance de brincar com os humanos do mesmo modo. — Ele apertou seu punho até ela choramingar. — Então me diga o que eu quero saber.

— Há rumores de que o meu povo está migrando para a região de Horun. Mas alguns dos meus clientes ouviram contos de crescente entusiasmo em Sithbludd.

— O que mais?

— Pestilence fez circular um anúncio a todos os demônios... Ao que lhe trouxer a cabeça de um Aegi é prometido um lugar ao seu lado após o Apocalipse, e ele também começou a dar tranquilamente recompensas por orelhas de cão do inferno. Isso é tudo que eu sei. Eu juro.

Than a soltou e virou novamente. — Ótimo. Agora pode terminar. — Ele tinha alguns reconhecimentos a fazer.

CAPÍTULO



VINTE E TRÊS

Ares saiu do Harrowgate para o departamento de emergência do Underworld General Hospital, um centro dirigido por demônios para criar de criaturas do submundo. Ares costumava pensar que era loucura, mas agora ele estava malditamente feliz por ele existir.

Suas botas batiam contra o chão de obsidiana enquanto se dirigia à recepção, onde uma elegante demônio felino Trillah folheava papéis. Ela cheirou o ar e franziu o cenho quando ele se aproximou. — Humano?

— Sim. Ela precisa de ajuda. Eu quero Eidolon.

— Ele está ocupado...

— Traga-me o médico, porque se esta humana morrer eu vou me transformar no seu pior pesadelo.

Ela assobiou. — Este hospital é protegido por um feitiço contra violências, então suas ameaças são sem sentido...

— Eu não estou limitado por feitiços contra violências — ele rugiu. — *Traga. Eidolon.*

— Ficar ameaçando minha equipe não te trará nada. — A calma voz veio de trás dele, e ele se virou para encontrar o demônio que pedira para ver.

— Não foi uma ameaça. Se Cara morre, meu Selo quebra. Você entende o que estou dizendo?

Eidolon encontrou o olhar de Ares com determinação, avaliando-o fixamente como poucos ousavam fazer, e Ares admitiu um respeito relutante pelo cara. Este era o território de Eidolon, e ele tinha que fazer o que fosse necessário para mantê-lo seguro.

Nesse momento, isto significava salvar a vida de Cara, e ele sabia disso. O médico, que parecia tão humano quanto Ares, fez um gesto para uma enfermeira e imediatamente, duas pessoas— metamorfos de alguma espécie, apressaram-se a guiar Ares para um cubículo.

Ares colocou Cara suavemente sobre a mesa de exame.

— O que aconteceu? — Eidolon pegou algumas luvas, e a tatuagem tribal que corria das pontas dos seus dedos por todo

caminho até seu pescoço começou a brilhar. Demônios Seminus, uma raça rara de incubos, possuíam habilidades que estavam de alguma forma, ligadas aos hieróglifos de seu braço. Ares só esperava que qualquer que fosse o dom de Eidolon, fosse suficiente pra manter Cara viva.

— Ela está morrendo. — Eidolon assentiu enquanto verificava as vias respiratórias e a respiração no momento em que um dos metamorfos, uma loira cujo nome no crachá a identificava como Vladena, tomava o pulso de Cara e outro escutava seu coração. — Cara tem meu *agimortus*, e isto a está levando. Sua morte quebrará meu Selo.

Franzindo a testa, Eidolon olhou para cima. — Mas você disse que se Sin tivesse morrido o selo de Pestilence *não iria* quebrar.

— Diferentes tipos de *agimortus*. — Ares agarrou a mão de Cara. — E você deve saber que ela está ligada a um cão infernal.

Eidolon pausou quando chegou por um par de tesouras. — Interessante. E onde está o cão infernal?

— Eu não sei.

— Então o animal poderia ser ferido? — Eidolon cortou a blusa de Cara no meio, e uma terrível e possessiva dor saiu dele. Todo mundo congelou, e ele deve ter feito algum ruído infernal, porque eles

estavam olhando para ele como se tivesse arrancado os chifres de uma serpente Croix.

— Ah... Desculpe. — Ele cerrou os punhos em seus lados, esperando que isso o impedisse de golpear algo. Isto era estranho, porém; ele nunca tinha sido tão possessivo com uma mulher em sua vida. — Eu normalmente não sou... É só... — Deus, ele nunca gaguejara tampouco.

— Está tudo bem. — Eidolon disse ironicamente. — Nós já recebemos isso de não-toque-meu-companheiro por aqui.

— Ela não é minha companheira. — Claro, ele tinha pensado nela como sua, mas a palavra - companheira - implicava permanência. Algo que ele e Cara não teriam.

— *Ceeerrto*. — Eidolon assentiu sabiamente, mas na mesma hora Ares descobriu que o demônio estava sendo estupidamente sarcástico. — Então, você sempre diz aos médicos que irá arrancar suas cabeças para usá-las como decoração da sua lareira?

Ele disse aquilo? Jesus. Ok, ele precisava limpar a cabeça, e rápido. — Apenas faça o que você tem que fazer.

Lentamente, Eidolon separou a blusa aberta de Cara, e Ares começou a hiperventilar. Não importava se o cara era um médico profissional. Ele estava olhando a mulher de Ares. Sua... Companheira. Droga.

Ele se concentrou em acariciar a mão de Cara com seu polegar, concentrando-se em não dar uma de serial killer indo por todos na sala. E isso só piorou quando Eidolon cortou suas calças.

— Ela tem um monte de escoriações e contusões. — Eidolon disse, apalpando sua barriga.

— Sim. — A voz de Ares estava áspera. Destruída. — Ela foi... Ela levou uma surra. — E diabos-oh-foda-se, o *agimortus* estava mais claro, como o pálido rosa de uma cicatriz sarando.

Eidolon tocou um dos hematomas, e sua tatuagem se iluminou. O hematoma diminuiu e brilhou, mas Eidolon amaldiçoou. — Isso deveria ter curado completamente. — Ele tirou suas luvas. — Ela não parece ter nenhum ferimento grave, mas vou chamar meu irmão. Shade pode verificar o funcionamento de seus órgãos.— Ele a cobriu com um lençol. — Voltarei logo.

Os outros funcionários saíram junto com o médico, deixando Ares sozinho com Cara. Ele não soltou sua mão - não podia soltá-la. — Cara? Querida? Acorde.

Seus cílios tremeram, mas não abriu os olhos. — O que aconteceu? — Sua voz estava fraca, mal existia, e Ares não sabia se gritava de excitação por ela ao menos ter acordado, ou de frustração porque parecia péssima.

— Você desmaiou. Estamos em um hospital. Cara me escute. Sinto muito por mais cedo. Eu não deveria ter me afastado de você assim. Eu estava sendo egoísta, e você não merece isso.

Os olhos dela se abriram, e ele esperava que todos aqueles anos de condicionamento militar afastassem o choque do rosto dele. Porque eles estavam fundos, avermelhados, e o límpido azul-esverdeado ficara escuro, da cor do mar para algo parecido com um pântano. — Está tudo bem. — ela sussurrou. — Eu vi Hal. Ele estava em um fosso. Havia sangue. Muito sangue. E... luta.

— Shh. — Ares apertou sua mão. — Nós vamos buscá-lo. Você precisa descansar. Conservar sua energia.

Ela queria discutir; ele sabia disso. Mas Eidolon voltou com um demônio de uniforme paramédico preto, alguém que de perto se assemelhava tanto a Eidolon que Ares soube que o cara era seu irmão.

— Este é Shade. — Eidolon disse, e acenou para Cara. — Ele pode examiná-la?

Ela deslizou um olhar para Ares, claramente em dúvida sobre isso. Não podia culpá-la. Hospitais humanos já eram desagradáveis o suficiente, mas esse, com seus pisos negros, paredes cinzas cobertas de encantamentos rabiscados com sangue, e correntes penduradas no teto, ia além do desagradável e beirava o perturbador. Isto antes que você olhasse para o grupo de funcionários composto por demônios, vampiros e metamorfos.

— Está tudo bem, Cara. Esses são os mocinhos.

Absoluta confiança aliviou sua expressão, o acertando em cheio.

— Ok, então. — Ela ofereceu a sombra de um sorriso trêmulo. — Faça isso.

Shade afastou o cabelo escuro do seu ombro e gentilmente tomou-lhe o pulso. As marcas no seu braço direito se iluminaram, e sua testa franziu em concentração. Em poucos segundos, a cor de Cara começou a voltar, suas bochechas ficaram rosadas, seus lábios encheram, e até mesmo seus olhos voltaram ao normal. No momento que a soltou, ela parecia quase tão saudável quanto tinha sido quando ele a conheceu.

— O que você fez? — A voz dela estava cheia de admiração quando olhou para seus braços e mãos.

— Eu posso aperfeiçoar as funções corporais. — Ele encontrou o olhar de Ares. — Se você não a tivesse trago, ela teria morrido dentro de uma hora.

Ares engoliu. Duro. — E agora?

— Talvez devêssemos falar lá fora.

— Não. — Cara olhou a cada um deles por vez. — É a minha vida, eu mereço saber o que está acontecendo.

Shade encolheu os ombros. — Então eu tenho de dizer-lhe que seus órgãos estão falhando. É como se tivesse o sistema de um ser humano de cento e cinquenta anos de idade. Eu fui capaz de fazer tudo funcionar bem de novo, mas é como se você apenas passando por um lento dreno. Enchi a pia, mas o plug está quebrado, então você continua vazando.

— Quanto tempo? — perguntou ela, e graças a Deus ela fez, porque Ares não tinha encontrado a força para fazê-lo.

— Seis horas. Mais ou menos. — Shade enfiou as mãos nos bolsos. — Eu provavelmente posso te conseguir mais uma hora se eu repetir o que fiz, mas depois disso...

Depois disso, Cara morreria, e Ares viraria o pior pesadelo do mundo.

— Nós não vamos desistir. — Eidolon disse. — Temos a melhor equipe e os melhores pesquisadores aqui. Nós vamos procurar uma solução. Aperte o botão de chamada se você precisar de nós. — Ele saiu com Shade justo quando Limos e Thanatos chegaram.

Limos esperou até que os dois demônios estivessem longe o suficiente para falar. — Eu recebi uma mensagem de Kynan. Sem detalhes, mas ele está a caminho daqui agora. E Than pode ter uma pista sobre onde Pestilence está reunindo seu povo. Se nós pudermos encontrá-lo, também acharemos o cão do inferno.

Cara lutou para se sentar. — Nós temos que ajudá-lo.

— A boa notícia. — Ares disse, como se nada disso fosse bom — é que o reforço que Shade te deu vai afetar Hal, também. Você conseguiu-lhe mais algum tempo.

Perto da mesa de triage, o Harrowgate brilhou, e Kynan saiu. Em uma mão ele tinha um saco rosa coberto de ursinhos de pelúcia e babados, na outra mão havia um pedaço de couro embrulhado. Ele caminhou até Ares e colocou o pacote na mão dele. — O punhal.

Ares exalou assaltado por alívio, mas não podia se deixar entusiasmar. Eles ainda tinham de encontrar Pestilence, e eles só tinham seis horas para fazê-lo.

— Obrigado.

Kynan limpou sua garganta. — Como Cara está?

Morrendo. — Nós estamos cuidando dela. — A resposta genérica foi tudo que Ares conseguiu dar.

Quando Kynan trocou seu peso, o chocalho de um brinquedo de bebê soou fora de lugar. Nova vida encontrando a morte iminente. — Interceptamos algumas conversas perturbadoras do submundo. Os demônios em busca de Cara estão falando sobre a noiva de Satan. Ela é parte de alguma profecia que nós desconhecemos?

Cara agarrou o braço de Ares. — Isso é verdade? Existe alguma coisa que você não me disse?

Havia um monte de coisas que Ares não tinha dito a ela, mas esta não era uma delas.

— Você não é a noiva de Satan.

— Como você sabe? — Kynan perguntou.

— Porque eu sou. — Limos ajustou a flor de laranjeira em seu cabelo. — Quero dizer, não está certo neste segundo. Nós não chegamos todos de smokings e vestidos e reservamos uma igreja ou qualquer coisa.

Kynan fez o saco chacoalhar novamente. Era o som da família, e a boca de Ares ficou seca. — Como?

— Não é da sua conta. — disse ela suavemente, o que era enganoso, porque quanto mais suave Li agia mais mortal se tornava. — Eu estou fazendo o meu melhor para evitar isto, e isso é tudo o que você precisa saber.

Kynan inclinou a cabeça. — É justo. — Ele olhou para Cara e depois de volta a Ares e baixou a voz. — Eu realmente preciso falar com você em particular.

A urgência nos olhos do humano disse a Ares para ouvir. Eles saíram da sala, Than e Li em seus calcanhares. Ao redor deles, médicos e enfermeiras estavam lutando para lidar com o afluxo de algum tipo de emergência que viera através das portas de algumas ambulâncias. E de pé a cerca de quarenta metros de distância, com o olhar escuro focado em Ares, estava Harvester. Hematomas e queimaduras marcavam seus traços, pelo visto a batalha com Reaver tinha sido feroz. Ela permaneceu concentrada, mas em silêncio, aparentemente contente com seu papel de Observadora. Desde que Reaver não podia entrar no hospital para demônios, qualquer coisa que ela aprendesse aqui seria compartilhada com ele antes que pudesse fazer uso disso.

— Faça isso rápido. — Ares disse.

— Havia um pergaminho com o punhal. — Kynan estendeu um papel enrolado, que Li agarrou. — O punhal foi roubado dos Templários...

— Pelo que? — Than interrompeu, e Li agitou o pergaminho.

— Isto está claro. Mas quando os Aegis o recuperaram, eles reforçaram-no. Ele ainda vai matar um Cavaleiro, embora também possa neutralizar seu *agimortus*.

Medo fez o coração de Ares pesar contra sua caixa torácica. — O que você quer dizer com *neutralizar*?

— Quero dizer que se você afundar a adaga no coração do seu portador, você irá neutralizá-lo. — Kynan disse. — Matará o hospedeiro, mas seu Selo não vai quebrar.

Ares perdeu a capacidade de respirar. Ele agora tinha uma maneira de salvar o mundo - temporariamente pelo menos - mas não era aceitável. Absolutamente.

— Atenção, Aegi. — Than disse. — Pestilence colocou um preço por Guardiões mortos. Devia vigiar seu pescoço.

— Seu irmão é um idiota. — Kynan desviou o olhar para Ares. — Entrarei em contato. Não nos decepcione. — Kynan se afastou, deixando Ares com um estômago revoltado, mas quando ele olhou para Harvester o anjo caído tinha ido.

Entorpecido, ele caminhou de volta pro quarto. Sua mão tremia ao redor do punhal, e ele se odiava por isso. Maldição, a coisa pesava mais do que ele se lembrava. Kynan podia muito bem ter-lhe entregado uma bigorna. Limos e Thanatos o olhavam, como se fosse uma cobra.

— Nós não estamos usando isso em Reseph. — Than disse, e a mão de Ares estremeceu com tanta força que quase deixou cair à arma quando se virou para seu irmão.

— Maldito seja, Thanatos. Esta é *minha* decisão. Ele fodeu com a *minha* mulher, e eu vou fazer o que tenho que fazer. — Tanto depois da besteira de - *Ela não é minha companheira* - que dera a Eidolon. Ele

lutou contra seus sentimentos, e, no entanto todo general que se preze sabe quando era hora de depor as armas e se render. E já era tempo.

A expressão de Than estava sombria, sua voz tão moderada como Ares nunca tinha ouvido. — Isso inclui matar a humana?

— Limos. — Ares disse, com a voz tão fria quanto o inverno em que Thanatos viveu. — Tire-o daqui antes que... Apenas tire-o daqui.

Li arrastou seu irmão para fora do quarto, mas não antes de Than lançar a Ares um olhar de desculpas. Apesar da ira de Ares, ele sabia que seu irmão não estava sendo um idiota. Reseph tinha sido irmão deles por cinco mil anos. Enquanto tinham conhecido a humana há poucos dias. A lógica dizia que deveriam salvar a família se pudessem.

Ares provavelmente sentiria o mesmo se a situação fosse ao contrário. E, apesar da sua mente estratégica ficar embaralhada perto de Cara, mesmo ele sabia que havia risco em tentar matar Pestilence. Mas Cara... Nenhum risco.

Exceto para Ares.

— Ares. — Ele tomou uma profunda, estimulante respiração e se virou para Cara. Seus lindos olhos eram os de uma guerreira, e estavam cheios de conhecimento. — O que Thanatos quis dizer com ‘matar a humana’?

Ares nunca antes quisera tanto bater no seu irmão como agora. Dor atravessou sua mão; segurou o punhal com tanta força que tinha passado o couro e cortado sua pele.

— Ares. Diga-me.

Tensão explodiu no silêncio repentino. — Há um caminho para sair disso. — ele começou, entrelaçando seus dedos aos dela. — Este caminho garante que meu Selo não se quebrará até que um dos outros o faça. Se eu matar você com esse punhal, o meu Selo permanece intacto, e Pestilence não poderá ativá-lo.

— Até que outro selo quebre. — Cara não hesitou. — Mate-me.

Ares recuou. — Não. — ele sussurrou desesperadamente. — Eu não posso.

— Você tem. — Uma lágrima deslizou por seu rosto. — Você sabe que precisa. Ares, eu estou morrendo. Está acontecendo. Você tem uma chance de parar o Apocalipse, ou pelo menos adiá-lo enquanto procura um meio de parar seu irmão.

— Cara...

— Mas não aqui. Leve-me para casa. E faça amor comigo uma última vez.

— Sim. — sua voz estava rouca. — Sim.



Pestilence estava seriamente chateado. Engraçado como, quando tinha sido Reseph, ele raramente ficava com raiva. Ah, ninguém queria estar por perto quando ele perdia a paciência e explodia, mas isso não acontecia muitas vezes. Reseph tinha sido algo como... *Inserindo algum covarde aqui*, porque Pestilence estava muito chateado para conseguir alguma coisa inteligente ou até mesmo grosseira.

Ele olhou para os corpos a seus pés, três de seus asseclas que tinham permitido que Ares e a prostituta humana escapassem. Um deles ousou culpar Pestilence... E um deles havia perdido alguns órgãos, ao contrário dos outros, que apenas sofreram com pescoços quebrados.

— Os melhores líderes não aterrorizam seus subordinados. — Harvester cutucou um dos corpos com seu pé ao olhar intencionalmente Pestilence. — Ares sempre teve o respeito de seu exército. E sua lealdade.

Vapor se formou em seu crânio com sua provocação. Foda-se Harvester. Foda-se Ares. Como ele queria ver ambos sofrer. Por hora, no entanto, teria que ser paciente.

Casualmente, ele se afastou de onde estava encostado e olhou para a batalha sangrenta ocorrendo no fosso abaixo. O filhote de cão do inferno estava dilacerando um *khnive*, uma criatura do tamanho do cão que parecia um gambá esfolado. As garras do *khnive* atingiram o cão do inferno, fazendo um enorme rasgo em seu lado. Foi um golpe desesperado, e o *khnive* deu um suspiro final, ofegando enquanto sangrava através de uma ferida aberta na garganta.

— Não dê ao cão tempo para se curar. Jogue alguma outra coisa lá. Algo grande.

Ao seu lado, David, seu espião triaçoeiro Aegis, balançou a cabeça com os olhos vidrados saltando de seu rosto. — Sim, meu senhor.

Pestilence rodou o frasco com a saliva que tinham extraído do cão do inferno entre as palmas das mãos. — Você arranhou o dispositivo de entrega do veneno?

David tirou uma pequena bola de metal do seu bolso. — O bruxo assegurou-me que uma vez que ele for preenchido com a saliva do cão, ele será uma arma potente contra o seu irmão.

Este foi o primeiro pedaço de boa notícia que tivera nas últimas semanas. — Qualquer notícia do Aegis?

— A Deliverance foi encontrada.

Puxando uma respiração forte, Pestilence virou. — Tem certeza?

— Eu ouvi meu pai falando sobre isso.

— É verdade. — Disse Harvester. — E ela foi modificada pelo Aegis. Se Ares a usar para matar Cara, toda esperança para quebrar seu Selo se vai.

Uma gota de suor escorria pela têmpora de Pestilence. — Há quanto tempo você sabe sobre essa alteração?

— Séculos. Mas era proibido dizer até que fosse encontrada.

Claro. Fodam-se as regras de Observador. E agora, se Ares matasse Cara com a maldita coisa, levariam meses, talvez anos antes que ele conseguisse quebrar o Selo de Limos ou Than, desde que não tinha encontrado o de Limos ainda, e Than parecia determinado a manter o seu.

Pestilence precisava desse punhal.

Ainda rodando o frasco em suas mãos, ele considerou cuidadosamente suas opções, e um plano começou a tomar forma em sua mente. — David, quando eu achei você, você era patético. Esperando que o Aegis perdoasse você, que seu pai o amasse de novo. Você sabe que isso não vai acontecer. Você sabe que seu lugar é aqui

comigo, e que comigo, você receberá recompensas que nunca sonhou serem possíveis.

— Sim, meu senhor.

Pestilence não tinha certeza de quanto da concordância veio do real David e quanto veio do fato de Pestilence haver emprestado sua alma transformando o humano em nada mais que um recipiente recarregável.

Ele trouxe um monte de seres humanos para o seu lado desse jeito, e foi uma grande troca para ambos. Ele sugou suas almas para dar-lhes mais poder, e o mal preencheu o vazio onde essas almas costumavam estar, o que lhes proporcionou mais força e resistência do que tinham antes. Eles também podiam usar Harrowgates, o que significava que poderiam viajar para qualquer lugar, a qualquer hora.

Sim, mais acessível.

— Então, David, tenho uma missão para você. — Ele jogou o braço em volta dos ombros do humano e caminhou com ele em direção ao Harrowgate, deixando Harvester para assistir a luta do cão do inferno. — Provavelmente haverá alguma dor envolvida, mas depois, você será bem recompensado. — Assumindo que David não morresse, é claro. E ele realmente esperava que isso não acontecesse. Não tinha sido capaz de transformar qualquer outro Aegi até agora, e ter David era bastante útil.

— Apenas me diga o que preciso fazer.

Pestilence sorriu. — Vamos planejar.



Ares não deixou Cara colocar os pés no chão. Ele a carregou por todo o caminho do estranho cubículo no hospital de demônios até seu quarto em sua casa. Limos e Thanatos tentaram segui-los, mas Ares estalou algo duro em um idioma que ela não conhecia e seu irmão e irmã recuaram. E embora as coisas estivessem tensas enquanto discutiam sobre Pestilence, ela tinha visto a dor e a tristeza nos olhos dos irmãos de Ares enquanto ele a levava através do Harrowgate.

Havia um monte de amor lá, e sabia que Limos e Thanatos estariam na casa em breve. Talvez eles não entrassem, mas ainda esperariam por Ares do lado de fora.

Eles estariam lá por ele depois que Cara morresse.

Cara colocou os braços ao redor do seu pescoço, deleitando-se com a segurança da força de seus braços. Mas ela não podia resistir a um protesto simbólico. — Eu posso andar, você sabe. — Tudo o que o segundo demônios com o braço brilhante tinha feito lhe deu um impulso de energia que era apenas bizarro.

— Mas se você andasse, eu ia perder a chance de segurar você.

Calor e tristeza a invadiram, e ela o segurou mais apertado quando ele cruzou o limiar para o seu quarto.

— Meu senhor... — A voz hesitante veio de trás deles, e Ares olhou por cima do ombro.

— O que é Vulgrim?

— Posso trazer-lhe alguma coisa?

— Não. — ele disse suavemente. — Mas eu quero deixar bem claro que não quero ser perturbado. Por nada. Nem mesmo se for o fim do mundo.

O demônio se curvou. — Sim, senhor.

— E Vulgrim? Nunca se dobre diante de mim novamente. Você é da família, não um empregado.

O demônio lançou a Ares e Cara um olhar de surpresa, e em seguida um dos cantos de sua boca levantou. — Sim, senhor. — Ele caminhou para fora, e ela jurou que havia uma mola extra em seus passos.

— Torrent parecia tanto com ele. — ela murmurou. Poucos dias atrás ela tinha pensado que os Ramreels eram todos iguais, mas agora

ela reconhecia suas individualidades, das formas ligeiramente diferentes de seus narizes largos, até as torções e estrias em seus chifres e os vários tons de suas peles.

— Eu sei. — Ele levou-a para a cama, onde lentamente, reverentemente, tirou o jaleco que os demônios haviam lhe dado para usar em casa, e então ela o viu sair de suas próprias roupas. Ele começou a ir para a cama, mas ela o deteve com a mão em seu peito.

— Deixe-me olhar para você por um segundo.

Sua boca abriu e fechou, e um rubor rosa foi subindo em suas bochechas. Com um aceno de cabeça, ele se levantou, em sua altura total, elevando-se impressionantemente sobre ela. Sua boca encheu de água... Literalmente, conforme ela o tomou. Seus músculos, tão magnificamente esculpidos, eram demasiados perfeitos para se acreditar, e no momento que ela estendeu as mãos para deslizá-las sobre seu peito, soube que mesmo que passassem séculos juntos, nunca se cansaria de tocá-lo.

Com um suave gemido de apreciação, ela arrastou a mão até seu abdômen, sorrindo para o movimento de seus músculos definidos quando se flexionaram com sua carícia. Seu pênis, que tinha estado flácido apenas um momento atrás, começou a inchar, mas ela não iria mais abaixo. Ainda não.

— Vire-se. — ela sussurrou, surpreendendo-se com a inflexão em sua voz rouca.

— Cara, você deveria estar deitada...

— Não. — ela disse. — Não me trate como se eu fosse uma inválida. — Ela queria que ele se lembrasse dela forte, não como alguém precisando de ajuda, tão frágil que apenas esperava morrer depois que a servisse pela última vez. Ela lhe daria o melhor que tivesse. — Não esconda nada de mim. Prometa.

Sua garganta convulsionou os tendões de seu pescoço em tensão. — Sim. Sim, eu prometo. — Em um gracioso fluxo de movimento, ele se virou, e sua respiração entrou em curto-circuito.

Belo. Traseiro. Divertida em como seus dedos flexionavam involuntariamente, ela ficou de joelhos e aliviou o comprimento de seu corpo contra o dele, plantando suas mãos sobre seus largos ombros para que pudesse acariciá-lo a seu prazer. O som da sua respiração arfante saindo de seus pulmões se misturou com a quebra das ondas à distância, e ela desejou que pudessem estar lá fora naquela maré alta, deixando a água esfriar o calor de seus corpos.

Tanto tempo perdido, ela pensou, enquanto abria a boca contra a parte de trás do seu pescoço. Sua pele tinha gosto de sal e o homem cheirava a couro e especiarias. Ele gemeu quando ela o beliscou perto de uma cicatriz franzida e então acalmou o local com uma volta de sua língua.

— Por que as cicatrizes? — ela perguntou, enquanto arrastava seu dedo sobre uma linha fina. — Você não cura totalmente?

— São lesões de antes da minha maldição.

Ela beijou uma. Em seguida outra. — Toque-se. — ela murmurou contra sua pele, e ele gemeu de novo, sua cabeça caiu para trás e o flexionar dos músculos de seu bíceps direito lhe disse que ele havia obedecido. Imaginou sua grande mão em torno do seu eixo, e se perguntou se ele gostava de levar tempo com golpes lentos, ou se eram curtos concentrando-se perto da cabeça. Bem, ela iria descobrir em um minuto. Primeiro, o tocaria um pouco como quisesse.

Seu coração estava disparado, batendo tão forte no peito que suspeitava que Ares podia senti-lo em sua coluna. Calor irradiava dele, queimando sua pele e fazendo-a incendiar por todo o caminho até seu núcleo. Ela alisou suas mãos para baixo nos seus braços, amando a contração de seus músculos enquanto ele acariciava sua ereção. A cama rangeu quando ela se afastou um par de centímetros para que pudesse deslizar suas mãos por suas costas, e novamente, a contração de sua rígida carne enquanto ele se trabalhava era uma beleza.

Quando suas palmas seguraram suas nádegas, ele soltou um erótico grunhido que enviou uma onda de calor líquido entre suas pernas.

— Você está pronta para mim. — Sua voz era gutural, sexy, e ela ficou ainda mais molhada.

Ela o lambeu entre suas omoplatas. — Como você sabe?

— Minha mãe era um demônio sexual. Estou em sintonia com o desejo.

Por que não havia mencionado a coisa do desejo antes? Quantos truques sensuais ele teria na manga com *este* tipo de herança? Oh, sua imaginação poderia ficar selvagem.

Ela mudou, deixando um rastro com sua língua pela coluna de Ares, o tempo todo apreciando a forma como sua respiração ficou mais superficial conforme ela ia para baixo, e mais profunda quando ela pressionou os músculos incrivelmente firmes de seu bumbum e coxas. Quando sua boca alcançou a parte baixa de suas costas, ele ficou tenso. E quando ela plantou um beijo de boca aberta na face direita do seu traseiro, ele congelou completamente.

— Mulher, o que você está fazendo?

— Mordendo você. — Ela afundou os dentes no lugar que havia beijado, e o som que saiu dele, algo entre um grunhido e um ronronar, pontuados por um suspiro, a fez tremer de prazer. — O quê? Ninguém mordeu sua bunda antes?

— Eu vou admitir que é a primeira vez.

— Vire-se.

Ele fez, e como ela ainda estava em suas mãos e joelhos, teve seus olhos no mesmo nível que sua enorme ereção. A ponta brilhava com uma gota cristalina, e sem pensar, ela a lambeu.

O corpo inteiro de Ares estremeceu, um espetacular arquear de vigorosas linhas. Ela encontrou seu olhar de pálpebras pesadas quando abriu a boca sobre a cabeça dele, em seguida fechou os olhos e lábios, e saboreou sua vigorosa e escura essência. As mãos dele foram para a confusão em seu cabelo, seus dedos deslizando sobre seu couro cabeludo, de forma que ela o chupava profundamente e encontrava um ritmo que logo o teve bombeando seus quadris. Mais... Ela precisava de mais. Deslizando sua boca, ela aplicou um forte chupão na cabeça, para em seguida rodar sua língua em pequenos círculos, movendo-se por toda a extensão até as gotas na úmida ponta.

— Jesus, Cara. — ele ofegou, seu abdômen e coxas comprimindo-se visivelmente.

Sorrindo, ela segurou seu saco e levemente manejou suas bolas com os dedos, separando-as, acariciando-as, e quando ela lambeu o caminho de seu eixo e tomou o saco na boca, ele gritou, agarrou seu pênis, e apertou.

— Ainda. Não. — Ele arquejou com força. — Isso é muito humilhante.

— Lisonjeador.

Ela olhou para cima, e já não havia aquele olhar pesado, preguiçoso, escuro. Agora ele queimava com uma fome crua, e foi sua vez de ofegar quando ele a agarrou e jogou de costas. — Você me deixa louco, Cara. — Ele montou nela, colocando-se entre suas pernas de forma que o seu eixo se esfregava no seu calor liso. Seus lábios encontraram os dela em um beijo que foi primorosamente gentil, apesar da ferocidade em seus olhos. — Eu gostaria que tivéssemos mais tempo...

— Shh. — Ela emoldurou seu rosto com as mãos, acalmando-o e colocando cada gota de intensidade que ela tinha em seu olhar. — Não haverá nada além de paixão nessa cama.

— E eu juro pelo nome do meu pai e seu santo espírito que nunca haverá outra nessa cama. — ele jurou, e as lágrimas brotaram de seus olhos, ele abaixou sua cabeça e tomou seu peito em sua boca.

Imediatamente, o fogo surgiu de novo, rugindo para a superfície. Ela gritou e afundou as unhas em suas costas. Deus, isto se sentia bom. Ela balançou os quadris, ansiosa para tê-lo dentro dela aliviando a dor que tinha acendido nela, mas ele apoiou-se, negando sua satisfação.

Ela queria gritar, mas então ele segurou-a intimamente, deslizando um dedo através de suas dobras com movimentos irritantemente leves enquanto deixava beijos pelo caminho até sua barriga. Quando ele se afastou para olhá-la... Olhar para ela *lá*... Ela

quase se voltou para cobrir-se. Só que agora não era hora de timidez. Agora era a sua última chance de ser poderosa. Bonita. Sedutora.

Então ela abriu suas coxas o máximo que podia, e sua recompensa foi a mais absoluta reverência dele. — Tão bela. — ele murmurou.

E então ele mergulhou entre suas pernas. Suas mãos ergueram sua bunda, seus polegares espalharam suas dobras, e sua boca a capturou. Prazer erótico inchou dentro dela, e até sua pele apertou com a pressão. A língua de Ares era mágica, uma quente, escorregadia varinha que ele varreu por um lado de seu sexo e para baixo do outro, algumas vezes usando toda a superfície para criar largos traços, às vezes focando a sensação com a ponta firme.

— Você tem um gosto... Tão... Bom. — Ele bateu sua língua contra o clitóris, e o orgasmo que tinha estado fervendo sob a superfície começou a vir à tona. — Deus, Cara... — Sua língua empurrou dentro dela, e ela prendeu a respiração tentando segurar sua detonação.

Ela cerrou os punhos no lençol, puxou-os, mas tudo o que ele fez foi dar-lhe mais para que ela explodisse em sua boca, empurrando sua língua mais fundo, e quando ele alisou-a em círculos dentro do seu núcleo...

Seu corpo entrou em ebulição. O clímax saiu, fora de controle, cegando-a em um êxtase que foi aumentando e aumentando. Ela o

sentiu chupá-la, o ouviu gemer conforme engolia, e assim que ela começou a descer, ele a montou. Seu espesso comprimento cheio dela, e ela veio de novo, travando suas pernas apertadas ao redor de sua cintura.

— É isso aí. — ele sussurrou contra sua garganta. — Cavalgue-me, querida. Monte-me com *força*.

Nunca houve outra opção. Ela foi pega em um turbilhão de sensações cruas, luxúria animal, e um puro amor transcendental, e pela primeira vez em sua vida, ela sentiu tudo vir junto, como se estivesse finalmente completa. Finalmente feliz com quem e o que ela era, tinha encontrado o homem que a completava.

Eles balançavam juntos, seus corpos batendo conforme ele se afundava nela e ela arqueava para responder a cada impacto. O suor brilhava em sua pele, criando ainda mais contrastes e texturas nas colinas e vales de seus músculos, e quando ele jogou a cabeça pra trás, mostrando os dentes e tensionando os tendões, tal visão fez explodir seu último circuito. O orgasmo mais intenso de sua vida a atravessou com tal poder que apressou seu corpo inteiro para fora do colchão. Os braços de Ares a puxaram de modo que ele estava sobre seus calcanhares e ela empoleirada em suas coxas, gritando com o prazer que surgia ao longo de cada terminação nervosa.

Seu rugido de liberação juntou-se ao dela, seu sêmen quente jorrando dentro dela e transformando seu orgasmo em um ardente, impetuoso êxtase que beirava a dor. Em baixo dela, Ares estremeceu,

seus músculos se contraindo, sua respiração saindo em ofegos. Sua pélvis continuou a bombear para cima, embora os movimentos fossem fracos, sem controle, e depois de alguns segundos, ele caiu para frente com ela, torcendo para que ela não estivesse suportando a maior parte do seu peso.

Ficaram deitados assim, com a respiração pesada, transpirando, tremendo, por muito tempo. Este deveria ser o momento em que adormeceriam nos braços um do outro ou se envolveriam em uma conversa, mas em vez disso, uma terrível tensão cresceu entre eles.

Já era hora, e não havia sentido adiá-lo mais. Não quando ela podia sentir a energia que Shade lhe dera escoar para longe agora que o apetite sexual havia sido saciado.

—Ares?

Ele a apertou tão forte que ela mal conseguia respirar. — Não.

Por algum motivo, isto a fez sorrir. Então ela alcançou através dele o punhal que ele tinha posto sobre a mesa de cabeceira. Sentia-se estranhamente quente em sua mão. Supunha-se que deveria ser frio.

Cuidadosamente, ela empurrou contra ele, e ele deslizou para longe dela, deixando-a com uma sensação de vazio. Ares se apoiou em um cotovelo e olhou para ela, a expressão em seu rosto bonito carregada de tragédia. — Há tanto que dizer. — Sua voz estava hesitante, quebrada. Como seu coração. — E ainda...

— E ainda, o que pode ser dito?

— Sim.

Pobre Hal. Pelo menos este ia ser um fim rápido para ele, muito melhor do que ser despedaçado em um fosso.

Ela colocou a ponta da adaga contra seu peito, tomou sua mão, e colocou-a ao redor do punho. Em seguida, colocou suas mãos ao redor da dele. Ambos se agitaram quando ele mudou a lâmina para a esquerda, logo abaixo do bojo do seu peito, claramente sabendo o lugar exato onde enfiá-lo para fazer o ataque mais rápido, mais letal.

— Agora. — ela disse.

Ele deu um único, rápido aceno de cabeça, e sua mão apertou abaixo das dela. — Agora.

CAPÍTULO



VINTE E QUATRO

Agora nem sempre quer dizer *agora*.

Como poderia Ares, possivelmente, fazer isso? Se Hal está razoavelmente saudável, Cara poderia sofrer por muito tempo enquanto a energia dele se derrama dentro dela, mantendo seu coração batendo mesmo em torno da lâmina afiada da adaga. A dor seria insuportável.

Seu peito apertou.

— Eu não posso. — respondeu asperamente. E se Kynan estiver errado?

— Você tem. Você sabe que precisa. — Ela aumentou seu aperto ao redor dele, firmando-o. Quão irônico era isso, que ele era o guerreiro endurecido pelas batalhas, parte demônio, parte anjo cruel, e sua mão estava tremendo, mas Cara, um mero humano, estava firme como uma rocha.

Não, não havia nada *simples* sobre ela.

Eles tinham encontrado um ao outro tarde demais. Tarde demais.

— Nós poderíamos esperar. Apenas um pouco mais.

Seu sorriso triste fez seus olhos arderem. — Você sabe que não pode. Eu posso sentir que estou ficando mais fraco. Hal está ficando mais fraco. Eu poderia desaparecer a qualquer momento, e então onde você estaria?

Miserável. Ele estaria miserável. E não muito tempo depois, seu irmão e irmã estariam tão monstruosos quanto, e o fim dos dias estariam sobre o mundo humano. Ele sabia que, no entanto, ele queria cada segundo extra com Cara que poderia obter. — Eu vou levar você de volta para o hospital, e Shade pode mantê-la viva por mais um pouco.

— Eu não quero viver assim. Em uma cama, com um estranho demônio canalização energia em mim? Isso não é vida, e você sabe disso. — Ela apertou a ponta da faca em sua pele, e um fio de sangue escorreu em sua caixa torácica. — Faça isso.

Ares era um especialista nisso. Se isso tivesse sido qualquer outra pessoa, ele poderia enfiar a lâmina e a vítima estaria morta antes de saber o que o atingiu.

Mas Cara saberia. Ela iria sofrer. E ele teria que assistir, sabendo que ele causou isso. Sabendo que ele não podia fazer nada sobre isso.

Erguendo-se, ele lançou o punhal. — Ainda não. Eu não posso. Eu não posso fazê-lo. Eu preciso... Um minuto.

— Ares!

Quase em pânico, ele saiu para fora da cama, abriu a porta e fugiu para o corredor. Não importava que ele estivesse nu, ele não estava preocupado, e sua equipe o tinha visto nu com frequência suficiente. Ele ouviu barulho em torno do quarto, ouviu os sons reveladores de roupas se agitando. Cara ia vir atrás dele. Merda. Ele entrou na sala grande, amaldiçoando o retorno dos sentidos que o sintonizava para os conflitos globais, e virou-se para a lareira. Não estava acesa, estava frio e vazio, como sua cavidade torácica.

A sensação de vazio não era nada novo, já que tinha sido assim toda a sua vida. Infernos, mesmo quando ele tinha uma família, tinha acreditado que ele era humano, havia algo faltando. E então Cara entrou em sua vida, e a caverna dentro dele tinha se enchido. Então ele supôs que fazia sentido que a sensação de vazio era agora muito mais pronunciada. Antes, tinha sido normal. Mas agora ele sabia como calor se parecia, e ele não estava mais acostumado com o frio.

— Ares — A voz de Cara era suave atrás dele. Quando ela se aproximou, todas essas vibrações de batalha se dissiparam, e, em vez

de sentir-se como se não estivesse inteiro sem eles... Ele se sentiu em paz. A compreensão atingiu como um golpe. Quando ele estava com ela, ele não perdia a habilidade... Ele *ganhava* paz.

Como ele iria sobreviver sem ela?

Ele não se moveu quando ela foi até ele e apoiou seu corpo contra as costas dele, envolvendo os braços em volta da cintura. Ela trouxe-lhe uma toalha, que ela colocou sobre seus quadris, e ele teria lhe sorrido em consideração se ele não estivesse à beira de quebrar-se.

Seu rosto descansava em seu ombro, e seu hálito quente espalhava sobre sua pele.

Isto era tão certo. Terrivelmente certo. E tudo vai embora em breve.

— Meu senhor?

— O que, Vulgrim? — Sua voz foi mais dura do que ele pretendia, mas ele tinha apenas alguns minutos com Cara, e ele não queria um segundo tirado dele.

— Um Aegi está aqui para vê-lo. Ele diz que pode ter uma cura para Cara.

Com medo de ter esperança, mas seu coração estava fazendo um salto mortal, tudo ao mesmo tempo, Ares enrolou a toalha na

cintura. Com mais calma do que se sentia, ele se virou, colocando Cara atrás dele. Vulgrim mudou de lado para revelar um homem ladeado por dois de seus guardas.

— Isso é altamente incomum — Ares disse. — Quem é você... Espere... Eu vi você em frente à sede Yorkshire.

O homem acenou com a cabeça. — Meu nome é David. Kynan e Arik estavam ocupados, então eles me mandaram.

— Enviaram você? Por quê? — Seus olhos se estreitaram. — Como você chegou aqui?

— Reaver. — David abriu o punho, e os Ramreels de cada lado dele pegaram suas armas. Ele engoliu em seco, e muito lentamente estendeu a palma da mão. — Nós encontramos isso em nossos arquivos. Estava em uma caixa com o símbolo *agimortus*. Pensamos que os *agimortus* podem ser transferidos para o dispositivo e contido.

Ares fez cara feia, mas, ao mesmo tempo, seu coração disparou. — Eu nunca ouvi falar de tal coisa.

— Nós também não. Nós não sabemos muito sobre isso. Nós estávamos esperando que você soubesse o que fazer com ele. Em qualquer caso, é melhor em suas mãos do que na nossa.

Ares acenou para Vulgrim, que pegou o objeto de David e trouxe-o. Ele colocou na mão de Ares. Era redondo, metálico,

aproximadamente do tamanho de uma bola de golfe. Ele não reconheceu as gravuras sobre ela... Algum tipo de linguagem demoníaca, ele pensou. Mas por que haveria símbolos demoníacos em algo destinado a conter uma *agimortus*...

Porra!

Ele moveu a mão para atirá-lo para o chão, mas isso se abriu, atirando pequenas agulhas em sua pele. A sensação de queimação familiar de ser mordido por um cão infernal disparou em seu braço e em seu corpo. Todos os músculos e articulações estavam duros, mas sua mente girava, e ele tentou avisar Cara, para dizer-lhe para correr, mas o veneno já estava afetando sua boca e língua.

— Ares! — O pânico tocou alto em sua voz, e depois os sons da batalha ecoaram ainda mais alto.

Os dois Ramreels bateram no humano, derrubando-o no chão enquanto Vulgrim fazia um escudo de si mesmo na frente de Ares e Cara. — Leve o ser humano para o calabouço. — Vulgrim rosnou. — Descubra o que está acontecendo lá fora!

Mas Ares sabia. Pestilence estava lá fora, ea única coisa que ele poderia fazer agora era rezar para que Than e Limos tivessem chegado.

A mão de Cara fechou em torno dele, quente e reconfortante.

Ele deveria tê-la matado quando teve a chance. Deus o ajudasse, ele deveria ter. Agora ela iria sofrer na mão de Pestilence, e tudo porque ele foi fraco demais para deixar ir a mulher que amava. Tudo o que ele sempre acreditou, que amar alguém te faz fraco, era verdade.

Limos e Than correram para a casa, o som do grito de Vulgrim batendo-lhes quando eles tinham saído de seus portais individuais.

— Nós estamos atrasados. — Than latiu.

Merda! Limos queria dar a Ares e Cara algum tempo juntos, então eles tinham seguido as pistas de Thanatos a respeito do paradeiro de Pestilence. Eles não o tinham encontrado, mas tinham encontrado um de seus asseclas que tinham estado muito alegres em dizer alguns planos de Pestilence para recuperar a Deliverance de Ares.

Ela e Than tinham vindo direto para cá, mas pelo som das coisas, não tinha sido rápido o suficiente.

Eles estouraram a porta da frente e correram para a sala grande, onde Ares estava congelado em frente à lareira, Vulgrim em pé protetoramente na frente dele, e Cara parecendo feroz, apesar do fato de que ela estava pálida, magra e, provavelmente, à beira de um colapso.

— Ele foi envenenado com veneno de cão do inferno, resmungou Vulgrim. — Meus meninos levaram o macho responsável para o andar de baixo.

— Eu ouvi um cavalo. — Cara disse. — Mas eu não sei onde. Lá fora, eu acho. — Um barulho de vidro quebrado tinha Limos correndo em direção ao corredor. — A adaga! — Cara começou andar depois de Li, mas Thanatos a agarrou.

Limos correu para o quarto, quando viu Pestilence ali em sua armadura, Deliverance em seu punho.

— Ah, Limos. É tão bom ver você. — Ele franziu a testa. — Mais ou menos. Sua presença aruína meu plano para matar Cara, mas hey, ela está perto da morte de qualquer maneira.

Nojo borbilhava, destruindo completamente todos os restos de sentimentos feliz-feliz-alegria-alegria sobre ele que ela tinha mantido. Como Thanatos, ela queria acreditar que havia alguma boa sobrando na criatura diante dela, mas ao contrário, ela sabia que não poderia contar com isso.

— Só para você saber, concordo plenamente com a idéia de afundar a adaga em seu coração negro.

— Sêrio? — Pestilence levantou a adaga na palma da mão, sentindo seu peso. — Eu vi o Senhor das Trevas no outro dia. Ele me perguntou sobre você.

Limos bufou. — Disse-lhe para ir se foder?

— Eu disse a ele como você não pode esperar para espalhar suas pernas sobre ele.

— Nunca.

— Você não pode lutar contra ele, irmã. E uma vez que o seu selo for quebrado, você não vai querer. Mas de qualquer forma, ele vai tomá-la. Ele está ficando impaciente. Ele quer crianças.

Ela estremeceu, incapaz de se imaginar levando a desova de Satanás em sua barriga. — Você sempre jurou que iria me proteger desse destino. Como uma coisa pequena como um selo quebrado mudou você.

Sua risada ralou em cada nervo. — Não é o Selo. Eu teria deixado você para o seu destino, mesmo se o selo não tivesse quebrado, uma vez que eu aprendi a mentirosa cadela que você é. — Ela endureceu quando ele se inclinou, roçou os lábios em sua orelha.

— Eu sei o seu segredo.

— Você sempre soube que o Aegis não perdeu Deliverance. Você me ajudou a encobrir a coisa toda. — Depois que ele a salvou das garras do Aegis, ela tinha confessado, e ele a ajudou a fazer alguma

criativa reorganização de memórias aegi e prometeu manter em segredo de seus irmãos.

A coisa era que ela mentiu para Reseph também. Mesmo que ele não soubesse a verdadeira razão pela qual ela tinha roubado o punhal.

— Mas agora eu sei *por que* você roubou. — ele disse, e seu intestino apertou. — Mas esse não é o segredo que eu estou falando. Eu estou falando sobre o outro. O grande.

Sua respiração a deixou, seus músculos ficaram como borracha, e seu sangue congelou em suas veias. Quando Pestilence entrou em seu Harrowgate e desapareceu, ela quase desabou sobre as pernas que não funcionavam mais.

Ele sabia. Querido Deus, ele *sabia*.

E se ele derramasse o seu segredo para Thanatos e Ares, ela perderia tudo.

CAPÍTULO



VINTE E CINCO

As pernas de Cara enfraqueceram. Ela tentou ficar de pé enquanto a batalha se desenrolava ao redor deles, mas quando os músculos de Ares começaram a se contorcer, como se descongelasse, o dela virou mingau. Ela bateu no chão duro, e instantaneamente, Vulgrim levantou-a em seus braços peludos.

— Cara. — Ares falou asperamente.

Vulgrim mudou-a para perto de Ares, e ela estendeu a mão para pegar seu rosto. Ele se acalmou, embora seus olhos brilhavam com dor.

Thanatos, que havia permanecido na sala grande para defendê-los, amaldiçoava quando Limos retornou, sua expressão preocupada.

— Reseph tem o punhal.

— Droga. — Thanatos rosnou. — Ares, você supostamente tinha que... — Ele se interrompeu quando olhou para Cara, e ela terminou a frase para ele.

— Matar-me. Nós dois estamos bem cientes disso. E não é fácil para qualquer um de nós, então eu agradeceria se você mantivesse sua maldita boca fechada.

Os olhos violetas de Limos ficaram bem abertos, e ela aproximou-se casualmente de Thanatos como se pensasse que ela precisasse contê-lo. Vários tensos batimentos cardíacosse passaram. Um estrondo veio do fundo do peito de Ares, e sombras escuras passaram pelo rosto de Thanatos. Finalmente, as bordas de Thanatos curvaram num meio sorriso.

— Ou você é corajosa ou tola.

— Nenhum dos dois. — ela disse. — Eu acho que eu vou morrer de qualquer jeito, então eu não tenho nada a perder, dizendo o quanto idiota está sendo.

— Graças a Deus. — Limos suspirou. — Alguém mais, além de nós, está disposto a dizer para Than quando engolir. Você é um guardião, Cara. — Bem, isso fez o quarto ficar em silêncio novamente, e Limos ficou vermelha. — Hum, eu, ah...

— Está tudo bem. — Cara contorceu o melhor que ela podia nos braços de Vulgrim.

— Ares?

A cabeça de Ares caiu para frente. Sua mão se abriu, ea bola caiu.

Thanatos se agachou e empurrou-o com a parte traseira de sua luva. — Filho da puta. Entregar um útil dispositivo cão do inferno. Reseph sempre foi criativo.

— Nós temos seu assecla no porão. — Vulgrim disse. — Talvez ele possa oferecer alguma informação?

— Ah, ele vai oferecê-lo. — Thanatos disse, enquanto ele se afastava. — Dê-me cinco.

Vulgrim colocou Cara no sofá, e então ele arrastou Ares e afundou ao seu lado. Gradualmente, Ares recuperou o uso de seu corpo, e a primeira coisa que ele fez foi tomá-la em seus braços.

— Eu sinto muito. — ele sussurrou. — Eu sinto muito.

Ela quase riu. — O que há para se arrepender? De não me matar?

— Eu hesitei. E por causa disso...

— Você pode ficar mal. O mundo pode acabar. Eu sei. Eu entendo.

Sua mão subiu e virou o rosto para ele. — Não. Eu falhei em ter certeza de que você iria morrer rapidamente. Mesmo se você fosse sofrer, pelo menos, você não iria sofrer na vida após a morte, sabendo que por causa da sua morte, Armageddon quebrou o mundo.

Seus olhos ardiam. Eles estavam à beira do fim do mundo, e ele estava preocupado com a sua alma. — Você é incrível, você sabe disso?

— Eu sou um tolo. Por muitos motivos.

O som de passos subindo as escadas chamou a sua atenção, e todos se viraram para a escada. Thanatos surgiu, limpando as sangrentas mãos em uma toalha. — Aquele Guardião está torrado.

— Ele está morto?

— Não. Eu despolpei-o, mas eu quis dizer que ele não é mais humano. Pestilence fez alguma coisa para ele. Não sei o que, mas ele não está... Certo.

— O que você teve dele? — Ares perguntou.

— Obviamente, ele mentiu sobre Reaver trazê-lo aqui. E deu-me o local onde eles estão mantendo Hal.

Ares estreitou os olhos. — Você acha que ele está dizendo a verdade?

— Mesmo se eu não tivesse certeza dos meus métodos, o que ele disse combina com o que eu tive de Orelia. Precisamos ir para Sithbludd.

Cara animou-se, tanto quanto pôde. — Nós podemos salvá-lo antes de matá-lo. — Todos eles trocaram olhares. — O quê? O que é isso?

— Provavelmente uma armadilha. — Ares disse a Cara. — Se Pestilence sabe que temos o seu menino, ele sabe que nós vamos obter informações dele. O que significa que ele sabe que nós vamos depois que o cão comprar-lhe algum tempo. Ele está bem consciente de que precisamos manter você viva o maior tempo possível enquanto tentamos recuperar o punhal.

— É claro que vamos atrás de Hal. — Cara disse.

—Você não vai a lugar algum.

— Sim, eu vou. Eu estou morrendo, Ares. Se isso acontece aqui ou ali não faz diferença. Então, se há alguma maneira que eu possa ajudar...

— Como você pode ajudar? — Thanatos interrompeu. Suas palavras eram suaves, não pretendendo ser rude, e ela não se sentiu ofendida. — Você está enfraquecida, mal capaz de ficar de pé. Você só vai ficar no nosso caminho, se tivermos que nos preocupar com você.

— Então... — o rosnado perigoso de Ares encheu a sala.

Cara apertou sua mão. — Ele está certo. — Ela arqueou uma sobrancelha para ele. — Mas não totalmente. Se o meu sonho for qualquer indicação, Hal está louco agora. Ele não permitirá que qualquer um de vocês o ajudem. Eu posso chegar perto. Libertá-lo para que ele possa piscar por longe ou ligar para a sua família para ajudar na luta. Se você não puder obter o punhal, salvar Hal vai comprar-nos algumas horas, se ele não estiver sendo rasgado na cova. Se você recuperar o punhal, eu estarei lá. — Nesse caso, salvar Hal seria inútil, porque ele ia morrer de qualquer jeito. — Não pode ter até mesmo segundos para perder. Você sabe que eu estou certa.

Sim, eles sabiam. Ela podia ver isso em seus olhos.

— Se eu pegar o punhal. — Ares disse: — Eu estou usando-o em Pestilence.

A tensão na sala quadruplicou, mas quando Than inclinou a cabeça em um gesto lento, a casa deu um suspiro lento de alívio.

Mas Cara não estava se segurando pela esperança. Se Ares tiver o punhal, Pestilence não ia ficar parado enquanto seu irmão passasse uma lâmina em seu peito. Não, Deliverance tinha o nome dela, e ela sabia disso. Esta missão era um bilhete só de ida.

Ares ficou de pé, todo comandante e militar. — Então, consiga quantos de seus vampiros quanto puder para lutar. Vou mandar meus Ramreels. Limos cobre cada favor que você tem no submundo...

— Não. — Ela cruzou os braços sobre o peito. — Eu não estou mandando ninguém em meu lugar. Eu vou com você.

— Li, você não pode. — Ares disse.

Cara olhou entre eles, confuso. — Por que não pode?

— Enquanto ela está no reino humano, ela está relativamente segura de Satanás. Ele não pode entrar no reino humano para levá-la, e graças a um acordo que nossa mãe fez há muito tempo, ele não pode mandar seus asseclas para buscá-la, a menos que ela fique confortável com um macho...

— Hey! — Limos colocou os punhos nos quadris. — Privado? Sim, eu sou um orgulhoso membro do clube hímen. Então o que? — Ela virou-se para Cara. — O que ele está dizendo, dessa forma estúpida dele, é que eu estou segura aqui em cima. Mas todas as apostas estão canceladas, se eu entrar em Sheoul. Algumas partes são mais seguras do que outras para mim, é por isso que eu posso ir para os Quatro Cavaleiros de vez em quando, mesmo que eu não possa ficar por muito tempo.

Ares fez uma careta. — E apenas se nós três estivermos lá com você. — Ele amaldiçoou.

— Dois de nós. Não importa. Você não vai, Limos.

— Eu tenho. Você precisa de toda a ajuda que pode obter. — argumentou. — E vamos enfrentar isso... Se não, eu vou acabar lá de qualquer maneira.

Os palavrões que caíram das bocas de Ares e Thanatos fizeram Cara corar todo o caminho até os folículos seu cabelo. Limos apenas cruzou os braços sobre o peito, bateu o pé, e esperou que os xingamentos acabassem.

— Nenhuma quantidade de planejamento vai fazer esta batalha melhorar, Ares. — O olhar amarelo de Thanatos era sombrio, e as sombras que pareciam segui-lo perpetuamente tinham ficado quietas. — Reseph sabe todos os truques na manga de vocês, cada jogo em seu livro.

— Nós não podemos confiar só no caos e sorte para derrotá-lo. — Aresdisse.

— Mas é assim que funciona com Pestilence. — Limos disse calmamente. — Vai ser um campo aberto.

— Dificilmente. Ele tem o terreno elevado³² e um exército muito maior.

³²Terreno elevado é um local de terreno elevado, que pode ser útil em táticas militares . Lutando partir de uma posição elevada é mais fácil para um número de razões

— Então. — veio a voz profunda e vibrante de Reaver da porta,
— Trazemos o elemento de surpresa.

CAPÍTULO



VINTE E SEIS

Ares não queria fazer isso. Oh, seu corpo estava vivo com a excitação - ansiava pela batalha. Ansiava a sensação de despedaçar carne e triturar ossos sob sua lâmina. Mas seu coração e sua cabeça não estavam nisso. Não quando ele sabia que de uma forma ou de outra, Cara não voltaria da incursão deles a Sheoul.

Reaver, a quem Ares devia um pedido de desculpas e que estava tão acabado quanto Harvester, concordou em ajudar tanto quanto fosse possível, e embora ele não pudesse pôr os pés na região para qual estavam viajando, ele trouxe ajuda na forma de Kynan, que era intocável, e um demônio Seminus loiro chamado Wraith, que aparentemente era tão intocável quanto o primeiro, parte vampiro, e irmão de Eidolon e Shade. Sin, a irmã deles, e seu companheiro vampiro, Con, vieram também, já que Sin, em última análise, era responsável por quebrar o Selo de Peste em primeiro lugar.

E Shade viera para dar um impulso de poder a Cara. Melhorara a cor dela e tirara a nebulosidade de seus olhos, mas seus pulmões

estavam chiando, e sobre o topo de sua cabeça, Shade dera a Ares o balançar universal de cabeça que significava *não por muito mais tempo*.

Porra.

Eles saíram do Harrowgate, que estava completamente cheio com pessoas e três cavalos de guerra. Um estranho silêncio os saudou. O único som era o dos cascos dos garanhões batendo na terra compactada de Sithbludd.

Ares apertou o braço em torno da cintura de Cara enquanto ela se sentava em frente a ele. — Eu nunca estive nessa região antes.

Thanatos olhou ao redor. — Eu também não.

— Talvez porque este lugar é um saco. — Wraith jogava uma faca de arremesso de mão em mão. — Eu pensei que nós estávamos indo lutar. Falando sobre chatice. Estou seriamente decepcionado com vocês, Cavaleiros.

— Kynan? — Limos disse docemente. — Você não poderia ter encontrado um demônio mais irritante para trazer com a gente?

— Não. — Kynan sacou uma barra de bombardeio sob seu escuro couro. — Eles não ficam mais irritantes do que Wraith.

— Se você vai fazer alguma coisa, você pode muito bem ser o melhor. — Wraith murmurou, enquanto se afastava em direção a uma

área de sombras. Nem mesmo a sempre presente luz nebulosa que permeava a terra parecia penetrar a sombria escuridão.

— O que está acontecendo? — A voz de Cara estava tranquila, mas se era porque ela estava desaparecendo ou porque estava com medo, ele não sabia. — Onde está o Hal?

— Algo disso parece familiar? Do seu sonho?

— Não realmente. Quando eu vi, havia muitos demônios. Estava esfumaçado. Havia grandes penhascos e videiras. Não há nada aqui. É como um deserto cinzento.

— Acho que fomos enganados pelo Aegi. — Than rosnou.

Kynan olhou para cima, onde punhados de estruturas parecidas com nuvens avermelhadas flutuavam, proporcionando uma sensação de profundidade. — Obrigado por deixar Reaver levar David de volta para a Aegis. Ele nunca vai ser solto novamente.

Limos soltou um bufo duvidoso quando Cara cheirou o ar. — É estranho. Tem o mesmo cheiro. E eu juro, eu posso sentir Hal. Dê-me um segundo. — Ela se inclinou para trás contra Ares, descansando a cabeça contra sua armadura amolecida. Ele a segurou protetoramente enquanto as pálpebras dela se fechavam sobre olhos que estavam entorpecidos demais.

Desespero, tristeza e raiva combinados para criar um coquetel emocional que ameaçava derrubar Ares sobre o traseiro. Ele nunca se sentiu assim em relação à outra pessoa, e seu coração estava em território estrangeiro. Ele queria gritar pela injustiça desta situação, mas ele precisava se controlar, manter as estruturas, porque ele precisava ser mais forte agora do que nunca.

— Eu posso ouvi-lo. — Cara manteve os olhos fechados, mas apontou diretamente à frente. — Naquela direção. Ele está rosnando. Ele diz... Ele diz que eles estão aqui. — Ela franziu o cenho. — Eu não entendo. Algo sobre um fantasma. E um véu. Um... Véu silencioso?

— Merda! — Ares girou Batalha ao redor. — Abram o portão! Abram o portão, porra!

Sin e Con correram em direção ao Harrowgate. Um estrondo ensurdecedor abalou a área, e todos tropeçaram, incluindo os cavalos. O véu silencioso, um encantamento de ocultação, se levantou para revelar o verdadeiro espaço, que era um mar de demônios e armas, e na frente do Harrowgate, uma criatura se ergueu do chão, completos tufo de névoa, dentes parecidos com os de tubarões e garras tão longas quanto à altura de Ares.

— Fodidos espectros de vapor! — Com agarrou Sin, levantando-a do chão para arrancá-la do caminho das mandíbulas do animal em cima da hora.

Ares odiava espectros de vapor. Eles poderiam ser vinculados a Harrowgates, e enquanto uma única besta não podia ferrar muito com Ares e seus irmãos, três mais do que isto se materializaram, cada vez maiores do que o primeiro de quase quatro metros, e poderiam colocar um machucado sobre eles se tentassem passar pelo portal.

E ele não precisava tentar lançar seu próprio portal portátil para saber que Pestilence neutralizara essa capacidade.

Enxames de demônios correriam de todos os lados, inclusive de cima.

— Cuidado com as flechas! — Than gritou, mesmo enquanto derrubava uma do ar com sua espada.

Sem dúvida, as pontas estavam revestidas com saliva de cão do inferno.

— Levem-me ao Hal — Cara foi interrompida quanto um horripilante raptor, do tamanho de um homem, sem olhos e com asas de morcego, desceu rapidamente e quase a derrubou da sela. Ares a pegou pelo pulso, tentou puxá-la de volta, mas um machado atingiu Batalha no peito. Ele gritou, levantou-se, e Cara despencou no chão.

— Cara!

— Vá. — ela suspirou. — Eu vou chegar até Hal. — Seu olhar se moveu. — Atrás de você!

Ele se virou a tempo de evitar ser espetado por uma espada de duas vezes o tamanho da sua, empunhada por um troll. E ainda assim, no meio da batalha que acontecida, tudo ficou em câmera lenta, e ele prendeu seu olhar com o de Cara.

Vai, ela fez o movimento labial. *Eu te amo*.

Ele tentou retribuir, mas tudo o que saiu foi. — Chegue até o Hal!

A vida de Cara era mais importante do que os sentimentos dele.



— Chegue até o Hal!— Ares gritara, mas ele não precisava. Cara estava desesperada para chegar ao cão, cujos lamentos subiam acima até mesmo dos gritos e trovões de centenas, talvez milhares, de demônios.

Ares disse que Hal seria mantido nos fossos pelos mesmos símbolos que o aprisionaram na gaiola que Sestiel o colocara. Tudo o que ela precisava fazer era destruir os símbolos, e Hal estaria livre.

Rastejando, ela evitou ser cortada ao meio por uma enorme lâmina de machado. A criatura ficou tensa por outro golpe, mas Kynan tomou sua cabeça com algo que parecia um Frisbee afiado. Sangue a cobriu, uma chuva horrível de carmesim escurecido que espirrou em sua boca e quase a fez vomitar. *Não pense nisso. Não pense nisso...*

A adrenalina deu às suas forças minguantes um impulso muito necessário enquanto ela subia em suas mãos e joelhos sob os pés de alguma horrível coisa alada, e então rolou entre as pernas de outra. De cada lado dela, Ares e Thanatos lutavam, protegendo-a do pior da horda. Em frente a ela, Wraith abria o caminho. Como Kynan, nada o tocava. Se ela não estivesse tão ocupada tentando evitar ser espetada, ficaria fascinada pela maneira como as coisas se preparavam para atingir os dois homens, mas no último minuto, o inimigo tropeçava ou caía, ou qualquer outra coisa aleatoriamente os derrubaria.

Quando ela chegou ao fosso, seu coração parou. Enormes estacas de marfim forravam o buraco de seis metros de profundidade, todas direcionadas para evitar que Hal, e qualquer outra criatura que foi lançada ali saísse. Sangue, tanto fresco e seco, salpicava as paredes e se acumulava no chão de terra. Querido Deus, era bárbaro. Ela adoraria enfiar os vermes que fizeram isso no fosso com Hal e ver como eles gostariam de ser dilacerados.

Exceto que... Hal não estava em condições de lutar.

Ele estava contra a parede, sua respiração ofegante, respirações difíceis pulverizando espuma rosa. Sua cauda bateu uma vez, e então ele voltou a apenas tentar sobreviver.

— Oh, meu Deus. — ela sussurrou. — Leve-me lá em baixo. — Ela agarrou a perna da calça e Wraith. — Levem-me lá em baixo.

O demônio a pegou e, em um salto fácil e ágil, passou sobre as estacas para aterrissar, leve como uma pena, no fosso. Hal rosnou, mas foi uma tentativa fraca, o som desvaneceu para um gemido, e seu coração se partiu.

Ainda nos braços de Wraith, ela apontou para as paredes de pedra, que estavam cobertas com marcas estranhas. — Nós temos que destruí-las.

— Aquelas não são marcas de contenção. — Wraith girou tão rápido que ela gritou. Ele atirou um bastão medial para cima, e um demônio parecido com um morcego que estava mergulhado no fosso caiu no ar e aterrissou como uma pilha nos pés de Wraith. — Bastardo.

— Eu odeio esse lugar. — ela murmurou.

— Idem.— Wraith se voltou para Hal. — A coleira dele. Tem símbolos de contenção sobre ela.

— Coloque-me no chão. Você faz a cobertura.

Wraith a colocou no chão cuidadosamente. Em seu primeiro passo, ela cambaleou. No segundo, as pernas cederam. Wraith a pegou antes que ela caísse no chão. Muito gentilmente, ele a colocou ao lado de Hal.

— Ei, amigo. — ela murmurou. Hal lambeu-lhe a mão, sem levantar a cabeça.

Com o estrondo da batalha em curso acima dela, e até mesmo dentro do fosso quando demônios invadiam, mas eram despachados por Wraith antes que pousassem, ela trabalhou na coleira. Sua visão estava borrada pelas lágrimas, e seus dedos tremiam, tudo o que tornava o progresso dolorosamente lento enquanto ela manipulava os mecanismos sobre a série de pinos minúsculos que detinham a coleira no lugar. A remoção parecia ser torturante, mas Hal aguentou como um campeão. Quando o último estalou, a coleira caiu no chão.

Hal não se moveu. Seu peito subia e descia em avanços e espasmos irregulares, e Cara percebeu que sua própria respiração tornara-se superficial e rouca. O mundo girou e se inclinou enquanto ela se envolvia em torno de Hal e cedia à exaustão que a montava firmemente.

Ela ia morrer em um fosso de maldade, não ia? Isto... Era um saco.

— Wraith. — Sua boca estava tão seca quanto o ar quente aqui, e ela teve que parar para produzir um pouco de saliva para que pudesse falar. — Ajude os outros. Preciso do punhal.

— Não sem vocês dois. — Pegando um osso de uma criatura morta há muito tempo, ele riscou as marcas nas paredes. Quando cada um deles se foram, as estacas na parte superior do fosso se retraíram.

— Vamos lá para cima antes que demônios façam uma corrida neste lugar.

O medo era uma estaca diretamente em seu coração. O cenário de Wraith seria um desastre. Ele podia ser intocável, mas ele estaria em menor número, e seria preciso que apenas um demônio passasse por ele para Cara e Hal serem torrados.

Wraith pegou os dois, grunhindo sob o peso combinado, e depois pulou, caindo mais uma vez em um agachamento suave. Mesmo que sua energia e processamento de pensamento estivessem enfraquecendo, ela avaliou a situação em um piscar de olhos.

Com a exceção de Kynan, todos os que vieram lutar pela equipe da casa estavam banhados em sangue, e uma boa parte era deles mesmos. Suas roupas - e armaduras - estavam rasgadas, surradas, ou quebradas.

A luta enfureceu-se, mas enquanto Wraith colocava Cara e Hal no chão, Ares estava ali, e todos cerraram as fileiras, formando um

círculo de proteção em torno de Hal e Cara mesmo como enquanto continuavam a lutar. A horda demônio, apesar de todos os corpos sangrentos e quebrados no chão, não pareceu ter diluído em absoluto.

— *Cessar!* — Todos os demônios congelaram quando Pestilence cavalgou através das massas, esmagando demônios que não eram rápidos o suficiente para sair de seu caminho. — Peço uma trégua de cinco minutos. — Ele inclinou a cabeça para Ares. — Não diga que eu nunca fiz alguma coisa para você. — Ele fez um gesto na direção do Harrowgate.

— Ei vocês, Cavaleiros!

Cara cruzou as pernas sob si mesma e embalou a cabeça de Hal em seu colo, enquanto olhava para a escuridão enfumaçada. Um homem enorme, com um moicano azul escuro rompeu o oceano de criaturas. Ele poderia ter sido bonito, se não fosse à extrema palidez de sua pele que revelava um padrão de veias negras abaixo. Saindo de suas costas nuas estavam um conjunto de asas negras, parecendo de couro, que se estendiam até suas panturrilhas. Ela não tinha ideia do tipo de calça ele usava, mas eram prateadas, ajustadas à figura, e elas continuavam a se mover, como se estivessem constantemente reorganizando-se em seu corpo.

Demônios curvavam-se e caíam de joelhos enquanto ele passava, e os da frente dele batiam um nos outros e caíam sobre si mesmos para sair de seu caminho. Se o sorriso dele fosse qualquer indicação, ele estava se divertindo.

Os lábios partidos de Thanatos se esticaram em um grande sorriso. — Hades. Já era hora, porra.

Hades? *O* Hades?

— Vai se foder. — Hades passou a palma sobre o peito sem pelos. — Tentei negociar com Azagoth para parar o fluxo de almas em Sheoul-gra para que assim você possa fazer uma pausa, e veja quanto tempo *você* leva.

Wraith se curvou e sussurrou em seu ouvido, — Azagoth é o Grim Reaper. Eu sou meio que parente dele. O quanto isso é legal?

Kynan empurrou sua barra em um coldre. — Você é cheio de invocar parentes famosos.

— Por que você está aqui? — Ares limpou o sangue de seus olhos com as costas da mão. — Diga-me que você não está trabalhando com Pestilence.

— Esse é o agradecimento que recebo? — Ele virou. — Acho que você não precisa de mim.

— Hades, para de ser bebê. — Limos nivelou um olhar grave para Ares, um que fez até Batalha se acalmar, embora seus músculos se contraíssem. — Ele está aqui porque você disse para cobrar favores. Cara precisava de um favor.

Todo o corpo de Ares tremeu. — Oh, inferno. Eu não... Pensei nisso.

— Pensou no que? — Cara esticou o pescoço para olhar para ele.

Hades se virou, esticando suas asas e dobrando-as novamente com um assobio suave. — Você é humana. Se você morrer em Sheoul, sua alma ficará presa aqui para sempre. Estou aqui para escotar sua alma lá para cima.

Oh, Deus. — Obrigada. — ela sussurrou.

Ele deu de ombros. — É a minha boa ação do milênio. E Limos prometeu me mandar uns Baskin-Robbins.

— Tempo esgotado. — Peste gritou. — E eu mencionei a minha arma secreta? Não? Ah, bem, eu sou esquecido às vezes. — Ele moveu o braço em um gesto dramático, e do céu, três dezenas de homens alados caíram na frente do cavalo de Peste.

— Porra. — Wraith respirou. — Anjos caídos.

— Bem. — Kynan disse severamente, — você disse que queria lutar.

— Eu não entendo. — Cara arrancou seus olhos de um dos alados recém-chegados - Zhreziel, cuja expressão dizia que ele tinha um machado para moer, e, provavelmente, sobre os ossos dos Cavaleiros.

— Os únicos seres que podem machucar a mim e Wraith são anjos. Que inclui a variedade *caídos*.

— E eles são difíceis pra porra de matar, a menos que você seja um outro anjo. Ou um Cavaleiro. Melhor ainda, Peste provavelmente sabe do nosso estado encantado, graças a David. — As presas de Wraith brilharam. — Rapaz, se eu for morto, nem mesmo o fato de que David é irmão de Serena vai salvá-lo dela. — Por alguma razão, ele sorriu. — Minha companheira pode ser uma completa fodona. É tão quente.

— Okay, garotos. — A áspera voz de Peste ecoou. — Matem a humana e o vira-lata, e vamos colocar esse Apocalipse para começar!

Thanatos lançou suas almas, e elas gritaram enquanto se atiravam em direção ao exército do mal. Como se rejuvenescido pela breve pausa, os demônios invadiram, mais cruéis do que nunca. Era um pesadelo de dentes, garras, e armas. Desamparo estilhaçava o pouco de bravura que Cara mantinha em suas reservas, e de alguma forma Ares sabia. Ele lhe atirou uma adaga, uma arma de último recurso para garantir, mas pelo menos ela tinha algo com o qual poderia dar um golpe em qualquer demônio que passasse através da parede de seus defensores.

Supondo que ela tivesse a força para usá-la.

Todos, incluindo Hades - que fazia demônios explodirem com um simples toque - lutaram muito, mas um por um, os cavalos caíram, e os cavaleiros estavam esmagados sob a onda de monstros. Desespero e medo se tornaram o ar que Cara respirava, tão espesso que ela nem sequer pode gritar quando a chuva de golpes caíram em Cara e Hal. Wraith e Kynan pularam em cima deles, blindando-os com seus corpos, mas de alguma forma, as lâminas encontraram seu caminho através da pilha.

Dor rasgou em seu interior, como uma navalha afiada enquanto as armas perfuravam sua carne e órgãos. No fundo, uma sensação estranha a capturou, e ela se sentiu como se estivesse sendo descascada como uma banana. Quando a realização a atingiu, ela gritou.

A captura e o descascar eram sua alma tentando deixar seu corpo.

Rosnados soaram. Gritos. Sangue quente espirrou em seu rosto. Um peso saiu dela quando Wraith e Kynan se afastaram. *Ares*. Onde *Ares* estava?

— Puta merda. — Kynan murmurou. — Caramba.

Cara não podia se mover, mal podia respirar enquanto estava deitada de lado em posição fetal, envolvida em torno de Hal. Ela descobriu que possuía o equivalente a cerca de cinco respirações de vida restantes, mas maldito seja, ela iria assistir o fim chegar. Com esforço, ela abriu o olho que ainda funcionava, embora se parecesse como se sua pálpebra fosse feito de lã de aço. Através de borrões irregulares e de sangue, ela viu enormes patas negras. Dentes. Vermelhos olhos brilhantes.

Cães infernais.

— Deve haver milhares deles. — disse Wraith.

A floresta de pernas pretas pulverizavam e se separaram. Algo maciço se moveu em direção a eles, e antes que Cara pudesse sequer piscar, um monstruoso cão do inferno de três cabeças estava diante deles, facilmente duas vezes maior que o maior dos outros.

— Ei, Cerberus. — Hades disse.

— Cerberus? — Kynan engasgou.

— Sim. — Hades esfregou a mão sobre o moicano. — Isso não pode ser bom.

— E por que isso?

— Ele me odeia por vinculá-lo a Sheoul-gra. Ele só pode sair quando eu saio. Ele provavelmente está aqui para me despedaçar. Mais uma vez.

A besta ficou ombros ao lado de Hades, e, finalmente, Cara avistou Ares. Sua armadura estava mutilada, sua mão esquerda amassada, e suas pernas impossivelmente quebradas, mas ele estava usando sua única mão boa para se arrastar até Cara. Ela queria chorar, mas aquela sensação de captura havia a subjulgado e lágrimas, ao que parecia, ficavam com o corpo, não a alma.

Ares se puxou contra ela enquanto todos os outros se moviam para bloquear o Cerberus, que estava em um caminho diretamente para ela e Hal.

As três cabeças de Cerberus rosnaram como uma.

— Está tudo bem. — A voz de Cara estava fina como um cano, mal existia, mas, aparentemente, era o suficiente, porque todo mundo se moveu, permitindo que Cerberus passasse.

A grande besta a cheirou, e, em seguida, uma das cabeças lambeu Hal. Hal abriu os olhos, e uma única palavra veio a ela. *Avô*. Ele não lhe dissera, mas de alguma forma, ela interceptou a transmissão para o cão de três cabeças.

Uma das cabeças se virou para ela, seus olhos carmesim brilhando. *Você é reoush, curadora-de-bestas. Rara. Você não vai morrer.*

Não morrer não parecia ser uma opção. Ela sugou uma respiração gorgolejante... Que não a deixou. Escuridão a engoliu completamente, mesmo enquanto ela sentia a carícia quente de uma língua sobre seus lábios.

CAPÍTULO



VINTE E SETE

Cara não tinha certeza do que acontecera. Tudo que sabia era que tinha ficado bem acordada nos braços de Ares, Hal estava pulando em torno dos restos de demônios e alegremente jogando coisas como braços e pernas no ar, enquanto bem ao longe, outros cães infernais estavam... Ela apertou os olhos, e depois desejou que não tivesse. Ares não estava brincando quando disse que cães infernais gostavam de suas presas um pouco demais. Engolindo amargamente, ela empurrou seu olhar para longe do parque dos cães infernais para ver médicos em scrubs³³ remendando o time da casa.

Eidolon e Shade estavam fazendo a coisa-brilho com Sin, enquanto Con segurava a mão dela, suas próprias feridas tão extensas que Cara estava surpresa que ele estivesse sentado sem ajuda. Kynan estava remendando Wraith, que se mantinha gritando obscenidades, e algum cara de cabelos pretos que Con tinha chamado de Luc estava tentando, sem sucesso, trabalhar em Ares.

³³ são roupas usadas pelas pessoas que participam de cirurgias

Ares, que continuava empurrando o cara para longe mesmo enquanto falava gentilmente para Cara. — Você está acordada. Graças a Deus, você está acordada.

— Onde... — Ela clareou a garganta para se livrar da aspereza que fazia sua voz soar como se ela não a tivesse usado em décadas. — Onde estão os demônios? Pestilence? — Ela franziu o cenho. — Cerberus. Ou eu sonhei isso tudo? — Mesmo enquanto disse isso, ela sabia que não tinha sonhado.

— Os cães infernais quebraram o exército de Peste. Ele teve que recuar. Cerberus e a maioria dos cães foram atrás. Shade trouxe ajuda do Underworld General.

— Como estou viva? — E, droga, ela se sentia realmente malditamente ótima, também. Como se tivesse sido ligada a uma bateria do tamanho do Monte Everest.

— Parece — Ares disse, — que você recebeu o Beijo do Inferno do Rei cão infernal.

Okay, isso era... Significativo, ela estava supondo. Abanando o rabo, Hal se aproximou brincando. *Todos nós. Você pertence a todos nós agora. Todos ligados a você. Exceto aqueles ligados a outros. Você é reoush, nossa curandeira.*

— Oh. — ela respirou. — Oh, wow.

Os olhos de Ares a perfuraram. — O que é?

— É hm... Que parece que estou ligada a todos eles. Eles me adotaram como uma espécie de médica oficial deles.

Luc congelou enquanto enfiava a mão na bolsa médica ao lado dele. — *Todos* os cães infernais?

— Como em cada cão infernal na existência? — Ares acrescentou.

— Isso é o que Hal diz.

— Puta merda. — A voz de Limos veio de trás de Ares, mas Cara não poderia torcer ao redor para vê-la. — Isso faria você...

— Imortal. — Ares soltou uma respiração longa e trêmula. — Você é imortal.

— Está além disso. — Hades se aproximou passeando, pegou o que Cara pensou que poderia ser a perna de alguma criatura, e atirou-a para Hal. — Pega! — Ele se virou para Cara enquanto Hal saltava para longe. — Qualquer ferimento que você sustentar seria distribuído uniformemente por toda a população de cães infernais, então você vai se curar instantaneamente. Apenas o próprio Cerberus... e Deus... podem matar você agora. — Ele franziu o cenho. — Não posso acreditar que aquele filho da puta fez isso. Ele nunca faz isso. Pedi-lhe para fazê-lo com a minha namorada uma vez, e ele se recusou.

Arrancou meu braço. — Ele bufou. — Claro, ela me fodeu mais tarde de qualquer maneira. A vadia.

Tudo isto era tão estranho, e ainda assim, tudo isso estava se tornando normal. — Espere, por que eles precisariam de uma curandeira, se estou ligada a eles? Um cão ferido tomaria energia de mim, certo?

Hades balançou a cabeça. — A ligação de Cerberus não funciona dessa maneira. É contra a lei natural alterar toda uma espécie. Você colhe os benefícios de tomar deles, e eles te têm como uma curandeira.

Não parecia uma troca justa para ela, mas ela não ia reclamar. — Ares, você está bem? Suas pernas...

— Elas estão ótimas. Eidolon me deu uma rápida ajuda quando chegou aqui, e eu estou me regenerando para curar o resto. Então, eu realmente não preciso de nenhuma ajuda médica. — A última parte foi destinada a Luc, que deu a Ares o dedo.

Escondendo um sorriso, Cara alcançou a mão de Ares... E percebeu que Batalha não estava em seu braço. Alarme instantâneo a lanceou. — Os cavalos. Como estão os cavalos?

— Eles poderiam usar sua ajuda. — Ares disse suavemente.

— Você deveria ter me dito! — Ela saltou a seus pés, e teve que cobrir a boca com a mão para conter seu ofego de horror. Agora ela

entendia por que Ares a segurara do jeito que tinha feito, em um ângulo longe dos animais.

A carnificina era... Inacreditável. Thanatos estava ajoelhado próximo a Styx, que era uma massa de osso irrompendo de músculo. As pernas dele estavam torcidas em ângulos estranhos, e ele tinha tantas lâminas e flechas se sobressaindo dele que ele parecia um porco-espinho.

Batalha e Ossos tinham ferimentos semelhantes, e todos os cavalos estavam rodeados por pessoas em scrubs, que estavam trabalhando freneticamente para salvar os garanhões.

Cara se embaralhou até Styx, que parecia estar na pior forma - embora a diferença *nessa* distinção poderia ser medida em um dedal.

Os olhos de Styx estavam fechados, suas narinas dilatando quando ele respirava. Sangue borbulhava através das múltiplas feridas em seu peito, e nada que os médicos estavam fazendo parecia ajudar.

— Oh, não. — ela respirou, enquanto se ajoelhava junto à cabeça do garanhão.

A mão de Thanatos capturou seu pulso. Seu olhar amarelo estava torturado, e medo desenhara linhas profundas em seu rosto bonito. — Você pode ajudá-lo? Por favor? Eu sei que fui duro com você...

— Eu entendo. — Ele tinha o destino do mundo humano descansando em seus ombros, e estivera justificadamente mais preocupado com isso do que os sentimentos dela.

Gentilmente, ela extraiu-se de seu aperto para colocar as duas mãos em Styx. Fechando os olhos, ela convocou sua energia de cura. Uma explosão de poder bateu com força nela, e sua cabeça estalou para trás tão duro que suas mãos saíram do cavalo.

— O que é? — Ares agarrou seus ombros por trás, apoiando-a enquanto ela piscava para fora da névoa atordoada em que estava. Thanatos a encarava com preocupação, e Limos tinha se torcido ao redor de onde ela estava cuidando de Ossos para observar com tanta preocupação quanto.

— Eu não sei. — Cara balançou a cabeça, limpando-a do que restava da sensação nebulosa. — Geralmente eu sinto um gotejar de energia, mas isso foi como um rio. Como se uma represa tivesse estourado. Deixe-me tentar novamente. — Uma vez mais, colocou as mãos sobre o garanhão, mas desta vez, ela se abriu mais gradualmente.

Energia cantou através dela com cem vezes a força que estava acostumada, e isso foi na definição mais baixa que conseguiu controlar. Timidamente, ela a soltou através de suas mãos, e à sua volta, pessoas arfaram.

Cara não abriu os olhos. Em sua mente, ela podia ver tudo. Não houve dor para ela, mas as feridas do cavalo estavam fechando, armas

estavam sendo empurradas para fora da carne, e ossos estavam se entrelaçando. Uma grande onda de afeição a atingiu conforme a saúde de Styx melhorava, e em poucos minutos, ele estava comunicando sua gratidão a ela em palavras e imagens e pequenos afagos de seu nariz aveludado contra sua coxa.

Gradualmente, não havia mais nada para curar, e ela puxou de volta seu poder e abriu os olhos. Os médicos estavam observando-a em reverência, e até mesmo Eidolon, que parecia ter uma habilidade similar, estava fitando-a com especulação.

— Você pode fazer isso com pessoas?

Ela balançou a cabeça. — Apenas animais. — Eidolon pareceu desapontado. Thanatos ofereceu sua mão para ela, e embora não precisasse da sua ajuda para ficar de pé, ela a pegou, sentindo que ele precisava fazer isso. Ares recuou, aparentemente sentindo a mesma coisa. Quando estava em pé diante do gigante guerreiro, ele se ajoelhou a seus pés, cabeça curvada.

— No meu tempo, sacerdotisas totens eram homenageadas. Reverenciadas como descendentes dos *aos si*.

— *Aos si*?

— O povo. Vocês os chamariam de... Fairies. Eles possuíam o dom de curar animais e matar pessoas quando enfurecidos. Eles estão mortos há muito tempo, mas obviamente você carrega o sangue deles.

- Ele levantou o olhar para ela e colocou seu punho sobre o coração.
— Você tem minha gratidão e meu respeito para sempre.

De alguma forma, Cara sabia que tinha acabado de ser elevada a uma igual aos olhos de Thanatos. Calor penetrou através dela, mas ela não perdeu tempo fazendo nada mais do que oferecer-lhe um obrigado. Ela teria que perguntar mais sobre os *aos si* mais tarde. Ela tinha mais dois cavalos para curar.

O processo foi o mesmo com ambos, Ossos e Batalha, e quando terminou, ela não estava nem um pouco desgastada.

E não houvera nenhuma dor.

— Você estava recorrendo ao poder da matilha de cães infernais, — Limos disse. — Isso. É. Impressionante.

Ares puxou Cara a seus pés enquanto Batalha vinha para ele. Perto dali, Hal e Hades ainda estavam jogando seu jogo macabro de pegar, e a equipe médica estava fazendo as malas e preparando os mortos para o transporte.

Cara envolveu-se em torno de Ares e segurou firme. — Só queria que o meu poder funcionasse em mais do que animais. Eu poderia ter sido capaz de salvar alguns da sua equipe.

Thanatos assentiu sombriamente. — Eu perdi doze vampiros.

— Eu vou ter que contar a Vulgrim que catorze de seu rebanho estão mortos. — Ares pressionou um beijo no topo da cabeça de Cara. — Mas você está segura. Você ainda suporta meu *agimortus*, mas já que não pode ser morta, não é mais um alvo para Peste ou seus servos. O que significa que você vai voltar para casa comigo. — Ele clareou a garganta. — Se você, você sabe, quiser.

Quão adorável ele era? — É claro que quero. Mas... O *agimortus*... Eu vou drenar você.

Than bufou. — Algo me diz que ele vai ficar feliz por você *drená-lo*.

— Inferno yeah. — Ares peneirou seu cabelo por entre os dedos, tão simples, mas tão íntimo. — Nem sequer é uma questão. — Sua preocupação deve ter aparecido como um sinal de néon, porque ele cortou-lhe com um olhar sério. — O efeito é temporário, e a compensação vale a pena mais de mil vezes.

— Gag³⁴. — Limos estudou suas unhas lascadas. — Arrumem um quarto.

— Nem tudo são boas notícias, entretanto, — Than alertou. — Peste virá atrás de Limos e eu agora. E se um dos nossos Selos quebrar, os outros dois vão cair logo depois.

³⁴Gag, é uma onomatopeia pra vomitar/engasgar mas pode ser usado tbm pra pedir a alguém pra parar de falar

— E ele ainda tem Deliverance. — Limos apontou.

Geralmente mencionar a adaga fazia Than irritável, mas ele meramente assentiu. — Vamos sair daqui.

— Eu nunca mais quero voltar aqui. — Cara resmungou.

— Você nunca irá. — Ares a levantou na sela de Batalha e subiu detrás dela. — Hades lidou com os espectros de vapor no Harrowgate, então vamos sair o inferno daqui. Trocadilho pretendido. Aonde você quer ir?

— Primeiro, seu chuveiro. Segundo, sua cama.

Imediatamente, ela sentiu o cutucão de sua ereção contra sua bunda. — Qualquer coisa que você quiser.

— Qualquer coisa? — Ela torceu ao redor na sela, enganchou a mão atrás da sua cabeça, e puxou sua boca para os lábios. — Porque agora que eu sou imortal, você não tem nenhuma desculpa para evitar as coisas brutas completas.

Ele gemeu. — Estamos tão fora daqui.



Eles não chegaram até o quarto. Inferno, eles nem mesmo chegaram até a casa. Ares quis informar Vulgrim privadamente das mortes valentes de seus companheiros de rebanho, por isso, a pedido de Cara, ele a deixara na praia perto de sua casa, onde ela poderia se lavar nas ondas e relaxar.

Agora Ares estava tirando a roupa enquanto atravessava a extensão branca de areia em direção à Cara, que estava espirrando água no mar, seus olhos cintilando como a água ao seu redor. Ele admirou suas linhas graciosas, lustrosas enquanto ela se levantava, expondo seus seios altos, firmes e a junção sombreada entre suas pernas. As ondulações do mar lambiam-lhe o caminho que ele planejava fazer, quando a levasse para a terra.

Ele estava duro, faminto, e pronto antes que atingisse a primeira onda. Pela segunda, seu corpo estava se esticando pelo dela, seu sangue escorrendo como lava por suas veias. Pela terceira, ela estava enrolada em volta dele, o sexo sedoso dela esfregando contra o seu, os lábios dela chupando seu pescoço.

Ele gemeu quando ela se esfregou contra ele, trabalhando a entrada sobre a ponta do seu eixo. — Dê-me trinta segundos para lavar o sangue de demônio...

Seu rugido gutural tanto o excitou quanto disse-lhe o que ela achava dessa ideia. Concedido, sangue e sangue coagulado nunca o incomodaram, mas esta era Cara, e embora soubesse malditamente

bem que ela poderia lidar com o que quer que ele jogasse nela, ela merecia que ele estivesse limpo, pelo menos.

Com mais esforço do que teria acreditado precisar, descolou-a dele, mas não antes que ela empunhasse seu pau e lhe bombeasse firmemente um par de vezes, quase o fazendo derramar-se em sua mão.

— Eu quero o que você me prometeu. — ela disse, e yeah, ela teria isso.

Ele caiu de costas na água, esfregou as mãos sobre o rosto e cabelo enquanto estava sob as ondas. Quando rompeu a superfície, preparado para arrastá-la para ele... Ela tinha ido embora. Medo imediato, gelado o apunhalou, mas quando a viu na praia, recuando em direção às árvores escarpadas do litoral e entortando o dedo em um gesto venha-e-me-pegue brincalhão, sua preocupação se desviou diretamente para a luxúria.

Oh, ele ia pegá-la, tudo bem. E ele ia gozar. Várias vezes.

Em chamadas por ela, ele disparou para fora da água com o foco único de um predador morrendo de fome. A pequena sirigaita guinchou, virou-se e correu, mas não tinha chance. Ele era mais rápido, e ia derrubá-la como um lobo a um cervo.

O que ele não contava era com a sua habilidade de escalar árvores como um gato.

Ele a alcançou profundamente no bosque do norte, onde ela estava de pé acima dele no galho grosso de uma árvore de oliva antiga, retorcida.

— Mulher, o que você está fazendo? — Sua voz estava áspera, sua respiração rápida, mas não de esforço. A perseguição o acelerara, alimentara sua ânsia por batalha ou sexo, e ele não estava mais com medo de dar ambos a Cara.

— Desde que você me fez esperar, eu vou fazer você trabalhar por isso. — Ela mudou sua posição, permitindo-lhe uma visão tentadora de seu centro reluzente, e um som carnal escapou dele. Ele estava fascinado pela visão, sabia como ela se sentia, provava, cheirava, e a lista de coisas que queria fazer com ela era interminável.

— Você acha que eu não vou escalar essa árvore?

— Este galho não vai apoiar você.

Ele exalou lentamente pelo nariz, uma tática antiga que empregava durante a parte mais espessa de uma batalha quando decisões precipitadas perdiam guerras. E agora, uma decisão precipitada o teria arrancando aquela árvore pela raiz para chegar a sua fêmea.

Seu olhar caiu sobre a folhagem circundante, e sua estratégia se encaixou. Sorrindo triunfantemente, vitória já cantando em suas veias

aquecidas, ele espreitou a poucos metros de distância até uma das muitas videiras selvagens que tinham ultrapassado a ilha. Ele rasgou uma vinha espessa da planta e envolveu uma ponta em torno de seu punho.

Cara o fitou cautelosamente enquanto ele espreitava de volta para a árvore. — Você está pronta, Cara? — ele perguntou sedosamente, e os olhos dela se estreitaram.

— O que você planejou... — Ela parou quando ele estalou a videira como um chicote, pegando-a em torno de um tornozelo fino. Ele sacudiu a videira, arrancando seus pés de debaixo dela.

Seu guincho de surpresa ecoou, seguido por um grunhido conforme as costas de seus joelhos pegavam um ramo mais baixo. Em um instante, ela estava pendurada de cabeça para baixo da árvore e atirando maldições que fariam um soldado endurecido corar. Ares se inchou de orgulho.

— O que eu te disse sobre me desafiar?

Com um rosnado, ela estendeu a mão para ele, e ele a deixou pegá-lo em torno das coxas porque eles estavam agora em uma posição perfeita para o que ele vinha querendo fazer com ela desde o momento em que a vira nua. Claro, em suas fantasias estavam na horizontal, mas vertical funcionava também. Talvez até melhor.

Ele deu um passo para ela de modo que eles estavam pele sobre pele, os seios cheios dela pressionando seu abdômen. Respirando profundamente, ele absorveu o perfume inebriante de seu desejo quando inclinou ligeiramente a cabeça para colocar a boca nivelada com seu sexo. Uma picada deliciosa o incentivou a chegar mais perto quando suas unhas cavaram na parte de trás de suas coxas e seu hálito quente soprou ao longo de seu eixo e bolas.

Dois podiam jogar esse jogo. Embora mal tivesse a paciência para provocar, ele tomou o tempo para soprar em seus cachos úmidos enquanto espalhava os lábios de seu sexo com os polegares.

A visão de sua carne rosada, escorregadia, aberta e exposta a ele, quase o fez fraco nos joelhos.

Nadando em necessidade, ele a lambeu de seu clitóris até seu núcleo, amando o jeito que ela se contorcia impotente contra ele enquanto fazia isso de novo. E de novo.

Quase vingativamente, ela arrastou os lábios até seu eixo e fechou a boca sobre a cabeça dele. Seu pênis chutou, pulsando enquanto seu calor úmido o chupava profundamente. Ela não foi gentil enquanto o trabalhava, usando os dentes para beliscar sua carne e as unhas para marcá-la. Sua língua chicoteou nele e seus lábios raspavam sobre pontos sensíveis, e a mistura de sensações o fez bombear seus quadris, fodendo sua boca.

Mas ele não se esqueceu do que estava fazendo. Empurrando sua língua completamente dentro dela, ele começou um movimento enfiando no ritmo de sua ação pélvica. O gosto de pêssegos-e-creme dela, misturado com a essência salgada do mar, o deixou mais duro, e seus doces gemidos zumbiam através dele, vibrando seu pau e se espalhando por cada terminação nervosa.

Ele deslizou os polegares para dentro para massagear seu clitóris entre eles enquanto a lambia. Seus sucos inundaram sua boca, e ele gemeu, engolindo-a avidamente.

— Ares. — Ela ofegou seu nome em volta da *extremidade* de seu pênis, e droga, ele amou sentir seus lábios se movendo assim, transformando seu nome em uma carícia erótica.

Sentindo o orgasmo se enrolando dentro dela, ele dobrou seus esforços, rolando sua protuberância inchada com as pontas de seus polegares e girando sua língua dentro dela. Mais e mais rápido, ele circulou a borda de sua abertura e depois enterrou sua língua profundamente. Cara empinou e se debateu, e desta vez, quando ela chamou o seu nome, foi no auge do êxtase.

Ele provou seu clímax, um golpe extra de doçura em seus lábios. Enquanto ela arfava através do prazer minguante, ele arrastou a língua de volta para passá-la de leve sobre seu clitóris trêmulo, e ela explodiu de novo, as mãos agarrando suas nádegas tão duro que ele sabia que estaria machucado, mesmo se apenas por alguns minutos.

— Preciso... de você... agora. — ele disse roucamente.

Estimulado pela dor, paixão, e a necessidade elementar de acasalar, ele a levantou, desenganchando suas pernas do galho. Em um movimento suave, ele a inverteu, plantando-a em suas mãos e joelhos no chão de areia. Puro desejo animal o compelia agora, e ele caiu de joelhos atrás dela, agarrou seus quadris, e dirigiu seu pênis dentro dela. Ele lhe deu o que ela pedira, poupando-a de nada. Ele martelou nela com tudo o que tinha, correndo-os para a frente e deixando sulcos profundos na terra.

— Sim. — ela disse com voz rouca, alcançando uma mão atrás dela para escavar a coxa dele com as unhas. — Mais.

Ele assobiou, o prazer-dor construindo outra camada sobre seu êxtase, a exigência abastecendo sua luxúria. Grunhindo como algo saído diretamente de Sheoul, ele enlaçou seu pulso, enfiou-o embaixo dela enquanto agarrava seu outro braço para que ela caísse para frente. Mesmo com a neblina de sexo o engolfando, ele estava ciente de que esta era sua companheira, seu tesouro, e disparou seu antebraço de modo que a bochecha dela repousasse sobre ele em vez de no chão.

Ela agradeceu-lhe por sua cortesia mordendo-o.

Ah, droga, ele a amava. Rudemente, ele agarrou seus dois pulsos em uma de suas mãos e as seguraram prisioneiras contra sua barriga plana, assim seu traseiro estava no ar e ele a estava cobrindo. Nessa posição, ela estava totalmente à sua mercê, completamente dominada,

e enquanto os gemidos dela se misturavam com a batida de suas coxas contra a bunda dela, estava também completamente perdida para o prazer.

Seu clímax fervia em suas bolas, formigava na base de sua espinha, e quando irrompeu, ele afundou os dentes no ombro dela, e ela gritou em sua própria liberação. Dor disparou através dele quanto ela mordeu de novo seu braço, e foda-se que aquilo foi bom, impelindo-o a outro orgasmo que pegou carona com o primeiro, a experiência sexual mais intensa, de abalar a alma de sua vida.

Seu núcleo apertou em torno dele, prolongando os espasmos de prazer enquanto eles diminuía. Ambos estavam arquejando, úmidos de suor, e cada um dos músculos de Ares estava tremendo. Tão. Malditamente. Bom.

Levou vários minutos para seus sentidos reiniciarem, e então ele percebeu que estava esmagando Cara, seus dentes ainda enterrados na sua pele, e ele se embaralhou para fora dela. — Merda... Cara... você está bem?

Um sorriso preguiçoso curvou sua boca enquanto ela rolava, como um gato, de costas e se espreguiçava, expondo seu corpo longo, lindo para ele. — Isso, — ela ronronou, — era o que eu vinha querendo o tempo todo.

Ele varreu-a para seus braços, espantado com sua boa sorte. — A qualquer hora, amor.

— Bom. — Ela lambeu sua garganta, um golpe persistente, quente que o revigorou novamente. — Lembra de todas aquelas coisas que você me disse no chuveiro?

Sua boca ficou seca. Ele lembrava. Ele tinha sido um burro, descrevendo coisas que sabia que ela não tinha feito. Mas eles tinham acabado de riscar duas delas da lista. — Yeah, — ele grasnou.

— Bem, eu quero fazer o resto. Hoje. Então espero que você tenha velas, mel, um chicote de montaria, e um monte de estamina.

Oh, ele tinha todas essas coisas.

Deus, ele amava esta mulher.

CAPÍTULO



VINTE E OITO

Ares ficou na areia perto da borda do mar, uma brisa quente acariciando seu rosto. A enseada isolada estava a várias centenas de metros de sua casa, na base de uma trilha que Cara estaria descendo neste momento. Ele dissera a ela que queria fazer um piquenique para celebrar o aniversário de um mês deles, então ele tinha chegado à frente dela, disposto um cobertor e uma cesta contendo chocolate, frutas, e champanhe. Em sua mão, ele agarrava uma caixa com um aperto de deixar os nós dos dedos brancos.

Ele ouviu as pisadas suaves de Cara atrás dele, e ele sorriu quando ela envolveu o braço em volta de sua cintura e se apoiou contra suas costas. — Onde está seu vira-lata? Eu meio que esperava que ele viesse com você.

— Ele chegou a cerca de um terço do caminho antes de partir atrás de um coelho.

— Maldita coisa, deveria estar caçando ratos. — resmungou, mas a sua aspereza era fingida. Com a exceção de um acidente quando Hal jogou um pouco duro demais e mordiscou Ares, congelando-o por cerca de quinze minutos, eles se davam bem. Ambos entendiam que a segurança e felicidade de Cara eram primordiais, e isso era terreno comum perfeito.

Ares ficava um pouco nervoso quando muitos outros cães infernais perambulavam pela ilha, no entanto. Do lado positivo, Pestilence não retornara. A presença de tantas das bestas era um impedimento enorme. Especialmente desde que ele fizera inimigos mortais deles, colocando uma recompensa por suas cabeças.

Má jogada, irmão. Um cão infernal odiando você era uma droga o suficiente, e Ares sabia disso por um fato. Ter todos eles odiando você? Yeah, Ares não iria querer estar nas botas de Pestilence neste momento.

Ares virou-se, devorando a visão de sua pequena Rainha Cão Infernal. Embora ele provavelmente pudesse chamá-la de Rainha Cavalo, dada a forma como Batalha, Styx, e até mesmo Ossos a adoravam, e definitivamente uma Rainha Ramreel.

Enquanto Cara estava alimentando Rath, a quem eles haviam trazido para a casa deles, eles descobriram que o dom de Cara funcionava em demônios baseados em animais. Os Ramreels estavam por toda a parte nisso, e ele suspeitava que alguns deles estivessem intencionalmente golpeando-se, só assim Cara iria curá-los.

Ela olhou para baixo e curvou seus dedos dos pés na areia. — Eu amo estar com os pés descalços.

— Limos deve estar contagiando você.

Cara sorriu largamente. — Ela me deu este vestido, também.

— O gosto dela é questionável algumas vezes, mas você está malditamente ótima na moda grega antiga. — Ele arrastou seu dedo sobre a curva de seu ombro nu. — Como uma deusa. — Incapaz de resistir, ele se curvou e a beijou lá, provando a sabor de maresia e o calor do sol.

— Mmm... Você pode continuar fazendo isso.

Ele sorriu contra sua pele. — Oh, eu pretendo.

— Então, o que você estava fazendo olhando fixamente para o mar?

— Pensando em quão sortudo eu sou.

— Yeah?

— Yeah. — Ele levantou a cabeça, sentindo-se nervoso e estranho e agitado. Definitivamente não como ele, mas desde que conheceu Cara, ele sentira um monte de coisas as quais não estava

acostumado. — Este tem sido o melhor mês da minha vida. — Mesmo que eles ainda estivessem procurando o *agimortus* de Limos, enquanto apagavam incêndios de Peste por todo o globo, ele e Cara tinham tornado esta ilha o seu paraíso, seu santuário.

E Cara tinha virado sua vida de cabeça para baixo da melhor forma possível.

— Eu nunca estive tão feliz. — Cara murmurou.

— Bom. Porque eu tenho algo para te perguntar. — Sua boca estava tão seca que mal colocou essa última parte para fora. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele caiu sobre um joelho. — Sempre achei que este era um costume estúpido, mas eu quero fazer isso. Eu quero honrar seu tempo e tradições.

Sua mão subiu até a boca, e seus olhos cintilaram, e ele esperava até o inferno que não fosse porque ela estava horrorizada ou chateada.

Ele virou a caixa aberta com o polegar. — Você quer casar comigo?

A respiração afiada de Cara o encheu de terror. Absoluto, entorpecente terror. Ele preferiria ser mordido por um de seus cães do inferno do que tê-la dizendo que não.

— Ares... Oh, esse é um lindo anel.

Era um diamante de três quilates ajustado na única coisa que ele tinha de sua mãe humana – um faixa de bronze que ele tinha revestido em platina para fortalecê-la enquanto mantinha o caráter original, desigual. — Eu posso conseguir um ajuste diferente, ou uma pedra maior...

— Não. — Ela afundou de joelhos para enfrentá-lo. — É perfeito.

Ele engoliu em seco. — Isso é um sim?

Ela jogou os braços em torno dele e plantou um grande beijo em seus lábios. — Sim. Absolutamente sim!

— Obrigado, Deus. — ele respirou, quando ela se afastou apenas o suficiente para permitir que ele pegasse o anel da caixa e o deslizasse em seu dedo. Encaixou-se perfeitamente e parecia certo nela. Tão certo.

Cara mexeu os dedos, admirando o diamante enquanto cintilava à luz do sol dourada. Então, ela lhe deu um sorriso infundido com pecaminosidade. — Quão isolada é esta enseada?

— Muito.

— Então faça amor comigo.

— Tão exigente. — ele murmurou, mas empurrou de lado a alça de seu ombro e a lambeu lá, com a intenção de trabalhar o seu caminho para baixo.

— Eu posso ser exigente — ela suspirou, — quando sei o que quero.

— E o que você quer sou eu.

Ela empurrou o vestido para baixo, expondo seus seios, e sua respiração travou. Ele duvidava que algum dia iria parar. — Aqui está a sua resposta.

— Boa resposta. — Ele gemeu quando ela cobriu seu pau através de suas cargas.

— Isso sempre vai ser a minha resposta.

— A minha, também. — Ele emoldurou seu rosto com as mãos e segurou-a com o olhar. — Cara, você manobrou seu caminho para minha vida. Meu coração. Eu sempre acreditei que amor aleijava um guerreiro, mas eu lutei mais duro por você do que lutei por qualquer outra coisa. Você me fez mais forte. Você me conquistou, e agora eu quero tudo com você.

Ela lhe deu um sorriso travesso. — Xeque-mate. Eu venço.

— Sempre. — Ele estava perdido para ela.

E ele nunca esteve tão feliz em conceder uma batalha.

Meio anjo, meio demônio... Ela não é para um homem qualquer.

FIM...

GLOSSÁRIO

O Aegis – Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Veja: Guardiões, regente, Sigil.

Agimortus – um gatilho para a quebra dos Cavaleiros “os Selos”. Um Agimortus pode ser identificado como um símbolo gravado ou com uma marca sobre a pessoa ou o objeto hospedeiro.

Três tipos de Agimorti têm sido identificados, e podem tomar a forma de uma pessoa, um objecto, ou um evento.

Daemonica - O demônio bíblico e base para dezenas de religiões demoníacas. Suas profecias sobre o Apocalipse, e o que eles vão passar, vai garantir que os Quatro Cavaleiros lutem ao lado do mal.

Anjo caído - Acredita-se que é o mal pela maioria dos seres humanos, os anjos caídos podem ser agrupados em duas categorias: *True* caídos e não caídos. Anjos não caídos foram lançados do céu e são ligados a terra, vivendo uma vida em que eles não são nem bons nem verdadeiramente maus. Neste estado, eles podem, raramente, ganhar o seu caminho de volta para o céu. “Ou eles podem escolher entrar no Sheoul, o reino do demônio, a fim de completar sua queda e tornar-se Caidos verdadeiros, pegando os seus lugares como demônios ao lado de Satanás.”

Guardiões – Guerreiros para o Aegis, treinados em técnicas de combate, armas, magia. Após a introdução no Aegis, todos os Guardiões

são presenteados com um pedaço encantado de jóias contendo o escudo Aegis, que, entre outras coisas, permite a visão noturna e capacidade de ver através do encantamento de invisibilidade demoníaca.

Harrowgate – Portais verticais, invisível para os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais na Terra e Sheoul. Existem muito poucos seres que pode convocar a sua própria, Harrowgate pessoal.

Khote – Um feitiço de invisibilidade que permite ao mago se mover entre os seres humanos, sem ser visto, ou, geralmente, ouvido.

Sentinela – Um ser humano marcado e encantado pelos anjos encarregado de proteger um artefato vital. Sentinelas são imortais e imunes a danos. Apenas os anjos caídos podem ferir ou matar um sentinela. Sua existência é um segredo muito bem guardado.

Quantamun - Um estado de existência super acelerado em um plano que permite que alguns seres sobrenaturais possam viajar entre os humanos. Os seres humanos, sem saber o que se move dentro de seu mundo, parecem congelados no tempo para aqueles dentro da quantamun. Isto difere da thekhote em que o khote opera em tempo real e é um período em vez de um plano de existência.

Regente – Chefe de uma célula Aegis local.

Sheoul – Reino Demoniaco. Localizada nas entranhas da terra, acessível somente por Harrowgates.

Sheoul-gra - Um tanque de retenção para as almas dos demônios. O lugar onde as almas dos demônios ficam até poder renascer ou mantidas no limbo torturante.

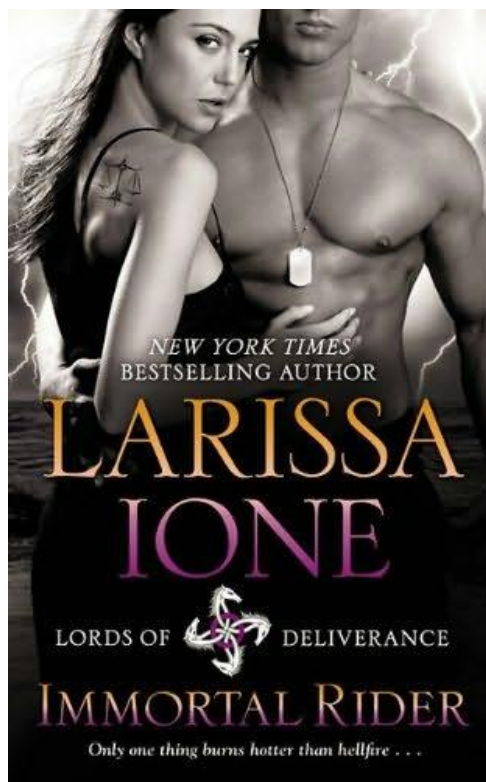
Sheoulic – Linguagem universal dos demônios falada por todos, embora muitas espécies falam a sua própria língua.

Sigil – Junta de doze humanos conhecidos como Anciães, que servem como os líderes supremos do Aegis. Com sede em Berlim, supervisionam todas as células Aegis por todo o mundo.

Ter'taceo - Demônios que podem passar como humanos, porque a sua espécie é naturalmente humana na aparência ou porque eles podem se metamorfosear em forma humana.

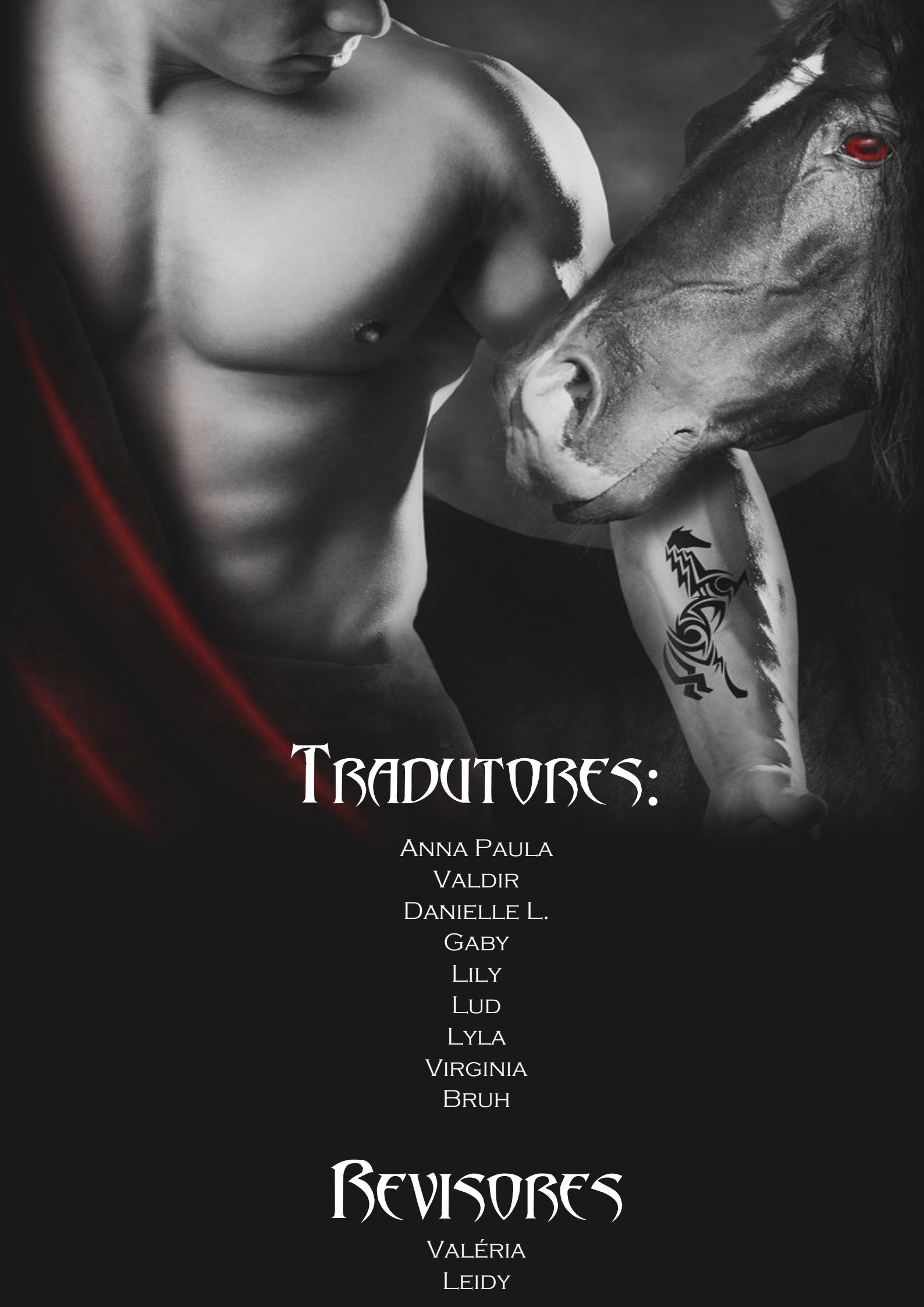
Vigilantes - Indivíduos designados para manter um olho sobre os Quatro Cavaleiros. Como parte do acordo firmado durante as negociações iniciais entre anjos e demônios que levou Ares, Reseph, limusines, e Thanatos a ser amaldiçoadas para liderar o Apocalipse, um Vigilante é um anjo, uma outra espécie de anjo caído. Nem o vililante pode ajudar diretamente os esforços dos cavaleiros para iniciar ou parar de Armageddon, mas pode dar uma mão por trás das cenas. Fazer isso, no entanto, pode os fazer andar em uma linha fina, que, para atravessar, poderia ser pior do que fatal.

CONTINUA EM...



Sexy, poderosa e imortal, Limos está em rota de colisão com o destino. Ela foi marcada como a noiva de Satanás e seu noivo ciumento a quer só para ele. A única maneira que essa cavaleira pode ficar e manter todos em segurança é manter distância. Mas nem mesmo Limos pode se salvar dos segredos que ela está guardando. . . Ou resistir ao encanto sedutor de um ser humano muito corajoso.

Arik Wagner conhece o ditado "o amor dói" melhor do que a maioria, mas que ele nunca pensou que roubar um beijo de Limos iria colocá-lo no inferno. Literalmente. É preciso todo o seu treinamento militar para sobreviver à tortura do demônio, mas uma vez que ele é colocado na parte de cima, Arik percebe que a agonia acabou de começar. Com o iminente Apocalipse e Satanás exigindo a sua noiva, Arik e Limos irão se render ao desejo latente entre eles? Ou será que ceder a essa paixão irá desencadear o inferno na terra?



TRADUTORES:

ANNA PAULA
VALDIR
DANIELLE L.
GABY
LILY
LUD
LYLA
VIRGINIA
BRUH

REVISORES

VALÉRIA
LEIDY



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

~ All Creatures of the night get together After dark ~